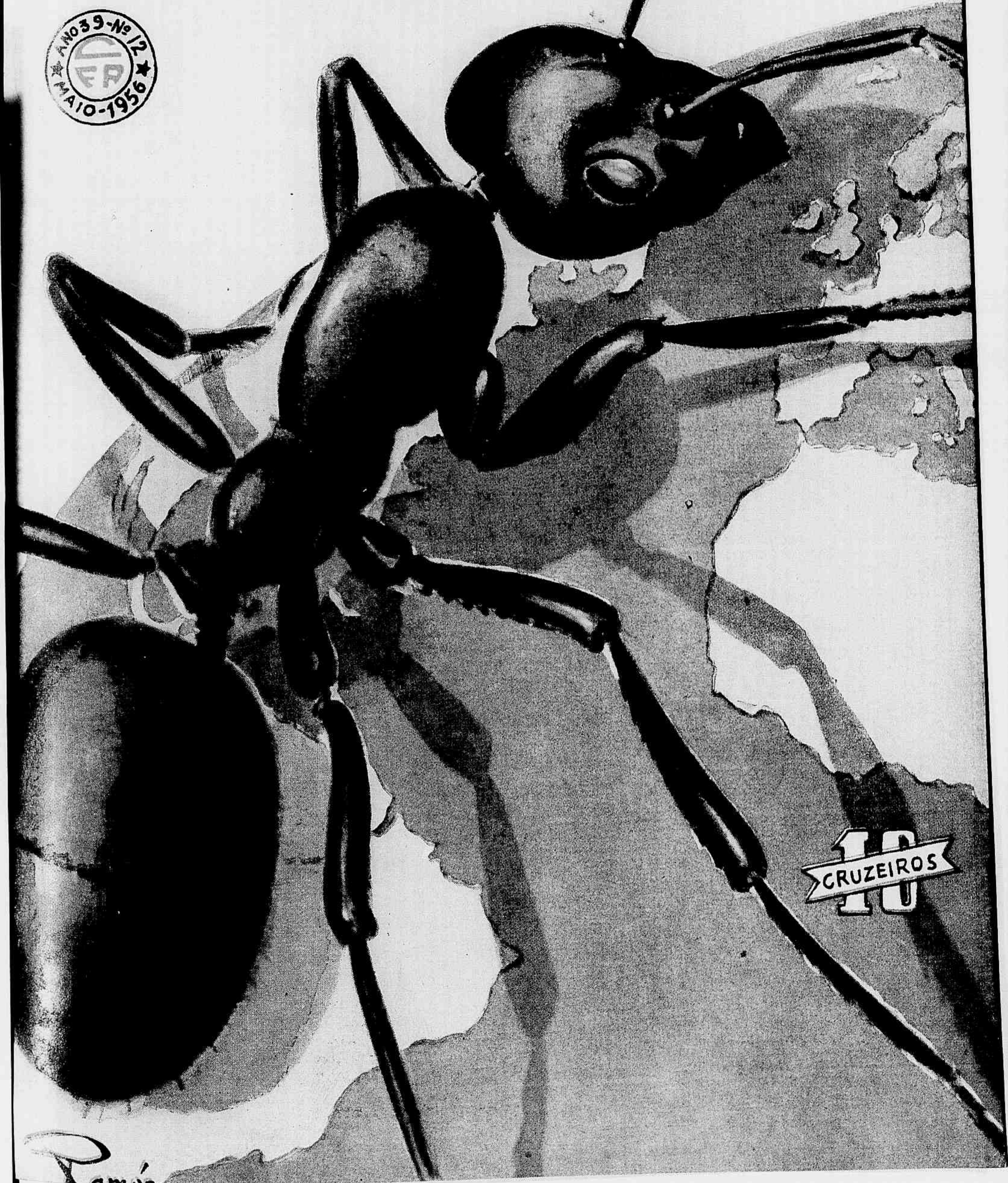


1956

MAIO - N.468

EU SEI TUDO



10
CRUZEIROS
10

Ramón

Viaje nos trens

VERA CRUZ" e "SANTA CRUZ"



CARROS DE AÇO INOXIDAVEL
COM AMORTECEDORES
HIDRÁULICOS
MODERNÍSSIMAS CABINES E
CARROS RESTAURANTES
COM AR CONDICIONADO



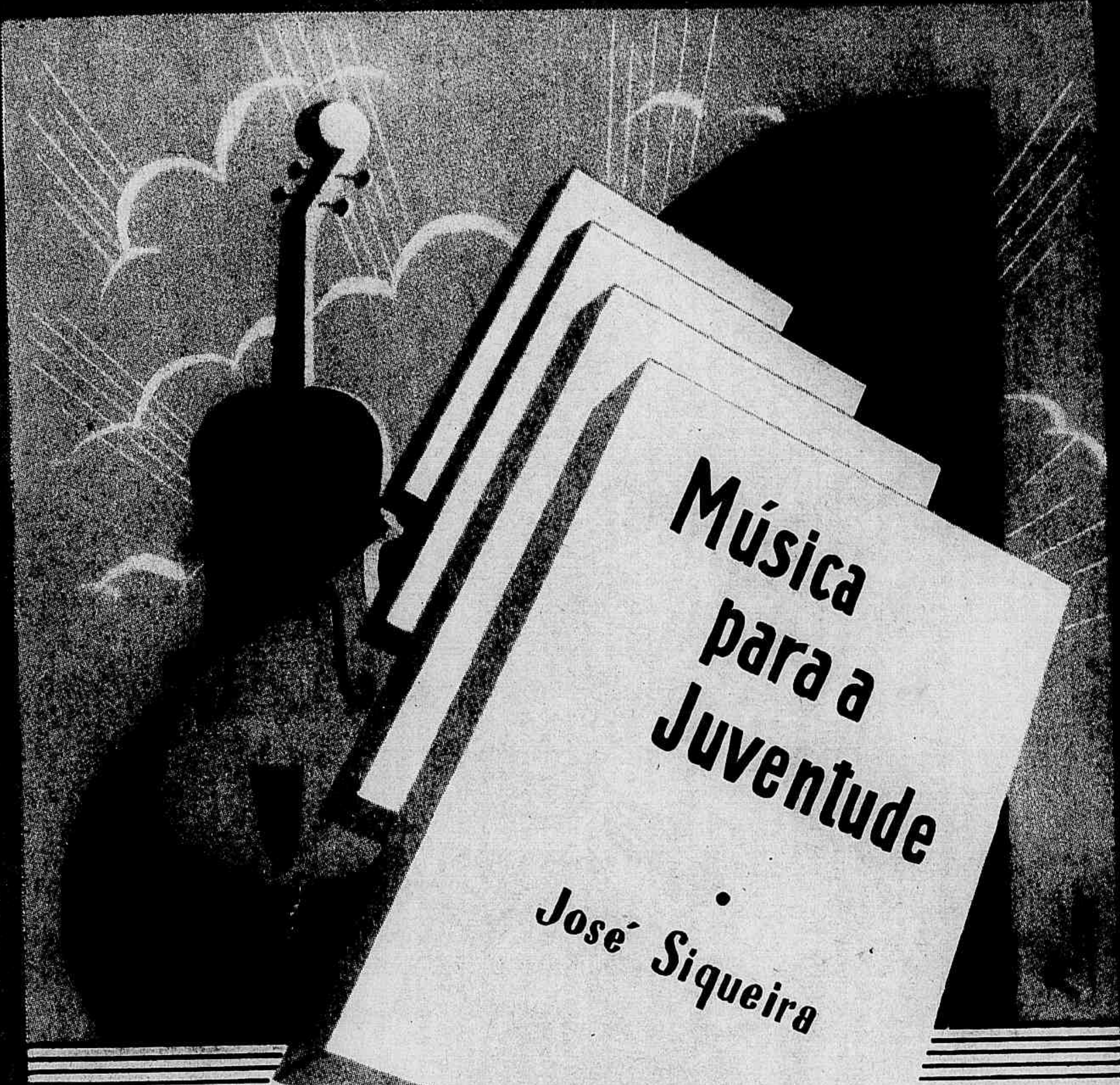
PREÇOS DE PASSAGENS E HORÁRIOS:

VERA CRUZ

IDA E VOLTA..... CR\$ 405,00
IDA CR\$ 226,00
BELO HORIZONTE
SAIDA: 19,50 — CHEGADA: 11,00
RIO DE JANEIRO
SAIDA: 20,10 — CHEGADA: 10,15

SANTA CRUZ

IDA E VOLTA CR\$ 356,00
IDA CR\$ 198,00
SAO PAULO
SAIDA: 22,40 — CHEGADA: 8,25
RIO DE JANEIRO
SAIDA: 22,30 — CHEGADA: 8,20



Música para a Juventude

•
José Siqueira

JOSÉ SIQUEIRA, compositor e regente, é o autor de **"MÚSICA PARA A JUVENTUDE"**, obra destinada à mocidade que ele ama e à qual tão bons serviços prestou criando, quando presidente da Orquestra Sinfônica Brasileira, os **CONCERTOS DOMINICAIS PARA A JUVENTUDE**. Dispondo de segura experiência didática, com livros publicados (**"Regras de Harmonia"**, **"Canto Dado em XIV Lições"**, **"Curso de Instrumentação"**, **"Modulação Passageira"**, **"Sistema Trimodal Brasileiro"**). Siqueira traça, neste livro, um programa de ensino, palpitante, do qual se beneficiarão quantos tiverem a oportunidade de o ler. **"MÚSICA PARA A**

JUVENTUDE" está dividido em quatro partes referentes às séries ginasiais: **Teoria Musical, Canto Orfeônico, Música e Músicos Brasileiros, Contraponto, Harmonia, Grandes Épocas da História da Música, Escolas Musicais, Folclore Brasileiro, Prosódia Musical, Formas Musicais, Instrumentação, Orquestração e Banda de Música.** Ilustrado com fotografias e exemplos musicais, é um trabalho definitivo na forma e no conteúdo que vem preencher uma lacuna no ensino.

Preço dos 4 volumes pelo reembolso postal: Cr\$ 250.00

Pedidos a Rosa Paula Machado:

Av. Nilo Peçanha n° 12, salas 1207 e 1209, 12° andar — Telefone: 52-4856

RIO DE JANEIRO

A VENDA EM TÔDAS AS BANCAS



○ LIVRO MARAVILHOSO QUE TUDO
SABE E TUDO INFORMA

★

DA MAIOR UTILIDADE PARA TODAS
AS IDADES E TODAS AS PROFISSÕES!

★

MINUCIOSAS E VARIADAS INFORMA-
ÇÕES SOBRE O ANO

★

CALENDARIOS

★

O ANO: HOROSCÓPICO, AGRÍCOLA,
AERONÁUTICO, CIENTÍFICO, CATÓ-
LICO, ARTÍSTICO, ETC.

★

O BRASIL E O MUNDO HA 100 ANOS

★

UM ROMANCE COMPLETO!

★

UMA COMÉDIA PARA REPRESENTAR!

★

ARTIGOS ESPECIAIS: CONTOS, LENDAS
E NARRATIVAS HISTÓRICAS

★

DISTRAÇÕES PARA OS DIAS DE CHUVA
ADIVINHAÇÕES E PROBLEMAS PARA
OS QUE SE JULGAM SABIDOS

★

CONSELHOS ÚTEIS: DOMÉSTICOS, LI-
TERÁRIOS E DE MEDICINA — PÁGINAS
DE ARTE

★

O MAIS COMPLETO ARTIGO SOBRE
"O UNIVERSO, UM ETERNO SHOW"

Almanaque EU SEI TUDO

CIA. EDITORA AMERICANA — RUA MARANGUAPE 15 — RIO



MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTIFICO ARTISTICO HISTORICO E LITERARIO. FUNDADO EM 1917

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA. Diretor: Gratuliano Brito, redator-chefe: Mário Renato de Castro. Redação: Rua Visconde de Maranguape 15, Rio de Janeiro. End. Telegr: «Revista». Telefones: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550; Publicidade: L. S. Guimarães, A. Mendes S. Sant'Anna e A. Nóbrega. Em S. Paulo: Distribuição: Agência Polano, Rua João Bricola, 46 — Representantes em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na África Oriental Portuguesa: D. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia. Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Av. 9108, Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil: Cr\$ 10,00. Número atrasado: Cr\$ 11,00. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr\$ 120,00, para o estrangeiro: Cr\$ 150,00

ENCONTRO EM LONDRES

O jovem aviador norte-americano nunca mais voltara a encontrar a linda inglêsinha que tanto amara... Mas agora, oito anos depois, teve que enfrentar estranho dilema.

Por COREY FORD

ESSAS escadarias são terríveis — pensou Deke enquanto subia o interminável lance de degraus. Não se recordava de haver galgado tais escadarias da primeira vez que estivera em Londres, oito anos antes.

As bagagens que levava pareciam mais pesadas que de costume. A sua frente, Bart Hughes, conduzindo sua própria maleta, retirou um instante o quepe azul da Força Aérea e passou as costas da mão pela fronte suarenta.

— Se tivermos que continuar a subir dêsse jeito — disse êle — vamos precisar de oxigênio!

— Creio que vamos ter chão horizontal dentro de pouco tempo — falou



— "Nós dois mudamos, meu caro. Vamos ficando velhos..."

Deke. — Já estou vendo a luz do sol.

Saíram do metro mortos de cansaço, colocaram as bagagens à beira da calçada e ali permaneceram por algum tempo.

Eram cinco horas e o movimento de veículos era intenso; os apitos da polícia do trânsito não paravam, enquanto centenas de pessoas formavam filas intermináveis nas paradas de ônibus. Deke fez sinal para um novo e bonito táxi aerodinâmico e bastante diferente dos que tomara outrora, em Londres.

Apanhou a bagagem e subiu para o veículo.

— Hotel Savóia — disse Bart ao motorista.

Através da janela contemplou os anúncios lu-

minosos, que começavam a brilhar com cores vivas com a aproximação da noite.

— É muito diferente da época dos bombardeios, quando tôda a cidade andava às escuras. Como Londres está mudada!

— Nós é que mudamos — murmurou Deke, com tristeza. — **Estamos mais velhos!**

NA verdade, tanto um quanto outro pareciam mais envelhecidos naquele dia. O belo rosto de Bart estava escaveirado; tinha o olhar fixo em alguma coisa. Não era mais o jovem e feliz segundo-tenente que chegara a Londres naquele agitado fim-de-semana, de 1943. Fazia parte de um



grupo de dez rapazes, todos pilotos dos B-17 que integravam a famosa esquadrilha 303; tinham reunido seus recursos e tomado um quarto no Savóia, onde dormiam sobre colchões. É verdade que não conseguiam dormir direito, pois a capital britânica era coisa excitante, e a guerra estava no climax.



DEKE se inclinou para trás em sua cadeira e cruzou as pernas confortavelmente. Com os olhos semicerrados, entregava-se também às recordações.

— Que pretende você fazer esta noite? — perguntou.

— Você vai pensando aí, enquanto eu me preparo — respondeu Bart, desabotoando a camisa. — Aliás, você é quem está com todos os números telefônicos em seu caderninho de notas...

— Que tal se formos comer naquele pequeno restaurante do Soho? — perguntou Deke.

— Lá onde comíamos peixe e picadinho?

— Não; o restaurante que fica perto da praça, onde costumávamos comer carne do mercado-negro... Onde você encontrou Jennifer, não se recorda?

Bart estava sentado à beira da cama, descalçando um sapato. De vagar, colocou-o no soalho e cruzou as pernas a fim de desatar o outro. Persistiu em seu silêncio.

— Você tem tido notícias dela? — perguntou Deke, falando instintivamente em voz mais baixa.

— De Jenny? Não; nunca mais — disse Bart, despindo-se completamente e jogando tudo sobre uma cadeira. — Desejaria muito saber o que foi feito dela.

Estava tentando parecer displicente, porém seu esforço não era convincente.

— Certamente está casada com algum inglês de dinheiro e tem uma dúzia de filhos — concluiu após ligeira pausa.

Entrou para o banheiro e começou a passar o pincel com espuma de sabão no rosto, diante do espelho.

— Sempre pensei que vocês acabassem casando — disse Deke.

— Também pensávamos assim — disse Bart, passando a lâmina no rosto. — Depois de ser abatido sobre território francês pude alcançar a Espanha, de onde fui mandado para os Estados Unidos. Então...

Bart se interrompeu para retorcer a boca, a fim de barbear a curva do queixo — escrevi-lhe uma carta dizendo que não era mais possível porque havia uma certa moça me esperando nos Estados Unidos, e com a qual eu devia casar... — Esfregou a mão pelo rosto barbeado, e continuou:

— Depois vim a saber que esta moça estava noiva de um fornecedor do exército, em St. Louis. Mas isto pouco significou para mim, pois nunca a amara profundamente. Aliás, quando me encontrava ao lado de Jenny, nem sequer me lembrava dela...

— E por que não voltou a escrever para Jenny?

— Para dizer o quê? Depois de enviar-lhe o bilhete azul estupidamente? Bem, talvez eu fôsse orgulhoso. Não quisesse confessar meu fracasso sentimental. Ou então moço demais para pensar dessa maneira.

Bart fez nova pausa, ficou um instante refletindo e depois encolheu os ombros e abriu o chuveiro.

— E agora estou muito velho — concluiu.

A água caiu sobre os seus ombros nus, e ele começou a cantar displicentemente. Deke reconheceu o primeiro verso de uma saudosa canção: "... e pássaros azuis pousarão sobre os brancos rochedos de Dover..." Os dois haviam cantado muitas vezes "Os Brancos Rochedos de Dover" quando passeando pela praça de Soho, após cessar o zumbido das sirenes que anunciavam os bombardeios aéreos. Um dia tinham descido os três degraus que conduziam àquele pequeno restaurante, e o sr. ... Como era mesmo o nome dele? Wiggins!... O velho sr. Wiggins os recebeu efusivamente na porta.

— Entrem rapazes, e façam de conta que estão em casa. São pilotos, eh? Companheiros do meu filho que está na RAF. Deus os abençoe. Entrem, sentem-se, que vamos comemorar com um conhaque.

Uma mocinha se achava sentada, sózinha, numa das mesas e Deke se afastou do ba-

rulhento grupo e foi ter com ela. A jovem era extraordinariamente bela, com os cabelos profundamente negros, o rosto pálido, as feições geométricas e um sorriso adorável. Deke se sentou na cadeira fronteira à dela; a desconhecida aceitou um cigarro americano que ele lhe ofereceu, e informou que trabalhava na Cruz Vermelha. Sua casa, em Londres, havia sofrido dois bombardeios, o que a obrigara a mudar-se com a família para o Surrey. Seu nome era Jennifer Reece. Deke o escreveu em seu caderno de apontamentos e acrescentou o número do telefone.

— Não se aborrecerá se telefonar para você, de vez em quando?

Antes de responder, seu olhar encontrou Bart Hughes, que se achava um pouco atrás da cadeira de Deke. Bart e Jenny se olharam como que atraídos por alguma força magnética. Deke já havia visto coisa semelhante em outras ocasiões e com outras pessoas, mas não de maneira tão repentina e completa. Alguns minutos antes os dois eram absolutamente estranhos um ao outro e já agora pareciam envolvidos e totalmente dominados pelo amor! Deke se ergueu e fez a apresentação de Bart; mas nenhum dos dois parecia ouvi-lo. Bart simplesmente sentou-se na cadeira que Deke acabara de deixar, inclinou-se sobre a mesa... e ele e a moça de cabelos pretos começaram a conversar, como se estivessem sòzinhos!

Foi uma paixão que surgiu de repente, total e absoluta! Todas as semanas Bart vinha encontrá-la em Londres, onde passeavam pelo Kew Garden e andavam de bicicleta pelas margens do Tâmesa. Por uma ou duas vezes, Deke os viu dançando na "Cantina Arco-íris", completamente isolados do resto do mundo, os rostos unidos, e murmurando palavras apaixonadas. Deke notou que ela estava usando as asas de prata de Bart pregadas em seu vestido.

Os olhos de Jenny nunca abandonavam os dele; e, quase sempre, ambos baixavam a vista para o soalho, assim permanecendo por muito tempo como que sonhando. Era justamente do olhar de Jenny que Deke se lembrava constantemente. Recordava-se perfeitamente da expressão de seu olhar naquela noite em que foi comunicar-lhe que o avião de Bart havia sido abatido sobre território francês.

— Temo que não haja mais esperança, Jenny. Ele pilotava o meu avião. E, segundo me informaram, não levava pára-quadras!

— Tenho a certeza de que ele não está morto! Ele voltará, Deke.

Seu olhar profundo tinha um ar místico.

— Esperarei por ele — acrescentou ela com um estranho sorriso. — Esperarei por ele durante o resto da minha vida...

DEKE se pôs de pé. Bart ainda continuava sob o chuveiro. Então Deke bateu com o pé na porta fechada do banheiro, a fim de ter certeza de que o companheiro ainda se achava ocupado com o seu banho. A seguir, retirou o caderno de endereços do bolso e dirigiu-se para o telefone...

TERIA sido fácil encontrar o restaurante se a cidade estivesse às escuras, mas agora, com toda aquela iluminação, ambos estavam desorientados.

Desceram do automóvel e entraram numa pequena e estreita rua, e depois seguiram por outra, cujas construções eram semelhantes às da primeira.

Encontraram, finalmente, os três degraus, e empurraram a porta. O velho Wiggins, com a mesma calva e com os mesmos óculos de lentes espessas — saltou de seu banco que ficava atrás da caixa registradora.

— Entrem, rapazes, entrem! Sejam bem-vindos!

Não podiam ter certeza de que Wiggins ainda se lembrasse deles, mas os seus cumprimentos foram tão efusivos como antes.

— Qualquer rapaz da Força Aérea Norte-Americana é bem-vindo a esta casa! — acrescentou. — Meu filho esteve na RAF!

— Costumávamos vir aqui durante a guerra — disse Bart.

— Eu sei, eu sei. Reconheci-os no momento em que abriram a porta.

O velho Wiggins parou, a fim de olhar para as divisas dos rapazes.

— Já são maiores, hé? Certamente andam passeando. Deus os abençoe! Agora sentem-se, e vamos celebrar com um conhaque.

Acompanharam o velho através do restaurante quase vazio. Jennifer estava sozinha numa mesa do lado. Viu Deke se aproximar e o cumprimentou com um sorriso, que terminou quando os seus olhos

PICASSO EM CERA

A efígie de Picasso, tal como realmente é, sem influências de sua escola artística, é modelada pelo escultor Barbieri, em Paris, para o Museu Grevin.

Dentro de pouco tempo o criador do

cubismo passará, em figura de cera ao lado das maiores celebridades da História, expostas no famoso museu de Paris.



encontraram os de Bart. Os dois se olharam em silêncio por algum tempo.

Bart se aproximou da mesa onde Jenny se achava sentada, deixou-se cair sobre a cadeira do lado oposto, inclinou-se para frente, e os dois começaram a conversar baixinho, num murmúrio íntimo que ninguém mais poderia compreender. O grande jarro, da mesa vizinha, encobria-os, isolando os enamorados do resto do mundo, inclusive de Deke. Este os cumprimentou, desejando-lhes felicidades, e foi para junto do velho Wiggins.

— Estamos juntos novamente, hein?

O velho Wiggins olhou por cima dos ombros de Deke e fechou os olhos como para recordar alguma coisa.

— Devo dizer que a Força Aérea Norte-Americana trabalhou depressa; há muito que a guerra acabou...

Deteve-se para encher dois copos.

— Agora nós dois vamos beber em homenagem a eles.

Deke retirou do bolso o caderninho de endereços e, com um lápis, riscou o nome de Jenny.

— Muitas vezes pergunto a mim mesmo porque conservo essas coisas — disse ele, com ar desanimado. — Nem sempre tem servido para mim!

— Você está ficando velho — disse Wiggins, olhando-o fixamente. — Sim, todos nós estamos mais velhos...

Diferenças de temperatura provocam mais discussões que diferenças de temperamento

VOCE, A NOITE, E DIFERENTE!

HÁ REALMENTE UMA PERSONALIDADE DIURNA E OUTRA NOTURNA

DESPERTA o leitor, pela manhã, cheio de entusiasmo e bom-humor? Trava o despertador sem nenhum desejo de reduzi-lo a pedaços? Fica alegre com a claridade do sol que penetra pela janela? Levanta-se alerta e bem disposto para o trabalho?

Se a resposta é um SIM, mas um sim muito sincero e para tôdas essas perguntas, fica o leitor classificado como **personalidade diurna**, personalidade de **amanheceres**. E devemos acrescentar, desde logo, que metade das pessoas pertencem a esta categoria. O resto da humanidade representa o tipo oposto, pertence ao grupo dos que podem ser chamados "rouxinóis", dos indivíduos que nunca desejam deitar-se à noite nem levantar-se de manhã.

É muito provável que o leitor não tenha jamais prestado atenção a êsse detalhe, sem nunca ter dado conta de sua preferência pelas horas da manhã ou pelas da tarde.

Vejamos um pouco...

Deixa para depois do jantar, quando as crianças estão dormindo e a casa está tranqüila os trabalhos delicados e as decisões importantes? Ou — ao contrário — prefere traçar seus planos e tomar resoluções na parte da manhã? Talvez imagine que, então, há mais frescor na alma e na mente desperta...?

A natureza das personalidades diurnas e noturnas tem sido objeto de estudos muito sérios até mesmo em laboratórios.

Realmente, as experiências demonstraram que a temperatura do corpo é fator básico nas variações da personalidade. Assim, num período de 24 horas, a temperatura oscila consideravelmente e o metabolismo varia de acôrdo com a temperatura.



Nessas condições, portanto, o indivíduo se sentirá mais vigoroso, com melhor ânimo criador, quando sua temperatura e seu metabolismo alcançam um ponto máximo, e deprimido, quando acusam um ponto mínimo.

Algumas pessoas lograram um termo médio entre essas duas posições, mas a verdade é que a grande maioria tende para um dos extremos.

Os períodos de maior bem-estar e de depressão se apresentam respectivamente em determinadas horas do dia. O indivíduo, cuja temperatura aumenta regularmente pela manhã e alcança seu ponto máximo em hora bastante avançada da tarde, tem uma personalidade noturna.

É importante conhecer as variantes normais de nossa temperatura, para assim poder aproveitá-las com maior vantagem. Por isso, se o leitor tem uma personalidade matinal, deve seguir os passos de uma certa senhora, norte-americana, Peggy Anderson. Trata-se de uma dama inteligente e prática, que decidiu reajustar — e realmente o fez — seu plano de vida e horário de trabalho de acôrdo com o ciclo de sua temperatura.

Eis o que conseguiu estabelecer como norma de vida:

Prepara o almôço ao meio-dia: descasca batatas, corta verduras, bate cremes e doces e prepara saladas. Tudo isso o faz, antecipando-se as angustiosas horas, das 17 às 19, quando a casa se converte num circo com três picadeiros. Êsse é o momento crítico para os diferentes tipos de personalidade: uns estão alcançando seu ponto baixo habitual; outros — apesar de que **ressurgirão** depois de comer — sofrem nesse momento uma depressão passageira.

Apesar de tudo, não convém começar a trabalhar muito cedo. Contra todos os ditados, os madrugadores tropeçam com desvantagens. Esta afirmação — bem sabemos — pode causar surpresas aos indivíduos de gostos matinais, mas é coisa provada que ninguém se encontra na plenitude de suas forças poucos minutos depois de despertar. É possível, realmente, que alguém sinta disposição para mover montanhas às seis da manhã; mas sempre será melhor esperar algum tempo antes de abordar qualquer tarefa; assim o indivíduo sentirá menos pesado o trabalho.

A grande interrogação surge com respeito às personalidades noturnas e sua adaptação ao ciclo natural do organismo. O mundo não foi feito para esse tipo de personalidade.



Nas horas do dia, quando é necessário estar bem alerta e disposto, sentem-se sonolentos e como amarrados, pesadões, sem vontade para fazer seja o que fôr. Ao contrário, à noite, quando a maioria das pessoas está decaindo, as personalidades-de-rouxinol se sentem em plena efervescência, ativos e de bom-humor. Um representante típico da personalidade noturna é o famoso novelista William Somerset Maugham. Em certa oportunidade declarou:

— Já ouvi dizer que a melhor forma de temperar o espírito é realizar duas coisas mortificantes diariamente. Eu sempre as faço: **levanto-me pela manhã e deito-me à noite!**

Apesar disso, o famoso escritor conseguiu resolver, sem dificuldade, o seu problema de adaptação: não tendo a quem dar satis-

fações, sempre trabalhou madrugada a dentro.

O dr. Leopold Levi, conhecido investigador francês, conta que muitos dos seus pacientes resolviam seus problemas de



igual forma. Entre eles havia um contador que não começava seu complicado trabalho antes das oito ou nove da noite e continuava trabalhando até a madrugada. Por sua vez, numa fábrica, um operário pediu expressamente que lhe dessem o cargo permanente de vigia, sem qualquer folga, pois assim trabalharia com maior eficiência.

As donas de casa dificilmente logram esse feliz arranjo. É possível, antes de deitar, pôr a mesa para a refeição matinal, deixar preparado o café e dispor a roupa que as crianças usarão para a casa ou o colégio. Assim facilitará o trabalho da manhã se-



guinte. Porém certas tarefas devem ser enfrentadas durante o dia. É necessário, pois, levantar-se quando soa o despertador para cuidar dos filhos, dar-lhes o almoço sempre em hora diferente da refeição dos maiores, em atenção ao horário escolar. O

mundo despertou e como dona de casa tem que atender aos chamados telefônicos, pagar ao padeiro, receber o leite e tomar outras providências indispensáveis. E, se o marido tem personalidade diurna, a esposa terá que fazer ainda maiores sacrifícios.

Os casais com diferentes tipos de personalidade enfrentam problemas especiais em suas relações. O dr. Nathaniel Kleitman, da Universidade de Chicago, passou parte de sua vida estudando os hábitos de sono humano e afirma o seguinte:

— “Há maior número de matrimônios destruídos por diferenças de temperatura que por diferença de temperamento.”

Os sociólogos apóiam essa afirmação ao observar como a maioria das discussões familiares ocorre pela manhã, bem cedo, muito tarde da noite, ou durante os fins de semana, quando todos os membros da família se encontram reunidos.

O conflito dos casais com diferente tipo de personalidade não difere muito de outros problemas familiares e sua solução é semelhante: compreensão mútua e tolerância. Uma mulher de personalidade noturna, geralmente deixará o leito deprimida. Talvez não venha a sentir-se tão mal, se não fôr deitar-se tão tarde tôdas as noites.

— “**Tolices !** — dirá, talvez. — A situação é sem remédio ! Meu marido começa a bocejar às 10 da noite; às 10 e 30 gostaria de ter tôda a casa às escuras, mas eu não posso ter sono a essa hora !”

Temos uma boa notícia para ela: É fato comprovado cientificamente que ter sono não é um requisito indispensável para dormir. Se não se está nervoso e se tem vontade de dormir, é possível conciliar o sono tão facilmente como o que já não pode manter abertos os olhos.

A grande concessão que a esposa de personalidade noturna deve fazer é não esperar até estar vencida pelo cansaço para deitar-se. Se não pode acalmar os nervos, deve tomar leite quente, um banho morno, ou ouvir música suave. Talvez o ajustar-se à nova rotina possa levar semanas ou meses. Porém, uma vez fixada a hora para ir dormir, deve cumprir fielmente o programa e acabará convencida de que criou um hábito; então, o ciclo de temperatura mudará e é muito provável que depois de

algum tempo mude inteiramente sua personalidade.

O marido de personalidade diurna de-
verá, por sua vez, fazer concessões. Sua
contribuição será fixar a hora de dormir
um pouco mais tarde.

O dr. Kleitman comprovou que quando as pessoas vêem um filme, conversam animadamente ou lêem uma novela interessante, acusam uma elevação de temperatura. Vemos, pois, como as atividades contribuem para estimular a temperatura orgânica.

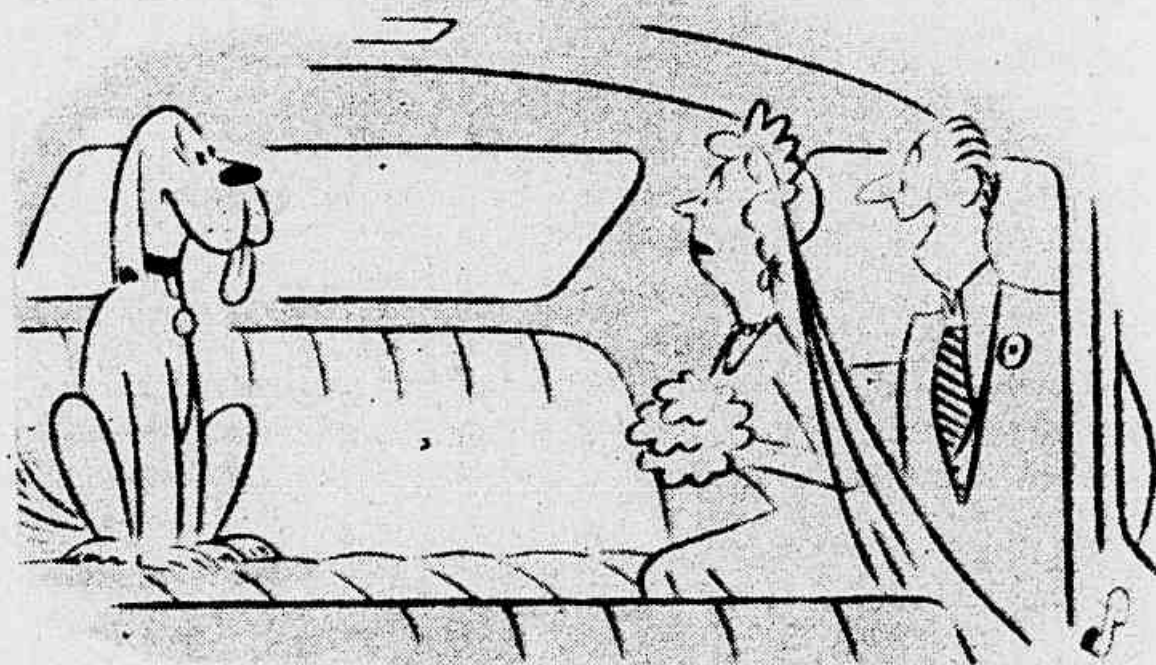
O indivíduo de personalidade diurna pode tratar de manter elevada a sua temperatura, interessando-se por alguma atividade, e descobrirá que não necessita, fatalmente, de estar **amarrado** ao sono.

Na vida todos temos primordialmente uma dupla responsabilidade: para com nós mesmos e para com nossos familiares.

Planejar um programa que proteja essas duas frentes, é dever de cada um de nós. Antes de tudo, devemos respeitar nosso ciclo natural, dêle tirando o maior proveito possível. É indispensável realizar os mais importantes trabalhos durante as horas de maior eficiência. Mas devemos fugir do risco de cair no exagero.

Use, pois, leitor, o seu ciclo natural sòmente até o ponto onde passe a ser incompatível com a felicidade de quem viva obrigatòriamente ao seu lado. Para tanto, devem colaborar os dois!

Existe um terreno em que se encontram os interesses de ambos. A arte consiste em achar esse ponto comum e levantar sobre ele, harmônicamente, a felicidade.



— Ah. Crelo que esqueci de falar a respeito
dêsse meu inseparável amigo...



Por H. G. WELLS

TRÊS observatórios anunciaram quase simultaneamente, no dia do Ano-Novo, que o movimento de Netuno, o mais afastado de todos os planêtas que giram em redor do sol, aparecia agora de forma um tanto irregular. (1)

Olgivy já havia chamado a atenção dos cientistas para um atraso suspeitado em sua velocidade, no mês de dezembro. Tal notícia não parecia muito capaz de despertar o interêsse a um mundo cuja maioria de habitantes nem sequer tinha idéia da existência do planêta Netuno; da mesma forma, fora do círculo dos astrônomos profissionais ou amadores, não chegou a causar uma excitação especial o subsequente descobrimento de um débil e remoto pontinho de luz na região do perturbado planêta. A gente científica, no entanto, considerou muito notável a comunicação, mesmo antes de ser noticiado que o novo corpo se tornava cada vez maior e mais brilhante, e que seu movimento era completamente diferente do ordenado progresso dos planêtas, e, ainda, que a declinação de Netuno e seu satélite adquiria caracteres sem precedentes.

Pouca gente que não tenha preparo científico pode compreender o imenso isolamento do sistema solar. O sol com seus montinhos de planêtas, seu pó de planetóides e seus impalpáveis cometas, navega numa imensidade vazia que quase vence a imaginação.

Mais além da órbita de Netuno há espaço vazio e, pelo menos até onde penetrou a observação humana, sem calor, sem luz e sem som; vazio absoluto de mais de vinte

milhões de milhões de milhas! Esse e o cálculo da menor distância que seria preciso atravessar antes de alcançar a mais próxima das estrêlas. E, com exceção de alguns cometas mais imateriais que a mais leve chama, matéria alguma havia atravessado êsse gôlfo de espaço até que, em princípios do século XX, aparecesse o estranho vagabundo.

Era uma grande massa de matéria volumosa, pesada, que saía — sem prévio aviso — do negro, mistério do céu e entrava na radiação do sol! No segundo dia, já era claramente visível com qualquer telescópio decente, como um ponto luminoso, com diâmetro apenas sensível na constelação de Léo, próxima de Régulus. Dentro de pouco mais podiam ser vistos

(1) Ao leitor devemos esclarecer que êste conto foi escrito pelo ilustre autor da «Guerra dos Mundos», quando ainda faltavam mais de 20 anos para que amanhecesse o século XX!

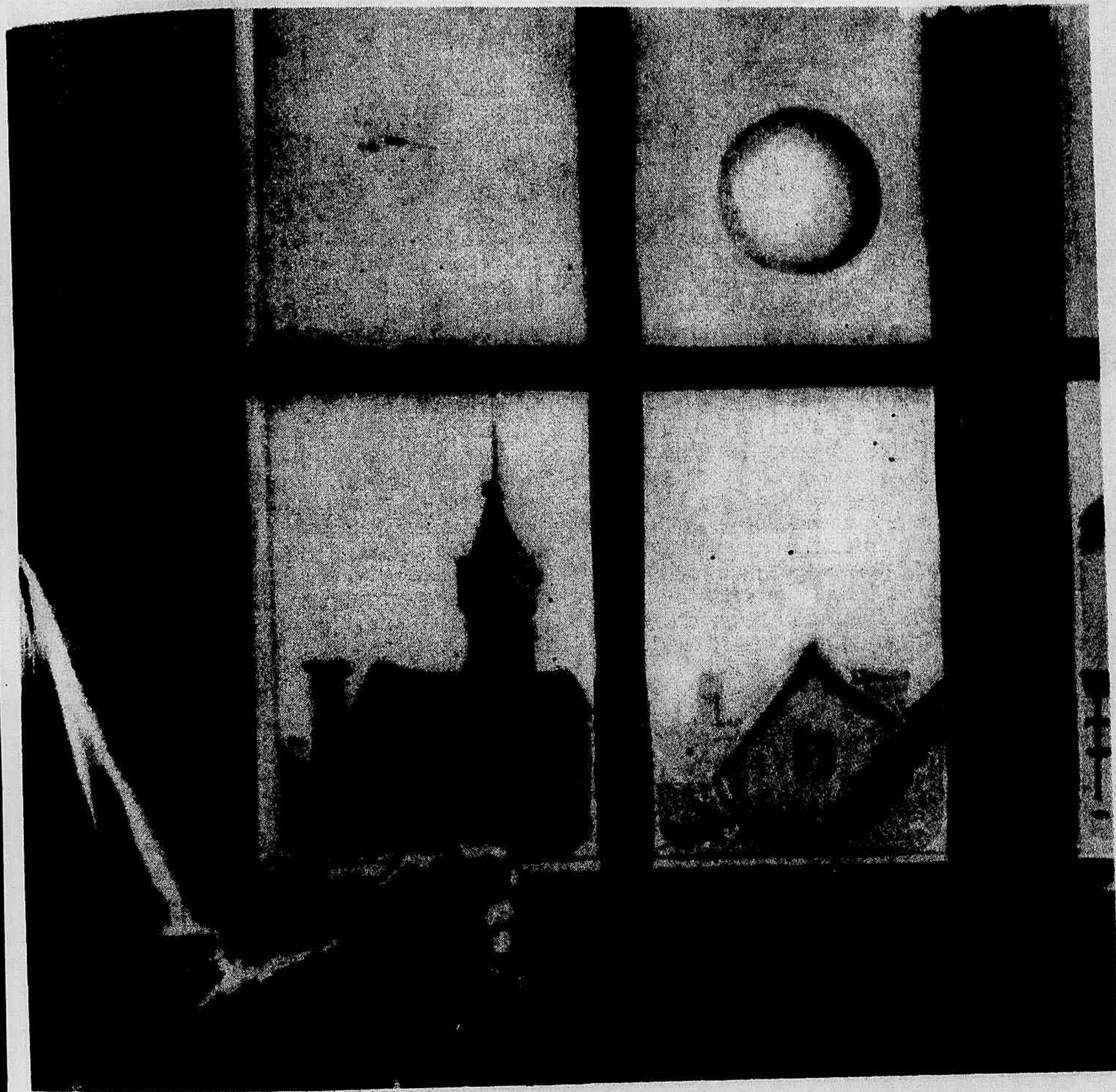


como dois gêmeos de teatro. Ao terceiro dia do novo ano, os leitores dos jornais de ambos os hemisférios souberam, pela primeira vez, da verdadeira importância daquela intempestiva aparição nos céus. “Colisão Planetária”, foi o título de um diário londrino, que reproduzia a opinião do astrônomo Duchene de que o novo planeta provavelmente iria chocar-se com Netuno. Os autores dos artigos de fundo esgotaram o assunto. De tal forma que no dia 3 de janeiro, em quase tôdas as capitais do mundo, houve certa expectativa um tanto vaga de certo fenômeno iminente nos céus.

E quando a noite foi seguindo o sol em sua aparente carreira em redor do globo,

milhares de homens levantaram o olhar para o céu para ver... as velhas e familiares estrêlas onde sempre haviam esatdo. Finalmente amanheceu em Londres, e Pollux chegou ao seu ocaso, e as estrêlas no mais alto empalideceram.

Era um amanhecer de inverno, enfermício, com filtrado acúmulo de luz diurna; as pequenas chamas de gás e de velas brilhavam amareladas nas vidraças, para dar testemunho de que a população estava deixando o leito. Mas o policial, entre um e outro bocejo, o viu; as multidões que atarefadamente faziam compras nos diferentes mercados ficaram boquiabertas, os operários que iam muito cedo para o trabalho, os leiteiros, os condutores dos caminhões dos



jornais, os notívagos que voltavam para casa fatigados e pálidos, os vagabundos sem lar, as sentinelas em suas guaritas e no campo os lavradores, apanhando-se sobre o arado e as plantações, os caçadores furtivos, regressando a casa; todos os que iam despertando no sombrio país — e no mar os marinheiros que aguardavam o amanhecer — puderam ver o grande astro branco que apareceu súbitamente a oeste, no céu.

Era mais brilhante que qualquer estrela; e continuava luzindo alvo e grande, não mais cintilante ponto de luz, mas brilhante, claro, redondo disco, uma hora depois de haver despontado o dia! E onde a ciência não alcançava, os homens olhavam e temiam, falando uns com os outros das

guerras e das pestes que predizem esses feros signos dos céus. Os rudes boers, os escuros hotentotes, os negros da Costa do Ouro, os franceses, os espanhóis; os portugueses, se levantavam sob o calor do sol do amanhecer, contemplando o poente daquele extranho corpo no céu.

E em redor do mundo, aquele dia, duas horas antes do amanhecer, o pálido astro branco seguiu seu caminho, desvanecendo-se só ao mergulhar no ocidente, quando o sol já subia.

[M tôdas as partes os homens se maravilharam ao vê-lo, porém ninguém se maravilhou mais que aqueles marinheiros, habituais contempladores de estrê-



las, que, distantes no mar, nada haviam sabido de seu advento e agora só viam levantar-se como uma lua pigméia, e subir para o zenite, e flutuar sôbre suas cabeças até descer e mergulhar no oeste, ao findar a noite.

Quando, depois, passou pela Europa, por tôdas as partes havia espectadores, sôbre as vertentes das colinas, sôbre os telhados das casas, nos espaços abertos, olhando o Oriente, para ver a saída do novo astro. Surgiu, rodeado de um halo branco, como o relumbrar de branca fogueira, e os que o haviam visto na noite anterior, exclamaram ao vê-lo outra vez: **"É maior! Está mais brilhante!"** E, de fato, a Lua, que estava em quarto crescente e mergulhava no oeste, era maior em tamanho aparente, mas em tôda a sua superfície não tinha tanto brilho como o pequeno círculo do astro novo e estranho.

"E mais brilhante!" — gritava o povo que se apinhava nas ruas.

Porém, nos sombrios observatórios, ôs que o vigiavam contiveram a respiração e trocaram olhares cheios de alarma.

— **"Está mais próximo!"** — disseram. — **"Mais próximo!"**

Uma voz após outra repetia: **"Está mais próximo!"** E o telégrafo recolheu as palavras e as matraqueou ao longo dos fios, e em mil cidades infinidade de tipógrafos ordenaram os tipos que diziam: **"Está mais próximo!"**. Os homens que escreviam nos escritórios, compreendendo, imediatamente, abandonaram o trabalho; homens que falavam em milhares de lugares diferentes, súbitamente esbarraram contra uma grotesca possibilidade naquelas palavras: **"Está mais próximo!"**. A frase correu pelas

ruas que estavam despertando para a atividade do dia, foi gritada em tôdas as direções, chegou até os povoados mais humildes; homens que as haviam lido nos jornais, postavam-se nas janelas das casas mal iluminadas, gritando a notícia para os que passavam: **"Está mais próximo!"** Lindas mulheres, sufocadas entre peles, ouviam a notícia como um gracejo, entre duas danças, e fingiam um inteligente interesse que não sentiam. **"Mais próximo? De veras? Que engraçado! E como os homens sabem essas coisas depressa!"**

Vagabundos solitários, caminhando na noite ventosa, murmuravam aquelas palavras para consolar-se olhando para cima. **"Ainda falta muito para que chegue até cá, pois a noite está terrivelmente fria. De qualquer modo não parece que, aproximando-se, provoque muito calor..."**

— E a mim que importa uma estrêla nova? — chorava uma mulher, ajoelhada junto do seu morto.

O estudante, levantando-se cedo, para preparar o exame, dispunha-se a engendrar problemas relacionados com o grande astro branco, que luzia através das flores de trepadeira da sua janela: **"Centrífuga, centrípeta"** — murmurava com o rosto apoiado no punho cerrado. Se fôsse possível deter um planeta em sua marcha, roubar-lhe a sua força centrífuga, que sucederia? Restava-lhe a força centrípeta, de modo que... cairá no sol! E com isso... Mas... **"nós?"** Estaremos no seu caminho? Sempre gostaria de saber se....

A luz do dia passou como haviam passado tôdas as suas irmãs, e com o comêço da escuridão gelada, voltou a aparecer o astro



estranho. E agora era tão brilhante que a cérea lua parecia pálido fantasma de si mesma, descendo no horizonte. Numa cidade sul-africana um rico proprietário de mina de diamantes contrairá núpcias e o cortejo atravessou ruas fartamente iluminadas pelo astro novo como "se até o céu tivesse querido homenagear o pomposo casamento" — disseram os aduladores. E abaixo do Capricórnio, dois enamorados negros, afrontando as feras e os maus-espíritos olhavam o céu e murmuravam juntos de um renque de cana brava: "Essa é a nossa estrêla". E sentiam-se estranhamente confortados pelo brilho suave do seu resplendor.

O grande matemático deixou de lado seus papéis. Já concluía os seus cálculos. Num pequenino frasco azul ainda restava alguma quantidade do pó branco, que ingerira para poder conservar-se acordado e ativo durante longas noites. Cada dia, sereno, explícito, paciente como sempre, dera sua aula aos estudantes, logo voltando aos seus cálculos importantíssimos. Tinha o rosto grave, fatigado e febril pela atividade e pela droga. Durante algum tempo ficou perdido em seus pensamentos. Depois, aproximou-se da janela e fez subir a persiana. A meia-altura, no caminho do céu, sôbre os amontoados de telhados, chaminés e tôrres da cidade, estava suspenso o astro.

Olhou longamente para o pequenino frasco e murmurou:

— Já não haverá necessidade de dormir.

No dia seguinte, ao meio-dia, pontual como sempre, entrou na sala de aula, pousou o chapéu, como sempre fazia, num

canto da mesa e de vagar, com atenção, escolheu um pedaço de giz. Era motivo de gracejos entre os estudantes que não podia falar sem ter em mão um pedacinho de giz, que volteava incessantemente entre os dedos. Uma vez, realmente, emudeceu porque lhe esconderam a "inspiração".

Mas ali estava, agora, olhando por baixo das sobrancelhas crêspas e grisalhas os rostos juvenis que o fitavam atentamente. Então, com sua habitual simplicidade de expressão disse:

— Ocorreram circunstâncias... circunstâncias absolutamente fora do meu controle... e que me impedirão de concluir o curso que já tinha preparado. Segundo parece, meus jovens amigos, para falar francamente — e falar depressa... o Homem viveu em vão!

Os alunos trocaram olhares. Teriam ouvido bem? Estaria louco? Houve quem sorrisse. Porém uns poucos rostos permaneceram sérios e atentos, com o olhar intensamente fixado naquele rosto tranqüilo, circundado de cabelos grisalhos.

Voltou-se, de vagar, para o quadro-negro, meditando um diagrama, como em geral fazia.

— Que quis êle dizer com isso de haveremos vivido em vão? — murmurou um estudante.

— Vamos ouvir o que diz... — respondeu outro, sempre fitando o mestre.

E então começaram a compreender... Aquela noite, o astro surgira mais tarde, porque seu próprio movimento para o este o levava a desviar-se um pouco de Léo para Virgo, e seu brilho era tão grande que o céu, quando êle apareceu, tomara um tom de luminoso azul e tôdas as estrêlas

se haviam ocultado, uma após outra, exceto Júpiter, Capela perto do zenite, Aldebarã, Sírio e as pontas da Ursa.

Mostrara-se muito branco e formoso. Em muitos lugares do mundo, aquela noite tinha sido visto circundado por um halo pálido. Era perceptivelmente maior; no claro e refractante céu dos trópicos pareceu ter a quarta parte do tamanho da lua.

Ainda havia gelo no solo da Inglaterra, porém o mundo estava tão brilhantemente iluminado como na mais clara noite de lua, de um pleno verão. Era possível ler qualquer letra ordinária de imprensa sob sua clara e fria luz, e nas cidades os faróis ardiam amarelos e descoloridos.

Em todo o mundo as populações estavam despertas e em toda a cristandade, pelos campos, voava no ar sutil um surdo murmúrio de abelhas. Nas cidades esse murmúrio se tornou um forte ressonar. Era o dobrar dos sinos em milhões de torres e campanários, chamando o povo para que não dormisse mais, porém se reunisse nos templos e rezasse. E por cima de tudo, cada vez maior e mais brilhante, à medida que a Terra girava e passava a noite, o astro deslumbrador seguia seu caminho.

Ruas e casas estavam iluminadas, em todas as cidades, os portos cheios de navios de todos os tipos e todas as estradas e caminhos que conduziam às regiões altas estavam iluminados também e cobertos de gente, toda a noite. Nos mares, não distante das terras civilizadas, navios com as máquinas com plena pressão e embarcações menores com as velas ao vento recebiam homens dispostos a lançar-se ao oceano, rumo ao norte. E levavam com eles animais e mantimentos, pois o aviso do grande matemático fôra telegrafado para todo o mundo, traduzido e centenas de línguas. O novo planeta e Netuno, reunidos em fero abraço giravam cada vez mais e mais depressa, aproximando-se do sol. Cada dois segundos a deslumbrante massa percorria cem milhas, e a cada segundo seguinte a terrorífica velocidade aumentava. Na marcha que agora levava deveria passar a cem milhões de milhas de distância da Terra e afetá-la muito pouco. Porém nas proximidades do caminho predestinado — e até agora apenas ligeiramente perturbado, girava o poderoso planeta Júpiter, com suas

luas, realizando esplêndidas corridas em redor do sol. E agora, a cada momento, a atração entre o astro orgulhoso e o maior de todos os planetas se tornava maior. E qual seria o resultado dessa atração? Inevitavelmente, Júpiter seria desviado de sua rota, passaria muito junto de nossa Terra... e "terremotos, erupções vulcânicas, ciclones, grandes ressacas no mar, inundações e rápido aumento de temperatura até não sei que limite" — segundo anunciava o matemático — "convulsionarão o nosso planeta".

E no alto, para levar suas palavras, solitário, frio e lívido, luzia o portador da destruição que se aproximava.

A muitos dos que, aquela noite, o estiveram olhando, até que lhes doessem os olhos, pareceu que se aproximava visivelmente. E, ainda aquela noite, o vento mudou e as nevascas, que tinham em suas garras toda a Europa central, cessaram completamente e o gelo quase derreteu.

Mas não se imagine que porque falamos de gente que rezava ou que fugia para os navios ou para as regiões montanhosas, que o mundo inteiro era presa do terror por causa da estrêla.

Na realidade, o costume e o hábito continuavam governando o mundo, e exceto pela tagarelice dos momentos ociosos e o esplendor da noite, nove de cada dez seres humanos continuaram ocupados com seus trabalhos habituais. Em todas as cidades, as lojas, com raríssimas exceções, abriram e fecharam às horas do costume; o médico e o coveiro praticaram seu ofício; os soldados praticaram com suas armas; os escolares estudaram, os enamorados compareceram aos pontos de encontro; os ladrões roubaram e fugiram; os políticos planejaram seus projetos. As impressoras dos jornais rugiram a madrugada inteira e muitos sacerdotes não abriram suas igrejas para não aumentar o que consideravam pânico injustificado. Os jornais insistiram na lição do ano 1.000... porque também então as populações temeram o fim do mundo. A estrêla não era estrêla... era mero gás, um cometa. E mesmo que tivesse sido uma estrêla, não teria podido chocar-se com a Terra. Não havia precedente de semelhante coisa. O sentido comum era em

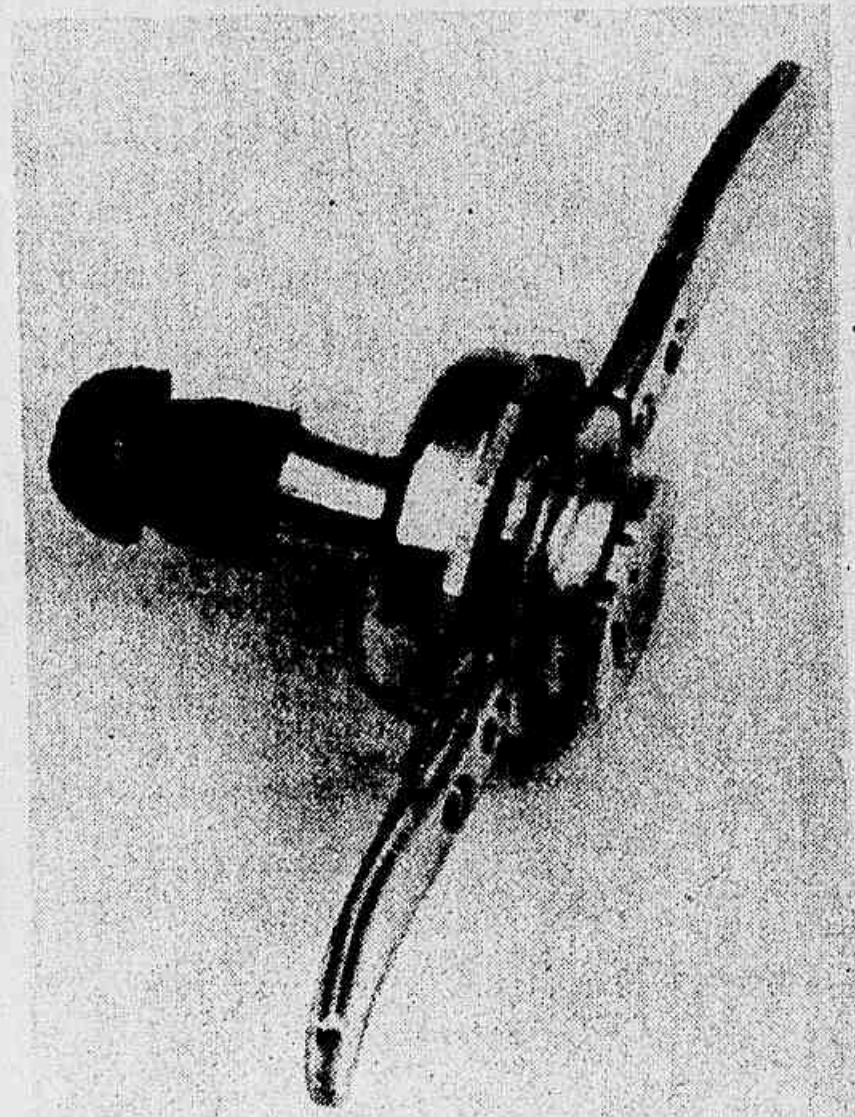
(Continua no fim da revista)



A ÚLTIMA PARA OS RADIOUVINTES

O Estetofone é um aparelho que permite, numa sala ou onde se encontrem reunidas várias pessoas, ouvir uma emissão radiofônica sem que os vizinhos mais próximos sejam perturbados. Trata-se de uma invenção que será muito apreciada nos hospitais, nas salas-de-espera, assim como nos aviões e nos trens. Utiliza-se, para isto, um aparelho de rádio, comum, e uma espécie de antena. Após regular o aparelho na estação escolhida, ele falará, não mais através do altofalante, mas da antena e por intermédio de um transformador.

Cria-se, assim, em torno do aparelho um campo magnético variável que o Estetofone capta por indução e retransmite a uma membrana vibratória que reproduz os sons e as palavras. O aparelho completo, muito leve, não é caro. O fone receptor (duplo), que não se liga ao rádio por meio de fios, é facilmente esterilizável. O aparelho está sendo vendido (antena e 3 fones auditivos) por 11.000 francos franceses.



10

TIPOS DE ENFERMOS
VISTOS POR

ANTIGAMENTE os chineses só pagavam aos médicos depois que estavam completamente curados. Já nós fazemos o contrário: pagamos na entrada do seu consultório e, como é natural, esse fato dá lugar a uma série de mal-entendidos entre o médico e o cliente.

Em fins do século passado e princípios deste, os médicos gozavam de grande prestígio, mesmo no seio das classes aristocráticas. Atualmente não ocorre o mesmo, não obstante o nível dos conhecimentos médicos — e gerais — ser incomparavelmente mais elevado que há sessenta anos.

Naquela época era reduzido o número dos médicos. Hoje em dia são muitos os que seguem esta profissão. A multiplicação dos médicos e a vulgarização científica originaram um fenômeno bastante curioso: o homem que exerce a profissão converteu-se num ser vulnerável, não absolutamente comum, mas em todo caso, criticável. Tanto mais criticável quanto se pense que o "doutor" não tem direito de se enganar em suas opiniões e que, com o diploma, recebe um certificado de infalibilidade.

É comum ouvirmos críticas aos médicos. Vejamos, agora, o que eles podem dizer a tal respeito. Quem vai falar não é um professor, nem um especialista, mas um médico "prático", o dr. Keith Hammond, que há mais de 15 anos exerce a profissão em Paoli, povoado do Estado de Indiana, cuja população não vai além de dois mil e quinhentos habitantes. O dr. Keith Hammond é, então, o que podemos chamar um médico do povo.

O dr. Hammond, sabendo que sua profissão é objeto de críticas mais ou menos abertas e mais ou menos justificadas, pergunta, por sua vez, se os clientes são sem-

pre irrepreensíveis. E chega à conclusão de que isto não sucede; a seguir classifica os clientes **difíceis** em dez categorias, pedindo, entretanto, que suas palavras não sejam mal-interpretadas, pois visa, com elas, estabelecer uma classificação lógica de alguns caracteres com a finalidade de facilitar a melhor relação entre médicos e doentes.

O ALARMISTA

O alarmista se convence logo de que está **prestes a morrer**. Chama o médico às 3 horas da madrugada e quer que este chegue imediatamente. Há casos assim: pessoas que têm uma dor de cabeça há muitos anos, e nunca se trataram; de repente, pretendem que seu médico abandone tudo, fique todo tempo ao seu lado e o cure num instante! Que a sua enfermidade tenha dois anos ou mais não lhes parece razoável que esperem com paciência algumas horas.

O CONTISTA

Não é menos temível do que o alarmista. Em geral é um doente imaginário, como o da comédia de Molière; é charlatão e se ausculta! Faz o médico perder seu precioso tempo, contando-lhe sua própria



O alarmista

INDESEJÁVEIS UM MÉDICO...

história desde o nascimento, e uma série de anedotas de sua família, de sua mulher, de seus filhos, etc., etc.. Às vezes, é muito difícil o médico se livrar deste tipo de enfermo sem ser grosseiro.

A MULHER PUDICA

aquela que para ser auscultada não consente em retirar nenhum dos enfeites que tem sobre si mesma, inclusive a goma de mascar que leva na boca. O médico tem que recorrer a astúcias verdadeiramente diplomáticas para descobrir de que padece e quais as razões porque o procurou.

O QUE NÃO PAGA

O dr. Hammond acha que os enfermos deste tipo são numerosíssimos. Querem ter um médico particular, porém não querem



A mulher pudica

pagá-lo. "O médico que consegue receber setenta e cinco por cento de suas faturas deve considerar-se um verdadeiro gênio financeiro" — exclama ele.

O mal pagador não se encontra entre as classes pobres. Geralmente é um burguês que não se priva de coisa alguma. Paga sem discutir as contas da farmácia, mas deixa as do médico esquecidas.



Às vezes, o médico luta mais contra a falta de colaboração do enfermo que contra a doença

O QUE DIAGNOSTICA

Nesta categoria estão incluídos todos aqueles que fazem o diagnóstico das enfermidades de que padecem ou de que acreditam padecer; e não há quem os faça dar o braço a torcer! Consideram-se mais competentes do que os próprios médicos, tornando a assistência destes uma coisa de todo inútil. Se lhes permitem fazer alguma observação, são capazes de dizer:

... — Doutor... o cliente sempre tem razão.

O QUE SE JULGA SÓ NO MUNDO

Esse tipo está sempre convencido de que é o enfermo mais importante do mundo e, às vezes, de que é o único. Quer ser assistido durante todo tempo, e quando isto não sucede, torna-se grosseiro.

Deseja ter prioridade sobre todos os outros.

Clientes desta classe tornam a vida profissional do médico quase impossível.

O QUE NÃO COOPERA

inútil dar-lhe um conselho, um regime ou uma receita. Não presta a mínima



O pessimista sistemático

atenção. O que não o impede de estranhar a ausência de melhoras! Para esta espécie de enfermo, o médico e o farmacêutico formam uma associação que visa exclusivamente tomar o seu dinheiro. Muitas vezes chama o médico só pelo prazer



O que diagnostica

maligno (e idiota) de não fazer nada do que êle ordenar.

O PESSIMISTA SISTEMÁTICO

Vê tudo negro. Se sente dores no estômago: Câncer! Se tem reumatismo articular no braço esquerdo: Angina do peito! Se está com tosse: Tuberculose incurável!

Recordemos o personagem do humorista inglês Jerome K. Jerome, que se põe a folhear um dicionário médico que encontrou por acaso, e percebe, horrorizado, que sente os sintomas de tôdas as doenças com exceção da gravidez.

Mas conhecemos alguns pessimistas que não se contentam com isto. Para que os remédios que lhe são recomendados tenham mais eficácia, **aumentam as doses!** Em vez de tomar três cápsulas, ingerem seis, pen-



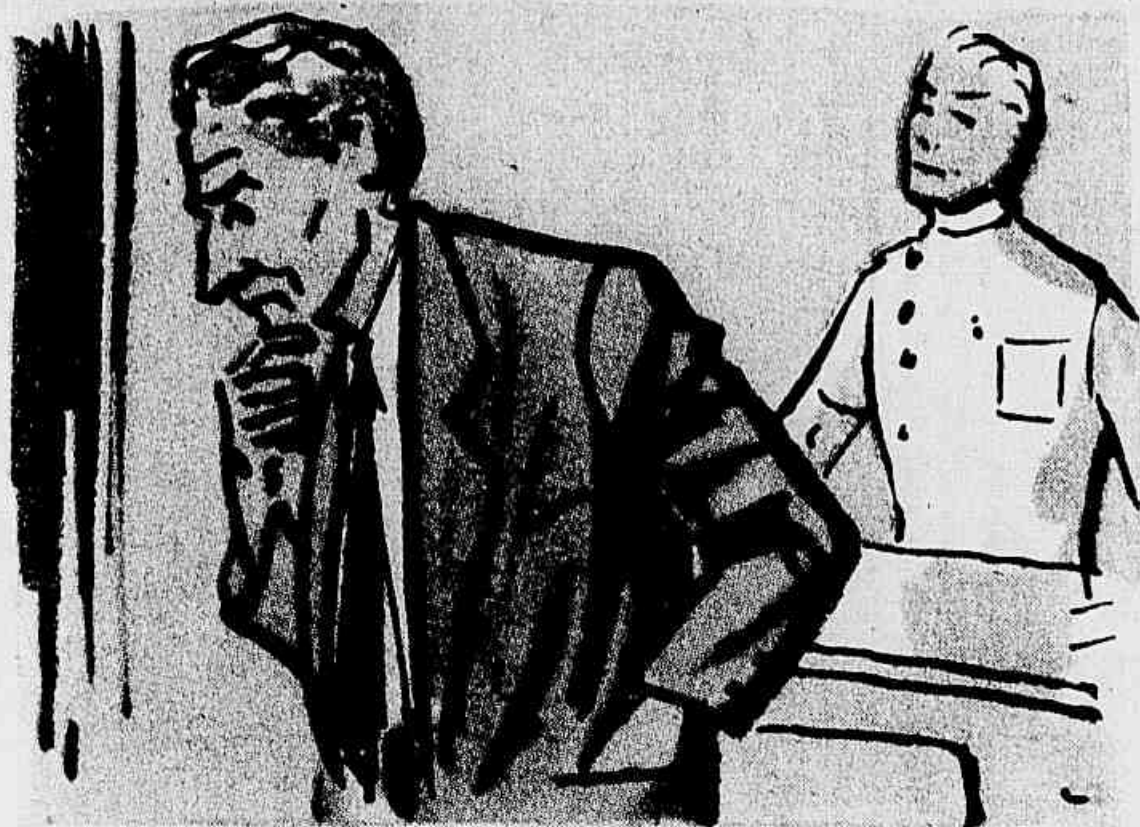
O caçador de médicos

sando que assim sua cura será duas vezes mais rápida. Na realidade, tal precipitação não faz mais que retardar a cura.

O CAÇADOR DE MÉDICOS

Um cliente do dr. Hammond declarou ao mesmo ser êle o vigésimo sexto médico que havia consultado no mesmo ano. Os "caçadores de médicos" costumam ser do sexo feminino. Alguns vão a procura do "pássaro raro" que lhes diga, precisamente, o que **querem ouvir**. Outros, em vez de caçar... **colecionam**.

Vêm num determinado médico o representante de uma escola, ou de uma seita, e querem ser reconhecidos, estudados, tra-



O que não paga

tados e curados segundo todos os métodos possíveis. Depois, colecionam tratamentos, seguindo os conselhos de um para o regime alimentício, as prescrições de outro para os medicamentos, as recomendações de um terceiro para o gênero de vida que devem levar, e assim sucessivamente.

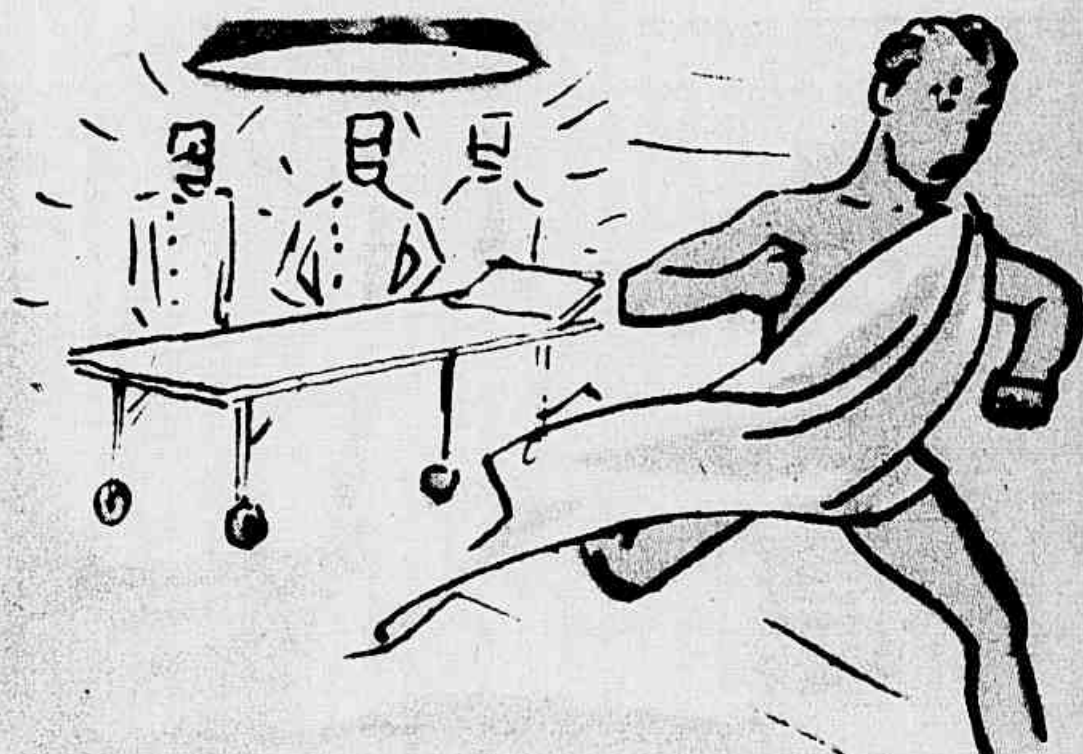
O DESCONFIADO

Não crê na medicina nem nos métodos e, de antemão, já tem certeza absoluta de que o tratamento não lhe servirá de nada!

Enquanto o não cooperador ri, com antecipação, dos esforços inúteis do médico, o desconfiado teme e desespera.

Tem medo da intervenção cirúrgica, que deverá, necessariamente, ser fatal. Só recorre ao médico em último caso. E os seus injustificados temores quase sempre acarretam consequências catastróficas.

Enfim, médicos e enfermeiros reconhecerão que o que se passa com o doutor Hammond não é diferente do que pode observar entre sua clientela os médicos de qualquer parte do mundo.



O que se julga só no mundo.

O número de famílias que possuem mais de um automóvel, nos Estados Unidos, chega este ano a 4.500.000, contra apenas 1.000.000 em 1941. Não imaginem, porém, que todas elas sejam milionárias, pois a renda média de cada família dispendo de dois ou mais automóveis é ligeiramente superior a 7.000 dólares por ano, o que, para o norte-americano, nos Estados Unidos, não é nenhum assombro.

NÚMEROS FABULOSOS DE HOJE

mediocres; os fregueses são tímidos e não sabem como decidir; o pessoal vendedor é incompetente; os serviços são desorganizados.

PESQUISAS recentes demonstraram que, depois de cada pulsação, o coração humano repousa durante um sexto de segundo. Podemos, pois, dizer que vivemos a sexta parte da nossa vida com o coração completamente parado!

GASTAR — dinheiro não é uma coisa tão fácil como parece. De acordo com estudos recentes, nove de cada dez fregueses das lojas novaiorquinas têm, realmente, intenção de comprar — porém, somente sete o fazem. E as principais razões de tais falhas são: a loja não dispõe da mercadoria desejada; os estoques são

DURANTE a Guerra da Coréia, que foi uma guerra relativamente curta e sem grande significação, os Estados Unidos dispenderam cerca de 18 bilhões de dólares, isto sem incluir o pagamento do pessoal.

TRABALHAM, atualmente, nos Estados Unidos, aproximadamente 400.000 enfermeiras, o que representa um número "record". Não obstante, a procura é tão grande que o presente recrutamento para todo o país vai além de 55.000 por ano.

ESTARÁ o teatro norte-americano em decadência? No momento, somente 31 teatros estão em funcionamento, na cidade de New York, contra 75 que ali operavam, em 1929. Durante uma só temporada, 70 peças são representadas, contra 224 exibidas há um quarto de século.

DIZ-SE em Singapura que a idéia da vida perfeita defendida pelo dr. Lin Yutang é para ser posta em prática numa cabana inglesa, com um aquecedor americano, uma esposa japonesa, uma criada francesa e uma cozinheira chinesa.

ÊSTE MUNDO LOUCO...

New York recentemente inaugurado na capital francesa, está fazendo uma séria concorrência ao "Folies Bergères". E por uma dessas estranhas preferências ine-

rentes à natureza humana, os turistas americanos vão ao "Folies Bergères", enquanto os parisienses preferem ir ver os espetáculos de "Minsky".

A raça dos Ainu, residentes em Hakodate, no Japão, representa uma verdadeira extravagância antropológica. É uma das primeiras raças humanas da terra, muito embora nada se conheça sobre a sua origem. Os Ainus viveram no Japão muito antes dos japoneses, e são mais antigos do que mesmo os indianos. Falam um idioma completamente diferente do japonês, e possuem crenças e costumes profundamente estranhos. O trabalho noturno, por exemplo, é para eles coisa proibida.

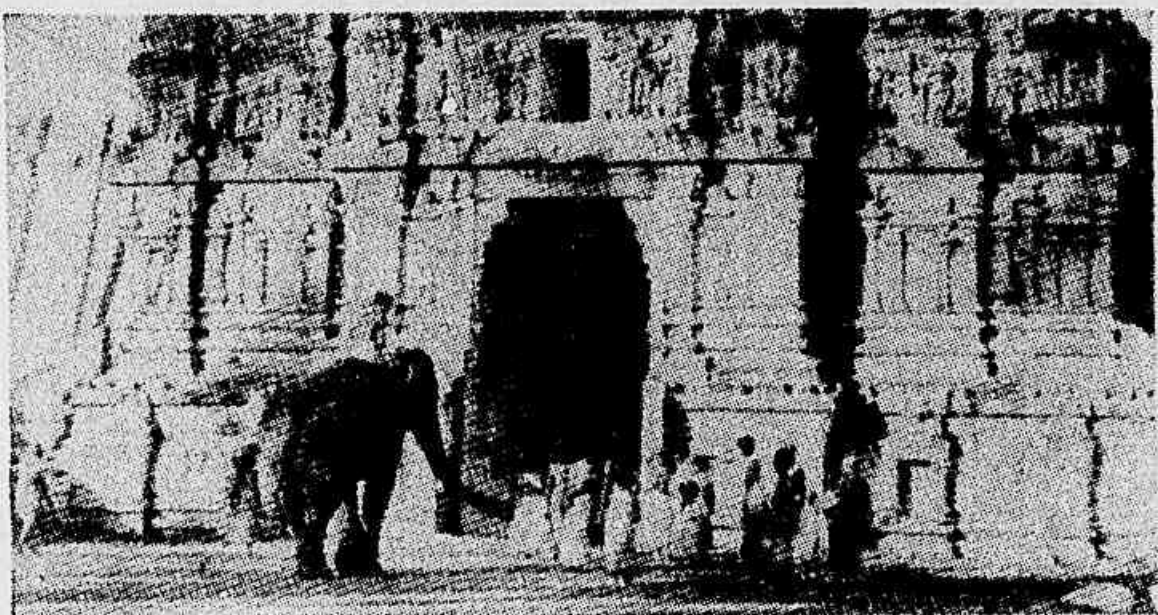
Os franceses que voltam de suas viagens à Bélgica são obrigados a abrir suas bocas para os funcionários da alfândega francesa. Se tiverem colocado dentes artificiais naquele país, devem pagar trinta e cinco por cento de direitos de importação, uma vez que os dentistas franceses queixam-se de que os seus clientes preferem os profissionais belgas por trabalharem mais barato, prejudicando, desse modo, a indústria e o profissionalismo nacional.

EM Marselha, França, o Departamento de Rendas Internas contratou 2.400 agentes "extras" para receber os impostos dos sonegadores. Os agentes trabalharam incansavelmente, conseguindo apanhar muitos sonegadores. Concluída a tarefa, o chefe do Departamento, residente em Paris, descobriu que as despesas com os agentes "extras" somavam 1 bilhão e 400 milhões de francos, enquanto que o dinheiro tomado aos sonegadores não chegava a 1 bilhão e 300 milhões.

UM crítico alemão escreveu a respeito do livro "Como Fazer Amigos e Influenciar Pessoas", de Dale Carnegie: "O ideal de Carnegie é um sorridente tagarela, um lisonjeador que deseja ser lisonjeado, um impostor que sabe como pretender ser ele mesmo, em suma, um homem que bajulará indefinidamente os seus vizinhos, desde que estes possam fazer-lhe algum bem."

Os relatórios do Departamento de Diversões de Paris indicam que o "show" burlesco de Minsky, uma companhia de comédias de

EM Katmandu, no Nepal, de acordo com a lenda, o sacerdote indiano da seita dos Brâhmanes que realizou os rituais do rei



Tribhuvana recebeu milhares de libras esterlinas em presentes, e a seguir, foi expulso dos muros da cidade.

EM Tóquio, um grupo de cidadãos pediu para ser incluído entre os contribuintes dos impostos, tendo sido obstado em suas pretensões. As autoridades explicaram que o pedido partia de um grupo de vagabundos estabelecido no Parque Ueno, sobre o qual não recaía qualquer espécie de contribuição. E acrescentaram: "Se o Estado os onerar com impostos, eles serão automaticamente reconhecidos como residentes legais, e tornar-se-ão súditos do prefeito da cidade, com direito a exigir benefícios públicos."

EM Sydney, Austrália, havia a seguinte inscrição na porta do clube de golfe local: "Permite-se que as mulheres usem calças enquanto estiverem jogando golfe, mas entrando na sede do clube deverão despi-las."

NAIROBI, Kenya. Aviso no jardim zoológico: "As pessoas que perturbarem os leões serão severamente punidas". Um outro aviso, numa das principais alamêdas: "Não trafeguem a mais de trinta quilômetros por hora; quando encontrar um elefante saberão a razão."

(Episódio real)

O ENGANO REVELADOR...

O jovem e simpático Rex Randall, que usava um uniforme de comandante da Marinha de Guerra dos Estados Unidos, retirou cuidadosamente do bolso o seu relógio de pulso.

— Veja este relógio — disse êle ao proprietário de um pequeno bar, situado na cidade de Los Angeles. — Procure vendê-lo por 200 dólares e ganhará uma boa gorjeta. E não vai ser difícil, pois asseguro que vale mais de 500!

O velho "bar-man" esfregou um pano sobre a mesa e encolheu os ombros.

— Quem poderia comprá-lo? Hoje em dia todo mundo tem um relógio...

Randall bebeu pausadamente o seu Martini, satisfeito por ser o único freguês presente no bar. Depois, com gesto vagaroso, depôs o quépi sobre a mesa, como se pretendesse ali permanecer mais tempo.

— Por que não fica com o relógio... por alguns dias? — sugeriu. — Quero desfazer-me dêle de qualquer maneira. Recebi-o de um amigo como garantia de um empréstimo. Mas, depois, êsse amigo foi transferido para o Mediterrâneo, e nunca mais tive notícias dêle.

— Por que razão seu amigo usava um relógio de mulher? — perguntou o homem do bar, com real espanto.

— Oh! É uma história muito comprida — explicou Randall. — Comprou-o para sua noiva, pretendendo oferecer-lhe como presente de casamento; mas, depois, romperam o noivado.

— Bem, comandante; eu não sei...

O homem do bar falou de maneira a ser ouvido por um homem de rosto bexigoso, que acabava de entrar.

O recém-chegado logo se aproximou da mesa do comandante.

— É um belo relógio — disse. — Quer vendê-lo?



— Peço apenas 200 dólares — respondeu Randall rapidamente. — Quero me ver livre disto.

— E vale mesmo os 200 dólares? — indagou o outro. — Minha mulher está sempre reclamando contra o seu velho relógio. Realmente, não funciona bem...

— Então, vamos fechar negócio?

O homem levou o relógio ao ouvido e ficou atento ouvindo o tiquetaque do maquinismo.

— Dê-me o prazo de dois dias para pensar, está bem?

— Se o que pedi pelo relógio é muito dinheiro para você... — começou Randall.

Mas o outro, sem responder, bebeu, de uma só vez, o Martini que o "bar-man" lhe havia servido e disse, abruptamente:

— Lembrei-me agora de que tenho que fazer uma ligação.

Levantou e dirigiu-se à cabine telefônica. Desapontado, Randall guardou o relógio dentro da caixa, que guardou, em seguida, no bolso do brilhante dólmã branco. Sentia que o provável comprador não mais estava disposto a efetuar o negócio. E isso o irritava...

Dêsse modo, onde diabos iria êle vender o relógio e o restante das mercadorias? As casas de penhor estavam fechadas; além do mais, deviam ser muito vigiadas pela

polícia. Randall estava preocupado por quanto havia perdido muito tempo, energia, e mesmo algum dinheiro para obter o relógio e os outros objetos que levava no bolso. Mas, consolou-se, recordando que o trabalho, em si, não fôra assim tão difícil. Além disso tivera enorme prazer ao envergar o uniforme que subtraíra do navio, mesmo conhecendo os riscos a que estava sujeito. Randall já tinha sido prêso três vezes por usar ilegalmente uniformes de oficiais da Marinha de Guerra.

Randall nunca estivera na Marinha. Mas como o uniforme chamava a atenção geral, especialmente das mulheres, não podia resistir à tentação de envergá-lo.

Na semana anterior, em Las Vegas, havia encontrado uma recém-divorciada, que se apaixonou logo pelo seu uniforme azul-marinho. Rica e livre do marido, a jovem divorciada bebia sôzinha numa casa de jôgo quando Randall se aproximou. Os dois passaram uma noite bastante agradável, que terminou num "dancing", altas horas da madrugada, quando, de volta ao seu apartamento, ela compreendera que o seu galã era um ladrão, que lhe roubara o relógio e outras jóias.

E agora, se conseguisse vender o que havia roubado êle se consideraria recompensado por sua estada em Las Vegas.

RANDALL foi abruptamente despertado de seus pensamentos por uma rude mão que pousou fortemente sobre o seu ombro. Ao voltar-se deu de cara com dois homens, que exibiram o distintivo da polícia e lhe exigiram a identidade de oficial da Marinha de Guerra. Sem uma palavra de protesto, o falso comandante colocou o quêpi na cabeça e acompanhou os policiais.

Randall foi processado e sentenciado a nove anos de prisão pelos crimes de roubo e falsa identidade.

Depois que os três se retiraram, o "barman" perguntou ao outro freguês:

— Foi o senhor quem chamou a polícia? Acha que aquêle relógio foi roubado?

— Que importa o relógio? — disse o homem, encolhendo os ombros. — O fato é que depois de ter sido 18 anos comandante de um navio, reconheci, com facilidade, que aquêle rapaz era um "vigarista". Vestia o uniforme de um comandante da Marinha de Guerra, realmente, mas o quepe era o de um oficial da Marinha Mercante!

SOMBRIOS PROGNÓSTICOS PARA ... 1970!

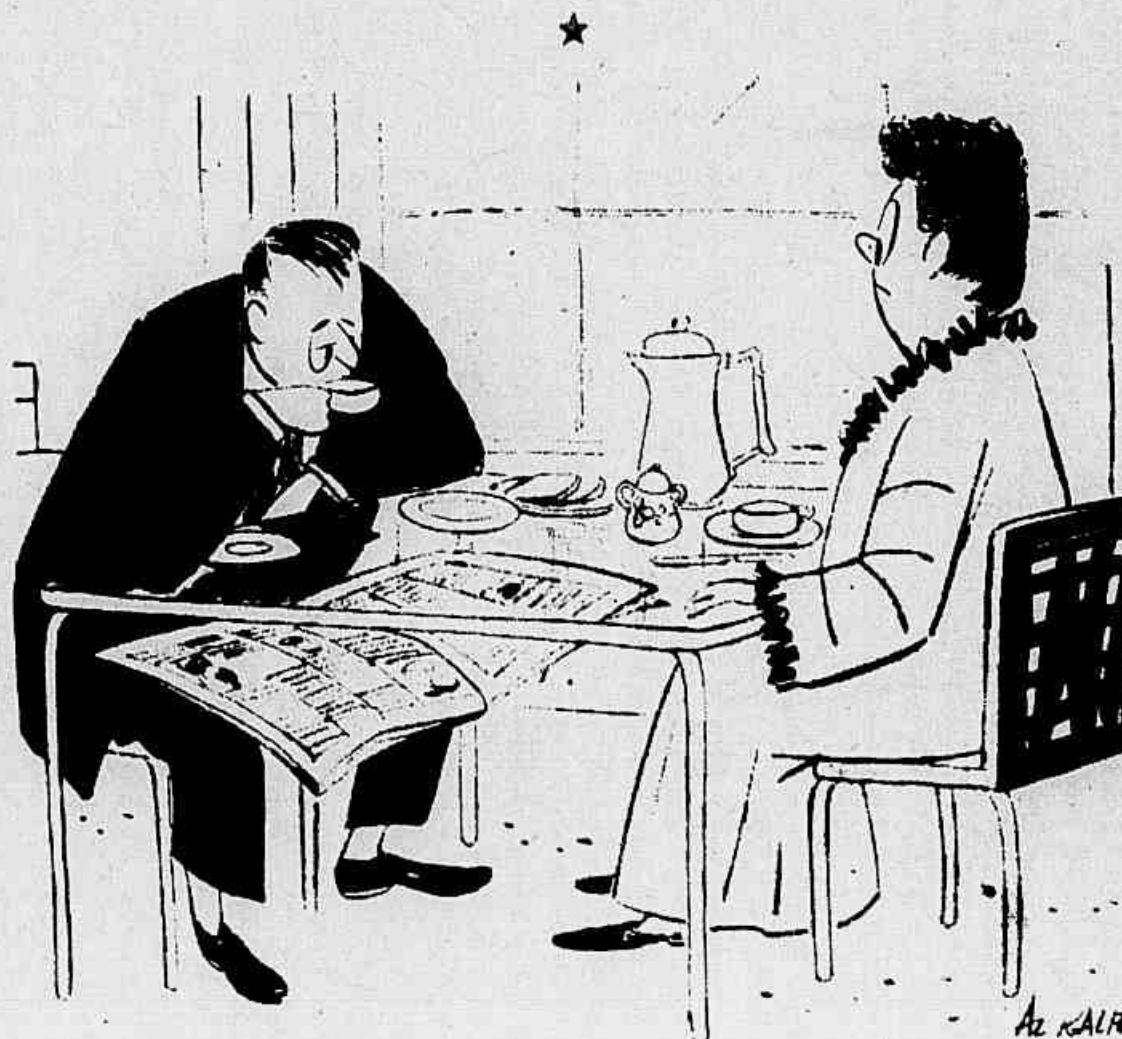
SE nada fôr feito no sentido de deter o aumento da enfermidade, dentro de 25 anos, um de cada quatro norte-americanos, terá câncer no pulmão — declarou o prof. Ochsner, no Congresso Americano de Tisiólogos. Segundo êsse especialista, o paralelismo entre o número de cigarros vendidos e a incidência de câncer do pulmão "é uma coisa impressionante."

Em 1929, representava 1,1 por 100 de todos os tipos de câncer. Em 1948 a proporção havia alcançado 8,8 por 100; e, se a evolução atual continuar no mesmo ritmo, será de 18 por 100 no ano de 1970.

Outro especialista também aventou, no Congresso, "a possível influência de contami-

nação do ar no aumento do número de câncerosos do pulmão", tendo comprovado que "a enfermidade é mais freqüente entre os habitantes da cidade que entre os das zonas rurais."

Por outro lado, o doutor F. A. Belain e outros médicos da Associação Médica Britânica verificaram que entre os tripulantes de barcos movidos a óleo pesado, o câncer aparece em proporções verdadeiramente alarmantes.



EM todo o mundo, para cada 100 mulheres nascem cento e seis homens. Por isso é que em cada ano há um excesso de oito milhões de homens sobre o número de mulheres.

O CÉREBRO ELETRÔNICO DOMINARÁ AS VERSA- TILIDADES DO TEMPO

QUE fonte mais intensa e mais inesgotável de imprevistos cósmicos do que o oceano aéreo? No cilindro azulado que recebeu da linguagem popular a lírica denominação de céu depa-ramos com o grande laboratório de transformação da vida. Belos e alucinantes fenômenos se alternam uns aos outros. O arco-íris inflama as nuvens de matizes avermelhados e cerúleos, as estrêlas cadentes rasgam a noite com a sua toalha de faíscas e os halos deslumbram o horizonte com as suas radiosas miragens. Entre êsses meteoros que alegram e recream, outros se precipitam agora sórtunos e derruidores.

Os tufões que rugem, os ciclones, cuja energia desmonta casas e esfacela árvores, as trombas que revolvem com o seu turbilhão campos e cidades, eis a Natureza na plenitude da sua epopéia natural.

O oceano aéreo reservou para si os supremos motivos das suas expressões geofísicas. Vivemos cercados de fenômenos cujas leis nos escapam e cujos efeitos só concorrem para desequilibrar o raciocínio do naturalista. E na marcha dos teorismos o espírito científico avança sôbre a verdadeira causa dos distúrbios naturais. Trinta e seis nações e milhares de cientistas cooperam para os trabalhos do Ano Geofísico Internacional 1957-1958, em cujo temário figuram as perturbações meteorológicas e sua dependência do magne-

tismo terrestre e da radiação solar, bem como a recente descoberta dos rios aéreos na estratosfera.

OS RIOS ESTRATOSFÉRICOS



Uma tromba observada em Norwick, na Inglaterra, conforme um desenho feito do natural e de autoria de Duncan Matheson.

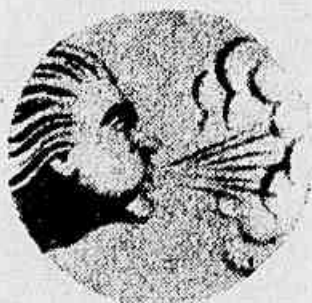
Juno, desejosa de desbaratar a frota de Ulisses. Essa fantasia imortalizada por Homero no seu poema deixou de satisfazer as exigências racionais do entendimento.

O espírito recorreu à Natureza e solicitou das suas leis universais a causa dos temporais. Supuseram que a atmosfera se movendo com o globo terrestre do Ocidente para o Oriente gira menos veloz na linha do Equador. Deram o vento do este comum aos trópicos, proveniente da diferença de rotação entre o nosso planêta e sua capa de gases. Descobriram mais tarde

que tal explicação peca pela base pelo fato do globo arrastar consigo as camadas do oceano aéreo. Como o Sol ilumina unicamente uma parte da Terra, também cogitaram que a diferença de calor entre

A INFLUÊNCIA DA ROTAÇÃO DIURNA

— As tempestades advertem o homem sôbre os seus vínculos com o Universo. A passagem da ventania tresmalhando o rebanho do pastor, submergindo barcos pesqueiros e declinando o barômetro evidencia a presença das forças desconhecidas que nos acionam por todos os lados. De onde vem o suave bafo da brisa e o sopro áspero da borrasca? A mitologia nos representa Eolo soltando os ventos encarcerados numa gruta da Trácia a pedido de



as duas metades da atmosfera durante o dia e a noite forja os ventos. Embora o aquecimento solar excite a atmosfera e contribua para a climatologia dos continentes, êsse único fator não dissolve a complexidade das trombas e dos ciclones periódicos. Incluiremos Galileo Galilei entre os primeiros a perceberem a base do movimento terrestre nos fenômenos meteorológicos. D'Alembert concordou que dessem o sol como uma das causas gerais e propôs que reduzissem a cálculos a sua influência. Insistiu Edmund Halley na influência da rotação diurna sobre os ventos intertropicais soprando todo o ano. O ar aquecido se eleva e sofre a depressão dos vapores glaciais oriundos dos Pólos.

Forma-se um movimento de translação que acelerado por outras contingências geofísicas alteram constantemente a circulação atmosférica.

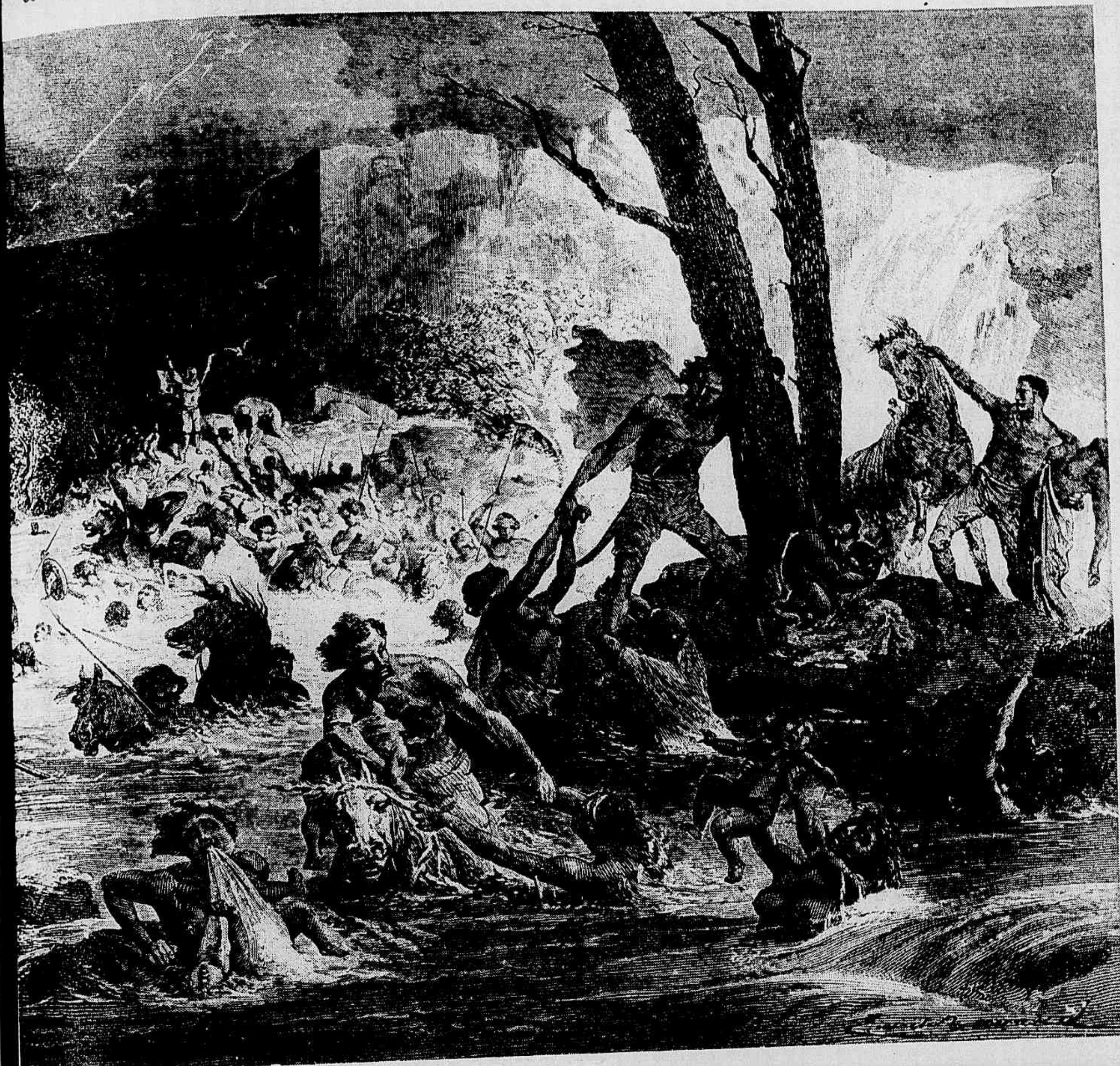
Secos e dotados de poder de absorção, os ventos alísios lançam sobre o oceano o seu sopro regular e sorvem massas de água. No seu avanço para o Equador encontram regiões úmidas e resfriam-se havendo condensação de vapores. Duas correntezas aéreas, uma marchando do Equador para o Pólo e outra evoluindo das zonas polares para as áreas equatoriais, jogam a capa atmosférica e engendram tanto os ventos gerais como os turbilhões.

OS REMOINHOS EM FÚRIA — Dilui-se a simplicidade da teoria dos ventos baseada na rotação da Terra quando apreciamos a extrema versatilidade do tempo. Uma manhã de sol que se transforma em chuvarada, semanas de calor afugentadas repentinamente por outras semanas glaciais e flageladas pelas inundações ciclônicas, expõem como os meteorologistas devem muito estudar para descobrir as leis secretas do oceano aéreo. Origem da climatologia do globo, os ventos acabaram por ser subjugados pela reação dos fenômenos geofísicos e do magnetismo solar. Simultaneamente causa e efeito a circulação atmosférica varia com a latitude por onde passa. O hemisfério norte recebe mais chuva do que o hemisfério sul. O norte do continente africano e o norte do continente americano, a Europa e a Ásia ostentam muito mais rios e torrentes do que as outras partes do planeta. Verificamos no sul que o volume oceânico supera as massas continentais e que há no norte certa relação entre as terras firmes e as águas marítimas. Justamente aí os meteoros se desencadeiam com violência.

Os freqüentes ciclones do Mar das Antilhas, da América Central e da América do Norte, descobrem o impacto das correntezas atmosféricas revolvendo-se em turbilhões giratórios. O ar volteando sobre um eixo produz os efeitos da energia centrífuga, desloca todos os corpos na sua passagem e atrai-os para o centro do remoinho com a brutalidade de verdadeira força mecânica. A aparição quase brusca do ciclone mal assinalada pelos desvios do barômetro e pelas nuvens tempestuosas, a tremenda velocidade e terrífico poder de destruição, a passagem aniquiladora e os danos da sua pressão rotatória, inscrevem os tufões entre os mais temíveis meteoros.

Na sua chegada repentina e no seu próprio movimento há uma certa lei que permite conjecturar sobre a sua evolução nas diversas latitudes. O engenheiro-hidrógrafo F. A. Edouard Keller, estudioso das correntezas marinhas e das correntezas aéreas, tor-





nados e furacões, traçou uma teoria sobre a marcha dos ciclones e das trombas de que se utilizam os navegantes para evitar o contacto fatal do cone. O ciclo dos fenômenos meteorológicos varia muito. Uns nascem e morrem no próprio local, outros se complicam e ramificam-se alcançando regiões vizinhas.

E há os intensos atravessando latitudes diversas durante dias inteiros. O ciclone de 30 de agosto de 1853 começou no litoral da África e transpôs em quatro dias o Oceano Atlântico. A 8 de setembro de 1853, ainda em plena fúria turbilhonar, devastava Halifax e corria para a Terra-Nova. No dia 10 de agosto de 1853 passava entre a Terra-Nova e a Islândia, tocando no dia seguinte a Escócia. Depois propagou-se pela zona do Oceano Glacial,

As Inopinadas inundações flagelavam a antiguidade com igual fúria dos tempos modernos. Numa das campanhas militares de Teodoro I, imperador grego da Nicéia (1204-1222), um furacão submergiu um dos seus regimentos sob uma torrente.

onde os meteorologistas não puderam mais o acompanhar.

Em 1931, um ciclone castigou o Mar das Antilhas e matou três mil pessoas. Nos turbilhões de vapores de cúmulus-nimbus correntezas aéreas com velocidades de mais de noventa a cento e vinte quilômetros horários circulam em movimentos descendentes e ascendentes. Os furacões marcham com velocidade média de quinhentos quilômetros, podendo os mais devastadores cul-

minarem com velocidades de setecentos, oitocentos e novecentos quilômetros horários.

A coluna giratória dos ciclones mais potentes se eleva a cento e trinta, cento e quarenta e mesmo até cento e sessenta quilômetros de altura. Nos Estados Unidos há uma média anual de cento e quarenta a cento e cinquenta ciclones. Alguns ciclones vivem até vinte dias, desprendendo em sua evolução cíclica uma energia incalculável.

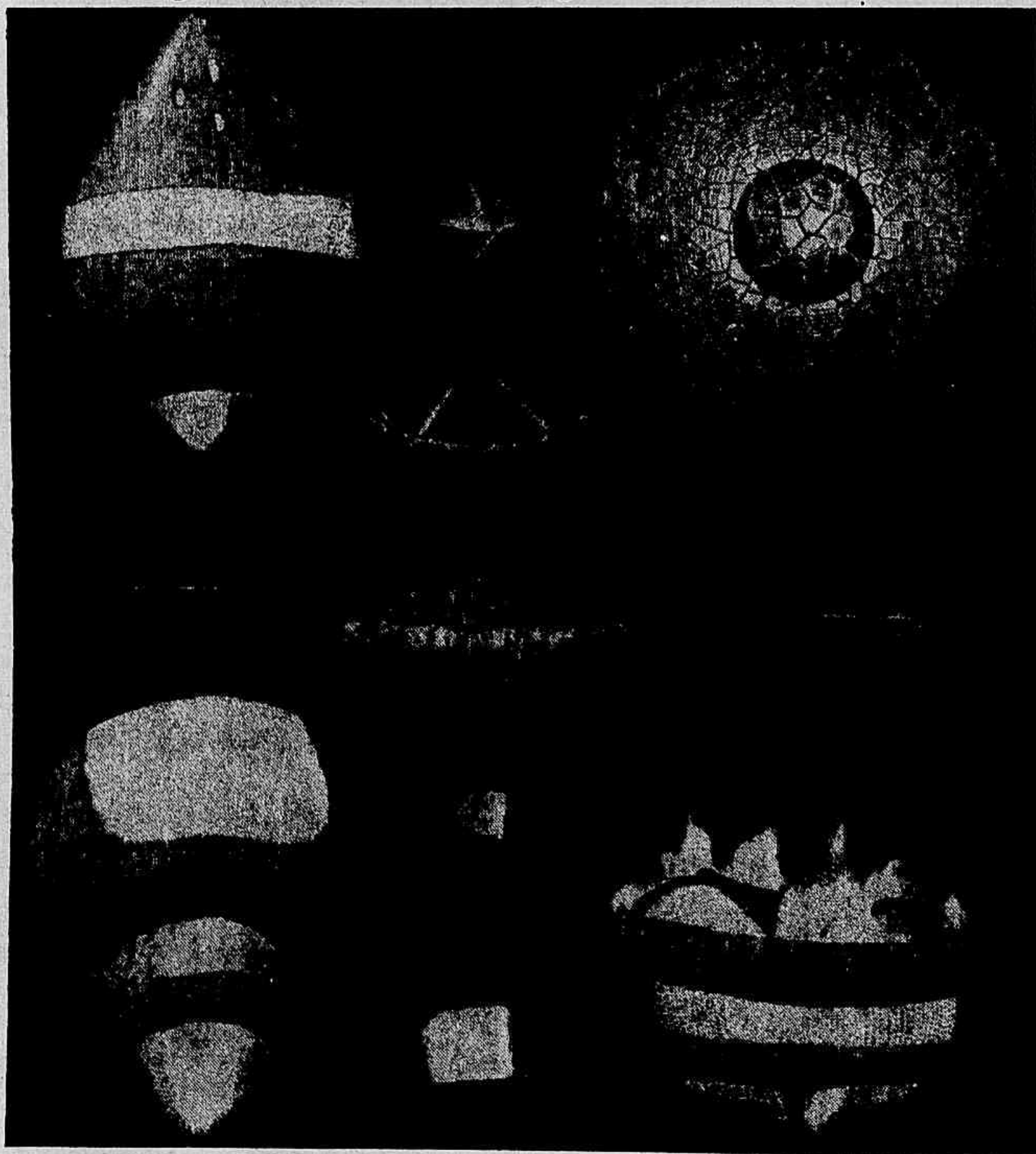
PREVISÃO DOS CICLONES E TROMBAS — Nas reflexões sobre a causa dos ventos redigidas em 1746 pelo filósofo-matemático D'Alembert, disputando o prêmio da Academia Real de Ciências de Berlim, houve uma tentativa para resolver dentro das leis matemáticas os fenômenos de deslocamento dos gases no oceano aéreo. Mais tarde queria o químico Antoine Laurent Lavoisier que a previsão do tempo obedecesse a princípios e regras calculáveis. A heterogeneidade dos fatores geofísicos e

climatológicos obsta localizar uma causa única para estabelecer as bases exatas dos acidentes atmosféricos. Em terra o vento corre com a velocidade média de dezesseis metros por segundo e no mar com a velocidade de vinte e cinco metros por segundo.

Os desvios na propagação conduzem às diversas fases na vida do ar desde a borrasca torrencial, benéfica e útil à vegetação, até a tempestade de neve e remoinhos de areias nos desertos de que nos falou com tanto interesse F. William Atkinson. Se podemos instituir o calor do sol e o movimento diurno da Terra, as duas grandes causas da circulação atmosférica, reconheceremos que a hidrografia e a orografia com os vales e as montanhas, as torrentes e massas de folhagens atuam como fatores auxiliares de cujo estudo o meteorologista não deve prescindir. As ventanias atravessam perturbações locais que mudam a linha dos seus movimentos gerais. As regiões desérticas da América, da Ásia e da África, as terras arenosas do

Texas e Novo-México, Utah e o largo Sahara, Gobi e Afeganistão, sublevam e deformam o curso dos ventos alísios, cuja regularidade tanto espantou Cristóvão Colombo.

Os vendavais avolumam-se no Atlântico depois da travessia do Equador. Os desertos interferem com o movimento cíclico do oceano aéreo. Quem não conhece a sinistra fama das tormentas no México, as colunas turbilhonantes no Golfo de Guinéu, as ventanias de Macau e os tufões de Bengala? Aquecidas enormemente pela radiação solar, os vapores dos terrenos áridos refugam os ventos alísios. As chuvas e os ciclones ocultam-se sobre uma origem complexa. Horsburg explicou os temporais que desolam a China e provocam o transbordamento dos rios na Ásia



Volumosos granizos, á gua congelada de diferentes formas, fenômeno meteorológico observado no inverno e variando de intensidade, como se sabe, desde a nevasca até a saralvada.

pela combinação simultânea das ondas de calor do deserto de Gobi e pela interferência da correnteza cálida do Oceano Índico. Douglas Mawson mediu ao sul do continente australiano e próximo da Antártida ventos de noventa quilômetros horários.

Ventanias diluvianas e trombas, nevascas e tufões, nascem do impacto de fenômenos contraditórios, acidentais uns e gerais outros.

As divergências de velocidades dos ventos soprando do oeste para este concorrem para a formação dos remoinhos. Profetizaram numerosos meteorologistas, Antoine Thomond d'Abbadie e Auguste Bravais, Charles Sainte-Claire Deville e Charles Berigny, que anunciada a presença de um ciclone em determinada latitude pode-se descrever a sua evolução ulterior. As previsões matemáticas falam algumas vezes por-

que oscila muito a heterogeneidade do ar. Composto de camadas diferentes que se reagem o oceano aéreo dispõe de uma natureza elástica complicando o prenúncio do tempo. Os ciclones do Golfo de Guinéu eclodem quase sempre do noroeste e correm até o Gulf-Stream, cuja correnteza marítima arrasta o vendaval e o leva até as Bermudas, denunciando a relação meteorológica entre a tormenta e o mar, a massa continental e o invólucro gasoso da Terra.

OS TORNADOS E SUA ENERGIA MECÂNICA — Os tornados, ciclones de pequenas dimensões, partem de um movimento giratório inicial. Uma coluna ascendente de vapores se ergue no ar e sem se desprender do solo volta em torno de um cone, cujo tamanho se avoluma à proporção da aderência de outros gases. Renovando-se e sem abandonar o movimento de rotação o tornado acaba por adquirir



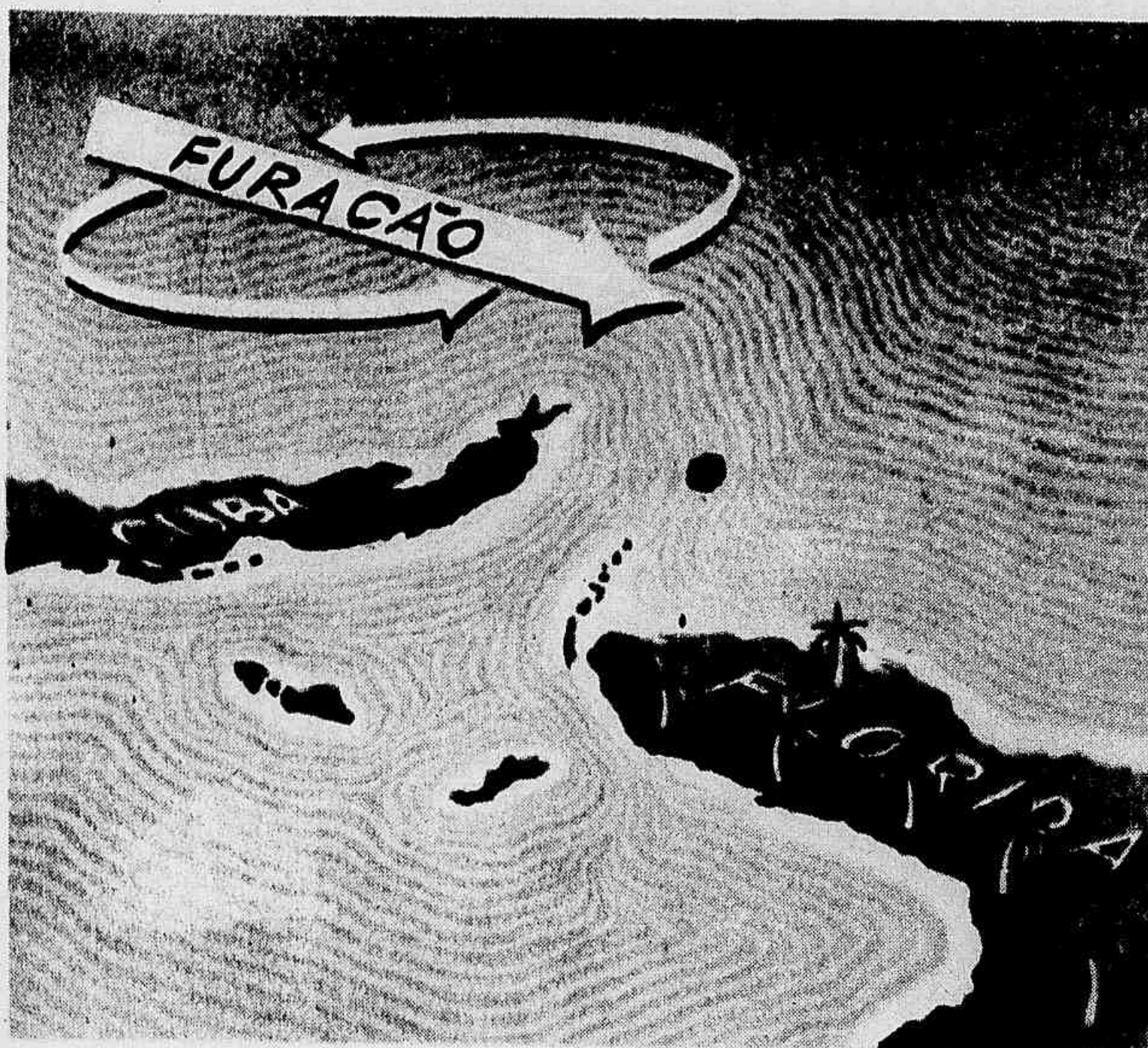
Os holandeses utilizam há séculos a energia dos ventos com pitorescos moinhos para esgotar pântanos e conquistar terra firme.

efeitos catastróficos. Em certos turbilhões sobre Brahma e as Ilhas Bermudas o vento brame com a velocidade de cinquenta quilômetros por hora. O ar corre em espiral gerando em seu centro uma espécie de vácuo cilíndrico e investe destruindo os obstáculos. Menos grandiosos e às vezes mais violentos do que os ciclones, os tornados arrancam árvores e sorvem areais, levantam pedras, matam animais e desmontam tetos das casas. Ligados ao solo produzem danos extraordinários. Dotados de grande poder de absorção conduzem materiais pesados a distâncias consideráveis. A nuvem tempestuosa que flutua e as trovoadas que reboam, os relâmpagos fosforeando por entre a chuva, imprimem ao fenômeno uma espetacularidade rara.

O astrônomo Hervé Faye refere-se a um tornado nos Estados Unidos que rachou uma casa de pedra, desarraigou outra dos

alicerces e suspendeu um homem fraturando os braços com a pressão do ar. Assim como os tornados atuam como ciclones reduzidos, as trombas circulam como tornados em miniatura. Todas essas três espécies de meteoros caracterizam-se pela forma turbilhonar dos vapores divergindo entre si pelas proporções. Algumas trombas se alongam consideravelmente e J. C. Athanase Peltier fala no fenômeno de 16

tormentosa e a terra. O fenômeno dimana somente da atmosfera e devemos atribuir a ação mecânica do ar como admitiu o meteorologista John Finley, os efeitos físicos. Encontramos nos vapores quentes que se elevam combinados com ventos contrários e adquirindo impulsos giratórios, a verdadeira origem das trombas. Nas tardes de verão a aragem sopra tranqüila e cálida, uma pequena nuvem sombria macula o azul do firmamento por entre a alvura dos cirros. Depois surge uma coluna escura e a tromba se forma com a sua inquietadora ventania.



Furacão evoluindo sobre o Mar das Antilhas e avançando na direção da Península da Flórida, numa zona fértil em ciclones periódicos. Em 1938, um desses furacões causou novecentos milhões de dólares de prejuízo e matou quinhentas pessoas!

de maio de 1806 que se distendeu de cinco a quinze metros. Com o movimento progressivo da nuvem o comprimento alcançou três quilômetros.

Por onde atravessa o cone sombrio ouvem-se ruídos análogos aos estrépitos de matraca, querendo alguns identificá-los como descargas de eletricidade. Fosforescências lampejam no cimo, enquanto a chuva inunda a trilha. A teoria elétrica enunciada por Mathurin Jacques Brisson e Athanase Peltier descreve a tromba como um meteoro no qual o cone atua como condutor de eletricidade entre a nuvem

Os habitantes de Monville, no bairro normando de Maromme, presenciaram a 19 de agosto de 1845 uma tromba que demoliu muros, abateu casas e esfacelou árvores. Por mais de quinze quilômetros o seu rugido apavorou os camponeses e operários das fábricas. No seu movimento de translação as trombas assaltam os obstáculos com incriveis velocidades.

Algumas avançam a cento e vinte e cinco metros por segundo e na sua carreira meteórica revelam com fragor a energia infinita da Natureza. O oceano aéreo reivindica para si o governo da vida biológica e

da cobertura vegetal do globo. E eis porque as versatilidades do tempo inscrevem-se entre os problemas do Ano Geofísico Internacional 1957-1958.

AS CORRENTEZAS-JATO DA ESTRATOSFERA E A ENERGIA EÓLICA DO CONTINENTE ANTÁRTICO — O público do século passado poderia satirizar as previsões do tempo, mas, com a densidade da população do globo, as largas áreas agri-

Normandia em determinadas épocas do ano. Os meteorologistas anglo-americanos previram matematicamente uma calmaria e desembarcaram as tropas da invasão da Europa com assombro do alto-comando alemão, na pausa entre as tormentas. O cérebro eletrônico vai facilitar mais previsões fantásticas e auxiliar a navegação no mar e no espaço. Em setembro de 1954, um ciclone virou o navio "Toya-Maru", com mil e trezentos passageiros, na baía de



O Ano Geofísico Internacional 1957-1958 vai concentrar milhares de cientistas de 36 nações no Pólo Sul, centro de poderosas correntes atmosféricas e dos grandes problemas da meteorologia.

colas e o rumoroso tráfego aeronáutico, a meteorologia passou a ser um fator social na civilização protegendo fortunas particulares e riquezas públicas do Estado. Os tufões continuam desafiando a navegação moderna e os volumosos transatlânticos. No curso da Segunda Guerra Mundial, três contratorpedeiros submergiram com uma tripulação de mais de setecentos e cinquenta homens no oceano Pacífico.

Ainda nessa área um ciclone quebrou o casco de aço de um cruzador escalado na Terceira Esquadra Norte-Americana. Há vinte anos os ventos flagelam o litoral da

Hakodate, ao norte do arquipélago japonês. Esse mesmo tufão pôs a pique doze navios, vinte e cinco barcos e mais trezentos e doze tipos de embarcações, matando mil e seiscentas pessoas. Em outubro de 1954, duzentas e cinquenta criaturas humanas afogaram-se sob as tormentas do Mar Negro. Um ciclone viajando milhares de quilômetros desprende energia superior a mil bombas atômicas explodidas por cada minuto de duração do ciclone. O tufão qualificado pelos meteorologistas norte-americanos de "Hazel" flagelou Haiti, São Domingos, Porto Rico, Panamá, Guatemala, Costa Rica, Cuba, Sul do México, Carolina

do Norte e Carolina do Sul, Jamaica e assolou ainda territórios de Maryland, New Jersey, Columbia, Pensylvannia, Delaware, New York, Virginia, nove estados da União Norte-Americana, mais o Canadá. Esse ciclone, cognominado de "Hazel", forjou ventos com a velocidade de cento e oitenta a duzentos e dez quilômetros horários e percorreu três mil e trezentos e noventa quilômetros, demolindo mil e quinhentas casas e deteriorou outras dez mil residências. Mais de duzentas pessoas morreram e os danos financeiros se elevam a cem milhões de dólares.

Formou-se ao Norte da América do Sul e descreveu uma trajetória fantástica que infunde espanto aos físicos atômicos. Posteriormente outro ciclone, identificado como "Connie", castigou novamente a área das Antilhas e da América Central com ventos de cento e sessenta quilômetros horários. Além do cérebro eletrônico para calcular a previsão do tempo, a meteorologia britânica inventou o radar-sonda, cujo poder de precisão alcança cento e vinte milhas, duplicando a segurança da navegação aérea e marítima. Os meteorologistas utilizam as micro-ondas do radar para localizar tempestades e amontoados de cúmulus-nimbus. A expansão aeronáutica durante a Segunda Guerra Mundial levou à descoberta da poderosa correnteza estratosférica envolvendo o globo terrestre no sentido oeste-leste, de cem a cento e oitenta quilômetros horários. Verdadeiro rio no oceano aéreo e de natureza permanente, essa correnteza sopra como jato contínuo de sete mil metros a nove mil metros de altitude, mantendo uma faixa vertical de dez quilômetros e de cerca de quinhentos quilômetros de largura. Os peritos em navegação estratosférica cogitam em aproveitar essa energia natural reduzindo o tempo de viagem dos aviões. Outros dados meteorológicos estabelecem uma largura de mil e quinhentos a dois mil quilômetros. Sua velocidade varia de duzentos a trezentos e cinquenta quilômetros. Supõem a existência de duas correntezas a jato contínuo que poderia ser utilizada para transportar bombas-atômicas do Ocidente para o Oriente. Situa-se entre doze mil e dezesseis mil metros de altitude. Interrogam se há dois rios aéreos distintos ou se

só existe uma correnteza variando a velocidade com a estação do ano.

Também pensam utilizar para fins industriais os ventos do Continente Antártico. Na Terra Adélia a ventania sopra o ano inteiro com intervalos muito curtos e essa energia eoliana poderia acionar dinamos elétricos. A instituição "Naval Ordnance Research Calculator" mandou construir um cérebro eletrônico que prevê as condições do tempo para todas as áreas geográficas de um hemisfério com antecedência de trinta a sessenta dias, o que dominará matematicamente as versatilidades da atmosfera. Os meteorologistas fornecerão os dados e equações para o cérebro eletrônico solucionar.

O satélite artificial a ser lançado durante o Ano Geofísico Internacional 1957-1958, satélite esse medindo setenta e cinco centímetros de diâmetro, conduzirá no seu bôjo instrumentos científicos para especificar a densidade da atmosfera entre três mil e duzentos metros a mil e duzentos e noveta quilômetros de altitude. Geofísicos e meteorologistas estafam-se para metodizar as leis do tempo e traspassando a previsão local das tormentas — fundar as bases da meteorologia mundial.

SÃO ÚTEIS AS AVES DE RAPINA, DIURNAS E NOTURNAS

O "Boletim da União Internacional para a Proteção da Natureza" recolheu várias observações publicadas pelo "Wisconsin Conservation Bulletin", relativas aos serviços que as aves de rapina, diurnas e noturnas, prestam à agricultura nas Américas. Uma análise do conteúdo do estômago de cinco mil gaviões, realizada pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos proporcionou indicações exatas sobre o regime alimentar destas aves, que tem a má fama de atacar quase exclusivamente os galinheiros domésticos.

Entretanto, cerca de cinquenta e cinco por cento de sua alimentação consiste de ratos. Ora, sabemos que um rato de campo necessita de dez quilos de alimentação vegetal por ano. Em cada acre de uma granja há, no mínimo, dez ratos. Um casal de ratos reproduz dezessete vezes por ano. Portanto, sem as aves de rapina anualmente três milhões de toneladas de feno seriam destruídas. Encontraram também dois camondongos e quinhentos mosquitos no estômago de uma só coruja!

A MORTE COM MEIAS DE SÊDA

Romance de **ANTHONY BERKELEY** ★ Tradução de **RENATO DE ALENCAR**

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA:

Janet, filha de um pastor do interior da Inglaterra, fôra tentar a vida em Londres, acabando por aparecer enforcada no seu apartamento, onde residia com uma colega, miss Carruthers. Rogers, repórter especializado em escrever sobre crimes, recebeu uma carta do pai da morta, pedindo que procurasse esclarecer o destino da filha. O jornalista tem escrúpulos de transmitir à família do pastor notícia tão triste, mas, por fim, resolve ir pessoalmente até lá.

Miss Carruthers, companheira de quarto de Janet, fica sabendo que a infeliz se enforcara com a própria meia de sêda, pendurando-se num gancho de porta. Sabe também que a suicida tinha as unhas cheias de tinta e pó. No dia seguinte os jornais noticiam outro suicídio, de mulher, com

a própria meia de sêda. A segunda suicida chamava-se Elsie Benham e era, segundo o jornal "artista lírica". Concluiu a notícia dizendo que a morta deixara uma carta. Mas era um simples bilhete, e dizia: "A prodigiosa morte..." E mais: "A morte e seu irmão, o sono". Isto era da "Rainha Mab" e surpreendia que uma atrizinha soubesse citar Shelley e citá-lo corretamente! A família de Janet revela que ela tinha numerosas relações masculinas, todas pessoas decentes. Ao regressar a Londres, ainda no trem, Roger lê num jornal, a notícia de um terceiro suicídio, ainda com meia de sêda! A morta era, desta vez, Ursula Graeme, filha de um figurão. Lady Ursula órfã de pai, jantara em companhia de amigos e depois fôra enforcar-se no "atelier" da pintora Macklane, que estava ausente. Os demais detalhes correspondiam aos das primeiras mortes.

— Há, certamente, em sua lista, pessoas a respeito das quais eu preciso de alguns dados — prosseguiu Roger. — Poderia dar-me algumas informações?

— Certamente, se se tratar de amigos ou pessoas de minhas relações. Lamento que você, Sheringham, não me peça coisas mais difíceis. Minhas mãos se crispam, nervosamente, com o desejo de agarrar pela garganta êsse monstro.

— Muito bem — disse Roger. — Vamos, então, começar por George Dunning. Conhece-o?

— George? Mas claro! Penso, porém, que o nome dêle nada tem que ver com o meu caso.

— Por quê?

Pleydell consultou o seu relógio.

— V. mesmo poderá julgá-lo. Vou levá-lo a sua casa sob qualquer pretexto, logo que terminarmos o almoço, e os deixarei frente a frente. George de nada desconfiará. Mas, desde já o previno, Sheringham — ajuntou o milionário, com ligeiro sorriso — de que está em rota falsa, no caso de ter suspeitado algo de George. É êle incapaz de qualquer complicação cerebral, ou seja qual fôr o nome que se lhe dê...

— Oh! — fez Roger, com indiferença.

Capítulo XI

Achando o nome de Gerald Newsome na lista dos suspeitos, não hesitou Roger em declarar, de boa-fé, que o mesmo não

podia ser culpado, pois isso não era mesmo possível; e não admitiria que sua opinião fôsse discutida. Mas, quando Pleydell, com não menos segurança, proclamou a inocência de George Dunning, porque o mesmo não podia ser suspeitado, essa maneira de julgar os outros pôs Roger em dúvida; julgou-a parcial. Assim são os homens...

Mas somos obrigados a admitir que Roger se sentiu desencorajado ao ver-se diante da pessoa de Dunning, uma hora mais tarde. Em lugar de defrontar-se com um indivíduo, marcado por taras secretas, que êle de boa-vontade imaginara, achou-se o jornalista diante de um ser cândido, simples, transparecendo inocência. A julgar pelas aparências, George Dunning jamais poderia ser um homicida. Tinha muito menos possibilidades que o próprio Roger, pois êste, pelo menos, era capaz de meter-se na pele de um criminoso, em suas criações literárias; e vagamente, em espírito, compreender os horríveis prazeres de cérebros pervertidos. George Dunning era perfeitamente incapaz de meter-se no lugar de quem quer que fôsse, para desempenhar um papel menos decente.

Em presença de Pleydell não pareceu alterar-se. Roger estava com certa curiosidade, mas esta foi de pouca duração, pois se extinguiu logo que o financista se retirou. O pretexto para a visita fôra um assunto de contribuição dos celibatários, a qual deixara de providenciar em virtude do luto por motivo da morte da noiva.

Depois de ligeiras palavras, pretextou hora marcada com o dentista e se foi, deixando Roger com o suspeito.

Dunning procurou mostrar-se delicado diante da inesperada visita, e teve a idéia de oferecer-lhe um **drink**.

— Aceita uma bebida?

— De bom grado.

Um copo de qualquer coisa serviria para prolongar a visita por uns vinte minutos.

— Um bom sujeito êsse Pleydell — observou George Dunning, ao servir uísque.

— O senhor o conhece bem?

— Sim — respondeu Roger, revestindo-se de calma, mantendo-se de costas para o fogo.

Olhou em torno às paredes da confortável sala, onde se viam diferentes troféus esportivos, um remo, varas de pesca, etc. Sentiu, desde a entrada, boa impressão daquela residência de celibatário e da personalidade do seu ocupante. Os aposentos femininos são, muitas vezes, menos personificadores.

— Horrível a morte daquela pobre Úrsula, hein? — disse Dunning, acionando o sifão. — Não terei pôsto uísque demais? Sim? Não sabemos como agir com uma pessoa que acaba de perder a noiva. É muito embaraçoso...

— Realmente. Obrigado.

Dunning ergueu seu copo em honra a Roger. Ambos beberam, entre-saudando-se e se sentaram diante do fogão.

— O senhor fez seus estudos em Rugby? — perguntou o jornalista. — Não teria, por acaso, conhecido J. B. Fotherington?

— Claro! — respondeu o outro. — Não era o grande jogador de futebol? Foi êle quem me ensinou a bater bola.

— Ahn! Conheci-o em Oxford. Morávamos na mesma casa.

Estabelecendo-se atmosfera de mútua confiança, Roger a aumentou ainda mais através de judiciosa conversação sobre assuntos esportivos, ficando Dunning sabedor de que o nosso herói havia conquistado triunfos para as cores de Oxford, no "match" anual de golfe entre as duas universidades.

— O senhor escreve livros? — continuou Dunning, como quem procura outros assuntos. — Disse-me Pleydell que eram do senhor as obras que eu havia lido.

Roger confirmou, modestamente, ser o autor de alguns romances.

— São verdadeiramente belos — disse Dunning, polidamente. — Queira esvaziar seu copo a fim de que eu o encha novamente.

Compreendeu Sheringham que estava devendo tôda essa liberalidade mais à sua qualidade de golfista do que à de escritor. Mas aceitou com muito prazer.

— Sim... — disse o jornalista, para retomar o outro rumo — almocei com Pleydell. Está muito abalado, bastante abatido mesmo.

— Não é para menos.

— Conheceu lady Úrsula? — indagou Roger, com ar de inocência.

— Assim, assim... Não era meu tipo, o senhor sabe.

— Não... — retornou Roger, que imaginava ter Dunning preferência pelo tipo "petite femme", isto é, o oposto a Úrsula, e completando o seu pensamento: — ...era moça bastante moderna, não?

— Sim, muito. Encantadora, além de tudo, mas um tanto maluca.

— Ah! — fez Roger muito gravemente. — Dessas mulheres que nos chamam de "meu bem", ao cabo de cinco minutos de conversação?

— Exatamente!

— Eu já o imaginava, apenas pelo haver lido o que deixou escrito antes de morrer.

— É verdade, especialmente quando disse: **"Minha mãe teria com isso um ataque"**. É incrível!

— Não ficou admirado ao saber do meio que ela escolheu para matar-se?

— Ah! Sim! De comêço não pude acreditar. Era isso a última loucura que Úrsula poderia cometer, na minha opinião.

Houve curto silêncio, interrompido por Roger, que estava ansioso.

— Meu Deus, agora é que me lembro! Preciso escrever uma carta urgente! É preciso que vá escrevê-la agora mesmo, lá no clube.

— Não é preciso ir lá — disse amavelmente mr. Dunning. — Escreva-a aqui mesmo, já que é tão urgente.

— O senhor é muito amável. Muito agradecido.

Dunning o conduziu ao seu "bureau" e lhe deu papel para cartas de côr branco-

creme delicado, muito diferente do papel azul-cinza no qual lady Úrsula havia traçado sua famosa mensagem. Ao alto da fôlha, o enderêço impresso de mr. Dunning. Não se podia mesmo supor que se tratasse de aprovisionamento novo e apressadamente obtido para substituir o anterior.

Roger escreveu algumas linhas e meteu a fôlha num envelope, que guardou no bôlso.

— Meu criado poderá levá-la ao correio, se o senhor quiser — propôs Dunning.

— Muito obrigado. Trata-se simplesmente de uns apontamentos para meu editor; eu mesmo passarei pelo seu escritório e deixarei o envelope lá.

Logo a seguir pensou:

“Embora sem mais esperanças, vamos à última cartada. Como diabo conduzir a conversação sobre tais assuntos, com um camarada assim tão simples?”

— Tenho lido Freud, sr. Dunning — disse, afinal. — É espantoso! Já leu suas obras?

— Santo Deus! — replicou o gentleman recuando num movimento de horror.

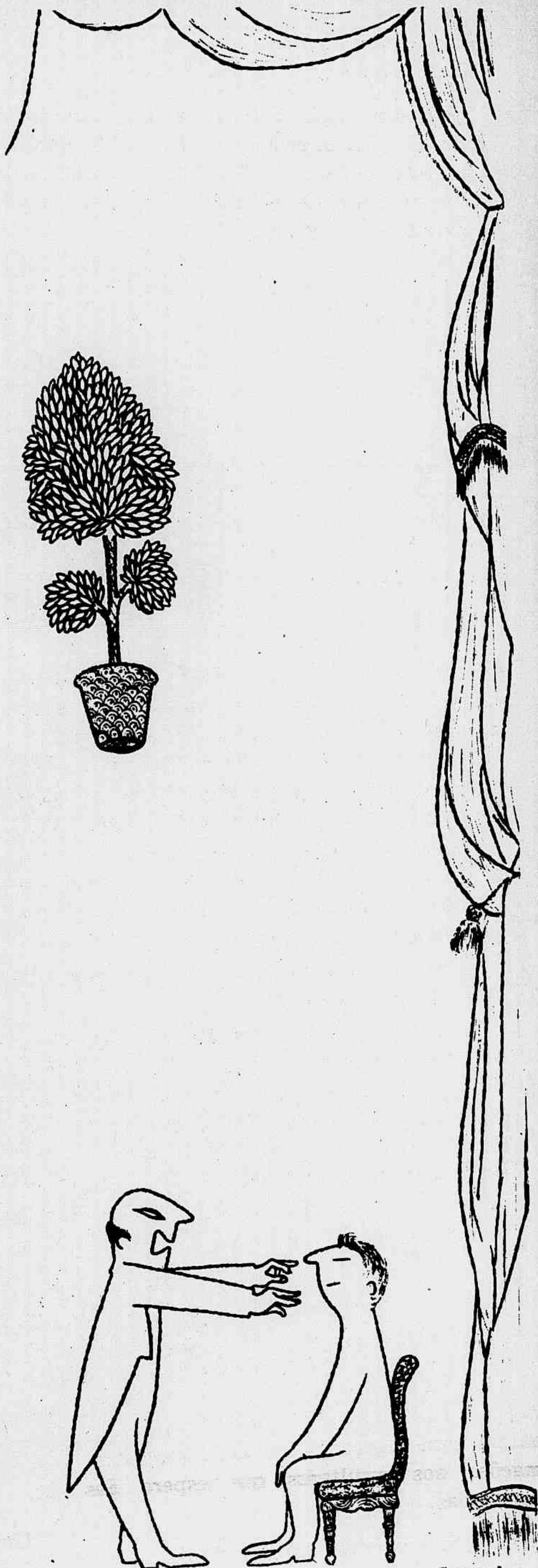
Instantes depois deixava Roger a residência de Dunning, convencido de que o celibatário faria dêle um conceito mais ou menos assim: “Sheringham?... Ah! Um bom sujeito... Distinguiu-se antigamente como jogador de gôlfe. É um tanto “cacete”. Fala-nos de Freud, de sexualismo, de um ror de tolices... Um verdadeiro tagarela.”

Mas estava certo de que também Dunning não podia ser suspeitado.

Restavam, então, o respeitável Arnold Beverly e Gerald Newsome. Ora, evidentemente, nem um, nem outro podia ser o procurado criminoso!

Chamou um táxi e mandou seguir para Scotland Yard. Moresby não estava lá. Deixou-lhe um recado pedindo que o inspetor lhe telefonasse logo que chegasse, e retirou-se para sua residência.

Sempre no mesmo dilema! Depois de uma hora de reflexão, encontrava-se no ponto de partida, no marco zero. Dunning ou Newsome, impossível; restava, então, Beverly. Mas, irra! Também êste não podia ser o culpado. Então surgia uma única e simples conclusão: **nenhum dos**



— Durma! Durma, eu o ordeno!

três teria cometido o crime. Era preciso, pois, recomeçar tudo de novo...

Moresby, que voltara à Scotland Yard, foi ver seu colega, encontrando-o completamente desolado. Por muito pouco teria exigido a prisão de todas as pessoas mencionadas nas duas listas.

— Teria sido uma mulher, Moresby? — perguntou Roger, depois de haver-lhe transmitido os inúteis resultados de sua visita a Dunning. — Não tivemos ainda a idéia de analisar esta possibilidade, não é mesmo?

— Ora essa, Sheringham! Não é preciso que você se deixe ficar assim tão... **desmoronado** porque não obteve resultados imediatos. Não vamos obter qualquer avanço interessante antes de um mês. Tais coisas são muito demoradas...

— A quem diz você!

Sem emocioná-lo, Moresby também relatou o que fizera. Havia encarregado alguns de seus subordinados de investigações em torno dos três suspeitos naquelas datas e, por seu turno, ocupara-se do papel da carta deixada por lady Úrsula. Fôra falar pessoalmente com o fabricante, solicitando-lhe uma lista de seus clientes, papeteiros e depositários; julgava de grande esperança tal providência.

— É a única indicação precisa que possuímos, Sheringham.

— Tem razão — disse Roger. — A lista verdadeiramente importante é a de Monte-Carlo. O miserável devia achar-se ali; conhecia, provavelmente, lady Úrsula; seu nome deverá estar incluído nessa lista. Mas pode ser que não figure na outra. Por que miss Manners conhecia os nomes de todos os amigos de sua irmã.

— Evidentemente. Além disso, mesmo que não figure na lista de Pleydell, nós o acharemos na de todos os ingleses que estavam em Monte-Carlo ou arredores, a 9 de fevereiro e que nos vai enviar a polícia francesa. Poderemos, assim, trabalhar com segurança aliando essas informações aos resultados que espero das papelerias.

— É, com certeza, um inglês?
Moresby começou a rir.

— Mas pelo amor de Deus, Sheringham! Não procure agravar as coisas! Pelo momento nos basta a Inglaterra!

— Está bem; mas não esqueça de que os alemães são muito especializados nesse gênero de crimes.

Os dois amigos continuaram a discutir, mas sem que nenhum deles conseguisse fazer luz sobre suas dúvidas.

— Bem — disse o inspetor erguendo — é preciso que eu volte a Scotland Yard. Não vai acompanhar-me, Sheringham? Talvez que lá saibamos de alguma coisa nova.

Roger consultou o relógio.

— Quatro horas menos dez. Sim, vou lá... Desculpe-me um instante... o telefone...

Tirou o fone do gancho e o levou ao ouvido.

— ... para você, Moresby, da Scotland Yard — disse, depois de atender.

O detetive levou o receptor ao ouvido.

— Sim... Inspetor Moresby! Sim, chefe, sou eu! Meu Deus...

Tirou um livrinho de notas e escreveu:

— ... Sim, sim. Seis, Pelham Mansions, Gray's Inn Road? Sim. O inspetor Tucker? Muito bem, chefe. E o dr. Pilkington, também? O comissário Green se ocupará do resto. Está certo. Dentro de vinte minutos eu o encontrarei lá. Levarei mr. Sheringham, se mo permite... Ele trabalha comigo em outros casos... De acordo. Em vinte minutos!

Moresby repôs o fone no gancho. Roger, que se encontrava inquieto e curioso para saber do que se tratava, logo o bombardeou com perguntas.

— Sim — disse Moresby, balançando gravemente a cabeça. — É o cúmulo da vilania. Acabam de descobrir o corpo de uma jovem, assassinada sob os mesmos métodos, em uma das casas de apartamentos de Gray's Inn Road. Sempre o mesmo sistema! Devemos ir até lá, imediatamente.

Capítulo XII

Uma jovem, em desespero e pranto, saiu aflita de uma das casas de Gray's Inn Road, e gritou para o policial de ronda, anun-

ciando que ela acabava de encontrar sua amiga de quarto enforcada, à porta do seu aposento; tudo ocorrera em sua ausência, enquanto ela saíra para o almoço...

O policial comunicou o fato, imediatamente, à Scotland Yard, e a máquina contra a delinquência começou a funcionar no mesmo instante.

Pequenina, delgada, não trajava mais do que uma camisa ligeira. Uma meia de seda

Roger penetrou na pequena sala, seguindo os passos de Moresby. Scotland Yard, representada por inspetores e detetives, lá já se encontrava.

O inspetor divisionário, debruçado sobre o divã, examinava o cadáver. Moresby se aproximou, enquanto um fotógrafo apresentava sua máquina e um perito em impressões digitais explorava tôdas as superfícies polidas que se encontravam no ambiente.

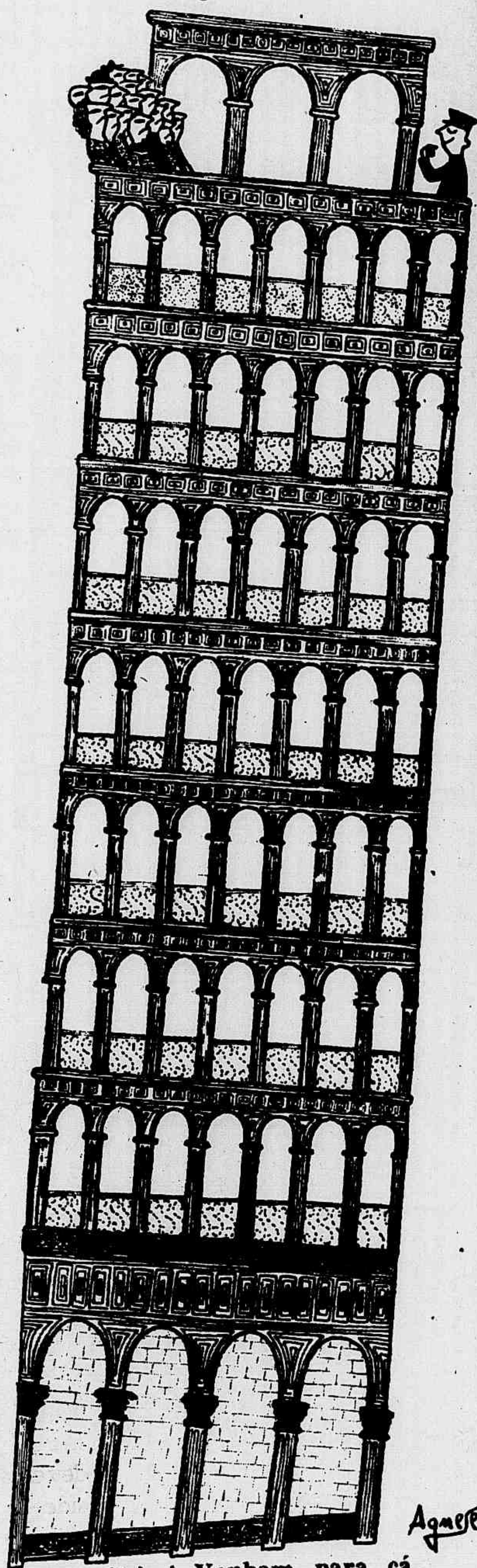
Roger não teve nenhuma dúvida quanto às circunstâncias do crime, exatamente as mesmas dos anteriores. Aquela moça morrera nas mesmas condições e sob o mesmo plano que vitimara as outras.

Um gancho fixado na porta, uma cadeira derrubada, uma meia de seda e a perna desnuda, tudo igual aos outros casos. Mas a desgraçada não vestia mais do que uma camisa, e a inevitável mensagem do "adeus", ao invés de ser manuscrita, consistia em quatro linhas de versos impressos, evidentemente recortados de um livro e fixados sobre o peito, por meio de um alfinete. Um "deshabillé" de seda côr-de-malva se achava jogado sobre uma cadeira. O crime havia sido cometido enquanto a amiga da vítima, uma jovem atriz que morava com ela, tinha saído para almoçar.

Moresby fez um sinal a Roger, para que se aproximasse do divã, e o apresentou ao inspetor divisionário.

— Veja, Sheringham — disse o inspetor-chefe.

Roger tinha visto, muitas vezes, na guerra, a morte de perto; mas aquele espetáculo, para o qual o convidaram, era espantoso, e ele fez esforços para não se sentir mal. Aquela pobre moça deveria ter sido muito linda, mas era impossível reconhecê-la naquele estado.



— Psiu! Venham para cá.

vestia uma das pernas, enquanto a outra lhe circundava o pescoço.

— Quem era? — perguntou Roger, em voz baixa.

O inspetor divisionário lhe respondeu:

— Chamava-se Dorothy Fielder, senhor. Uma pequena atriz, que interpretava ligeiro papel na peça "La Femme de son Mari", do teatro Royal. Vivia aqui em companhia de uma amiga, Zêlma Deeping, também artista do mesmo teatro.

— Ah! — fez Roger, ao mesmo tempo em que lia os versos contidos no pedacinho de papel pregado à camisa, à altura do peito da morta:

**Mais uma desgraçada
Cansada de sofrer,
Corre para a morte
Por não querer mais viver.**

— Hood — disse êle. — **Pont des Sou-pirs.** Versos mais conhecidos do público do que a **Reine Mab.**

— Aí está a vantagem da cultura, Tucker — disse Moresby, alegremente, ao inspetor divisionário. — Versos do poeta Hood, Sheringham? Tucker, olhe aí nessa pequena biblioteca; talvez que encontre um volume de seus poemas.

O fotógrafo se aproximou.

— O médico deverá chegar de um momento para outro, sr. Moresby. Devo começar meu trabalho?

— Sim, Bland. Chapas de conjunto e alguns "close-ups" do rosto e do pescoço. Mas não toque em nada!

Roger já havia notado as precauções tomadas pelos dois inspetores no decurso de seus exames; não permitiam que se tocassem na infeliz artista.

— É espantoso — murmurou Roger, enquanto o fotógrafo procedia à focalização da objetiva.

— Tem razão, sr. Sheringham. Não é muito fácil concluir que se trata de um crime. Da mesma forma pode ter sido suicídio.

— Mas êste não é nenhum suicídio — retrucou Roger, meio enervado.

— Disse-me Tucker que o comissário Green (o dêste distrito), talvez venha. Não me admirarei se também vier o diretor adjunto da Scotland Yard, o que me falou

pelo telefone. Conhece sir Paul Graham?

— Não foi nomeado recentemente.

— Sim. Um homem encantador, além de tudo. Ah! Eis que chega o médico. Desculpe-me, Sheringham. Bom-dia, doutor Pilkington. Um caso bem deplorável...

Roger se voltou e viu o inspetor Tucker a aproximar-se com um livro no qual pegava delicadamente entre o polegar e o indicador.

— Será êste o nosso poeta? — perguntou. Roger olhou o título.

— Sim. Vejamos se aquêles versos foram extraídos dêsse exemplar.

— Um momento, senhor...

Tucker fez um sinal ao perito em impressões digitais, e lhe apresenta o volume.

— Veja isto com atenção, Andrews.

Andrews obedeceu. Tomou o livro e o polvilhou com finíssima poeira cinzenta. Depois se dirigiu a Tucker, dizendo-lhe:

— Nenhuma impressão suspeita, em nenhuma parte, salvo, é claro, a marca digital das duas jovens. Teria o assassino manuseado êste livro?

— Um instante; vou responder-lhe. Pode indicar-me o poema, Sheringham?

Roger consultou o índice e abriu o tomo na página indicada.

Lá estava, em recorte recente, o local vago dos versos em questão.

— Prova isto — disse Andrews — que o nosso bandido estava de luvas! Aqui está, provavelmente, o instrumento de que se serviu.

O perito apontou pequenina tesoura de unha colocada sôbre a mesa.

— ... já a examinei. Está virgem de qualquer vestígio de impressão digital.

— Parece-me que o senhor está convencido da existência de um assassino — observou Roger. — Julguei que Scotland Yard não tinha ainda opinião firmada a êste respeito.

Andrews e Tucker sorriram, o que encabulou o nosso herói. Sentiu a impressão de ter dito uma asneira. Andrews lhe deu as necessárias explicações.

— Não há nenhuma impressão neste livro, Sheringham. Ora, a jovem morta deveria ter deixado marcas, se ela houvesse sido a autora do recorte da fôlha. Todo mundo teria feito o mesmo. Mas, apesar dêsse trabalho, a marca dos dedos não

aparece. Naturalmente que o culpado usou luvas.

O técnico se exprimia como se estivesse a dar lições a um aluno ainda no ABC.

— Eu... sim, evidentemente — disse Roger.

A porta se abriu e três novas personagens entraram na sala. Roger conhecia o comissário Green; o outro era, na certa, sir Paul Graham. Quanto ao terceiro, um inspetor, soube Roger que se tratava de um "expert" em casos de morte por estrangulamento. As atividades do misterioso louco deviam estar preocupando, seriamente, a Scotland Yard, apesar das aparências em contrário dos seus representantes.

Roger presenciou a conversação que se travou.

— Descobriu alguma coisa, Moresby? — perguntou lacônicamente o comissário, depois de ligeira olhadela ao cadáver.

— Não; faz pouco tempo que estou aqui. Disse-me Tucker que examinou por todos os cantos, antes de minha chegada; mas sem resultado!

— Vou ver com meus próprios olhos — disse o comissário.

E, sem perder um minuto, pôs-se a examinar tudo como verdadeiro detetive.

— ... E você não abriu ainda êsses pequeninos punhos? — perguntou, pouco depois.

— Não, pois esperava o médico — replicou Moresby. — Ele acaba de chegar.

Bastante curioso, Roger observou a maneira de agir do comissário. Enquanto sir Paul foi reunir-se ao médico e a Moresby, perto do divã, o jornalista acompanhou com muito interesse as pesquisas do comissário, que a tudo examinava, não perdendo uma polegada quadrada. Depois de manusear objetos da morta, fez uma inspeção minuciosa no soalho, mas sem desarumar nenhum móvel.

Ao cabo de sete ou oito minutos, deixou o trabalho, ficou de pé e, olhando para Moresby, disse, em tom calmo:

— Nada!

A êsse mesmo tempo havia o médico terminado o seu exame inicial, e procurava, com certo cuidado, abrir os punhos cerrados da pequena artista, os quais, aliás, nada continham.

— Nem mesmo o menor traço de luta — murmurou êle, examinando as unhas do cadáver. — Vejam...

Moresby resmungou qualquer coisa.

Sabia êle que as mais preciosas provas são encontradas, geralmente, nas mãos ou nas unhas, no caso da vítima se debater com o atacante. Roger também o sabia. Por isso aventurou:

— Poderia ver, doutor, se o corpo apresenta equimoses?

— Vamos examinar, embora não seja provável encontrar-se qualquer vestígio disso, uma vez que é negativo o estado das mãos. Mas... tiremos-lhe a roupa.

Tendo o comissário Green terminado as suas investigações, havia-se juntado aos seus três colegas próximos do divã. Deu ordem ao fotógrafo, ao "expert" em impressões digitais, e aos seus demais subordinados, que deixassem a sala. Roger se colocou a um lado, não encontrando muito que fazer.

O médico pôs mãos à obra.

— Em primeiro lugar, tomemos a temperatura — disse êle.

Fêz-se grande silêncio durante trinta segundos.



— Não obrigado... Somos casados.

— Pela frente nenhuma equimose, não é, doutor? — perguntou Moresby.

— Não; mas vou ver de mais perto; são alguns instantes somente. Por aqui, nada encontro. É claro que não deve ter havido nenhuma luta, realmente. Entretanto... — disse, reticente.

Dominando sua repugnância, Roger se aproximou e notou o que havia motivado aquela dúvida do médico, com um **entretanto...** Eram duas marcas na parte inferior das coxas da morta; pouco perceptíveis, arroxeadas, com a extensão de cinco ou seis polegadas cada uma.

— É estranho... — murmurou Roger. — Que pensa disso, comissário? — Essas manchas devem ser recentes, datando de pouco tempo antes da morte; do contrário estariam descoloridas.

O comissário Green parecia surpreso.

— Dir-se-ia que a chicotearam com fina chibata, ou com uma varinha — murmurou êle.

— Nada disso — respondeu o médico, enrugando as sobrancelhas. — Creio ter causado isso uma pressão contínua, aplicada durante um certo tempo, pois que, de outra forma essas marcas se apresentariam, a meu juízo, sob aspecto de pancada. Creio, além disso, que esta mulher passou uma meia hora sentada numa cadeira. A frente da cadeira poderia possuir alguma peça de metal, a qual teria pressionado as coxas.

— Mas... porque teria sido assim, Deus meu! — gemeu Moresby.

— Não me pergunte o motivo — replicou o médico. — Não estou afirmando nada; quero apenas manifestar-lhes uma opinião em busca de explicação possível.

— Liga o senhor a isso alguma importância particular, doutor? — indagou ao médico o diretor-adjunto.

— Nada... nenhuma! — respondeu vivamente o legista. — A causa do falecimento desta infeliz está muito clara: morreu por asfixia. Vejamos um pouco o termômetro.

O médico o retira e examina a coluna de graus.

— Hum!

— E a parte anterior do corpo, doutor? — pergunta Moresby, que parecia desejoso de esclarecer algo que o intrigava.

O médico revirou o corpo e lhe examinou minuciosamente a epiderme.

— Também não há uma só marca — disse por fim. — Se sir Paul quiser, farei a autópsia, embora julgue absolutamente dispensável...

— Talvez que fôsse preciso... — murmurou o diretor-adjunto. — Será que ela não entrou mesmo em luta corporal?

— Não. Não vejo o menor sinal de equimoses, mesmo nos punhos ou nos calcanares. Morreu há umas três horas; três horas; três horas e meia, no máximo. Deixou de viver à uma e vinte, ou à uma e trinta e cinco, no mais, pois são quatro e meia agora. Podemos notar a ausência de toda a rigidez cadavérica. E é só. Nada mais posso dizer-lhes. Vão mandá-la ao necrotério, não é isso?

— Doutor — disse o comissário — quer fazer o favor de revirá-la? Desejo tirar fotografias dessas manchas das coxas.

O médico obedeceu antes de ir-se embora. Roger não podia desviar o próprio olhar daquela desgraçada. E pensava consigo mesmo:

— “Uma hora antes ela vivia, enquanto eu fazia refeição com Pleydell; a uma hora e meia, durante sua agonia, eu bebia uma nova garrafa de cerveja; às duas, já estava morta, enquanto eu pagava a refeição...”

Parecia-lhe horrível o pensar, que, enquanto êle e Pleydell almoçavam tranquilamente, essa pobre moça morresse assassinada...

Capítulo XIII

A fotografia foi batida ali mesmo, e o comissário, depois de dar outras providências, voltou a reunir-se a Moresby e a Tucker.

— Como diz o nosso médico, também eu acho que essas manchas nas coxas da assassinada pouco interesse apresentam para a elucidação do fato; contudo, prefiro conservar disso uma foto. Nunca se sabe bem o que se pensa que se sabe, nem o que não se sabe...

Roger se aproximou da porta e a examinou.

(Continua no próximo número)

N O coração da Ásia, por trás dos cumes ponteados da cadeia himalaia, desenrola-se um drama. Ali, no silêncio gelado dos altos planaltos, a Ásia mística enfrenta a Ásia vermelha. Quatro milhões de tibetanos foram violentamente anexados por quatrocentos milhões de chineses. Porém, o Tibet tem uma civilização feudal, mística e milenária. Dêsse modo, se a luta pelo poder se mostrou desigual, a luta pelos corações, ao contrário, será longa e de desfecho imprevisível.

Para os tibetanos, a ação teve início exatamente no dia 17 de outubro de 1950, quando, filtrando através do duplo cinturão do Norbulingka, palácio próximo de Lhasa, onde a tradição exige que o dalai-lama passe os três meses do verão, a notícia tão temida se espalhou pela capital: a cavalaria chinesa atravessara a fronteira do Este!

Não foi essa a primeira vez que a nova terrível chegou aos ouvidos dos lhassapas. Colocado entre a China, a Índia e a Rússia, o país sempre teve que suportar invasões. Desde 1913, porém, graças a hábil política de equilíbrio do precedente dalai-lama, seu deus-rei, os tibetanos eram senhores absolutos de suas fronteiras.

E a melhor maneira de assim continuar consistia, segundo sua experiência, em entrincheirar-se, isolando-se do mundo e fechando a fronteira a todo e qualquer país vizinho. Nos últimos tempos, porém, desde que Mao Tse Tung expulsou Tchand Kai Chek e seus partidários, a ameaça chinesa

se tornou tão nítida (o Rádio-Pekim clamava em tôdas as ondas as intenções "libertadoras" da nova China), que o governo tibetano procurou um sustento junto das grandes potências. Em vão! Delegações e demarches encontraram apenas indiferença polida. A O.N.U. não podia fazer grande coisa, principal-

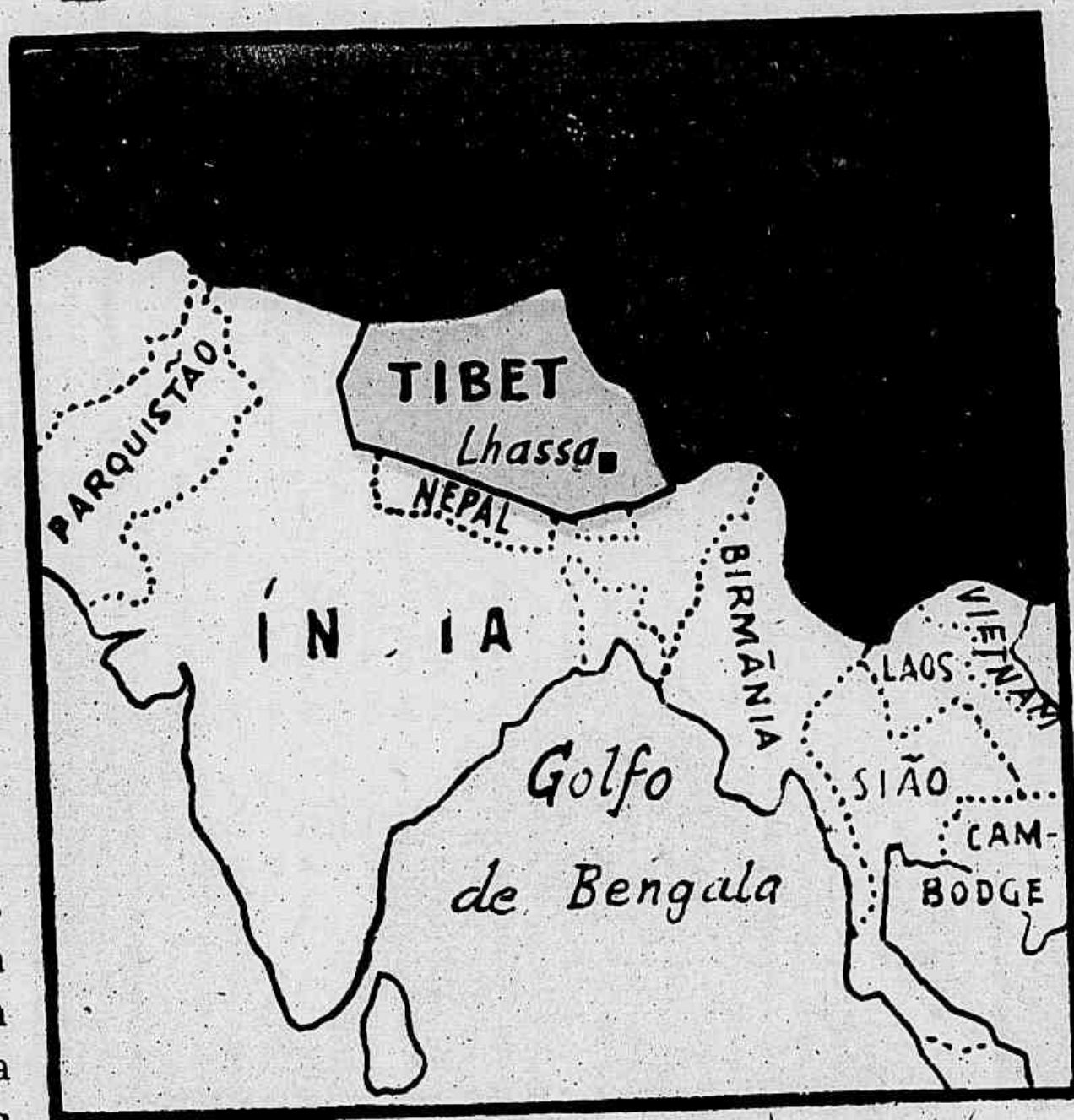
mente para um país não membro. A Inglaterra, tendo saído da Índia, mostrou-se desinteressada; a república indiana, em flêrte com Mao Tse Tung, limitou-se a representações de pura forma, que lhe valeram, de resto, insolente resposta. O Tibet ficou só; mais só que nunca!

Apesar de tudo cobertos de amuletos, ao andar arrasado dos yaks que transportaram artilharia e mantimentos, os 10.000 homens do dalai-lama foram serenamente, armados tanto de bravura quanto de cândida ignorância da guerra moderna, guarnecer a fronteira. Para muitos desses

alegres camponeses, que ignoravam sequer o sentido da palavra roda, a primeira e a última visão dos veículos motorizados foi a dos carros blindados comunistas.

Os ecos das batalhas perdidas e da invasão do Tibet oriental chegam pouco a pouco à capital. A recordação do saque da cidade pelos mercenários chineses, em 1913, não estava muito apagada. A angústia desceu sobre os 30.000 lhassapas. Ao longo do Parkhor, vasta esplanada que cerca o grande templo Tsug Lha Kang, reuniu-se e foi crescendo o povo do Tibet, até chegar a incalculável multidão: damas nobres com

O DRAMA DO TIBET



FACE A FACE, SÔBRE AS NEVES DO HIMALAIA, A ÁSIA MÍSTICA E A ÁSIA VERMELHA...

suas *toilettes* mais belas e novas, caravaneiros em busca da boa fortuna, comerciantes prósperos, to-madres tagarelas, todo êsse mundo brilhante e esfarrapado, fatalista e colorido.

Isolados, mais que nunca compenetrados da importância da sua missão, peregrinos e piedosos cidadãos executavam estranhos movimentos no solo poeirento. "Mediam com o próprio corpo" a distância que os separava do Tsug Lha Kang. Alguns dêles tinham coberto dessa forma os oito quilômetros do Linghkor, calçada que corre ao longo da muralha externa. Dos múltiplos meios que o lamaísmo búdico põe à disposição de seus fiéis para merecer uma melhor reencarnação, tinham escolhido êsse!

Nos palácios onde viviam em meio de numerosa criadagem, os nobres se inquietaram. Aquela existência dourada, inteiramente consagrada às recepções, única distração que, a bem dizer, podia lhes oferecer Lhassa, corria o risco de desaparecer, ao mesmo tempo que os seus privilégios e as copiosas rendas que tiravam de seus imensos domínios de província. No bazar, o entrecruzado de ruelas entulhadas de imundícies, que constitui o centro comercial da cidade, os próprios comerciantes, mostraram-se inquietos. Que seria das caravanas em caminho pelas províncias do Norte e da China? E já seus dedos ágeis corriam sobre as fileiras de esferas de madeira, calculando as perdas possíveis com a agilidade que só os tibetanos possuem no manejo dessas incriveis "máquinas de calcular".

Em cada lar, os moradores tardaram um pouco mais diante do altar dos deuses tutelares, onde são veneradas uma estatueta de Buda e páginas dos livros santos. A indescritível superstição, comum a todos os tibetanos, tem livre curso na evocação infinita dos presságios funestos, registrados nos últimos meses. A terra tremeu, um cometa atravessou o céu... encontraram nos livros antigos uma sinistra predição: **uma grande potência do Norte trará a guerra ao Tibet e destruirá a religião. O décimo quarto dalai será o último soberano!**

Ao mesmo tempo, por trás das muralhas sombrias do Norbulingka, os 50 membros do Tsong-du (assembleia nacional que só se reunia em casos da mais alta gravi-

dade) conferenciam juntamente com os 4 "Sha-pe" (três leigos e um religioso) que formam o kashag, ou "Conselho Ordinário".

Êsses dignatários sentados em almofadas mais ou menos altas, segundo sua posição na minuciosa hierarquia tibetana rodearam o verdadeiro senhor do Tibet, o Regente. Isto porque, se é venerado como chefe religioso e reencarnação de Buda (em seu princípio ativo, o de Cherenzi), o décimo quarto dalai não foi ainda investido dos poderes temporais só será entronizado em sua maioridade, aos dezoito anos (êste ano ainda). Se já é deus, o dalai ainda não é rei. Enquanto espera, é o Regente (o "Nobre tenente do rei") quem governa em seu nome. A todos êsses personagens restavam poucas esperanças. A esperança suprema (Lake Sucess) mais uma vez respondeu com uma declaração platônica. Não tardou que pontífices e povo compreendessem que a salvação só poderia vir dos deuses. E enquanto o oráculo do convento de Nechung (adivinho do Estado) entrava em transe, a fim de indicar aos ministros a política a seguir, o fervor popular invadiu os templos. Através das salas negras e sujas do Tsug Lha Kang, entre a fumaçada insuportável das lâmpadas onde chiava a gordura das oferendas, uma multidão extática se comprimiu a fim de tocar com a fronte os pés do grande Buda dourado.

Não obstante, o inimigo avançava sempre. O oráculo do Nechung, novamente consultado, mostrou-se formal: **o dalai-lama tinha que deixar Lhassa!** Antes de sua partida, porém, o jovem dalai seria entronizado. O regente Tagtra Guelchab Rimpoché, ancião autoritário e retrógrado, teve que ceder diante da vontade do povo e da assembleia, que exigiam a entrega de todos os poderes ao "Precioso doutor" (1)

Com sua fuga, uma aventura tem início para o jovem dalai. Partia, realmente para descobrir um mundo desconhecido: seu próprio reino. Sem essa invasão chinesa, teria dividido sua vida entre o Potala, fortaleza-palácio escura e lúgubre, e o

(1) Um dos numerosos títulos do dalai-lama. A palavra dalai, de origem mongol e que significa "oceano" (de sabedoria) só é empregada pelos tibetanos.

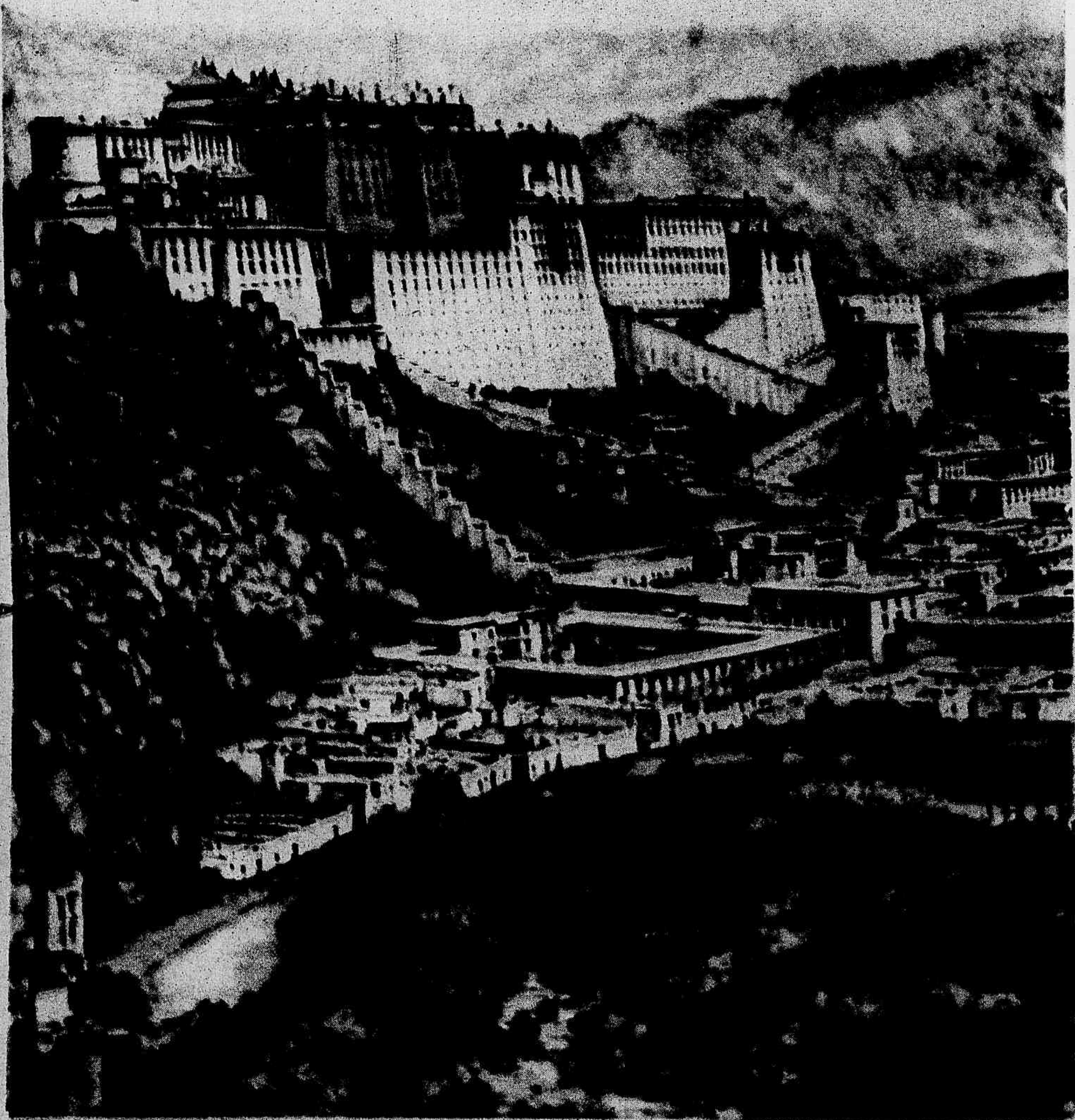
Norbulingka, um quase nada menos rebarbativo, mau grado seu jardim quase selvagem e denominado "das Pedras Preciosas". Teria tido por companheiros apenas alguns nobres altos funcionários, os priores dos "três pilares do Estado". Além de alguns, poucos, estrangeiros, recebidos diplomaticamente, dos membros da sua "casa", quase todos religiosos, apenas sua família teria acesso aos seus aparta-

mentos do Potala. Por uma noite glacial, de quase trinta graus negativos, como costumam ser as noites do longo inverno tibetano, a caravana do dalai-lama cruzou discretamente o recinto de Lhasa.

Durante dias e dias, a escolta caminhou para o sul, parando e quase se enterrando no solo, para evitar as tempestades de areia (que, durante dois meses de cada ano,

(Continua no fim da revista)

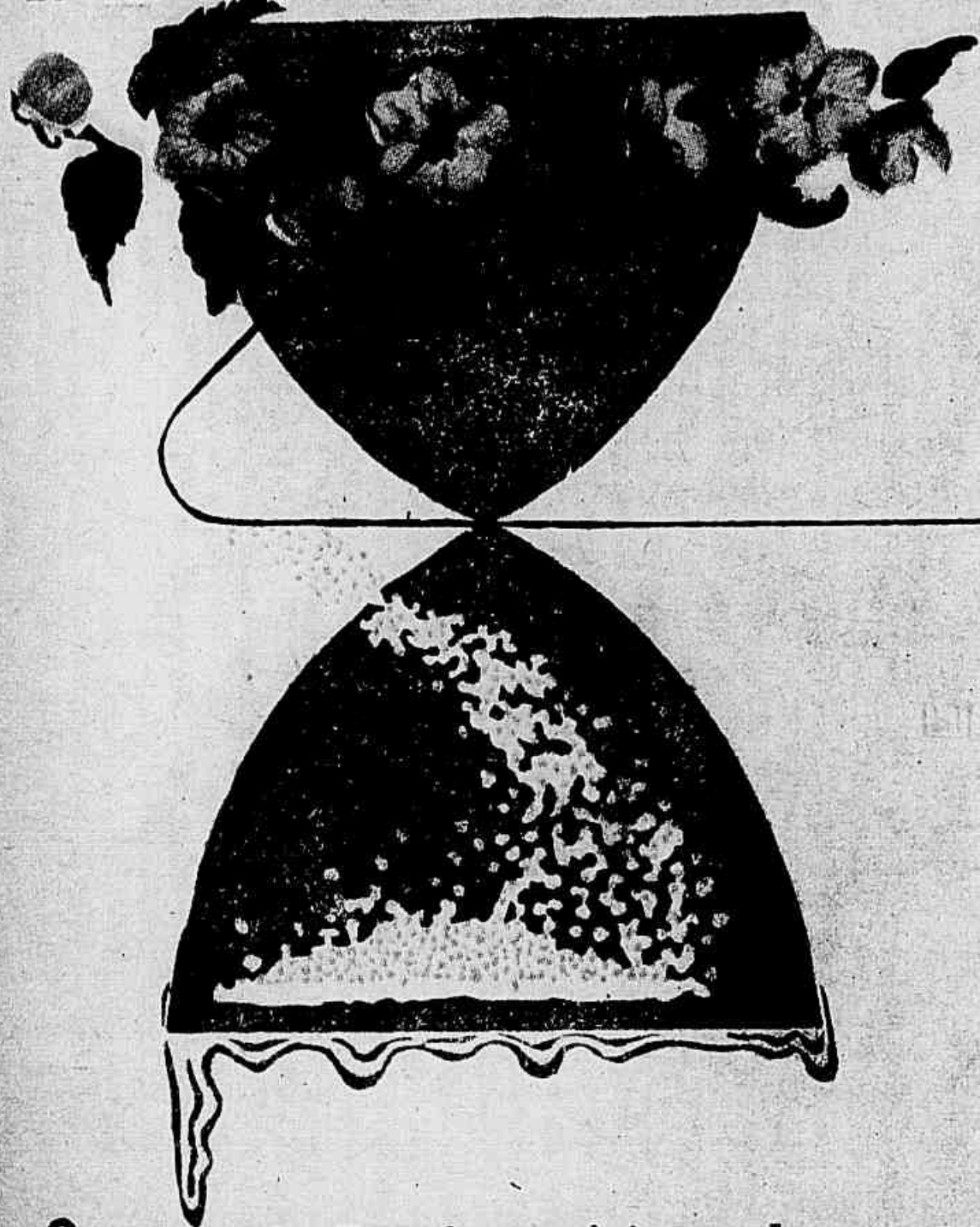




O POTALA (fortaleza, palácio e mosteiro) é um dos mais curiosos edifícios do mundo. Durante muitos séculos não pôde ser sequer avistado pelos homens brancos, com a exceção de dois ou três viajantes solitários. Hospeda o Dalai Lama, aquele que os tibetanos acreditam ser uma encarnação de Buda, o Deus Vivo, portanto, o qual sucessivamente renasce num outro corpo, o qual é procurado e apontado pelos sacerdotes. Muito alto se elevam as muralhas brancas

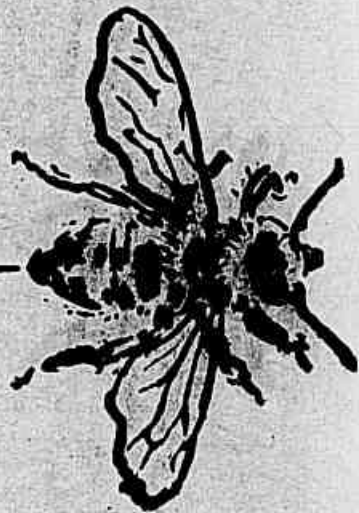


dessa velhíssima fortaleza, onde se abrem sucessivas fileiras de janelas. Dominando o colossal conjunto, destaca-se o Phodang-marpo, o palácio pintado de vermelho e onde reside o Dalai Lama, do alto de cujo terraço pende vasta cortina feita de pêlo de yak (ruminante da Ásia) significando que ali está o santo dos santos. O telhado desse palácio é dourado e brilha intensamente ao sol. A cidade santa de Lhassa, imunda e não pavimentada, não aparece na foto.



reram ao processo de congelamento — o que é iniciado logo após a colheita do pólen. Este é levado para o laboratório e armazenado numa geladeira, cuja tempe-

O PÓLEN



CONGELADO

ratura deve ser consegui-

da a 51 graus centígrados abaixo de zero, sendo, porém, mantida mediante a adição semanal de 20 quilos de gelo-sêco.

Nos testes de laboratórios, uma certa quantidade de pólen assim conservada germinou numa proporção de noventa e seis por cento após um armazenamento de doze meses!

Campos experimentais, organizados em 1950, utilizando o mesmo pomar de onde o pólen foi originariamente recolhido, em 1949, confirmaram as descobertas do laboratório.

O pólen da flor da macieira pode ser congelado, conservado em geladeira durante um ano — e utilizado por ocasião da seguinte estação na polinização artificial das florações das macieiras.

Empregando este método de ação retardada, os cultuadores norte-americanos conseguem diversas variedades de maçãs, segundo relatórios apresentados pelos drs. W. H. Griggs, George H. Vansell e J. F. Reinhardt, da Universidade da Califórnia.

Para conseguir grande quantidade de pólen colhido pelas abelhas, os cientistas da Universidade da Califórnia construíram uma espécie de **biombo** que tem a propriedade de retirar as bolotas de pólen dos pés das abelhas no momento em que as mesmas passam através do citado obstáculo em direção à colmeia.

Durante um só dia em uma única colônia, os cientistas recolheram nada menos de um quilo e meio de pólen, o que equivale a três ou quatro vezes o pólen que uma pessoa pode colher com a mão durante o trabalho de oito horas por dia.

Porém, a vida do pólen é bastante curta. Na temperatura ambiente dura apenas algumas horas. Numa estufa fria, sua resistência aumenta para duas ou três semanas.

A fim de prolongar este período, os cientistas da Universidade da Califórnia recor-

ESTADOS UNIDOS X POLÔNIA

UM polonês discutia com um norte-americano sobre a grandeza do território de cada país. O americano falou de sua terra, exaltando-a; falou das comodidades de que gozavam seus habitantes, de suas estrélas do cinema, de seus automóveis, etc., mas quando começou a discorrer sobre a imensidão do seu território, o polonês o interrompeu:

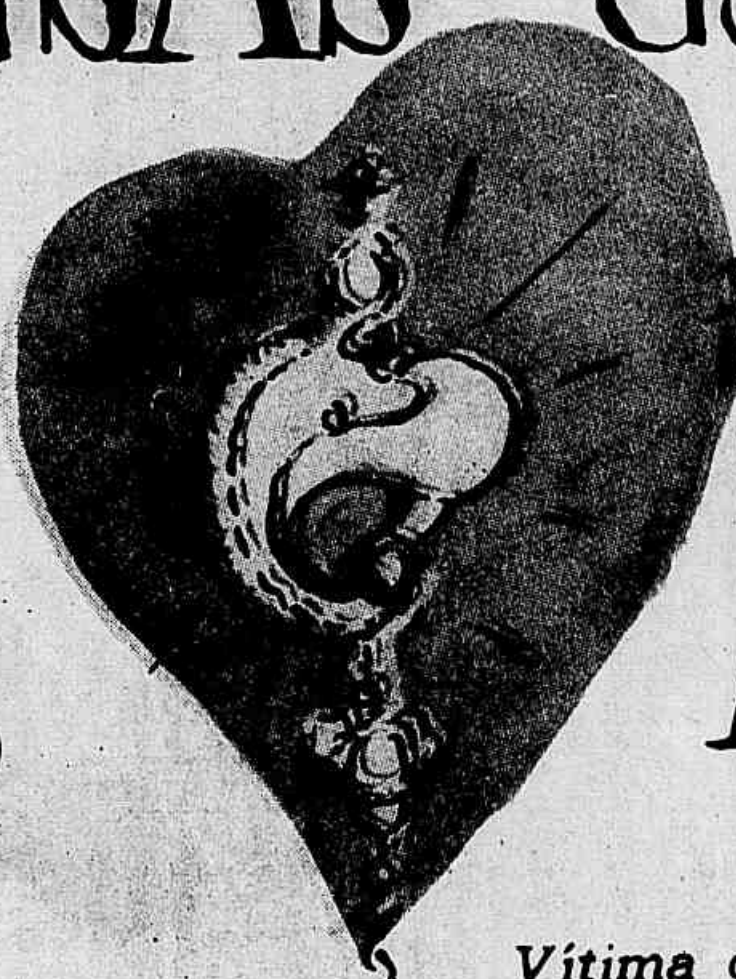
— Agora, isto não! — exclamou ele. — O maior país do mundo é a Polônia: imagine só que o território está na Polônia, o governo em Moscou e a população na Sibéria.

ERA MAIS PRÁTICO

UM dia, um dos amigos de Einstein viu que o famoso sábio chegava completamente molhado pela água da chuva. Então, perguntou-lhe a razão porque não usara o guarda-chuva, já que o trazia na mão. Ao que Einstein respondeu:

— É que cheguei à conclusão de que a minha pele seca mais rapidamente do que o meu guarda-chuva.

SURPRESAS de AMOR



Conto de TIMOTHY FULLER

NAQUELE grande dia, Steve Robins acordou com o tilintar do despertador. O sol, que já brilhava muito alto, penetrava quente e confortador pela janela do apartamento; considerando isto um bom presságio, Steve escorregou silenciosamente por um lado da cama, a fim de não despertar Gwen, e dirigiu-se à cozinha. Imediatamente acendeu o gás; depois, de dentro de uma cômoda, retirou vários pacotes que empilhou sobre a mesa da cozinha. Feito isto, preparou a bandeja do lanche, antes de entrar no banheiro, onde, sem fazer o menor ruído, barbeou-se e penteou os cabelos.

Ela ainda continuava dormindo, quando Steve chegou ao quarto levando os presentes. Espalhou cuidadosamente os embrulhos sobre a mesinha e foi buscar o lanche. Além de suco de frutas, café e torradas, levava ovos mexidos e muitas flores.

Com a bandeja nas mãos, ele permaneceu de pé durante algum tempo, próximo do leito, examinando rapidamente se tudo estava bem preparado para a surpresa que com tanta antecedência preparara. E, realmente, tudo o que havia previsto tinha dado certo. Então, no mesmo instante, começou a cantar:

— Parabéns pra você! Nesta data querida... Parabéns pra você, querida Gwen-

Vítima de traição do subconsciente, ele cometeu o terrível engano... Mas o grande amor de Gwen soube perdoá-lo...

dolyn! Muitos anos de vida!

Ao ver a bandeja e os presentes, Gwen não pôde conter sua alegria.

— Querida! — disse ele. — Sabe que dia é hoje? Oito de maio! Dia do seu aniversário!

Gwen sorriu, corando um pouco, e foi assaltada pela estranha sensação de que estava caindo através de um espaço vazio.

— Que é isso, Steve? O meu aniversário é no dia 18! — exclamou quando acordou completamente.

Fôsse um homem menos firme e teria caído de costas. Mas Steve se limitou a colocar a bandeja sobre a mesinha de cabeceira. Como poderia ele ser tão imbecil? Na verdade, havia mais de uma semana que se preparava para comemorar aquela data...

— Oh, querido! Sinto muito que você se tenha enganado...

Gwen sorria meio sem jeito. E Steve, um tanto desapontado, aproximou-se da esposa.

— Mas, como sempre digo... — conser-tou ele. — Mais vale cedo do que nunca! Calou-se e depois, curvando a cabeça, disse noutro tom:

— Entretanto, não consigo entender êste engano. Eu tinha absoluta certeza de que hoje era o seu aniversário! Qual terá sido a causa dêste engano?

— Certamente você confundiu com o aniversário de alguém... Mas não importa, querido. Celebraremos de qualquer maneira. Façamos de conta que o meu aniversário natalício é hoje. Como são maravilhosos todos esses presentes!

Gwen era a melhor, a mais bela, a mais pura, a mais honesta esposa que um homem poderia ter. Tudo isto Steve lhe dizia, enquanto ela abria os pacotes e devorava seu primeiro almoço. Não obstante, Steve ainda continuava pensando no dia oito de novembro. A data estava definitivamente gravada em sua memória como a do aniversário de um ser muito amado. Procurou justificar o engano revendo a lista de aniversários de todos os seus parentes. Porém, nenhum havia nascido naquele dia. Sua tia Martha nascera no dia oito de março; mas não podia ser esta a causa, porquanto Steve não tinha uma afeição particular por aquela irmã de sua mãe.

Entrou no elevador inteiramente absorto pela idéia de descobrir a causa do seu malôgro. De repente, alguma coisa iluminou o seu espírito; descobrira, afinal, que o dia oito de novembro era o do aniversário de Rhoda Bernay. A alta, morena e bela Rhoda Bernay, com a qual, até poucos meses antes estivera comprometido.

— Há alguma coisa errada? — perguntou Harry Wills no momento em que Steve entrou no escritório. — Você está com o aspecto de quem teve uma grande decepção. Venha sentar aqui ao meu lado e diga-me qual é a dificuldade — concluiu, com zombaria.

Steve contou toda a história ao seu sócio.

— Mas, afinal, qual é o problema? — perguntou Wills, esfregando as mãos uma na outra. — Você não pode falar a respeito de Rhoda com sua esposa.

— Não se trata disto — explicou Steve. — Rhoda e Gwen moravam no mesmo apartamento. Conheci Gwen através de Rhoda. No ano passado, no dia de hoje, dei de presente a Rhoda, pela passagem do seu aniversário, um vidro de perfume, um bracelete e um periquito raro. Houve uma festa e tanto... E Gwen foi quem preparou os bolos. Receio que com o tempo Gwen venha a se lembrar do fato. E é mesmo provável que isto já tenha acontecido!

— Ah!... — disse Wills, com ar de tragédia. — Agora começo a entender a história. E a verdade é que o seu subconsciente não tinha a menor intenção de dar presente a **sua esposa**! Coitada dela! Trata-se de um fenômeno de caráter psicológico. O homem jamais pode deixar de ser o que é na realidade. E você tem encontrado esta tal de Rhoda?

— Não — disse Steve ressentido. — Ela casou e mudou-se para a Califórnia.

Moveu a cabeça, com ar de desânimo, e acrescentou, num tom magoado:

— Adoro a minha esposa...

— Neste caso o problema é mais sério do que parece.

Wills se levantou e começou a andar de um lado para outro.

— Robbins — prosseguiu, com ar doutoral — você tem apenas alguns meses de casado e, por isso mesmo, não pode conhecer as verdades básicas a respeito do casamento. Sente-se claramente que, por enquanto, você se acha empenhado numa **guerra-fria** com sua esposa.

— Meu casamento não é como você está pensando! — protestou Steve. — Eu e Gwen sempre temos sido absolutamente honestos e naturais um com o outro.

— Tolice... — atalhou Willis, com severidade. — Não há casamento que seja honesto e natural. Um bom casamento, do mesmo modo que a guerra, só pode ser feito por profissionais. Primeiramente consideremos a reação de sua esposa com relação a este caso. O fato de Rhoda estar casada e morar distante deixa de constituir uma ameaça. As esposas só temem **os atos concretos**: o que passa pela cabeça do marido sob a forma de **traição subjetiva** não lhes afeta. Gwen está com o amor próprio ligeiramente ferido; nada mais! Quando ela pensa no assunto, considera o crime de você como uma coisa sem importância e o receberá, à noite, de braços abertos.

— Harry; você pensa **realmente** dessa maneira? Neste caso, nada tenho a temer.

— Certamente — disse Wills. — Não percebe a posição em que você se colocou?

Ele dera muitos e bons presentes a Rhoda, neste mesmo dia, um ano atrás.



Daqui por diante toda vez que a palavra "aniversário" for mencionada, vocês recordarão Rhoda como uma pessoa maravilhosa.

— Mas a verdade é que estando ao lado de Gwen, não penso em Rhoda.

— Ah! Isto é coisa em que não acredito! Você ainda pensa em Rhoda...

— Não! Nem me passa pela mente que eu tenha estado apaixonado pela mesma. Contudo Rhoda era muito bonita...

— O fato é que há um ano — lembrou Wills — você ofereceu-lhe belíssimos presentes. Não importa se você ainda gosta dela ou não. O problema atual é convencer a Gwen de que ainda se lembra da outra.

— Não faço isto, Harry. Penso...

— O importante é salvar a sua pele. Gwen casou com você. Mas acontece que você não tem dinheiro e não pode guardar as aparências durante muito tempo; e ela deve amá-lo. E deverá lutar até à morte para prendê-lo. Então, demonstre que gostaria de ter casado com Rhoda, e você será o único homem a morar no coração de sua esposa.

— Não farei isto. Na verdade, eu e Gwen...

— Acho que pode, sim. É muito simples. Apenas você não deve permitir que ela encare esse fato como uma coisa sem importância. Fale seriamente a respeito da alta significação dos atos subconscientes, e deixe que a imaginação dela se encarregará do resto.

— Não é justo, Harry! Gwen poderia ficar preocupada.

— Mas você deve preocupá-la um pouco. Aliás, todas as esposas devem andar preocupadas.

Wills colocou a mão sobre o ombro de Steve, e continuou, agora em tom paternal:

— Meu caro; já casei três vezes, e acabei compreendendo que só existem duas espécies de maridos: os honestos e os felizes! Escolha em qual dessas duas está você enquadrado.

Durante o resto do dia Steve lutou com a própria consciência. De um lado estava o sábio e diabólico esquema de Wills e do outro o seu ideal do casamento perfeito. Na realidade, durante os primeiros meses sua união com Gwen havia sido perfeita, mas era provável que tal situação não perdurasse muito. Pensou na maneira fácil e mesmo maravilhosa como Gwen aceitara o seu imperdoável engano. Seria que Gwen tinha agido com absoluta espontaneidade e honestidade? Poderia uma esposa perdoar ao marido por não saber o dia exato do seu aniversário?

Finalmente, resolveu que as coisas deveriam correr por si mesmas. Se, como havia predito Wills, ela o recebesse de braços abertos e falasse qualquer coisa a respeito de Rhoda, ele então desempenharia o seu papel com dramaticidade. É certo que, neste caso, os dois se empenhariam numa guerra-de-nervos; porém, de maneira alguma seria ele o primeiro a começar.

O beijo com que ela o recebeu, nem foi caloroso nem frio. Havia velas ornamentais em cima da mesa e drinks preparados sobre o móvel da televisão; todas as coisas se achavam dispostas como se realmente fôsse um dia de aniversário. Gwen, como sempre, estava bela e alegre, sem aparentar o menor indício de preocupação.

— Querido — começou ela — você está com ar tão estranho. Houve alguma coisa?

— Feliz aniversário, querida Gwendolyn — disse ele

— Não me interessa — respondeu ela, friamente



— Estive pensando a respeito do oito de novembro — respondeu Steve.

— Eu também... — admitiu ela.

— É o aniversário de Rhoda — disse êle, incisivamente.

— Isso mesmo. E foi isto que provocou o seu engano, querido.

— Você não ficou aborrecida por isto? — perguntou, ansioso.

Gwen se instalou no sofá, ao lado dêle.

— Por que iria eu ficar aborrecida, querido? Isto não passa de uma manifestação do seu subconsciente!

Steve empalideceu e abriu a boca, como se lhe faltasse o ar.

— O aniversário de Rhoda é para nós a mais importante de todas as datas — continuou Gwen na maior calma dêste mundo. — Significa... o começo do nosso amor! É verdade que você e ela se davam muito bem, mas quando trocamos aquê

olhar por cima do bôlo que eu fiz, percebi, então que tudo estava decidido. Você seria meu!

Steve estremeceu violentamente. Foi, antes, uma contração involuntária do que mesmo um espasmo que o fez largar a bandeja que tinha na mão. Não se recordava de haver trocado olhares significativos com Gwen naquela noite. Na realidade, êle olhara somente para Rhoda. É verdade que, semanas antes, pensara em Gwen, mas apenas como uma moça simpática e de belo rosto.

— Você se recorda disto perfeitamente, não é verdade, querido?

Era um momento decisivo. Era um momento no qual um homem que não possuísse firmeza teria falhado.

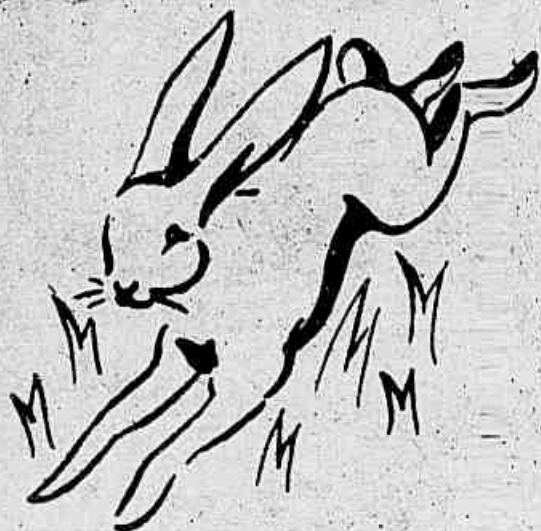
— Como poderia eu esquecer um momento como êsse, querida? — respondeu Steve, com o máximo de honestidade que um homem perfeitamente casado pode ter.

A CIÊNCIA AO ALCANCE DE TODOS



DE acôrdo com M. J. Louveaux, da Estação de Pesquisas Apícolas de Bures, França, observa-se entre as diferentes colmeias de um mesmo colmeal, consideráveis variações na natureza do pólen recolhido. Certas colônias exploram inextensivamente uma única flor, enquanto que, ao mesmo tempo, a colmeia vizinha realiza uma tarefa verdadeiramente eclética. Muitas vèzes, uma fonte de pólen é visitada apenas por uma colônia e desprezada por todas as outras. Finalmente, cada colmeia descobre a floração de uma planta em dias diferentes. Como explicar essas diferenças de comportamento? Pode-se invocar a existência de um **setor de colheita** apropriado à várias colmeias, mas parece, também, que cada uma delas tem um "gosto" peculiar, que determina sua escolha.

EM seguida aos americanos, que estudaram a ação dos Vírus da Poliomielite e da Encefalomielite sobre a evolução dos tumores cancerosos, seis biólogos japoneses acabam de realizar experiência idêntica com o vírus da febre do "Reft Valley". "In Vitro", o vírus desorganiza o sarcoma dos ratos, e sua toxina neurotrópica, não patogênica, inoculada no mesmo animal, provoca, igualmente, a destruição dos tumores.



TENDO sido registrados vários casos de mixomatose em lebres, os cientistas M. A. Jacotot, A. Vallée e B. Vivat resolveram estudar a receptividade dêsse micróbio no Vírus de Sanarelli — é êste o nome específico do agente da doença. Suas experiências demonstraram que as lebres, nas quais se inocula o vírus, reagem mediante a produção de anticorpos específicos, única manifestação da sua sensibilidade. Contudo, a descoberta de alguns indivíduos doentes, dá margem à suposições de que certas lebres são profundamente vulneráveis; mas são êsses casos excepcionais que reproduzem o inverso do que se observa nos coelhos: 1 por cento dos "Oryctolagus" são parcialmente refratários enquanto todos os outros sucumbem. Experiências da mesma natureza serão levadas a efeito em coelhos do gênero "Sylvilagus", importados da América do Norte.

A última "explosão nuclear record", ocorrida na U.R.S.S., há meses, foi acompanhada dos termos: "A nuvem radioativa russa deu volta a terra... mas os sábios afirmam que não há perigo... imediato!"

Ora, é claro, todos nós desejamos acreditar piamente no que dizem esses sábios. Entretanto, a opinião se exalta com boa razão, quando sabe, por exemplo, que em Paris a radioatividade ambiente aumentou na proporção de 1 para 7 (embora, depois, tenha tendido a voltar ao normal); que no Japão a radioatividade revelada pelas sondas foi "a mais forte jamais registrada" (e os japoneses são bons conhecedores, pois que experimentaram cruelmente os seus efeitos!); e que, em Londres, as análises de amostras de poeira, colhidas pelos aviões a grandes altitudes, revelaram uma porcentagem fora do comum (embora

os meios oficiais teimem em desmentir a notícia). Mas, em certos canais oficiosos, reconhecem a veracidade das notícias, afirmando, porém, que, "de qualquer maneira, as dosagens encontradas estavam muito

aquém da dose perigosa" e que "as experiências atômicas não são os únicos fenômenos suscetíveis de provar um aumento de partículas radioativas em suspensão no mar."

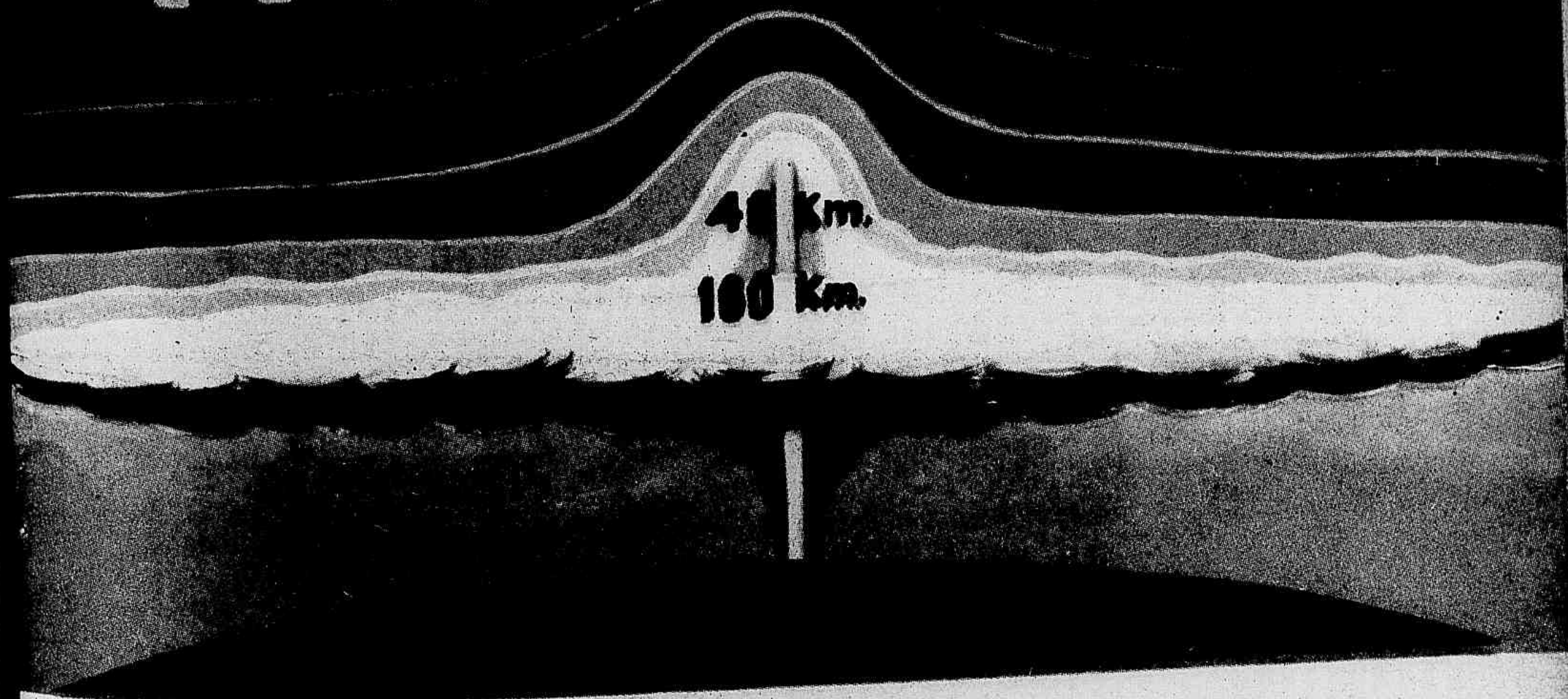
O verdadeiro, entretanto, é que vivemos sob a ameaça de bombas "500 vezes mais poderosas do que o petardo lançado sobre Hiroshima" e isso, convenhamos, mesmo para os

indivíduos mais otimistas, não deixa de constituir motivo para pesadelos.

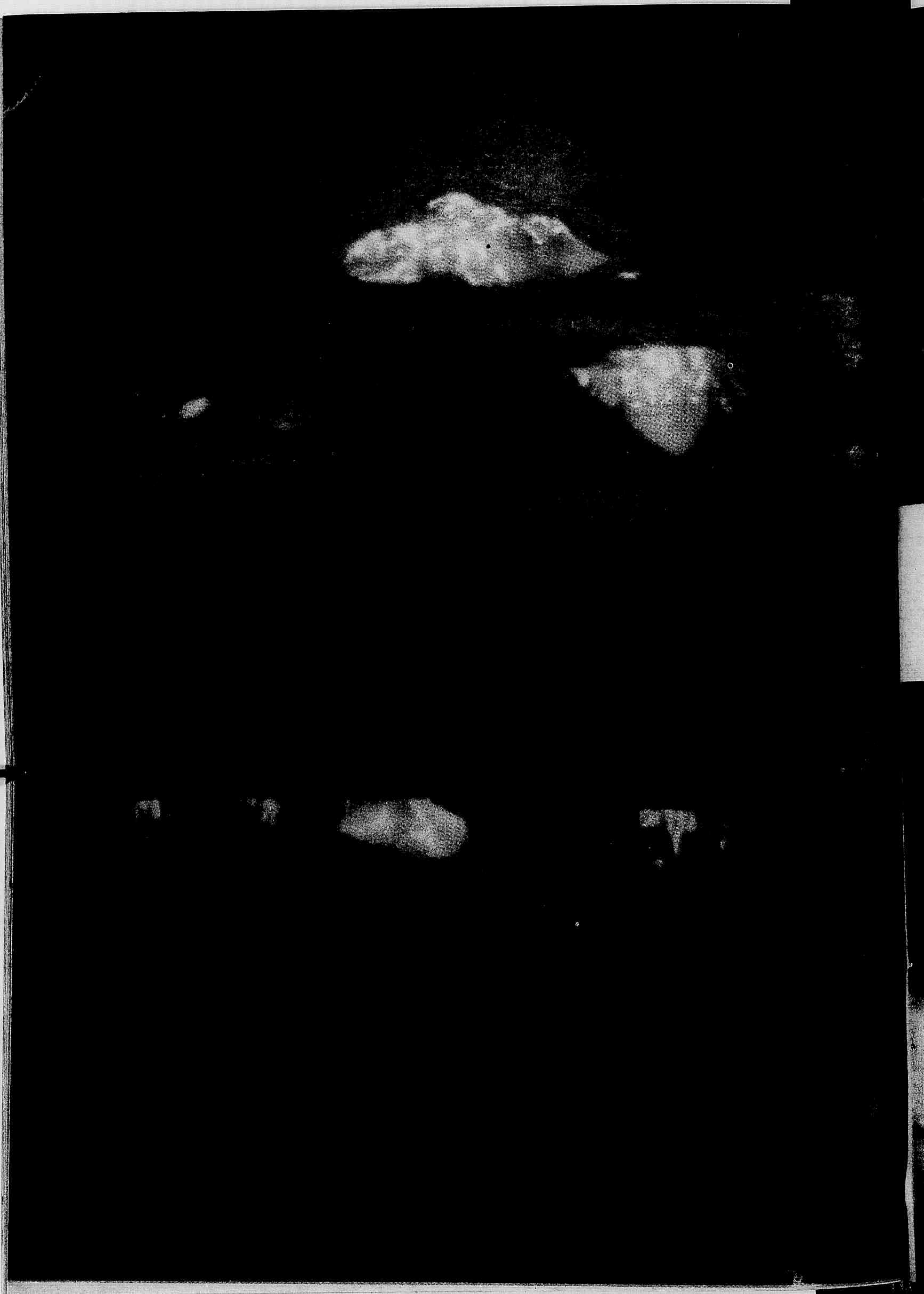
Mas... Viva Deus! Parece, sim, que os cientistas começam a trabalhar febrilmente com a finalidade de dissipar esse pesadelo... e, muito naturalmente, é, no país

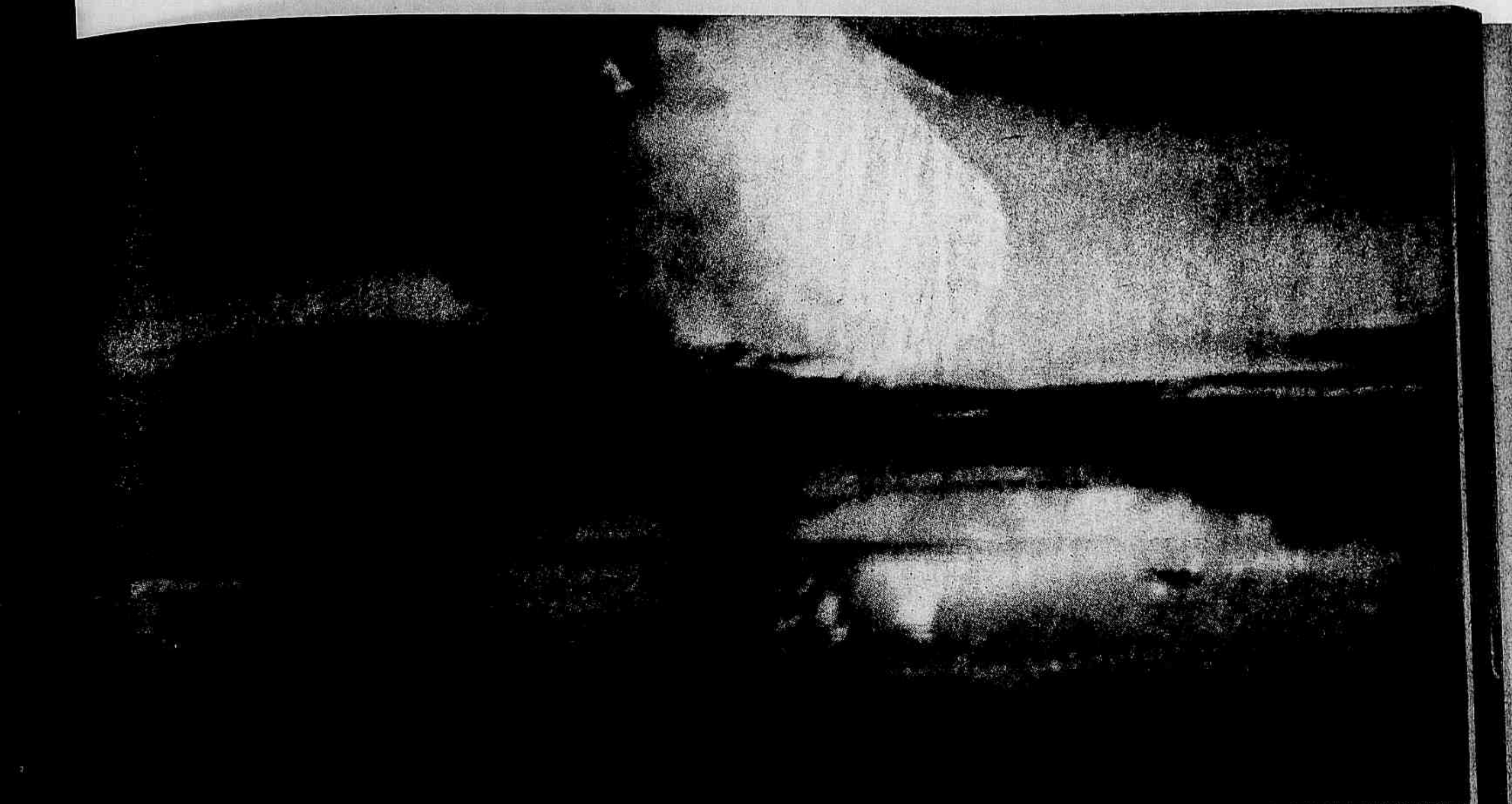
FIM DO PESADELO ATÔMICO ?

ESTRATOSFERA



No instante de sua altura máxima, isto é, 10 minutos depois da "hora" zero, a ponta da nuvem radioativa atingia 40 quilômetros de altura, penetrando assim muito profundamente na estratosfera, que começa nas proximidades dos 10 k. No instante de sua extensão máxima, o cogumelo da bomba do Atoll estava formado a uma altura de 16 k, e a nuvem se estendia sobre 160 k.





HAVERÁ ESPETÁCULO MAIS GRANDIOSO DO QUE ESTE? — Desde a época em que o filho de Titã roubou o fogo do céu, segundo a lenda antiga, a imaginação humana nada poderá conceber de comparável. Infelizmente, se foi numa desesperada tentativa para dar vida a sua estatua de argila que Prometeu se apoderou do fogo celeste, os gênios modernos correm o risco muito forte de utilizar o fogo que conquistaram para que o homem retorne ao pó da terra... As três fotografias aqui estampadas apresentam as três fases mais características da explosão nuclear, e reproduzem, em cores estritamente naturais, a alucinante magia dos aprendizes feiticeiros.



onde foi construída a primeira bomba atômica, os Estados Unidos, onde mais se esforçam nesse sentido. E nesse país, também, onde os técnicos estão mais próximos da meta.

Vamos ver como a coisa vai sendo feita:

Em Handford, na extremidade noroeste dos Estados Unidos, levanta-se uma célebre usina atômica, cujas pilhas fornecem mais de um milhão de kilowatts. As águas do rio Columbia, que servem para refrescar tais pilhas, correm quentes e radioativas; assim, a constante preocupação das autoridades tem sido sempre a de livrar as populações do baixo vale do Columbia, de uma "peste radioativa" total.

25 000 SALMÕES CONTROLAM

Com essa finalidade, a água "suspeita", que sai dos compartimentos onde se encontram os reatores nucleares é conduzida para lagos artificiais, onde repousa até o desaparecimento espontâneo da radioatividade. O controle é exercido... pelos salmões, animais muito sensíveis aos efeitos radioativos. Mais de 25.000 salmões são criados especialmente para esse fim e lançados anualmente nesses lagos; boa parte desses peixes aproveita a oportunidade para recuperar a liberdade; outros são de novo pescados e assim é possível, procedendo-se a autópsia dos mesmos, verificar se houve um acúmulo radiante no seu corpo.

A poluição radioativa do planeta, tanto pelas usinas quanto pelas bombas atômicas, continua sendo uma das preocupações maiores dos diferentes governos.

Por enquanto — segundo os relatórios — os salmões do Columbia são tão pouco radioativos que um indivíduo precisaria de comer 45 quilos, numa só refeição (!) para absorver uma quantidade mensurável de matéria radioativa.

Mas não é bastante "testar" apenas os salmões; é necessário, igualmente, conseguir animais "aéreos" a fim de nêles estudar os efeitos da radioatividade. Os gases que escapam da usina atômica podem

conter ainda mínimas quantidades de iôdo radioativo, que é absorvido pelas plantas. Estas são comidas, por sua vez, pelos animais domésticos, de tal forma que as carnes destinadas ao consumo das populações passam a ser suspeitas.

A fim de controlar esse novo perigo, Handford possui um rebanho de 200 carneiros, alimentados com forragem contendo quantidades variáveis de iôdo radioativo. E, segundo parece, ficou provado que, mesmo em doses bastante elevadas, a ação sobre os carneiros continua sendo muito fraca — o que nos tranqüiliza bastante.

DISPERSAR AS POPULAÇÕES

Isto não significa que a formação dos carneiros em rebanhos numerosos seja menos vulnerável. Por isso mesmo os Estados Unidos organizaram um "plano de dispersão" dos estabelecimentos industriais, tendendo a menos expôr, cada um deles, ao perigo atômico. O governo federal fornece as diretivas, assim como uma ajuda técnica, além de vantagens materiais.

As novas usinas não devem ser construídas a menos de 16 quilômetros dos centros fortemente populosos: essa distância pode, todavia, ser reduzida nos casos em que o terreno acidentado oferecer a proteção natural, "como uma muralha". Pensam também os técnicos em construir cidades por trás da proteção das colinas. Leva-se em conta igualmente que o inimigo bombardeará as usinas situadas além das colinas e não as populações, como no caso de Hiroshima.

As novas usinas deverão ser construídas, também, a 18 quilômetros pelo menos dos objetivos militares sem estar próximas umas das outras, a fim de não oferecer um alvo concentrado ao inimigo. A cidade de Seattle, por exemplo, organizou um "grupo de operações", composto de industriais, sindicalistas e experts, para realizar na região uma dispersão em grande escala.

APENAS DOIS SEGUNDOS E OS LEITORES ESTARÃO SALVOS !

Foi promovida, recentemente, sob a égide da N.A.T.O., no Palácio Chaillot, de Paris,

(mas infelizmente para os especialistas apenas, dela sendo excluídos os jornalistas), uma exposição relativa aos mais recentes métodos de defesa coletiva e pessoal, contra os efeitos da bomba atômica.

Apesar de tudo a Imprensa sempre pôde

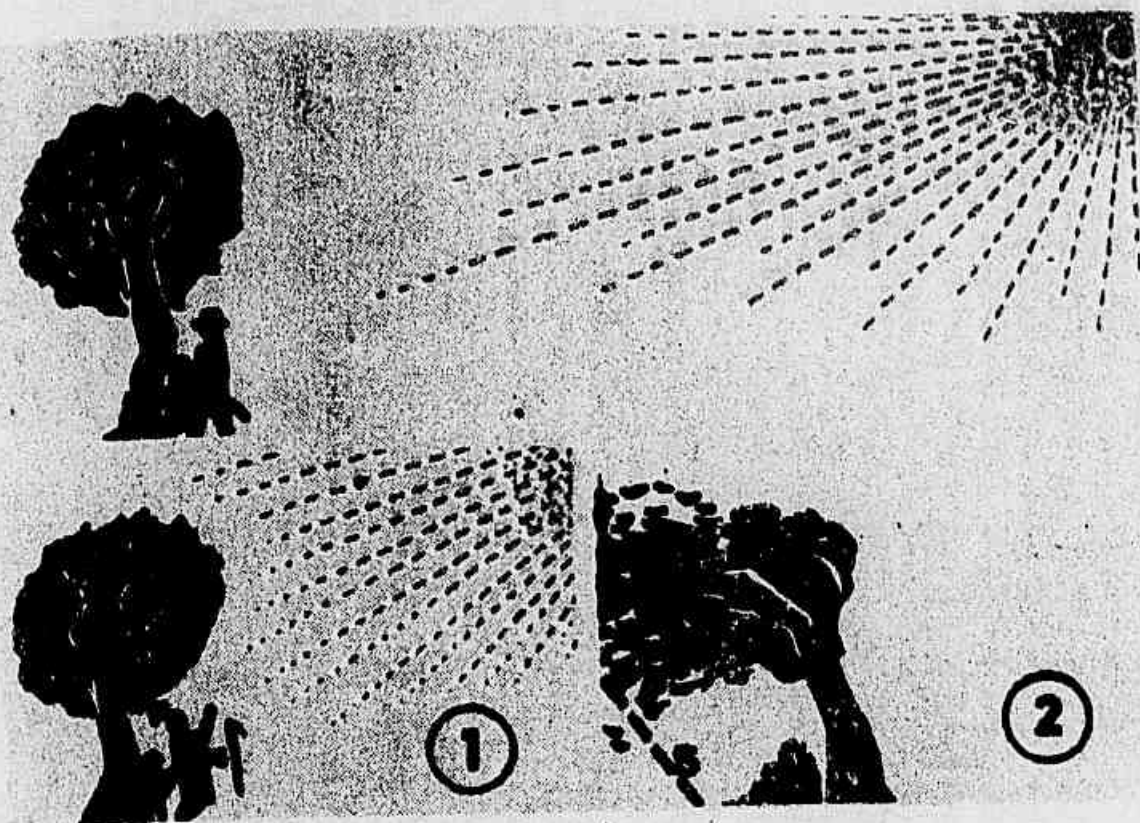
colher informações as mais amplas e seguras. Assim, por exemplo, é bom que todos saibam, desde logo, que — contrariando a opinião corrente, a **proteção individual** é, relativamente mais fácil em caso de bombardeio atômico que no caso de "bombardeio clássico".

Vamos ver o que diz a famosa "Circular 35", destinada aos agentes da Proteção e às populações civis:

"Os efeitos mecânicos de uma explosão atômica se manifestam com uma **lentidão** maior que por ocasião de um bombardeio ordinário, o que dá a um indivíduo dotado de reflexos normais, a possibilidade de abrigar-se, em numerosos casos. A vida ou a morte do indivíduo dependem do seu comportamento durante os dois primeiros segundos."

Mas... Como reconhecer uma explosão atômica? Pelo **brilho** formidável, mais intenso que o do sol. Não convém olhar para essa luz terrivelmente violenta, mas, ao contrário, voltar-lhe as costas; se não, houver senão um passo ou dois a fazer, deve lançar-se, segundo os casos, **atrás** de uma porta ou sob um móvel. Em último recurso, atirar-se ao chão, todo encolhido, tendo o rosto, o pescoço e as mãos escondidas sob a roupa; essa posição de segurança deve ser conservada durante dez segundos pelo menos.

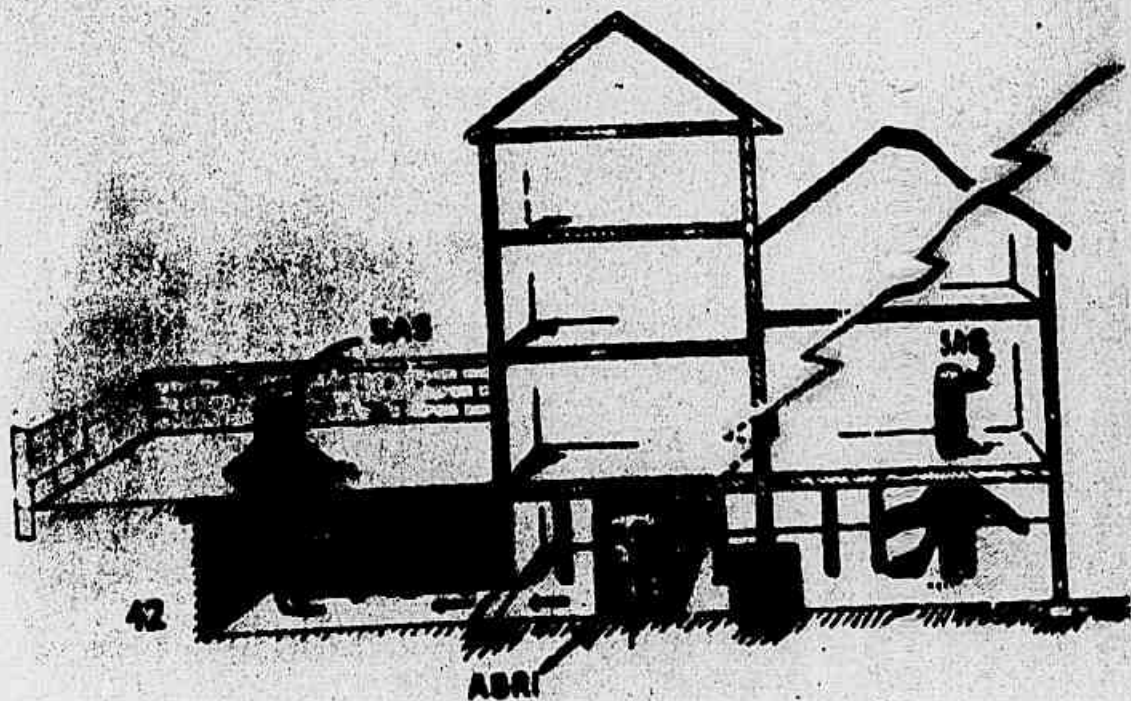
A famosa **onda de choque**, que derruba paredes, projetando estilhaços de vidraças e escombros, só ocorre ao fim de vários



SE O INDIVÍDUO É SURPREENDIDO FORA DE CASA... — Uma luz deslumbrante se espalha pelo espaço. Acima de tudo, não se volte para enfrentar essa luz mortal, como esse desgraçado que será cego para o resto da vida. (1) Coloque-se atrás da árvore. (2) Esse "croquis" está sendo distribuído em toda a França.



SE ESTÁ EM CASA... — Proteja-se sob um móvel, como a escrivaninha. (1) Ou fique de pé, num canto da parede, escondendo o rosto e as mãos, para evitar queimaduras. (2) Jogue-se ao solo, protegendo a nuca com um travesseiro, uma pasta de couro ou um simples jornal dobrado. (3) Ao lado: O abrigo coletivo deverá ser colocado no centro do porão ou adega.



segundos (a velocidade média é aproximadamente o dobro da do som). Quanto a onda de calor, um simples pano, um simples papel são suficientes para a proteção do corpo humano. Os raios mortais (gama), finalmente, não duram mais que dois segundos e sua importância não deve ser superestimada; não que sejam inofensivos, mas seu alcance não vai senão pouco além dos limites da zona central, onde tudo fica aniquilado.

USAR UM "DOSÍMETRO" INDIVIDUAL

Nessas condições, logo que um bombardeio ordinário termina, todo perigo fica mais ou menos afastado. Ocorre aproxima-

A IDADE ATÔMICA NÃO SERÁ MAIS PERIGOSA QUE OUTRA QUALQUER

SUPONHAMOS que em 1900 dissessem aos carlocas: Vocês bem sabem quanto é perigosa a gasolina. Pois bem. Amanhã, faremos circular pelas ruas do Rio um milhão de veículos, sendo que cada um deles terá um reservatório capaz de conter 25 litros do explosivo. Os veículos terão, igualmente, um equipamento elétrico. E, naturalmente, haverá colisões, batidas, acidentes mais ou menos violentos. Nessas condições assistiremos inevitavelmente, a explosões terríveis. O Rio estará, brevemente, entregue ao fogo e ao sangue!

É o caso de comentarmos, com um sorriso:

— A Idade-Atômica começou com explosões. Mas isso não significa, em absoluto, que os homens de hoje — nem seus descendentes — tenham que viver mais perigosamente do que vivemos até 1954.

damente o mesmo quando uma bomba atômica explode a mais de 300 metros de altitude (altitude de Hiroshima). A contaminação radioativa surge, porém, bastante forte para altitudes de explosão inferiores, tornando-se extrema quando se trata de uma explosão no solo.

O perigo de um ataque traiçoeiro por empoeamento radioativo não pode, a priori, ser afastado. Nosso organismo percebe o calor, o frio, a dor, a menor irritação epi-

dérmica, mas incapaz de perceber uma irradiação que o matará.

Contra essa radiação persistente e terrivelmente perigosa dos detritos de poeira, são possíveis certas precauções. Tomar-se-á cuidado com o mais leve arranhão, que daria passagem às substâncias perigosas; os alimentos devem ser protegidos ou simplesmente jogados fora, se foram expostos livremente. O uso de máscara filtradora, enfim, do tipo antiarsinas é recomendada.

Também é recomendada a construção de abrigos antiatômicos (muito mais fáceis que os abrigos ordinários); é inútil também (pasmem os leitores!), fracioná-los com pára-estilhaços. O solo, sim, deve ser reforçado com uma "sapata" de cimento a fim de afastar o perigo terrível da subida do solo no interior do abrigo, sob o efeito da formidável pressão exercida sobre o terreno pela explosão. Os objetos cilíndricos resistem bem ao "sopro" atômico; daí a idéia do abrigo tubular individual.

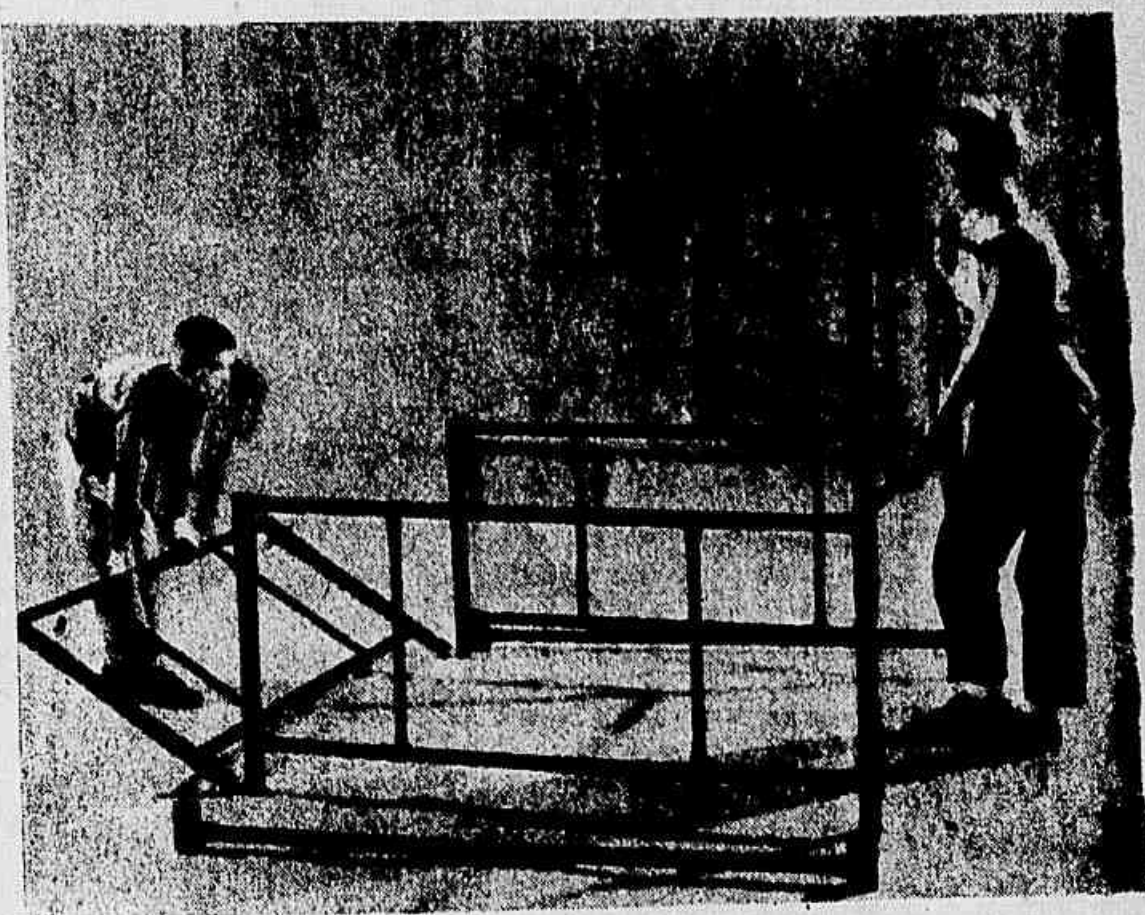
Depois de uma grande explosão atômica, importa também — e muito — que as populações conheçam os cuidados de primeira urgência e de descontaminação, que não apresentam, de resto, nenhum caráter excepcional. Importa, ainda, que cada habitante seja portador de um dosímetro individual, indicando aos salvadores se está indene, se é curável ou se está, desgrazadamente, condenado.

Na França, os cientistas já conseguiram fabricar uma substância sintética, graças aos recursos da química orgânica, que permite imunizar, num certo limite, os animais — ratos, coelhos, cães — aos quais foi injetada. Essa descoberta, em caso de bombardeio atômico, salvaria a metade — pelo menos — das vítimas. Infelizmente, sua influência protetora desaparece ao fim de trinta minutos aproximadamente.

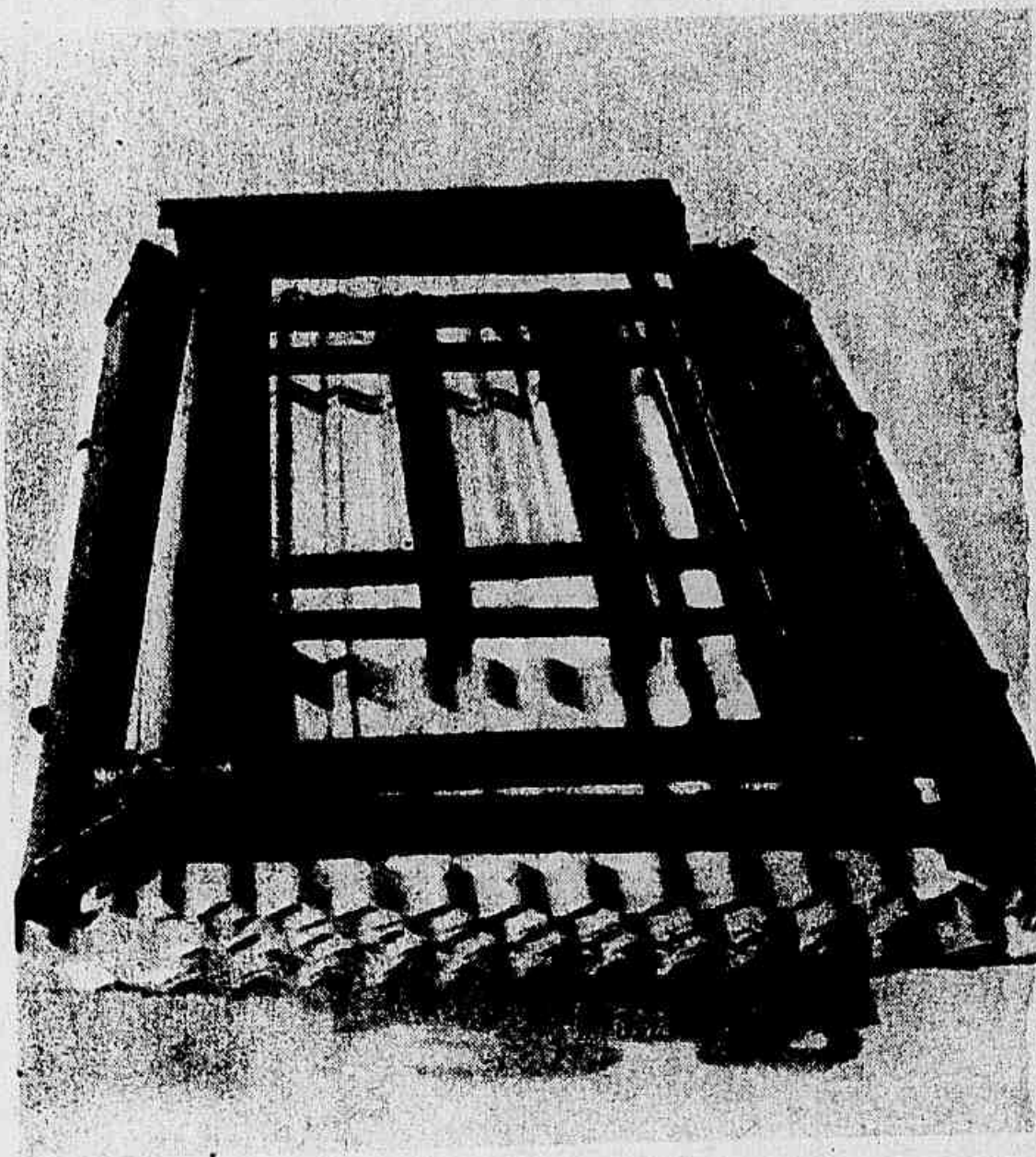
A idéia desse imunizante, da autoria do dr. Latarjet e seus colaboradores, é bastante engenhosa; supuseram que as radiações atômicas criavam, no organismo vivo, substâncias químicas especiais, que agiam como verdadeiros venenos. Para anular seus efeitos seria bastante encontrar seus "antídotos". Por enquanto, os peroxidases

têm feito verdadeiras maravilhas, na cura dos pequeninos organismos atingidos pelos raios ultravioletas; os resultados são, toda-

intensa, na medicina, na agricultura e mesmo na indústria, dos radioelementos artificiais.



Por curioso que pareça, a construção de abrigos antiatômicos é bem mais fácil que a de abrigos ordinários. Os objetos cilíndricos resistem maravilhosamente ao impacto atômico e particularmente ao perigo de subir do subsolo sob a formidável pressão; baseados nesses dados, conceberam, na França, um abrigo tubular individual. É claro que se trata de uma estrutura menos "resistente", porém, mais simples. O referido abrigo foi previsto para comportar uma família de seis pessoas, e pode ser montado em apenas três minutos, sem o auxílio de qualquer instrumento. Para provar a sua solidez fizeram-no suportar um peso de dezessete toneladas. Colocado nos alcerces de uma casa de dois ou três andares, este abrigo protegeria os habitantes contra uma bomba que destruiria esta casa. Cada lado da armação pode ser utilizado como saída. Enfim, eis aqui, caro leitor, o "objeto" prontinho para ser conduzido para qualquer lugar.



via, menos nítidos com relação às radiações atômicas.

Atualmente, três comissões francesas estudam os perigos que comporta a repetição das explosões atômicas experimentais, assim como a utilização, cada vez mais

O caso "antiatômico" está nesse pé e nossa conclusão é nítida: O perigo atômico pode e deve ser conjurado, em larga medida, por métodos apropriados e uma intensa educação do público. O essencial é agir com tempo e largamente.

BATENDO A PORTEIRA...

RAQUEL DE QUEIROZ nasceu no sertão do Ceará e hoje mora no Rio, onde faz jornalismo e literatura. Quando ainda residia no Estado natal, muito moço, escreveu (de 1919 a 1930) «O Quinze», romance que lhe projetou o nome. O ano de 1915 foi extraordinariamente seco em todo o nordeste. Daí o título do livro que, na verdade, é um retrato perfeito do drama nordestino, escrito por quem nasceu e viveu no ambiente. O trecho que destacamos e ao qual damos o título de «Batendo a Porteira...» é, sobretudo, de uma fidelidade descritiva extraordinária. Bater a porteira quer dizer fechar o curral, último gesto do sertanejo desenganado que vai a procura de outras terras, deixando os seus bichos entregues à própria sorte, depois de esperar em vão pela chuva.

○ H! Meu boi! Olá, meu boi, eh! Meu boi manso. Oh! Eh! eh he he!... — Encostado ao mourão da porteira de paus corridos, o vaqueiro das Aroeiras aboiava dolorosamente, vendo o gado sair, um a um, do curral.

A junta de bois mansos passou devagarinho.

O velho touro da fazenda saiu, arrogante e solene. Garrotes magros, de grandes barrigas, empurravam-se com as vacas de cria, num início de confusão. Até que a derradeira rês, a "Flor do Pasto", fechando a marcha, também transpôs a porteira, junto de Chico Bento, que lhe afagou com a mão a velha anca rosilha, num gesto em que ao mesmo tempo se despedia e abençoava.

Da janela da cozinha, as mulheres assistiam à cena. Choravam silenciosamente, enxugando os olhos vermelhos na beira dos casacos ou no rebordo das mangas.

Quando a última rês saiu, Chico Bento bateu os paus na porteira e foi caminhando devagar, atrás da lenta andadura do gado, que marchava à-toa, parando, às vezes, e pondo no pasto seco os olhos tristes, como numa agudeza de desesperança.

Uns, sem ir mais longe começavam a babujar a poeira do panasco que ainda palhetava o chão nas clareiras da caatinga.

Outros, mais tenazes, seguiam cabisbaixos, na mesma marcha pensativa, a cabeça pendida, a cauda abanando lentamente as ancas descarnadas.

Chico Bento parou. Alongou os olhos pelo horizonte cinzento. O pasto, as várzeas, a caatinga, o marmeleiral esquelético, era tudo uma sincronia de borralho.

O próprio leite das lagoas vidrara-se em torrões de lama ressequida, e aqui e além uma pacavira defunta retorcia as folhas empapeladas. Depois olhou um garrotinho magro que, perto dele mastigava indecisamente uma vergõtea estorricada. E ao dar as costas, rumo a casa, a cabeça curvada, como sob ao peso do chapéu de couro, sentindo nos olhos secos pela poeira e pelo sol uma frescura desacostumada e um penoso arquejar no peito largo, murmurou desoladamente:

— Ó sorte!
Comer cinza
até cair morto de fome!

A velha casa de taipa negrejava ao sol a telha agiraosada. Na latada coberta de folhas secas um cachorro cochilava ao calor do mormaço.

Chico Bento entrou, no mesmo passo lento, a modo que curvado sob a cruz de remendos que ressaltava vivamente, como um agouro, nas costas desbotadas da velha blusa de mescla.

Foi direito a um caritó, ao canto da sala da frente, e tirou de baixo de uma lamparina, cuja luz enegrecera a parede com uma projeção de fumaça, uma carta dobrada. E como quem vai reler uma sentença que executou, para se livrar da responsabilidade e do remorso, ele penosamente decifrou, mais uma vez, a letra do administrador, sobrinho de dona Maroca:

"Minha tia resolveu que não chovendo até o dia de S. José, você abra as porteiras e solte o gado. É melhor sofrer logo o prejuízo todo do que andar gastando dinheiro à-toa em rama e caroço, pra não ter resultado. Você pode tomar um rumo ou, se quiser, fique nas Aroeiras, mas sem serviço na fazenda. Sem mais, do compadre amigo..."

Longamente o vaqueiro ficou olhando aquelas letras que exprimiam tantas cousas dolorosas.

Depois dobrou o papel, e o repôs no lugar, puxando o braço vivamente, como se se libertasse, livrando-se do tremor supersticioso que lhe travava as mãos, porque aquilo lhe parecia uma cousa amaldiçoada. Lá fora, um menino fazia o cachorro ganhar, coçando-o com uma varinha. E gritava entre risadas:

— Diabo ruim! Pisca! Limpa-trilho! Pisca!

O cachorro pulou. E saíram correndo pelo terreiro varrido, levantando redemoinhos de poeira.

Chico Bento, deixando que explodisse na brutalidade do berro a opressão que o angustiava desde manhãzinha, assomou à janela, congestionado, a mão enfurecida cortando o ar:

— Limpa-trilho! Josias! Prá dentro, seus sem-vergonhos!

UM QUINTO DA POPULAÇÃO DO MUNDO SOFRE DE ENXAQUECA...

QUANDO uma pessoa se levanta, pela manhã, com má vontade e mesmo esforço, bom será que faça a si mesma uma série de perguntas, tais como:

- a) Trabalha melhor durante a noite?
- b) É exigente com relação a comida? Queixa-se de que tudo lhe faz mal?
- c) Tem um sentido agudo do olfato?
- d) É incomodado pelas luzes fluorescentes?
- e) Exige perfeição em tudo o que lhe rodeia?
- f) Irrita-se com as multidões?
- g) É distraído?
- h) Quando vê um quadro inclinado, sente a imperiosa necessidade de endireitá-lo?

Se a resposta do indivíduo é afirmativa para a maioria dessas perguntas, é muito provável que alguém, em sua família, tenha padecido de enxaqueca. E isso o predispõe à mesma enfermidade.

De fato. Embora possa ocorrer que nunca tenha tido uma dor de cabeça, herdou, muito provavelmente, o elemento hemi-crânio, fator que domina a vida e todos os seus atos, sendo de inestimável importância na execução de seu trabalho e em suas relações com os demais.

Tomemos, como exemplo, os Estados Unidos, onde as estatísticas são rigorosamente executadas e não faltam os elementos indispensáveis para que assim seja realmente. Lá, nada menos de doze milhões de indivíduos de ambos os sexos sabem que padecem de enxaqueca; para cada um deles há provavelmente dois que têm hemi-crânia sem o saber, o que nos dá um total superior a 30.000.000 de pessoas. E essa porcentagem pode ser aplicada a todos os

UMA DOENÇA COM SUAS VANTAGENS



povos. Mas, afinal que vem a ser a enxaqueca?

Foi ela conhecida no antigo Egito. Foram escritos milhares de volumes sobre esse mal que afeta um lado ou ligeira parte da cabeça. Porém só recentemente foi descoberto o fato de que muitas pessoas padecem desse mal... sem jamais sentir uma única dor!

Muitos enfermos sofrem um "deslocamento" dos sintomas desagradáveis. Acreditam ter úlceras gástricas, cálculos biliares, apendicite ou mesmo sinusite. É até mesmo provável que se subme-

tam a operações cirúrgicas absolutamente inúteis. Nem todas as pessoas, naturalmente sofrem de enxaqueca pelo só fato de terem dores de cabeça... de vez em quando. Porém há quatro sintomas que servirão ao médico para diagnosticar o mal:

- 1.º — Antecedentes familiares de dores de cabeça.
- 2.º — Dores de cabeça que costumam ser "substituídas" por dor aguda em alguma ou outra parte do corpo.
- 3.º — Boa saúde entre os acessos.
- 4.º — As dores de cabeças e as outras dores nunca são simultâneas.

A enxaqueca é um desequilíbrio químico herdado, que torna uma determinada pessoa supersensível às influências de tipo físico e psíquico.

Infelizmente, muitos destes indivíduos são considerados enfermos mentais ou imaginários. Na realidade, porém, é possível que, ocasionalmente, sofram perturbações mentais e mesmo ataques irrefreáveis de ira e alucinações. No entanto, são pessoas fundamentalmente normais.



A composição química de seu organismo os torna extraordinariamente sensíveis. A luz do sol pode causar-lhes verdadeira tortura. Poucos desses enfermos suportam a luz fluorescente, pois sua vista é tão sensível que pode perceber o mais leve piscar de luz. Detestam os ruídos repentinos ou qualquer som persistente. Tem um agudíssimo sentido do olfato, assim como do gosto.

Tais indivíduos são como barômetros humanos. Podem sentir toda mudança do tempo por sua grande sensibilidade relativamente à pressão atmosférica. No dia anterior a uma tormenta costumam mostrar-se desassossegados e irritáveis.

Aproximando-se a tormenta, sua tensão nervosa os mantém em constante atividade. Quando, finalmente, estronda a tormenta, sua própria tensão se abate completamente. Então, mostram-se fatigados e essa sensação pode durar dois ou três dias, nos quais não se mostram animados a fazer seja o que fôr. O menor gesto é para eles um aborrecimento. O trabalho, então, é verdadeira tortura.

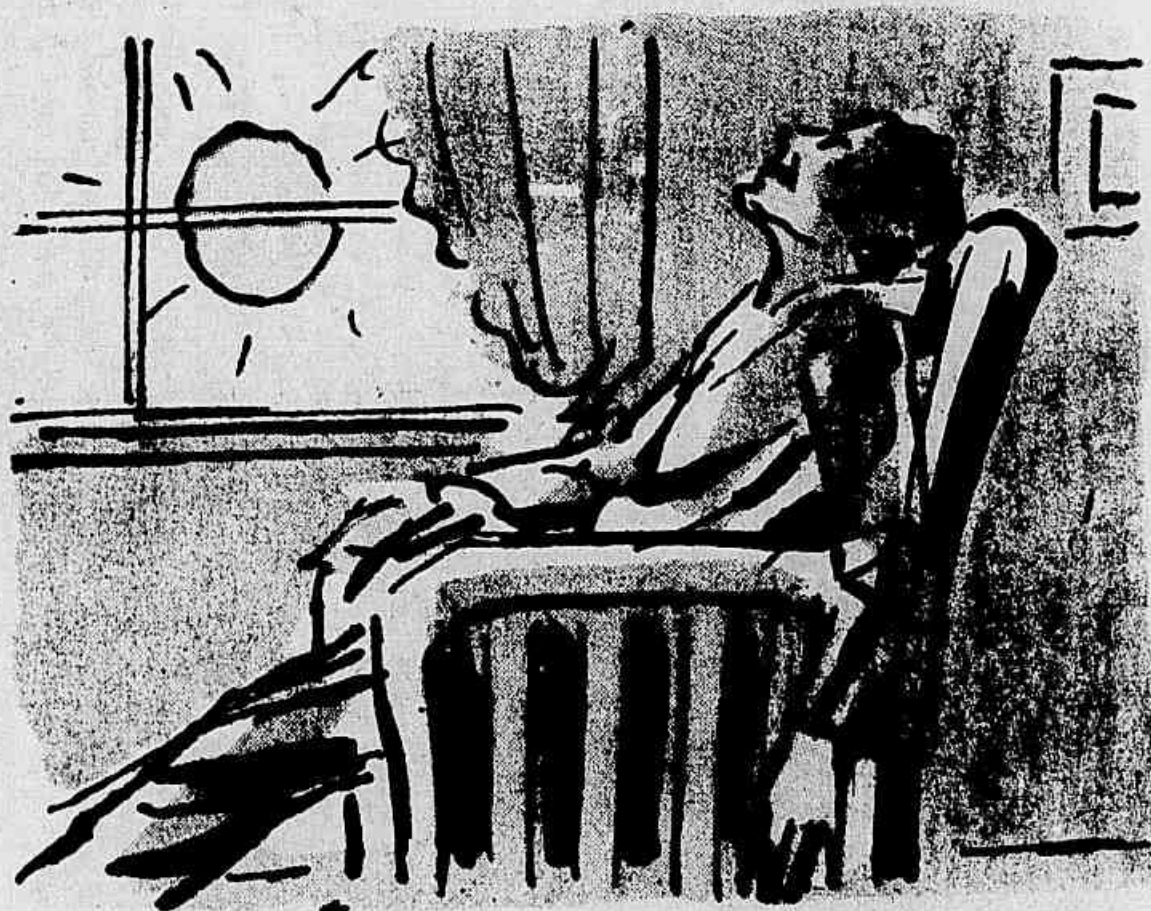
Ordinariamente, esse tipo de enfermo é de grande capacidade intelectual, mostrando-se bem superior ao comum dos indivíduos por sua memória, a cultura que puderam acumular e o brilho de um raciocínio realmente vertiginoso.

Por outro lado são excelentes empregados ou patrões. Tanto sabem obedecer quanto mandar. Cumprem magnificamente suas obrigações e funções, destacando-se no seu ambiente, possuindo da mesma forma ele-

vado grau de compreensão e sabendo julgar as coisas e as pessoas como verdadeiros "mágicos".

Naturalmente, algumas vezes, podem ser claros em sua extraordinária memória, mas em geral podem reter muitas coisas complicadas ao mesmo tempo, embora num momento dado possam esquecer completamente um assunto da mais alta importância.

Todos os hemisféricos, na opinião das maiores autoridades no assunto, como os drs. Walter C. Alvarez, clínico geral da Clínica Mayo, de New York, e seus colegas Caro e Margaret Lippman, do mesmo hospital e da Universidade de Harvard, são dominados por um desejo constante de per-



feição, seja no seu trabalho, na sua aparência pessoal ou no arranjo perfeito da sua residência ou escritório. E podem ser perfeccionistas positivos ou negativos.

Vamos explicar melhor:

Os primeiros chegam a matar-se em busca da perfeição. Afortunadamente têm extraordinária capacidade para armazenar energias, com o que vencem folgadoamente o constante desgaste. Muitos deles alcançam grandes êxitos como editores, escritores, gerente, engenheiros, médicos, artistas, advogados ou músicos. São os aplaudidos realizadores de grande parte das boas obras que se fazem no mundo. Têm bom-gosto instintivo. Seus lares talvez não sejam luxuosos, porém sempre são atraentes, limpos e sobretudo confortáveis.

Enfim: são indivíduos que sentem, trabalham e se divertem com intensidade fora do comum. Os perfeccionistas negativos

não são menos bem dotados, inteligentes ou idealistas do que os primeiros. Mas herdaram um desequilíbrio que os torna inadaptáveis às tarefas monótonas da vida.

Sonham com a perfeição, mas não têm energia para realizá-la. São capazes, realmente, de grandes coisas, enquanto conseguem manter o interesse por aquilo que estão fazendo. Porém raramente terminam um trabalho, porque seu interesse se esgota rapidamente.

Vivem, por assim dizer, entre palavras e idéias... e muito pouco com obras concretas. E, no entanto, sua compreensão é excelente. O que lhes falta é o conhecimento da causa que os torna assim inconstante. Depois de um tratamento médico adequado, costumam reajustar-se perfeitamente à vida.

Esses dois tipos costumam ter mais êxito em sua tarefa... se lhe dão livre escolha



de horário e da maneira como proceder.

É curioso, mas há grandes probabilidades de felicidade no matrimônio para as pessoas que sofrem de enxaqueca, porque sua excepcional compreensão e sua rápida captação dos fatores espirituais e emotivos... nos outros, os predispõem melhor para a vida em comum.

Se o enfermo é o marido, os problemas são simples. A esposa deve preocupar-se, antes de tudo, com a casa: que seja confortável e tranqüila. Não deve, jamais, cometer o erro de dedicar todo o seu tempo aos filhos. A nenhum homem (convém não esquecer!) agrada voltar para um lar ruído, dominado por crianças incorrigíveis, desarrumado e desconfortável, onde não é

obedecido sequer um horário razoável para as coisas.

Para quem sofre de enxaqueca e esteve todo o dia sob terrível tensão, em seu trabalho, tal situação resulta simplesmente intolerável. No seu lar necessita que se lhe dê o primeiro lugar **em tudo**!

Realmente, não é muito fácil a solução, quando a enferma é a esposa... Os cuidados da casa e dos filhos, que exigem uma atenção incessante, infatigável e em horas prefixadas, podem converter sua vida diária em uma permanente agonia, quando não tem quem a ajude.

As esposas hemicranianas só podem ser felizes com maridos extremamente pacientes.

Se é uma perfeccionista negativa, pode desalentar-se facilmente e ser desordenada em suas tarefas domésticas e em suas despesas com o lar e consigo mesma. Porém a compreensão do cônjuge pode preservar a harmonia que faz feliz um lar.

E, antes de encerrarmos, uma última explicação:

Muitas pessoas que sofrem de enxaqueca acreditam ter um tumor na cabeça. Afortunadamente, a hemicrania, embora com frequência seja um mal extremamente aborrecido, raras vezes tem consequências graves; ao contrário, suas vítimas costumam ser imunes a outras enfermidades até a velhice mais avançada.

E com isto forçoso é reconhecer que a enxaqueca é uma moléstia com suas vantagens...



NOS DOMÍNIOS DA GRAMÁTICA

"Num país, à semelhança do Brasil, onde a cultura filológica se patentela assaz desenvolvida, não há cabimento para o desaprêço iníquo em que são tidos aqueles que, se o quiserem, podem rir-se dos escritores, que menosprezaram a sua língua."

LAUDELINO FREIRE

MIUDEZAS LEXICOLÓGICAS

I — SERZIR

O sistema ortográfico vigente substitui a antiga forma **cerzir** por **serzir**. E andou bem, porque **serzir** vem do latim **sarcire**, nada justificando o **c** inicial.

II — ESSA

Essa, e não **eça**, é a forma correta do substantivo comum. Justifica a grafia o latim **ersa**, do verbo **erigere**.

III — XICARA

O étimo **xicalli** (nanatt.) aconselha **xicara**, com **x**, e não com **ch**. O Vocabulário Ortográfico registra, porém, as duas formas: **xicara** e **chicara**.

IV — ALVISSARA

O árabe **albixara** aconselha **alvissara**, com **ss**, e não **alviçara**, com **ç**. O português arcaico registra **alvixara** e **alvissera**.

V — GÁS

Gás (pl. **gases**), com **s**, é a grafia correta. Esse vocábulo procede do alemão **gas**.

IV — GIS

Do árabe **jlbs**, temos **gis**, com **s**, e não **giz**, com **z**.

VII — JEITO

Do latim **jactus**, temos **jeito**, com **j**. E daí: **ajeitar**, **jeitoso**, **enjeitar**, etc.

VIII — CHUCHU

De **chouchou** (francês), temos **chuchu**, com **ch**, e não **xuxu**, com **x**.

CORRESPONDÊNCIA

G. A. (Nesta) — A palavra **pilotis** é francesa. Daí a pronúncia **pilotí**. A palavra portuguesa correspondente é **estaca**: construção sobre estacas.

A construção que me envia para exame está correta: o **lhe**, em certos casos, pode funcionar como sujeito de infinitivo:

Herculano escreveu:

"Começou por brigar como um louco, e acabou abraçando-o, por **lhe** ver derramar uma lágrima."

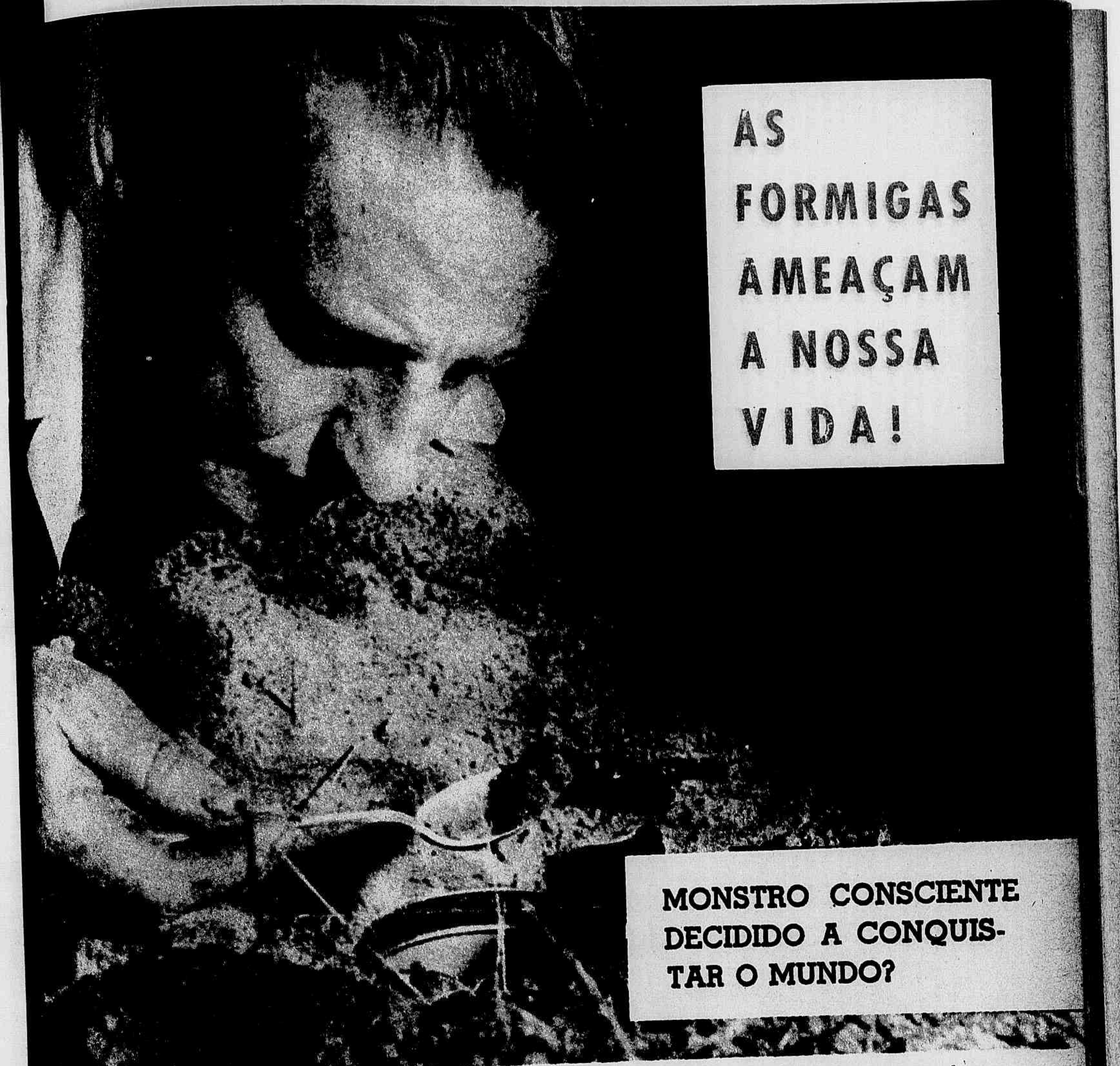
Estudante (São Paulo) — De acordo com o que me expôs. Na verdade, a terminologia gramatical deve ser revista, para que se corrijam vários erros e incoerências. É o caso do **eis**, que não é advérbio, por definição, porque não modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio. Alguns gramáticos o analisam como **partícula de designação**, o que adotamos.

Para o estudo de análise, aconselhamos o **Manual de Análise**, de José Oiticica, e também a **Gramática Portuguesa**, de Souza Lima.

S. A. (São Paulo) — Após de é locução vernácula. Garret escreveu:

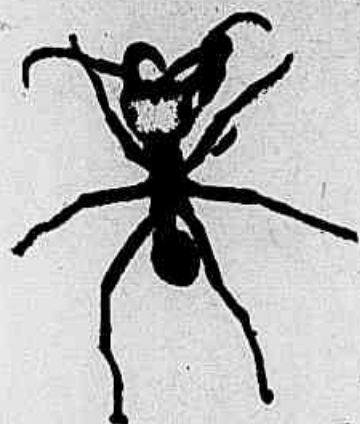
"Irá após dos outros."

JOSE RICARDO NETO



AS FORMIGAS AMEAÇAM A NOSSA VIDA!

**MONSTRO CONSCIENTE
DECIDIDO A CONQUIS-
TAR O MUNDO?**



A O norte da cadeia montanhosa do Mato Grosso e até a confluência do Juruá com o Amazonas, numa região maior que a Holanda, Bélgica, França, Luxemburgo, Suíça, Espanha, Itália e Portugal, juntos, reina como senhora incontestada a mais tirânica das criaturas: a formiga dos trópicos.

Os índios que habitam essa região ao sudoeste de Manaus, não receiam nem a vizinhança dos jacarés de quase cinco metros, nem das feras inumeráveis e gigan-

tescas que rondam em redor de suas choças, mas não ousam jamais aventurar-se nos territórios infestados pelas formigas. Estas se lançam, aos milhões, sobre o intruso, procurando atacá-lo na boca e nos olhos. E contra essa agressão não há defesa possível. Com o corpo coberto pelas assaltantes, o rosto ensanguentado, a vítima é derrubada e imediatamente devorada. Na região equivalente da África, o mesmo tipo de formiga exerce o mesmo poder impôsto pela ferocidade e o terror, ao qual não escapam nem mesmo as grandes feras e o colossal elefante.

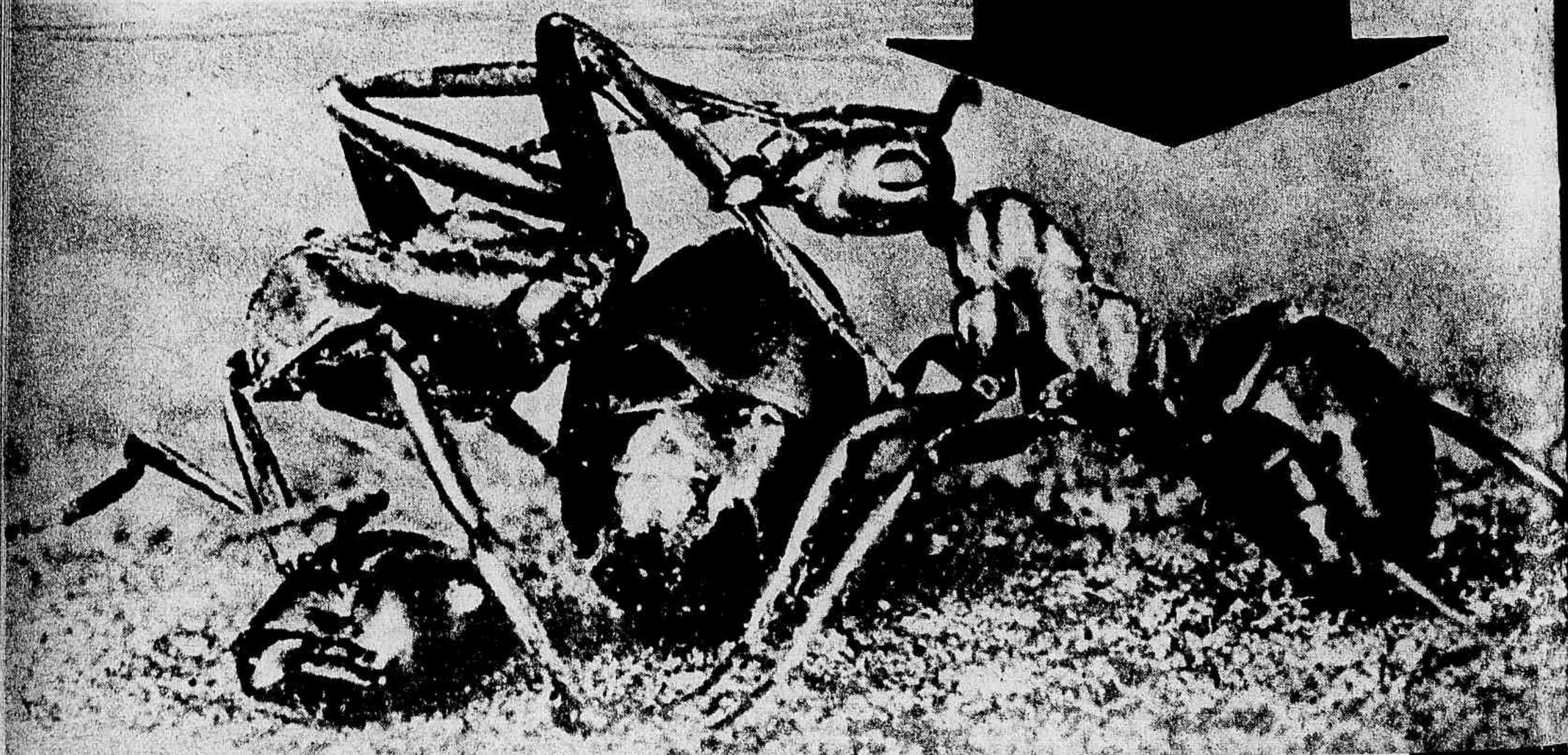
Mas as formigas dos trópicos não se contentam com defender seu vasto terri-

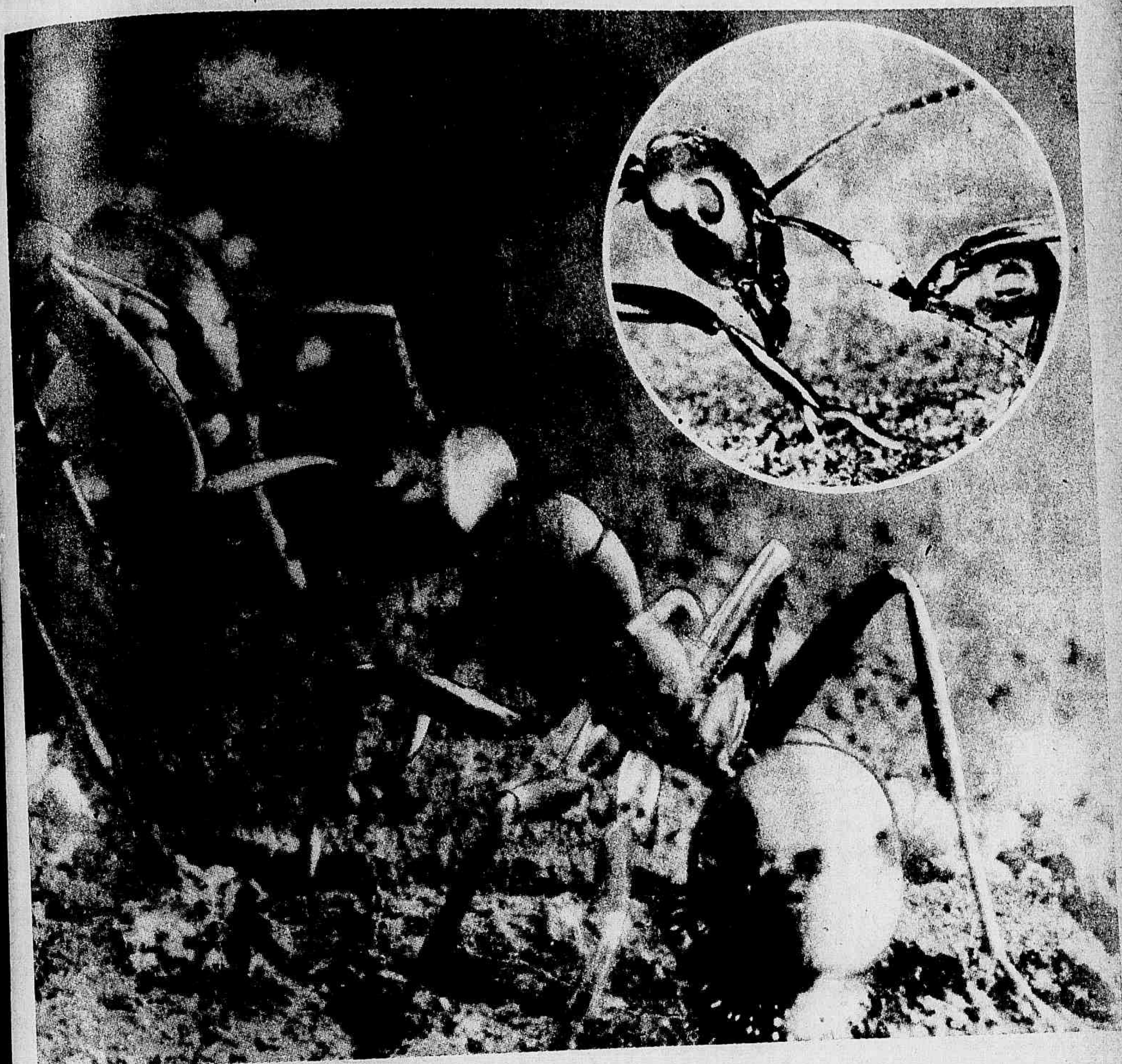
tório. A cada ano que passa as fronteiras do seu reino mais se alargam. Procedem lentamente e com método a conquista do espaço, porque êsse povo guerreiro, incapaz de assegurar a própria alimentação, está sempre a procura de escravos. Encontra-os entre as "formigas comuns".

Os formigueiros destas últimas são invadidos, seus ovos e suas larvas são transportados para o domicílio dos senhores poderosos. Ali, os recém-nascidos passam imediatamente a servir seus exigentes dominadores.

Uma parte dos escravos é encarregada da "toilette" íntima da rainha.

Outros lavam e revolvem os ovos da mesma, enquanto que a grande massa de párias percorre a região em busca de alimentos e de materiais de construção, pois os seus senhores recusam executar tais serviços. A guerra e





a conquista são suas ocupações exclusivas.

Nenhum obstáculo pode resistir a seus ataques. Mesmo grandes rios, como o Amazonas, não chegam a constituir uma barragem absoluta.

No princípio deste século, as formigas dos trópicos só existiam ao sul do Amazonas. Já hoje, porém, têm cabeças de pontes ao norte e suas vanguardas avançam sobre a Venezuela. Por enquanto, todavia, não passam de "patrulhas exploradoras", esparsas, instaladas a dezenas de quilômetros umas das outras. Entre essas "bases estratégicas", os demais animais da mata, mesmo as grandes feras, podem ainda circular livremente. Mas, à propor-

ção e à medida que o número dos insetos aumenta (uma só rainha põe vários milhares de ovos por dia), a zona de segurança diminui. Dentro de uma dezena de anos (na África, pelo menos, onde esse avanço é mais seguro por falta de combate ao mesmo) essas formigas dos trópicos terão expulsado os demais animais de novas e colossais regiões, para integrá-las a seu reino.

O homem não tem sido bastante forte — ou previdente — para deter a progressão desses insetos.

Se as temíveis formigas dos trópicos constituem apenas uma espécie entre as

4.000 variedades de formigas, parecem decididas a impor seu domínio a tôdas as demais.

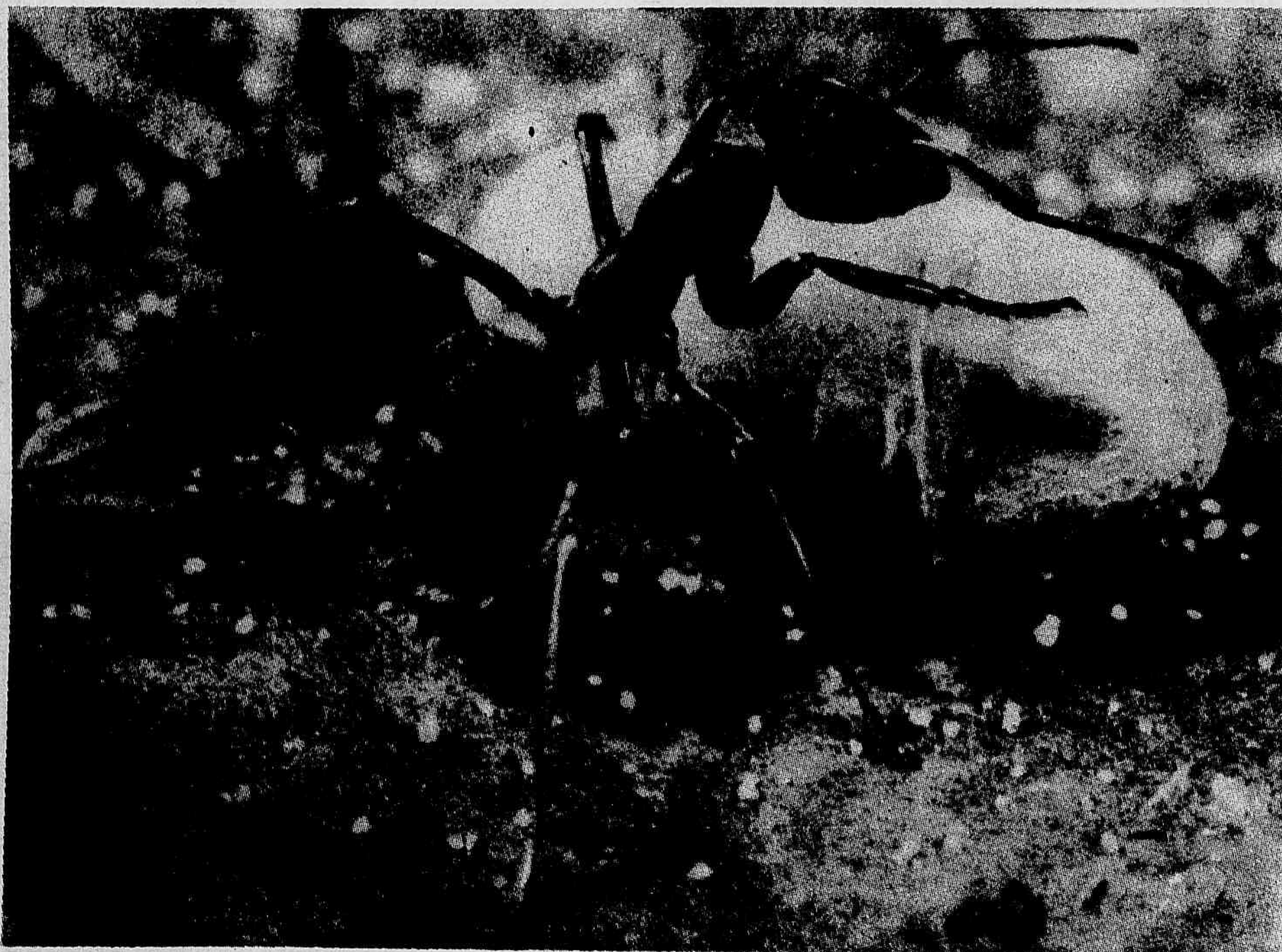
De fato, não há muito tempo sua aparição foi assinalada em diferentes países europeus. Como êsses insetos conseguiram franquear o oceano é um mistério que parece não ter solução. Supõem alguns cientistas que as mesmas tenham sido transportadas com determinadas mercadorias, nos porões dos navios, de um continente para outro.

Se se tratasse de indivíduos isolados, sua chegada não constituiria um perigo a não ser, talvez, para a formiga negra, comum, própria da Europa, que estaria arriscada a cair temporariamente em escravidão.

Ao contrário das formigas tropicais, as necessidades alimentares das guardiãs da vegetação do Velho-Mundo são muito mo-

destas. A "formiga comum" da Europa se contenta com uma pequena quantidade de líquido leitoso e alguns extratos de plantas.

As "vacas" que lhes fornecem o leite, vivem no interior do formigueiro. São insetos de uma espécie menor. Essas formigas são o "gado". As demais formigas cuidam delas como o homem cuida do gado estabulado. A criação ou essa "pecuária" é, aliás, uma das principais ocupações das espécies europeias. Mas, contrariamente ao que se acredita, êsses pequeninos insetos não pensam unicamente em trabalhar, mas também no prazer. Criam pequeninos insetos verdes que lhes fornecem uma espécie de coquetel, um líquido cuja composição é uma espécie de gin e de cocaína. Quando essas formigas, consideradas pelos europeus grande protetoras de suas colheitas, tomam lá o seu "pileque", nada de sério parece



Durante sete semanas, as formigas enfermeiras, revolvem, duas vezes por dia, os ovos deltados pela rainha. Êsses ovos exigem constantes cuidados. Devem ser lavados e freqüentemente mudados de lugar. Para a lavagem, o inseto enfermeira utiliza uma secreção desinfetante, enquanto que, para a limpeza, dispõe de uma espécie de cera especial secretada por suas mandíbulas.



mais ter interesse para elas. Passam a caminhar em círculo, a dar verdadeiras cambalhotas e pouco lhes importa se algum inimigo cruel penetrou em seu formigueiro para roubar-lhes os ovos e as larvas ou até mesmo matar-lhes a rainha.

A bem dizer, a formiga européia está longe de ser o indivíduo avaro e egoísta, como é descrito na fábula famosa de La Fontaine. Armazena, em sua casa, um número impressionante de insetos que, como parasitas, vivem do seu trabalho. Acaridas brancas e negras se instalam nos

Apesar da rainha ser uma poedeira mecânica, que fabrica quotidianamente vários milhares de ovos, suas enfermeiras assistem a cada "nascimento" sempre com a mesma dedicação.

andares superiores do formigueiro e confiscam uma parte do botim que as operárias colheram nos campos vizinhos. Alguns coleópteros, munidos de uma couraça poderosa, penetram a força na casa para ali depositar seus ovos. Contra sua blindagem as formigas nada podem e os ovos dos intrusos são deitados na temperatura de

(Continua no fim da revista)

ADÃO E EVA...

DESEJO avisar aos homens que se afastem das mulheres de olhos grandes, sobancelhas avantajadas, eterno sorriso nos lábios e cujo amor se mostra cheio de milagres e exterioridades. — **Bernard Shaw**

A vida dos casados é a mesma coisa que duas pessoas tocando juntas num piano. A felicidade depende inteiramente daquele que pisa no pedal. — **Sra. George Wemyss**

O que o homem admira nas outras mulheres é justamente o que ele não

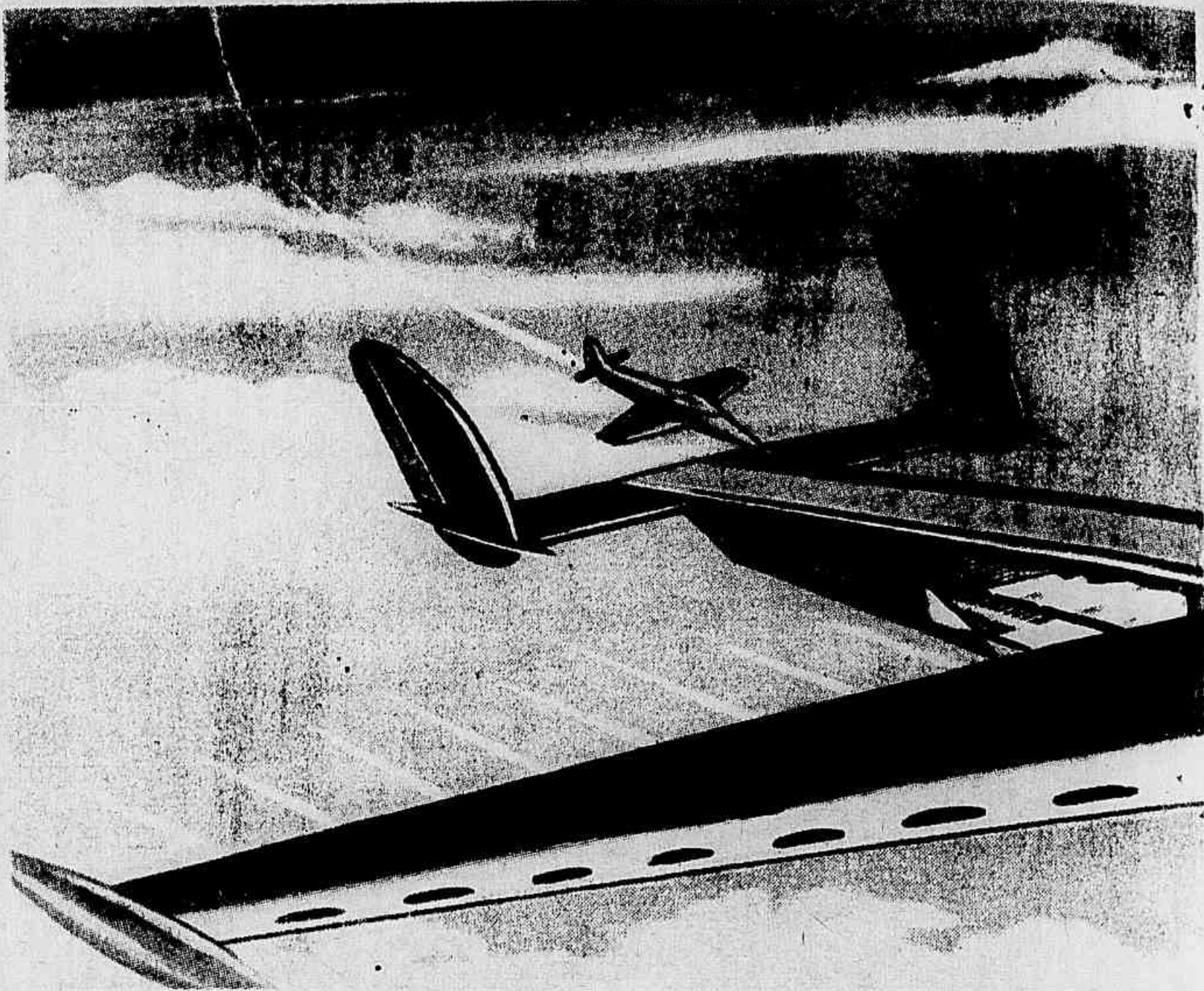


tolera em sua própria esposa e em suas irmãs. — **Anna Constantine**

A diferença entre o homem e a mulher está no fato de que enquanto o homem olha para o futuro a mulher olha para o passado. — **Daniel Chaucer**

NADA há como deixar que a mulher, de vez em quando, pense que é superior. O homem que quer sempre ser o "sábio", em casa, não passa de um tólo. — **Morley Roberts**

NUMA discussão entre homens é sempre possível o uso da razão; mas quando a discussão é entre um homem e sua esposa a razão está definitivamente excluída. — **J. Runciman**



AEROPORTO ACIMA DAS

GROVER Loening, famoso técnico aeronáutico norte-americano, é o autor do projeto para esse "aeroporto-voador". Trata-se de gigantesco hidro-avião, capaz de conduzir em seu bôjo bom número de caças" a reação, que decolarão e pousarão graças à pista existente acima da fuselagem do hidro-avião, semelhante à que possuem os navios porta-aviões. Foram os ingleses os iniciadores da idéia, com o seu Mercury-Maja, também hidro a 4 motores. O projeto, porém, foi, aparentemente pelo menos, abandonado. Os alemães fizeram diferentes ensaios durante a última guerra, usando grandes bombardeiros que conduziam aviões menores Junkers, Heinkel, Mess-109, etc.

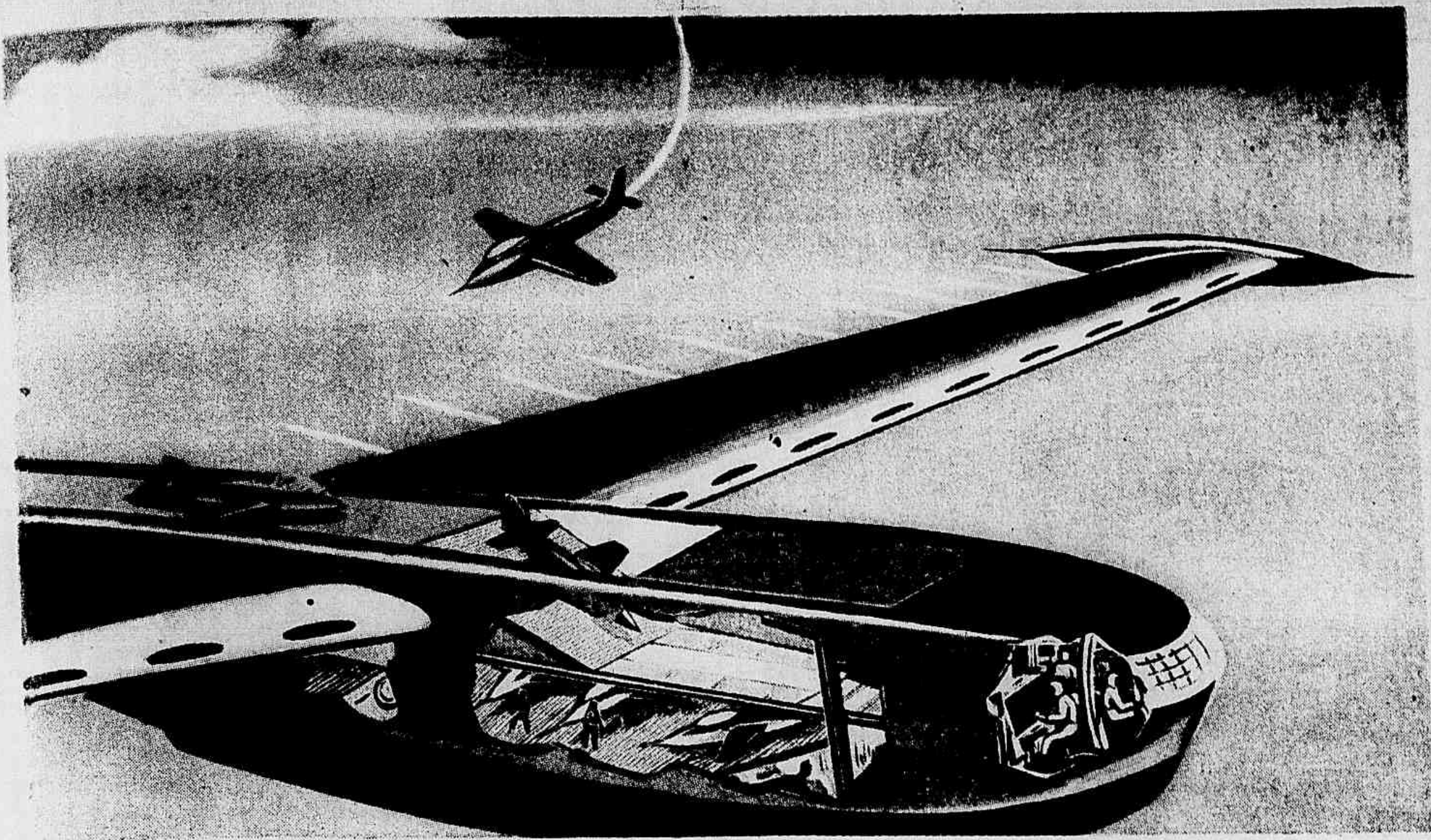
Porém apenas eram conduzidos e lançados. Não pousavam.

Os franceses se apresentaram com o quadrimotor Languedoc 161, do qual decolava um pequeno caça. Também não podia pousar. O projeto do engenheiro norte-americano, ora em estudos por técnicos do governo é o mais avançado de todos. Pois os aviões menores terão inclusive garagem e oficina... acima das nuvens.



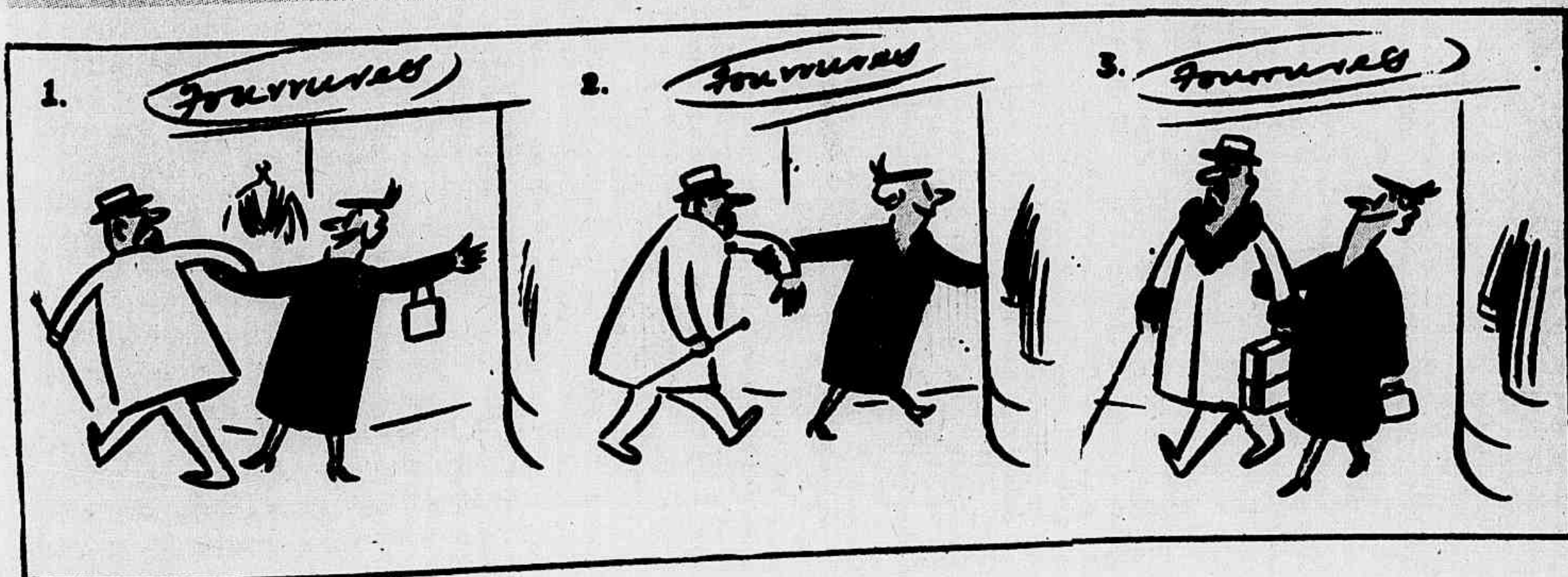
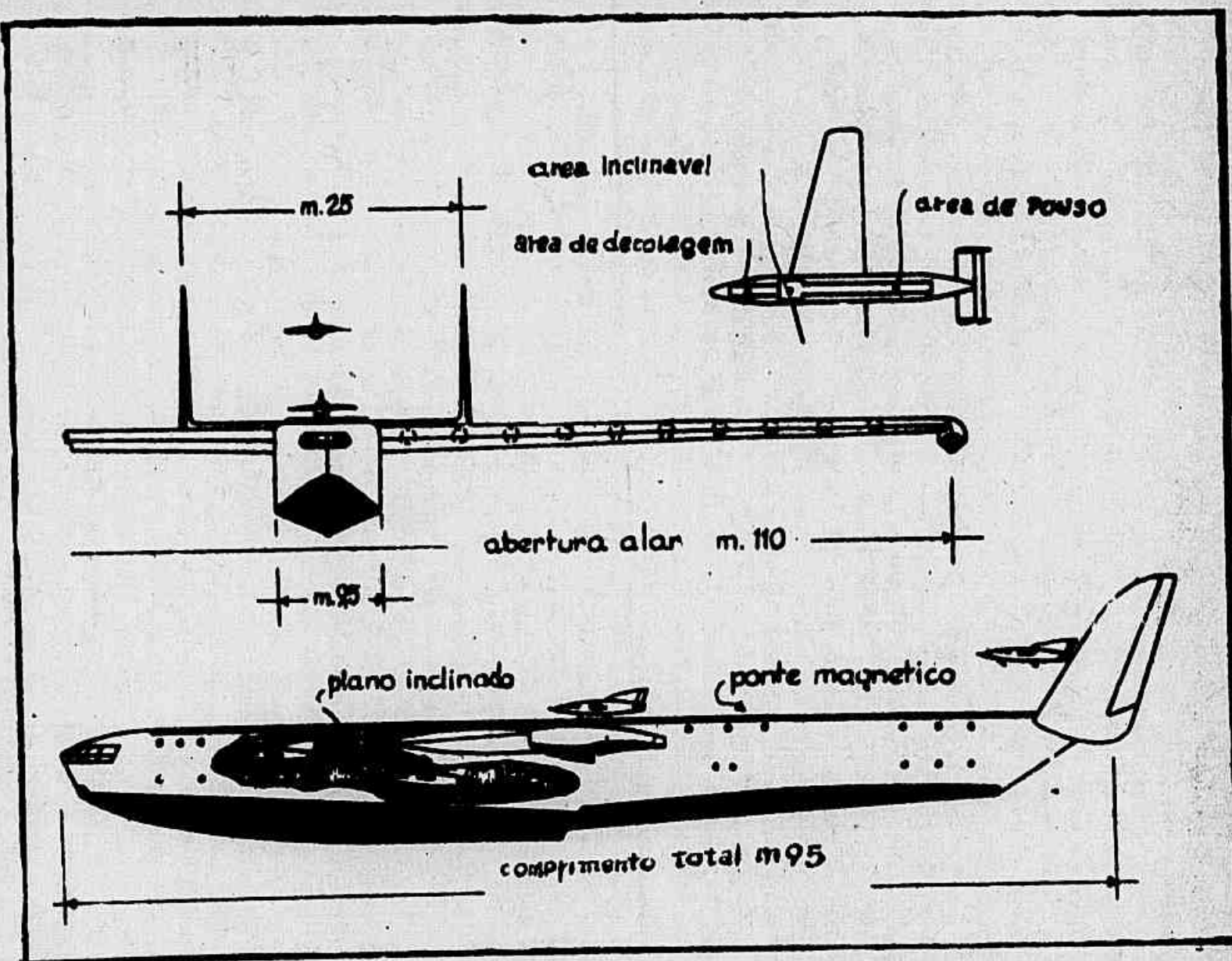
SE, diante de uma situação séria, o leitor pensa que falar a verdade ou agir com o máximo de franqueza, poderá remover as dificuldades, nunca empregue esta solução lógica com as mulheres. Pois é certo que se arrependerá imediatamente! — **Sacha Guitry**

O marido que se deixa governar pela esposa, nem é ele próprio, nem sua esposa: não é nada. — **Napoleão I**



NUVENS!

O hidro-porta-aviões, visto de frente, de cima e de perfil, segundo um desenho inspirado pela descrição do autor. Nêle vemos a ponte de vôo, o compartimento dos pilotos e os dois planos em que se divide a carlinga. E, além de campo de pouso, oficina volante, para manutenção dos caças que abriga. Nas duas asas se alinham os 20 motores a reação que asseguram a propulsão do gigante do céu.



PERDIGÃO — Trovador provençal nascido em Lesperon em fins do século XII. Recebeu a proteção de Roberto I, delfim de Auvergne, Pedro II de Aragão, Afonso III de Castela e Guilherme IV de Orange. Afirma-se que Perdigão, durante a guerra albigense, tomou partido contra os seus antigos protetores. Por causa dessa traição todos lhe deram o desprezo; e para punir-se entra para a ordem de Citeaux. A sua obra consta de uma vintena de canções amorosas e algumas tensões.

PERDIX — Personagens da mitologia grega. Irmã de Dédalo, e mãe de Perdix e de Talos, um gigante cretense. Ela confiou a Dédalo seu filho Perdix, que se tornou muito versado em mecânica e nas artes. Mas Dédalo, com ciúmes o matou. Atenas transformou o infeliz artista em perdiz, e Dédalo foi condenado à morte pelo Areópago, ou, segundo outros, ao exílio perpétuo.

PEREGRINO PROTEU — Filósofo cínico nascido em Pário, no ano 105 da era cristã e morto em Olimpo em 165. Segundo a obra de Luciano "Da Morte de Peregrino", ele tornou-se cristão e visitou igrejas na Palestina, na Grécia e na Itália. Excomungado, depois de haver profanado a Páscoa, renunciou ao cristianismo e tornou-se filósofo cínico. Tendo atacado virulentamente o imperador Trajano, foi prêso em Roma, porém os cristãos se interessaram por ele não obstante a sua apostasia e conseguiram a sua liberdade. Depois reapareceu na Grécia, por ocasião dos "Jogos Olímpicos", e anunciou a sua intenção de se lançar vivo dentro de uma fogueira, esperando que o povo não consentisse que ele fizesse tal loucura. A multidão acorreu; mas ninguém se interpôs, e, para não falar com a palavra, Peregrino lançou-se no meio das chamas. A maior parte dos críticos considera o livro de Luciano como um romance satírico, ora dirigido contra os cristãos, ora contra os cínicos. Porém, o personagem Peregrino não é imaginário. Vários autores antigos fazem referências a ele como sendo um sofista do século II.

PERIANDRO — Tirano de Corinto, e um dos sete sábios da Grécia. Governou de 625 a 528 antes de Cristo. Seu pai, Cipselos, havia destruído em Corinto a aristocracia dórica. Periandro continuou a sua política. E soube ligar-se à massa popular através de medidas judiciosas, encorajando o comércio e estimulando as artes; empenhou-se em algumas guerras felizes e apoderou-se da Corcira e de Epidauro; comumente lhe é atribuído um projeto de abertura do istmo de Corinto. A despeito de sua fama de sabedoria, era um homem violento. Matou a pontapés sua esposa Melisse e exilou o filho em Corcira, porque a morte de sua mãe

o deixou triste. Para o fim da vida, resolveu dividir o trono; Licofron respondeu que não podia viver na mesma cidade onde morava o matador de sua mãe. Periandro lhe propôs abdicar em seu favor e ir viver na Corcira; os corcirianos, pouco desejosos de o terem como hóspede, assassinaram Licofron para que o seu projeto não se efetivasse. Pouco tempo depois, Periandro morreu de tristeza. Segundo Platão, Periandro de Corinto foi confundido com um outro Periandro, tirano da Ambracia. Existe, assinado por Periandro, um certo número de máximas, de generosa inspiração.

PERIBEU — Personagem da mitologia grega. Filha de Alcathos e rei de Mégara. Foi condenada por seu pai a ser precipitada no mar, porque se havia deixado seduzir por Telamon, filho do rei de Egina. Porém, a guarda encarregada de fazer cumprir a sentença preferiu vendê-la como escrava e levaram-na para Salamina, onde Telamon comprou-a e fê-la sua esposa. Desta união nasceu Ajax — filha de Hiponos. Mas ela deixou-se seduzir por sacerdote de Arés e foi enviada por seu pai a Eneus, rei da Caledônia, a fim de ser morta. Porém este príncipe, tocado pela beleza da jovem, toma-a como esposa, e com ela tem Tideu, que foi o pai de Diomedes.

PERIFETES (Mitologia grega) — Nome de um gigante, filho de Efaistos e de Anticléia. Ele matava com uma enorme massa todos os viajantes que passavam perto de Epidauro. Porém, um dia, Teseu o encontrou e o matou, guardando sua famosa massa como troféu.

PERISADES — Rei do Bósforo Cimeriano, filho de Leucon, morto por volta de 312 antes da nossa era. Em 349 sucedeu ao seu irmão Espartaco, lutou contra os citas, manteve relações amistosas com os atenienses e celebrizou-se pela brandura do seu governo.

PERKIN WARBECK — Pretendente à coroa da Inglaterra, nascido em Tournay, em 1474, e morto em Londres no ano de 1499. Filho de Jean de Werbecque, empregado da municipalidade de sua cidade natal, fêz-se criado da família Brampton, que o levou para Portugal. Em 1491 desembarcou em Cork, dizendo-se o duque de York, filho de Eduardo IV. Os condes de Desmond e de Kildare deram a esta fabulosa pretensão o seu integral apoio: Carlos VIII de França, Margarida de Borgonha e o imperador Maximiliano reconheceram o impostor. Em 1495, Perkin, tendo à frente uma expedição, desembarcou em Dral sob o nome de Ricardo IV. Cercado pelas tropas do conde de Devonshire e lord Darnley, foi batido em Beaulieu, aprisionado na Torre de Londres (1497) e enforcado em Tyburn, juntamente com seu amigo, o prefeito de Cork.

A O chegar a um ponto no solitário caminho da sua vida, a mulher conhecida por "Millie, a Bruxa", tinha começado a desconfiar de todo o mundo.

Era a dona de uma loja de antiguidades, no povoado de Arundel, na costa sul da Inglaterra. Mas negava-se a receber clientes ou vizinhos.

Os vendedores deixavam seus embrulhos nos primeiros degraus da porta de entrada e ficavam, depois, esperando que ela lhes arranjasse o dinheiro, quase sempre em notas de dez shillings. Em Arundel dizia-se que a casa estava abarrotada de notas de dez shillings. O primeiro andar encerrava um amontoado de mó-

dade, onde jazia a mulher assassinada. A cena deve ser muito parecida com uma dessas películas cinematográficas antiquadas e escuras. O local era um *cottage* de madeira, com o telhado arruinado. Sobre uma gemente mesa central, brilhava fracamente uma lâmpada de óleo.

Um gato negro se esfregava contra o bordo da porta aberta, pela qual penetravam verdadeiras ondas de neblina grisácea.

A pequenina lâmpada, então, piscava histêricamente, a ponto de esgotar seu combustível.

Uma espessa camada de poeira cobria tudo; almofadas rasgadas e a coleção de objetos os mais dis-



SEGREDOS DE SCOTLAND YARD

A PISTA DA NOTA DE DEZ SHILLINGS

veis velhos, roupas velhas, utensílios de toda espécie e até sapatos, tudo com uma camada de pó espessa como o veludo.

Foi no dia 18 de setembro de 1944, um mês antes do detetive Robert Fian ser elevado a detetive-chefe de Scotland Yard, que a polícia de Sussex comunicou a Londres que Millie, a Bruxa, tinha sido encontrada assassinada em sua loja. Não fôra encontrada, ainda, qualquer pista.

Seu colega, o inspetor-chefe Tom Barret, apanhou uma das oito "bolsas do crime", que esperam sempre numa estante e que contêm todo o necessário para a pesquisa "sobre o terreno" dos casos de homicídio.

Assinou o recibo referente às trinta libras que há mais de cem anos as autoridades máximas de Scotland Yard consideram dinheiro mais que suficiente para um detetive lançar-se à investigação de um delito desse gênero. E seguiu para Arundel.

Quando chegou ao teatro do crime, do canal da Mancha subia um nevoeiro bastante espesso, que envolvia Arundel em treva pesada, inclusive a loja de antigui-

paratados. Tom Barret espirrava com precaução.

— Impossível saber — dizia, mais tarde, aos seus colegas de Scotland — onde terminava a neblina e onde começava a poeira.

Segundo foi verificado, mais tarde, o verdadeiro nome da "Bruxa" era Amélia Elisabeth Ann Knowles. Seu pai tinha sido o velho Knocker Knowles, coveiro local.

— Era um excelente homem — declarou o vizinho, Ben Alderton, com o pesado sotaque do Sussex. — Morreu quando eu ainda era menino...

Talvez alguns policiais tivessem dito: "Neste caso, não falemos mais..." Porém, Tom Barret, segundo a tradição do Yard, disse, pachorrentamente:

— Conte-me alguma coisa a seu respeito.

E foi assim que veio a inteirar-se de que o velho Knocker Knowles havia estabelecido uma idiosincrasia familiar, ao empregar todo o seu dinheiro em relógios de couro, que levava em todos os bolsos e que tinham sido herdados por sua filha — Millie.

— Por estas bandas — acrescentou Ben Alderton — não há quem ignore a existência desses relógios. E olhe que valem bom dinheiro se é verdade o que dizem sobre eles! — acrescentou.

— Millie chegou a vender algum desses relógios? — perguntou Barret, com grande interesse.

— Nem um só! — afirmou o vizinho com convicção.

O assassino também não os havia levado, pois que foram encontrados em um aparador, ocultos simplesmente por uma capa de poeira salitrada e cinzenta.

Através daquela luz melancólica, Barret deitou uma olhadela para a enrugada e decrépita anciã, estirada no solo, onde fôra encontrada.

Junto dela, aberto e vazio, estava o seu engordurado porta-moedas. Alguém lhe havia quebrado a mandíbula em três lugares; tinha ainda as costas quebradas de maneira tão brutal que era de se jurar que haviam saltado de pés juntos sobre o seu mísero corpo.

Sem dúvida alguma tratava-se de um crime longo, trabalhoso e com luta.

Um sargento-detetive, com o rosto profissionalmente impassível, descosia com seu canivete as costuras do velho vestido e ia retirando das dobras da andrajosa saía da morta pequenos pacotes de notas de dez shillings, não descobertos pelo ladrão-assassino.

As destroçadas almofadas e até entre as molas do sofá estavam recheados de notas de dez shillings. Sobre esse incômodo

móvel, com molas quebradas, formando ondulações ponteadas, vinha dormindo Millie, a Bruxa, nos últimos quinze anos.

— Alguém ouviu alguma coisa? — perguntou Barret aos vizinhos.

Realmente, tinham ouvido gritos de "Socorro! Assassino! Fora!"

— Mas isso não constituía nenhuma novidade — anunciou a sra. Dorothy Dall, que vivia duas portas mais além da casa de antiguidades. — A velha Millie estava sempre vendo fantasma e quase tôdas as noites gritava que a deixassem em paz. A última noite não foi, assim, muito diferente das demais.

— Sempre a mesma hora? — perguntou Barret. — Os mesmos gritos? Inclusive a noite em que a desgraçada foi assassinada?

— Sim — responderam os vizinhos. — Sempre cerca de meia-noite, inclusive na noite de sua morte.

O plano do assassino estava bem claro...

Alguém que conhecia bem a existência do dinheiro e dos pontuais gritos da meia-noite, pensou que os vizinhos não poderiam assegurar se a velha Millie gritava aos fantasmas ou aos ladrões. Restava, entretanto, o mistério envolvendo a coleção de relógios... Como podiam ter ficado esquecidos, intactos e como, também, não tinham levado aquela enorme quantidade de dinheiro? Podia o ladrão-assassino ignorar os tesouros de Millie, a Bruxa? O (ou a) homicida, talvez fôsse um forasteiro, de passagem por Arundel. Isso era o que raciocinava Barret. Um forasteiro que tivesse ouvido falar alguma coisa, porém não



tudo, do que se murmurava, no povoado, a respeito da antiquária.

Assim pensando, Barret reiniciou sua minuciosa indagatória, agora no sentido de saber se tinham visto algum forasteiro.

— Bem — manifestou um dos vizinhos da assassinada. — Não sei, exatamente, se seriam mesmo forasteiros, mas a verdade é que ouvi, aquela noite, dois homens, que conversavam debaixo da minha janela. Ouvi um deles dizer que ia partir porque não podia mais...

— Por favor... — pediu Barret. — Como foi que ele falou, exatamente? Repita, se puder, as suas palavras.

— Disse: "Já vou indo, Paddy; já estou sem combustível".

Afinal! Ali, naquela pequenina frase, aparentemente inocente, estava toda a luz que Barret buscava tenazmente.

A expressão "estar sem combustível" era coisa muito corrente entre os homens da aviação. Muito provavelmente tinha sido um avião o que a empregara.

Sem perder um minuto, Barret deu a sua equipe a ordem de interrogar a todos os indivíduos de todos os campos da R.A.F., daquela zona.

O trabalho da polícia triunfa mercê do que possa esquadriñar, do que possa concluir pelo raciocínio e do que paciente-

mente investiga. A intuição pode proporcionar lampejos brilhantes, porém só depois que a paciência rasgou a superfície do mistério. Um professor da escola de polícia costumava dizer a seus alunos, futuros detetives:

— "Os crimes não são descobertos com a cabeça, mas com os pés."

Com isto queria significar que era andando, batendo ruas, subindo a telhados, pisando e repisando o terreno do crime e as diversas pistas longamente e muitas vezes, que se chegava a descobrir a verdade.



A todos os campos da R.A.F. foram enviados detetives, que entraram a indagar, homem por homem, não apenas seus próprios movimentos na noite do crime, como também os de seus companheiros, até que se logrou reconstituir o quadro.

Um taciturno jovem da fôrça antiaérea, chamado Andrew Brown, conhecido algumas vêzes por Paddy, declarou que às dez em ponto da noite do crime, êle se encontrava no acampamento. Seu amigo corroborou, de forma protetora, que, efetivamente, Paddy havia regressado às dez horas. Porém, outros dois aviadores tinham visto Paddy havia regressado às dez horas. Porém outros dois aviadores tinham visto Paddy pelas ruas de Arundel depois das onze. Aliás, Paddy tinha licença até a hora da "revista" do dia seguinte. Por

UM MUNDO SEM MICRÓBIOS

HÁ vinte e cinco anos que o professor James Reyniers decidiu criar um **mundo fechado**, sem micróbios. Mandou construir uma enorme dependência de paredes duplas, completamente circundada por fontes antissépticas. Durante um quarto de século, macacos, coelhos, galinhas, insetos, nela viveram, de geração a geração, sem a presença de micróbios.

Os resultados dessa extraordinária experiência acabam de ser publicados. Quando morria um animal, dos que haviam vivido nessas condições, seu corpo permanecia sem alteração durante mais de uma semana. As fêmeas em vias de reproduzirem é fornecido alimento esterilizado através de tubos igualmente estéreis. Nestas condições, sua saúde é excelente, e, geralmente, as crias nascem antes do tempo normal. O número total desses animais vai além de mil. Há algum tempo, vários sábios, providos de escafandros esterilizados e munidos de garrafa de oxigênio, conseguiram penetrar naquele mundo sem contaminá-lo. Depois, por meio do rádio entraram em comunicação com o mundo exterior, ao qual deram sensacionais notícias entre as quais a de que ali se desconhecem não somente as enfermidades clássicas, mas até mesmo as cáries dentárias. **Só se morre de velhice!**

A MULHER E AS LEIS

SAMUEL Johnson, grande escritor inglês do século XVIII, dizia que "com notável sabedoria as leis deram pouco poder às mulheres porquanto a natureza já as havia dotado de muita fôrça."

que, então, voltar tão cedo... se é que tinha realmente voltado?

Os detetives percorreram várias lojas comerciais, tabernas, cinemas, bares, perguntando se alguém tinha visto um aviador que exibia um pacote de notas de um shilling maior que as do tipo moderno?

A bilheteira de um dos cinemas recordou ter visto êsse indivíduo. Havia vendido entradas para êle e duas mocinhas, recebendo uma nota de dez shillings do tipo mais antigo.

Imediatamente foram "caçadas" as duas mocinhas referidas.

— Estávamos na fila do cinema — declararam à polícia — consultando nossos haveres, para saber se tínhamos o dinheiro necessário para pagar as entradas. Diante de nós estava o aviador. Tirou do bôlso um punhado de notas de dez shillings e nos disse que não nos preocupássemos pelo dinheiro, porquanto compraria as entradas para nós também.

Levadas à presença de Brown, logo o identificaram. A bilheteira fez o mesmo.

No caderno de anotações de Brown não figurava nenhuma despesa extraordinária nos últimos meses, nem o recebimento de qualquer quantia "extra". Nem puderam encontrar notas de dez shillings nos bolsos de sua roupa, nem em sua mochila do quartel, quando Barret ali passou revista.

— Muito bem — declarou Barret. — Tenho a certeza de sua culpabilidade, e isso creio poder provar. No entanto, vou deixar que você mesmo prove a própria culpa. Vamos andando, agora, juntos, desde a porta da loja de antiguidades, até o seu pavilhão, no quartel. Irei, todo o tempo observando o seu rosto. Quando chegarmos ao lugar onde escondeu o dinheiro, a expressão do seu rosto o delatará. Pode estar absolutamente seguro do que acabo de dizer. Ao sair do acampamento, fitou-o bem, para ver se nas feições de Brown era registrado qualquer relaxamento que denotasse achar-se ainda o dinheiro oculto no próprio acampamento. Porém os apertados lábios do jovem aviador não se alteraram.

Êsse sistema de "coação psicológica" é tudo a quanto chega Scotland Yard em matéria de tortura física. É êsse, aliás, o mesmo método empregado pelos funcionários da alfândega de todo mundo,

quando perseguem um contrabando oculto nas bagagens de algum viajante e querem evitar o revistar, um por um, todos os volumes que compõem a sua bagagem.

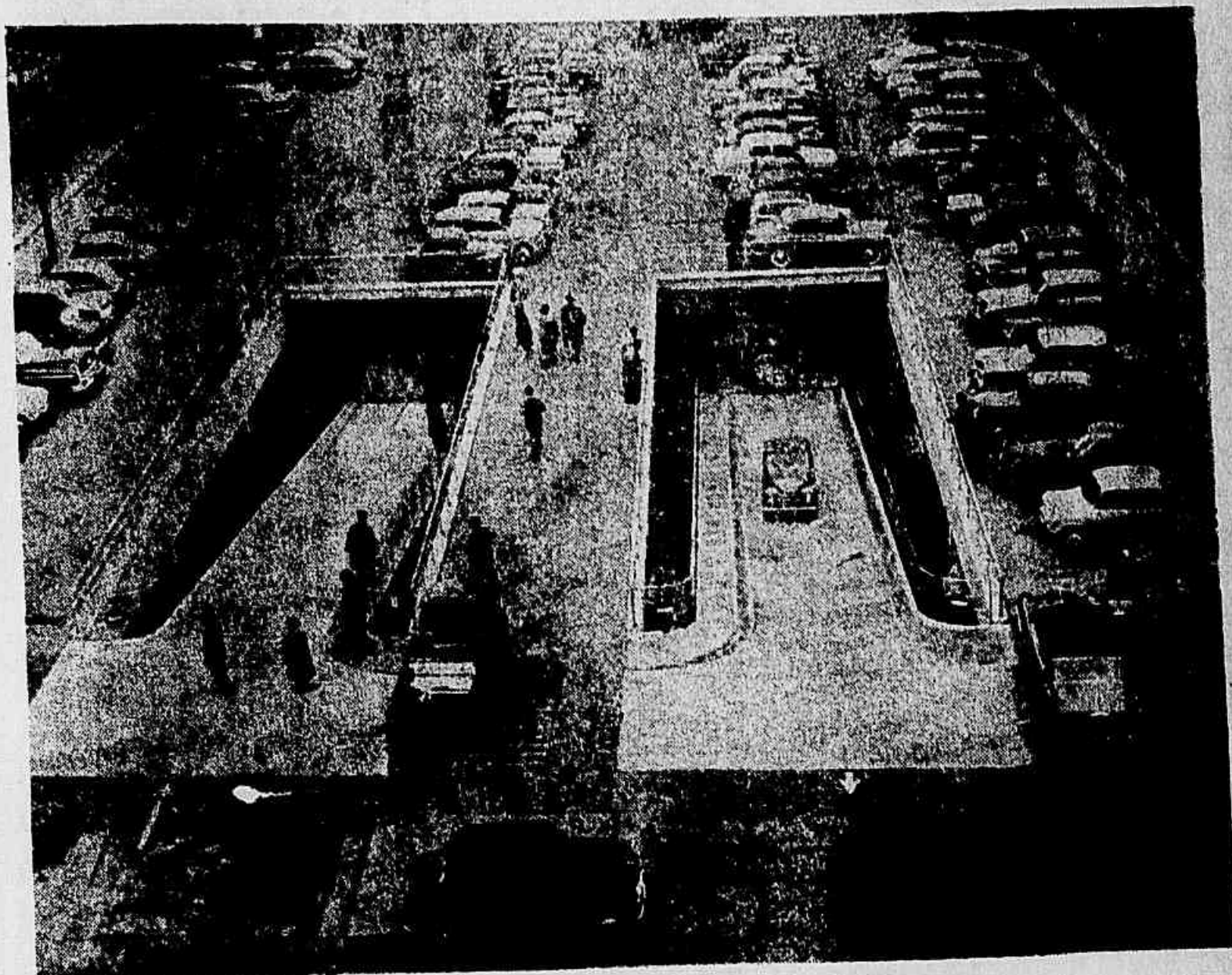
O sistema deu resultado. Conforme Barret e Brown avançavam pela estrada, o avião olhava fixamente para a frente... até que passaram diante de uma parede meio derruída. Os olhos de Brown se voltaram um instante para uma greta aberta no paredão. Foi coisa de um segundo. Imediatamente tornou a olhar para a frente, para a estrada. Porém Barret vira tudo...

— Muito bem... — disse êle. — Então é ali, hein?

Brown passou a língua pelos lábios secos. Encarou os solenes rostos dos corpulentos homens que o cercavam.

— "Debaixo daquela pedra grande — murmurou, enfim. E viu quando o inspetor, depois de intrometer dois dedos na greta da pedra, retirou alguns deteriorados pacotes de notas de 10 shillings, que ainda restavam no esconderijo subterrâneo.

De nada lhe valera, afinal, o seu hediondo crime, senão poder exhibir alguns pacotes de notas de 10 shillings para ganhar as boas graças de duas mocinhas e pagar três ingressos para um filme — por sinal ruinzinho.



GARAGE SUBTERRANEA — Num canto da Piazza del Duomo, em Milão, Itália, foi entregue ao público a mais moderna garage do mundo, capaz de acolher mais de 500 veículos. A prefeitura lhe deu o nome de «Autoasilo» e fica sob o piso asfaltado não perturbando a circulação.



EM QUE DAO AS HISTÓRIAS DE «MOCINHO» — Com dezoito anos William Coy Burk, de Rhome, Texas, queria reviver as façanhas de Jesse James. Apresentou-se ao caixa do National Bank, da sua cidade, em punhando dois revólveres. Já se afastava, montando ligeiro cavalo e carregando mais de dez mil dólares. Mas esquecera-se de que hoje há o automóvel e foi num desses veículos que a polícia o apanhou. Aí temos, já algemado, conduzido pelo «sheriff» local. Burk havia conseguido um chapéu de «cowboy», dois revólveres do tipo antigo... e muita coragem. Notem o olhar apiedado da senhora que vê passar o jovem delinqüente.



IKE

É O PRESIDENTE

OS gregos, que fizeram da política uma arte de governar, diziam que um bom chefe de Estado era merecedor de todas as con-

siderações e que os seus ganhos não deviam ser restringidos; por outras palavras: um governante tinha necessariamente que ser bem pago para que pudesse levar uma vida de acordo com o grau de sua alta hierarquia; e acrescentavam, com razão: "Desta maneira, evita-se que o mesmo tenha maus pensamentos em matéria de finanças."

Quanto mais importante é o país, maiores devem ser os subsídios dos seus chefes supremos.

Esta teoria política dos helênicos era, realmente, bem fundamentada, pois que, atualmente, os chefes de Estado recebem uma remuneração de acordo com a riqueza de seu país.

Se os Estados Unidos formam a nação mais poderosa, economicamente, qual vem a ser a remuneração do seu presidente?

Certamente, esta pergunta já terá ocorrido aos leitores. Pois bem, o presidente Eisenhower é, realmente, o governante

mais bem pago do mundo; nenhum outro chefe de Estado tem os privilégios de que ele desfruta; devemos, forçosamente, reconhecer que o presidente Eisenhower é, na atualidade, o árbitro da política internacional e, de acordo com o cargo político que ocupa, o primeiro magistrado americano deve receber uma excelente remuneração.

Nenhum norte-americano, qualquer que seja a ideologia que espouse, discute sobre a justiça dos subsídios do seu presidente; e mais: folgam em saber que este é bem pago e presumem que o seu governante desempenha suas tarefas melhor do que qualquer outro do mundo. Podemos chamar de **orgulho cívico** este modo de pensar do cidadão estadunidense.

Eisenhower custa ao Erário norte-americano quatro milhões de dólares mais do que o presidente Roosevelt; sete milhões mais do que custou Hoover; e doze mais que Truman!

Não quer isto dizer que ele possua maiores aptidões do que os seus três antecessores, mas, simplesmente, que o cargo, atualmente, exige mais, uma vez que o custo de vida subiu em todo o mundo. Hoover, em sua época, com a sua remuneração, podia levar a mesma vida que leva atualmente o presidente Eisenhower. Os contribuintes norte-americanos pagam anualmente 280.000.000 de cruzeiros para fazer frente às despesas do gen. Eisenhower.

BERNARD SHAW CONTRA A VELHICE



BERNARD Shaw, tão enamorado da vida, deve ter escrito o que segue, quando tinha vinte anos de idade: "Se as nações possuísem o menor senso das coisas, iniciariam as guerras enviando

os velhos na frente. Somente em último caso arriscariam a vida dos jovens. Em 1914 era

pavoroso ver aqueles regimentos de jovens que iam para o matadouro cantando hinos marciais. Seria mais interessante se desfilassem batalhões de octogenários, agitando seus báculos e cantando:

"Somos milicianos — que não voltarão mais."

Isso, sim, entusiasmaria — pelo menos a mim!

MAIS BEM PAGO

Um brasileiro pode considerar excessiva tal remuneração, mas os norte-americanos acham que o seu presidente vale o seu próprio peso em brilhantes, assim como fazem com o Aga-Khan os seguidores de sua religião (islaemita). E ainda mais depois da Conferência de Genebra, onde "Ike" — como familiarmente o chamam seus compatriotas — consolidou a confiança do seu povo no seu governo e abriu tôdas as portas para a sua reeleição presidencial

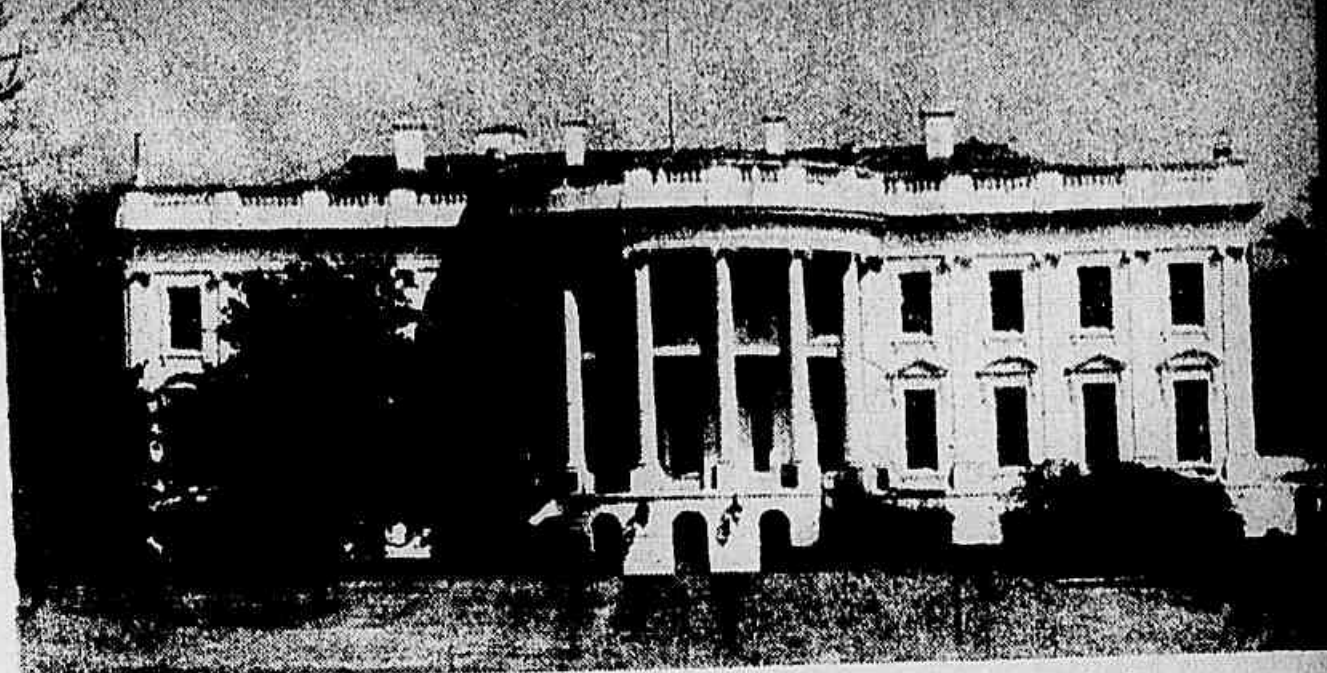
OS GASTOS DO PRESIDENTE

Quais as despesas do presidente Dwight Eisenhower?

A remuneração integral para o cargo de presidente da República é de 8.000.000 de cruzeiros por ano, de cuja quantia são deduzidos 2.000.000 de cruzeiros, pagos ao Tesouro, como impôsto (ônus de que nem o próprio presidente se livra). Restam, então, 5.000.000 para as suas necessidades; para as despesas de representação "Ike" recebe 4.000.000 anualmente (menos um milhão que paga ao Tesouro Nacional; além disso, recebe 3.000.000 para as despesas de viagens.

Em suma, de um modo ou de outro, o presidente norte-americano tem direito a uma remuneração líquida de cerca de 14 milhões de cruzeiros!

Essas cifras se referem, apenas, ao dinheiro **recebido pelo presidente**; por outro lado, Ike vive numa residência rodeada de sete hectares de jardins, cujo valor é equivalente a 1.800.000.000 de cruzeiros. Leram bem? Um bilhão e oitocentos milhões de cruzeiros! Tem, ainda, constan-



A "Casa Branca", uma das residências oficiais de Eisenhower. Seu valor está calculado em um bilhão e oitocentos milhões de cruzeiros!

temente, à sua disposição dezoito automóveis, dois iates, um trem particular, várias casas-de-campo, uma piscina e oito aparelhamentos completos de ar condicionado.

Somem a tudo isto mais 277 empregados de escritório, 72 criados de servir, trabalhadores braçais, eletricitas, jardineiros e outros servidores.

Porém, as maiores despesas presidenciais são destinadas à manutenção dos **serviços de proteção**: assim, Eisenhower tem sob as suas ordens 151 policiais que formam a guarda da Casa Branca, e mais um número desconhecido de agentes secretos.

Excluindo esse corpo policial, o general Eisenhower tem mais 545 empregados de confiança, todos muito bem pagos, e cujos salários são deduzidos da remuneração presidencial.

E os gastos pessoais do presidente?

Oh! São bastante reduzidos, uma vez que mantém apenas sua família e os 72 empregados que se acham a seu serviço na fazenda recentemente comprada.

Como se verifica, o cargo de presidente dos Estados Unidos é muito bem remunerado: sem dúvida alguma é Eisenhower o chefe de Estado que recebe os maiores subsídios entre todos os governantes do mundo.

LINGUAGEM DOS PEIXES

O Instituto de Investigações Oceanográficas de Woodshole (Massachusetts) organizou uma expedição encarregada de realizar, nas costas norte-americanas, estudos sobre a **linguagem dos peixes** ou, mais exatamente, sobre os sons emitidos pelos grandes animais marinhos, como a baleia e o atum. O resultado dessas investigações pode determinar importantes consequências econômicas. Os sons emitidos permitem localizar cardumes de peixes e indicar sua

quantidade e espécie, facilitando, assim, o trabalho dos pescadores. Sabe-se pouca coisa, ainda, sobre o assunto, a não ser que a baleia faz muito barulho, que o atum é quase silencioso e que, com raras exceções, o canto dos peixes é imperceptível ao ouvido humano. O navio para a expedição estará equipado com aparelhos eletrônicos. As tomadas de som serão feitas com microfones submarinos e as máquinas e geradores serão desligados, para não perturbarem.

a pergunta fatal

Por ANNE LENOIR PICARD

J EANNE Claire olhava através da janela açoitada pela chuva. Seu olhar estava fixo em algum ponto da rua deserta, onde as lâmpadas se achavam envolvidas por uma cortina de água. Mas olhava simplesmente, sem querer ver coisa alguma.

Sentia-se como que embrutecida, o coração pulsando com violência.

— Por que não nos casamos? — perguntara Jeanne.

E ele respondera, surpreendido:

— Ah, não! Isto não!

M AS, teria sido real? Não estaria ela enganada?

Seus ouvidos teriam mesmo ouvido aquelas palavras? Desde a tarde anterior não cessava de fazer a si mesma essas perguntas. Era como se a repetição constante das interrogações mudasse a realidade dos fatos... Tinha a sensação de haver voltado de muito longe, de haver realizado uma grande viagem, a pé, por uma terra em que a vida era bela, e as esperanças se concretizavam. Mas, agora, tudo havia terminado!

Quando regressou ao seu apartamento, permaneceu sentada numa poltrona, sem sequer descalçar os sapatos. Nem se lembrou de ligar a luz. Inclinou-se para trás e certamente dormiu. Despertou pela manhã, e agora era noite outra vez.

Teria comido alguma coisa? Como haviam passado as horas? Estava realmente ali, ela mes-

ma, ou tratava-se de outra pessoa?

Contudo não era um pesadelo. Havia feito a malfadada pergunta, e ele respondera: "Ah, não! Isto não!" Agora estava feito! Devia habituar-se, e pronto! Perdera-o, como perdida considerava-se ela própria...

Entretanto, uma coisa parecia-lhe real: o telefone. Desviara a vista para não

ver o aparelho que a fascinava, atraindo seu dedo, que podia discar um número, o número. Seria bastante girar o disco seis vezes para restabelecer o vínculo partido, que até bem pouco a ligava a Bertrand. Esse laço

teria sido definitivamente rompido? E não deveria ela adquirir a certeza disso?

— "Mas para quê?" — pensou. — Bertrand a fizera compreender o irremediável da sua derrota. Agora estava morta, e os mortos não falam por telefone! No entanto, podem continuar vegetando, sem alma, sem ilusões, sem amor...

M AS, de que maneira os fatos tinham decorrido? Jeanne Claire tratou de reconstituir mentalmente as semanas vertiginosas que acabava de viver; porém, suas recordações se apresentavam incor-

— POR QUE NÃO NOS CASAMOS? — perguntou.

E ele:

— AH! NÃO... NÃO... ISSO NÃO!



retas, fora de ordem, esfaceladas. Lembrava-se, sobretudo, do primeiro beijo, após aquela tarde que passaram juntos, a princípio num cinema e depois numa confeitaria. Havia conhecido outros

beijos que lhe causaram uma vaga sensação de bem-estar; sob os lábios de Bertrand experimentara algo de novo, uma sensação primitiva que se achava além da civilização e dos preconceitos e que destruía o seu equilíbrio, penetrando em seu sangue e privando-a de forças.

Desde então tinha passado a viver das sensações que lhe proporcionavam os beijos de Bertrand. Teria preferido que fossem menos apaixonados, embora mais ternos; mas, de qualquer maneira, não podia resistir à sua violência, cuja recordação a perseguia quando ficava sòzinha. Aquêles lábios que a ameaçavam e dela se haviam apoderado, pareceram-lhe irresistíveis. E tinha sido tão feliz que a sua vontade se desvanecia sempre ante aquêle arrebatamento.



EU SEI TUDO

Recordou também aquela tarde em que fizeram uma excursão e almoçaram num campo florido, perto de uma plantação de feno, cujo perfume os envolvia. Nada no mundo pôde fazê-la desprender-se de seus braços.

O LHANDO agora para o vazio, Jeanne Claire sentia que o desaparecimento daquelas tentações que por tanto tempo haviam crispado seus nervos, pesava-lhe como uma ausência física. Que seria dela sem essa luta contra si mesma, em que dizia “não”, cada vez com maior esforço? Não ocultava a si mesma que sempre o animara a beijá-la ardentemente. E tolerava suas queixas que se repetiam eternamente. Em suma, deixara-se resvalar para o perigo, que cada dia parecia-lhe menor.

Pouco a pouco, familiarizar-se com a idéia de que seus preconceitos eram exagerados... até que decidiu ir à casa dele; foi quando Bertrand, em resposta à sua pergunta, disse: — “Ah, não! Isso não!”

E ela fugiu, desesperada...

Teria cometido um grande erro ao falar em casamento? Não eram noivos — pelo menos oficialmente. Bertrand nunca lhe fizera proposta de casamento. Mas tinham feito projetos para o futuro, pensando em viagens, diversões, compras, etc. Teria atribuído a êsses projetos um sentido que ele não dava? Teria compreendido suas atitudes como se fossem promessas de uma União definitiva, coisa que toda mulher deseja quando ama?



JEANNE Claire perguntou a si mesma se devia ter esperado uma ocasião mais propícia para fazer a pergunta que afinal destruiu o seu castelo de areia. E, embora seu desengano fôsse terrível, sabia perfeitamente que se iludira porque assim quisera.

Tinha adiado a pergunta de uma semana para outra, de um beijo para outro, porque tinha medo da resposta dele; tinha medo de perdê-lo! E, finalmente, precipitara as coisas quando se encontrava na casa dele; o que parecera uma pergunta, o que conseguira dizer como se fôsse algo sem importância, tinha sido, na realidade, um grito de angústia, um grito de desespero



ante o perigo de não mais poder resistir. Fôra um verdadeiro milagre, pois, apesar de se achar muito perturbada, tivera fôrças para ir à casa de Bertrand. E, se a resposta dêle tivesse sido menos brutal, se se tivesse mostrado mais carinhoso, mais hábil, ou pelo menos mais calado, quem sabe se...

Não, não e não! Há coisas impossíveis; inconcebíveis, irrealizáveis! O amor não podia justificar tudo, e agora era preciso lutar e resistir à atração do telefone, que a convidava a ligar para êle, para combinar um encontro, para prosseguir sem mais reflexões...

Mas enquanto refletia e se censurava, o telefone restabelecia o vínculo que a unia a Bertrand. Não podia... não queria feri-lo! Amava-o... e que importava se êle a queria menos ou nada? Sabia, apenas, que não podia viver sem êle!

Repetia a si mesma, em vão, que aquêle homem só desejava uma aventura; porém era de todo insuportável não mais ouvir

a sua voz, ficar sem os seus beijos, não sentir a pressão das mãos dêle sôbre as suas.

Continuava naquela dúvida, sem se decidir a ligar para êle. "Não quero! Não quero!", protestava, como se o som da própria voz a convencesse definitivamente. E pensava em tudo o que poderia suceder: as decepções sucessivas, o abandono inevitável, as recordações dolorosas, os remorsos...

Em sua confusão de sentimentos não lhe ocorreu que Bertrand poderia muito bem ligar para ela, e assim, quando isso aconteceu, um minuto depois, ao ouvir a voz dêle impressionou-se de tal forma que estêve a ponto de desmaiar.

— Não pude telefonar antes, querida. Preciso ver você hoje mesmo! — disse êle.

Jeanne aceitou encontrar-se com êle, como se tal fato derivasse de uma ordem absolutamente fora de discussão.

— Não estou nada bonita... — disse para si mesma, enquanto se preparava para sair.

Ia a êsse encontro como se cumprisse um dever, sem se perguntar se estava bem ou mal.

Continuava chovendo e a água ensopava-lhe o rosto e os cabelos. Desceu para o "metrô" e tomou o trem. Mas, absorta pelos pensamentos contraditórios que a assaltavam, nem sequer olhou-se ao espelho da estação antes de subir para a calçada.

Ignorava o que deveria dizer ou fazer. Suas idéias eram imprecisas.

Bertrand a esperava na confeitaria, e ajudou-a a retirar a capa impermeável, dizendo amavelmente:

— Está tôda molhada, querida... Será que não vai ficar resfriada?

— Não; talvez não chegue a tanto — retrucou ela, maquinalmente.

Sem saber o que fazer, começou a passar pó-de-arroz no rosto. Quando estava pintando os lábios, êle se aproximou e ela retrocedeu.

— Até parece que não gostas mais de mim, querida! — queixou-se Bertrand com a segurança do homem que conhece o próprio poder.

— Apenas desiludida — defendeu-se ela, debilmente, lutando contra a fraqueza que se apoderava do seu ser.

— Só porque eu disse que não queria casar? Acredita, então, que quando dois se amam necessitam de casamento para poder eternizar êsse amor?

Jeanne nada respondeu e êle continuou, num tom que se esforçava por ser persuasivo:

— Será que o meu amor não é suficiente para você? Deve compreender que eu tenho medo do casamento... Tenho a impressão de que será o fim da minha juventude e o começo de uma vida monótona. Hei de me casar, um dia; mas não agora! Assusta-me a possibilidade de afogar a minha personalidade... Ao passo que, permanecendo livre, havia de amá-la mais que nunca. Você precisa ter um pouco de paciência; confia em mim...

Quando ela falou, após uma longa pausa, parecia responder aos seus próprios pensamentos:

— Quanto tempo duraram as suas relações com aquela moça que conheceu antes de mim?

— Teresa? Quatro... quatro ou cinco meses. Por quê?

Compreendeu tardiamente a verdadeira significação da pergunta, e acrescentou apressadamente:

— Como pode fazer comparações? São situações completamente distintas!

Continuou falando, mas Jeanné já não lhe prestava atenção. Seus esforços de justificativa soavam como algo bastante conhecido. Eram os mesmos com que ela havia procurado consolar-se durante a noite e o dia que acabavam de passar. Por algum tempo vira-se num beco sem saída. Mas, de repente, compreendera qual devia ser o seu caminho.

Pela primeira vez, desde sua chegada, olhou-o no rosto. E descobriu que êle era um homem de atitudes inteiramente falsas.

Era como todos os demais que a haviam cortejado, com muita ou pouca habilidade, em busca de um amor passageiro. Êste soubera entusiasma-la mais que os outros; mas, não passava de um homem medíocre, vaidoso, egoísta, mentiroso, que fugia às responsabilidades com as argumentações pobres de sempre.

Não; ela não seria uma aventura a mais, podendo durar quatro ou cinco meses, e cujo nome êle pronunciaria, depois, sem a menor emoção, como se se tratasse de um traste velho do qual não se lembrava bem. O mais assombroso era que ela se tivesse enganado a tal ponto, confundindo uma atração passageira com o amor!

Sentindo intuitivamente que havia deixado de ser o mais forte, êle baixou as pálpebras.

— Interessa-lhe tanto o casamento? — perguntou, vacilante.

Ela respondeu com absoluta indiferença:

— Se deseja pedir que me case com você, vou poupar-lhe êsse trabalho. Percebi que não o amo bastante para isso. Vim aqui apenas para despedir-me de você.

QUANDO voltou para casa, já não chovia. Blocos de nuvens deslizavam rapidamente pelo céu, descobrindo, de vez em quando, um pedaço da lua. O ar tinha um odor de chuva. Jeanne Claire caminhava a pé. Andava com passo regular, respirando bem fundo para receber tôda a frescura e pureza que a tarde exalava.

MANGUSTO versus COBRA



O mangusto (no Brasil temos boa variedade desse animal e com vários nomes) é um carnívoro ágil, corajoso e que ataca principalmente as cobras venenosas, não ligando às que não tenham veneno.

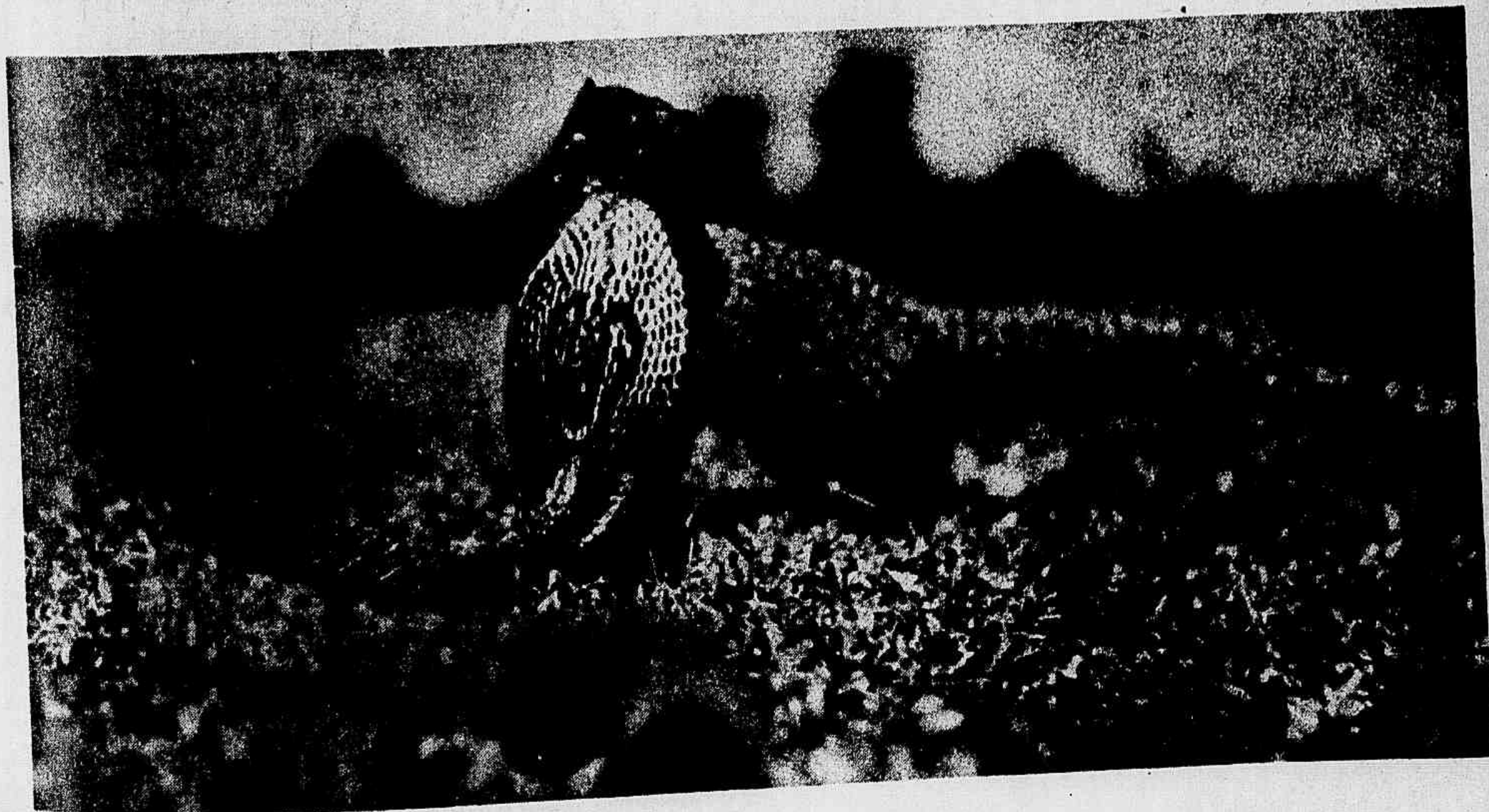
O combate que trava com o réptil é qualquer coisa de épico, onde revela inteligência, agilidade espantosa e audácia.

As cenas desta página foram apanhadas no Alto Egito, vendo-se a luta feroz entre um mangusto e a terrível naja, cuja picada é mortal.

No Brasil temos também vários lagartos comedores de cobra, como o Teiú, que, quando mordido pela adversária, corre a comer uma espécie de batata, que o cura instantaneamente, voltando logo para continuar a luta e vencer a antagonista.



O ataque final. O mangusto é um relâmpago! Em baixo, vitorioso começa a comer a vencida.



UMA mulher de cinquenta e seis anos vai ao médico consultar sobre um eczema agudo da vulva; antes havia aplicado diversos medicamentos, que não fizeram outra coisa senão piorar sua enfermidade. Além disso, era vítima de insônia, anemia, e vivia sempre fatigada. O médico faz-lhe perguntas e a examina minuciosamente; depois, para sua grande surpresa, indaga se ela usa uma "ponte" dentária. A resposta é afirmativa: sim; uma "ponte" provida de uma placa de ouro.

— Essa "ponte" não lhe incomoda — pergunta o médico.

— Não; nem um pouco.

Entretanto, o médico observa que os bordos das gengivas estão um pouco inchados; por outro lado, observa que há uma salivagem excessiva, aliada a uma sede anormal.

Então, o médico ordena que seja retirada a ponte. Algumas semanas mais tarde, todas as perturbações haviam desaparecido, inclusive o eczema vulvar. Agora, pergunta-se: Que ocorreu? Simplesmente isto: — a placa da "ponte" deu origem a uma corrente elétrica, que, por sua vez, provocou desordens no organismo, não somente na região que ficava imediatamente sob a placa, mas também à distância.

A SALIVA É UM ELÉCTRODO

Do ponto de vista físico, o fenómeno é simples: todo metal quando mergulhado numa solução qualquer emite uma corrente galvânica; esta se dirige do metal (eléctro-positivo) para a solução (eléctro-negativo). A força da corrente depende: 1) do metal; 2) da concentração da solução e de sua acidez.

Uma prótese dentária metálica constitui uma verdadeira pilha elétrica: o eléctrodo positivo é representado pelo metal, o eléctrodo negativo, pela saliva. De um modo geral, essa corrente é muito fraca. Mas,

quando a saliva é mais ácida, a corrente assume maior importância. A alcalinidade da saliva é, aproximadamente, de 7,3; porém, quando a porcentagem é mais baixa (isto é, quando a acidez é maior), a corrente galvânica, produzida pelo contacto da saliva com o metal, vem a ser mais forte.

A alcalinidade de certas salivas desce a 6,5 ou menos ainda. Nesses casos, a intensidade da corrente galvânica pode assumir proporções notáveis.

SERÁ O OURO UM METAL NOBRE?

E os leitores poderão perguntar: essa corrente é produzida por todos os metais? Por que não escolhem, para as próteses dentárias, metais que não produzam correntes galvânicas?

Durante muito tempo julgou-se resolver o problema com o emprêgo exclusivo dos metais inoxidáveis: ouro, amálgama ou mercúrio, aço inoxidável. Mas, atualmente,

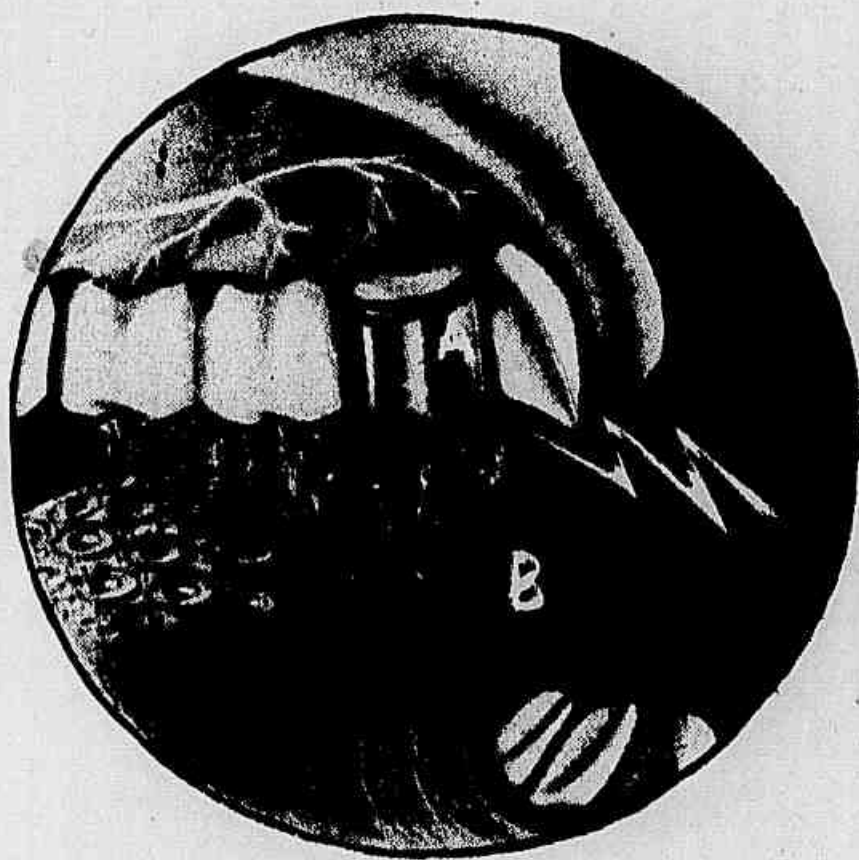
sabe-se que um metal inoxidável pode desempenhar o papel de eléctrodo; o metal não é corroído, mas a reacção se produz à sua superfície, e a corrente circula na saliva.

Mais recentemente, descobriu-se que essas reacções podiam ocorrer até mesmo com o ouro! Este era, entretanto, considerado o metal nobre por excelência, e acreditava-se ser o seu emprêgo absolutamente inofensivo. Mas, na realidade, não é assim. Se não vejamos: Qual a qualidade essencial do ouro? O fato de ser inoxidável.

No entanto, já vimos que a inoxidabilidade não impediu a emissão de correntes.

Por outro lado, para ser utilizado na prótese dentária, o ouro deve ser misturado com um outro metal: prata, cobre ou paladium.

Mesmo as próteses trabalhadas em ouro podem, em certos casos, dar origem a diversas perturbações.



O eléctrodo-positivo-A é representado pelo metal. O eléctrodo-negativo-B é representado pela saliva. No próprio momento em que a alcalinidade da saliva desce a menos de sete e três décimos, a intensidade da corrente galvânica se torna notável.

ISTO NÃO ME INCOMODA . . .

Fato notável: as correntes galvânicas provocadas pelas próteses dentárias, produzem perturbações não apenas nas vizinhanças da bôca, mas também nas mais afastadas regiões do corpo. Essas perturbações podem ser de tôdas as naturezas: em certos casos, são perturbações digestivas: aerofagia, funcionamento biliar defeituoso. Em outros casos, perturbações de ordem nervosa: espasmofilia, insônia. O galvanismo, às vezes, atua sobre os olhos, a garganta e os ouvidos. Assim é que ocorrem hemorragias oculares, irite (inflamação do íris), blefarite (inflamação das pálpebras), catarros persistentes, secreções excessiva do cerúmum, etc.

Os incidentes dermatológicos são frequentes: eczemas, coceiras nas partes sexuais, etc. Finalmente, o sangue pode sofrer perturbações, seja em virtude de uma anemia, ou devido ao aumento de elementos cuja taxa deve, normalmente, ser constante: uréia, colesterol, açúcar.

O REMÉDIO

Para que o galvanismo provoque tais perturbações, não é necessário que a prótese incomode o doente; podem ser produzidas por uma prótese perfeitamente adaptada e com a qual o indivíduo se declare inteiramente satisfeito.

Nada há de extraordinário nisto, pois a causa é, unicamente, a corrente galvânica produzida (como por uma pilha), pelo metal dentário em contacto com a saliva.

Neste caso, de que modo a atenção do médico pode ser chamada para a ponte ou coroa responsáveis? Por diversos pequenos detalhes que o próprio doente nunca pôde notar, mas que se revelarão no correr do interrogatório médico. Esses sinais ou detalhes são, por exemplo, secura na gar-



A SALIVA
É UM
ELECTRODO

ganta, sensação de comichão, gosto metálico na bôca, impressão adstringente ao contacto com frutas, etc. Certos doentes verificam que se puserem na bôca um objeto de metal (alfinêtes, apitos, papéis de chocolate) sentem o gosto em tôda a bôca. Outros salivam exageradamente, e outros, ainda, **vivem com uma sede constante.**

Diante desses sinais, o médico examina a bôca do cliente e só ele saberá se está vermelha e inchada. Se descobrir uma ponte, uma coroa ou um "pivot", montados em uma peça metálica, logo mede a diferença de potencial entre esta peça e a gengiva ou palato. Então, notará que a bôca do enfermo contém uma verdadeira pilha elétrica, origem de tôdas as suas perturbações.

O GALVANISMO AGE A DISTÂNCIA

Quando o médico chega a uma conclusão desta natureza, só existe um remédio: retirar as peças metálicas da bôca.

Alguns especialistas têm tentado eliminar a corrente, neutralizando o pólo negativo da pilha, isto é: diminuindo a acidez da bôca. Por isso, preconizaram as lavagens da bôca com uma solução de acetato

de cobre; infelizmente, porém, os resultados, embora úteis, são momentâneos; a saliva se torna ácida novamente e a **pilha** se reconstitui depressa.

Neste caso, devem ser substituídas as peças metálicas (mesmo as de ouro) por peças de porcelana, cimento, ou de resina acrílica.

Entretanto, mais vale prevenir do que curar. Se o leitor tem necessidade de usar

prótese dentária, deve evitar, tanto quanto possível, o metal sob tôdas as suas formas. As obturações podem ser feitas de cimento, as coroas e as pontes de porcelana ou de acrílico. Esta última substância, que apresenta a triplíce vantagem de ser leve, facilmente adaptável e inalterável, geralmente proporciona o máximo de satisfação.

Agindo dessa maneira, não mais teremos uma "pilha elétrica" dentro da da bôca.

PARA MELHOR PROTEGER OS PASSAGEIROS

O Serviço de Transporte Aéreo Militar e algumas companhias privadas australianas acabam de adotar em seus aviões as poltronas colocadas de costas para o "nariz" do avião.

Tôdas as experiências têm demonstrado que assim há uma maior proteção para os passageiros, em caso de acidente. As poltronas não devem ser fixadas na própria estrutura da fuselagem. Se estivessem prêsas a ela, em caso de aterrissagem forçada o passageiro receberia o choque de um modo muito direto. O piso do avião deve desempenhar o papel de amortecedor e contribuir para a proteção dos ocupantes. A resistência exigida dos cinturões de segurança é enorme.

Para começar, e antes de que os construtores estejam dispostos a pagar o preço de uma estrutura à prova de choque violento, são muitos os que se orientam para os assentos virados para trás. A experiência mostra que os passageiros não se queixam e logo se acostumam a viajar desta maneira. Só há um inconveniente: como a cozinha e demais dependências dos aviões estão, geralmente, colocadas na parte de trás da fuselagem, todos os passageiros são forçados a ficar olhando para essas dependências.

QUATROCENTOS PASSAGEIROS A 160 QUILOMETROS POR HORA!

N OS Estados Unidos está sendo terminada, por conta de várias companhias ferroviárias, a construção de um trem experimental rapidíssimo e barato, de um tipo inteiramente novo.

O novo trem, chamado "Trem Y", poderá transportar quatrocentos passageiros a velocidades médias de cento e sessenta quilômetros por hora. Uma locomotiva de mil e duzentos cavalos será suficiente para arrastar a referida composição. A maior vantagem do novo "Trem Y" será o seu reduzido preço de custo: nil dólares por assento em lugar de dois mil e quinhentos dólares, que é o custo dos trens atualmente em serviço.

O sistema de suspensão será pneumático. As caixas dos vagões repousam em eixos colocados sobre bôlsas de ar comprimido.



UMA NOVA ATRAÇÃO! — Em Berlim, uma "bolte" acaba de lançar nova modalidade de jogo, que vem atraindo para o estabelecimento uma multidão entusiasmada. No palco, em um momento dado, os freqüentadores enchem umas fichas contendo figuras dos dados, que marcam com uma cruz, segundo o palpite de cada um. Depois, no palco, surgem lindas coristas, exibindo-se dentro de enormes dados. Ao som de uma valsa giram, giram... até findar a música. Então, a um sinal do maestro a orquestra dá o sinal de parada... e elas se paralisam. Então, somando os pontos dos dados, que estejam voltados para o público, tem-se o resultado dessa loteria. O público aplaude muito, não sabemos se o jogo ou se as lindas coristas.



Do romance de
MARY JOHNSTON
 To have and to hold

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA:

Ralph Percy, cavalheiro inglês e um dos primeiros a ir para as terras da Virgínia, conquistadas pela Inglaterra, instado por seu amigo John Ralph, fidalgo também, decidira comprar

espôsa entre as moças enviadas para a colônia por sir Edwino Sandys, a fim de melhorar a vida em Jamestown, capital dessa terra americana, e favorecer o progresso. Com outros muitos desce o rio e vai aguardar o desembarque das beidades.

O vento era fresco e de feição, e rápido seguimos através do nevoeiro prateado na direção do sol nascente. O céu cobria-se de pálida côr de rosa até o zenite; então o sol se ergueu e bebeu a neblina. O rio cintilou e esplendeu; das ribanceiras frescas e verdejantes veio o perfume da mata e o canto dos pássaros; por cima erguia-se o céu de azul vivo, com ligeiras nuvens brancas a atravessarem-no.

Recordei-me do dia, treze anos antes, em que pela primeira vez homens brancos velejaram por êste mesmo rio acima, e quão nobre a sua amplidão, quão encantadoras as suas margens, quão brilhantes e suaves suas flôres e perfumes, quão grandes suas árvores, quão estranhos os seus selvagens sarapintados se nos tinham afigurado a nós outros aventureiros batidos pela tempestade, que pensamos haver encontrado um verdadeiro paraíso, pelo menos as Ilhas Afortunadas. Quão depressa fomos desiludidos!

Enquanto recostava-me à pôpa com os olhos meio cerrados e o timão do leme frouxo sob a mão, nossas muitas tribulações e poucas alegrias passaram como em revista diante de mim. Assaltos de índios; dissensão e luta entre os nossos diretores;

homens bons perseguidos, traficantes elevados; a fatigante procura do ouro e o mar do Sul; o horror da peste e o horror ainda mais negro do tempo da fome; a chegada da Paciência e da Libertação, com o que choramos como crianças: aquela prazenteira manhã de domingo em que seguimos Milord de la Warre à igreja; a vinda de Dale com aquêle severo mas salutar código marcial, que não me era estranho por ter combatido sob as ordens de Maurício de Nassau; os bons tempos que seguiram, quando esforçados jogadores de bola foram batidos, cidades fundadas, fortes construídos e o Evangelho pregado; o casamento de Rolfe com a sua princesa fusca; a expedição de Argal em que tomei parte e o governo iníquo de Argal; a volta de Yeardley com sir Jorge, e a dádiva inestimável que nos trouxe — tudo isto e muito mais, amigos velhos, inimigos velhos, velhos trabalhos e lutas e prazeres perpassaram-me agros e doces pela memória, à proporção que o vento e a maré me levavam. Do que estava adiante de mim não quis pensar, bastando a cada hora o mal presente.

O rio parecia deserto: nenhum cavaleiro esporeava o animal ao longo do caminho

à beira d'água; os barcos eram poucos e espaçados, e só transportavam criados ou índios, ou homens muito velhos. Era como Rolfe dissera, e a gente livre e sã das plantações, tinha tóda saído a todo o dar, em direção ao matrimônio.

Chaplains's Choice parecia despovoada; a Centena de Piersey dormia ao sol, com a doca deserta, e muito poucos vultos movendo-se vagarosos nas roças de tabaco; as próprias aldeias indianas dir-se-iam vazias se não foram mulheres e crianças, pois os guerreiros tinham ido ver as faces pálidas comprarem suas mulheres.

Abaixo de Paspahagh um barco parecido a uma concha despregando imensa vela branca alcançou-me, e o moço Hamor gritou por mim.

— As raparigas chegaram! — exclamou. — Hurra! — e pôs-se de pé a acenar com o chapéu.

— Hum! — diz eu. — Adivinho teu destino pelas tuas meias. Não são, "as que já foram as tuas côr de pêssego?"

— Olá se são! — respondeu, baixando os olhos complacente para o seu luxo desbotado. — Roupa de casamento, capitão Percy, roupa de casamento.

Dei uma risada.

— És noivo retardado. Pensei que os solteiros dêste ponto do globo tinham dormido a noite passada em Jamestown.

Ficou cabisbaixo:

— Bem sei — disse amuado. — mas o meu paletó tinha mais rasgões que fofos, e Martim alfaiate reteve-o até o cantar do galo. Aquêlê sujeito nada em tabaco; está podre de rico à custa dos nossos míseros vestuários depois que êsse navio entrou para dentro dos cabos.

Alumiou-se-lhe o rosto:

— No fim de contas, a compra e venda só começa cêrca de meio-dia, depois de serviço solene e ação de graças. Temos muito tempo!

Despediu-se de mim com um aceno, ao passar adiante levado pela sua grande vela e esguio barco.

Olhei para o sol, que na verdade não estava muito alto, com secreta inquietação; pois eu nutria a mesquinha esperança de, afinal de contas, chegar tarde, e de que assim o laço que eu já sentia apertar-se-me em redor do pescoço, por si mesmo se

desatasse. Vento e maré eram-me contrários, e uma hora depois ainda me aproximava da península e me maravilhava com as embarcações que coalhavam suas águas, era como se cada chalupa, barco, canoas de tábuas ou de um só tronco entre Point Comfort e Henricus estivesse ancorado junto às suas praias, enquanto acima delas erguiam-se sobranceiros os mastros do **Marmaduke** e do **Auxiliador**, então no pôrto, e do navio de alto bordo que trouxera os pássaros destinados a venda.

O rio, com sua carga flutuante, os céus azuis e a luz do sol ofuscadora, o verde arvoredado balouçando ao vento, o movimento e o atropêlo na rua e na praça do mercado, apinhados de pretendentes garridamente vestidos, formavam um belo espetáculo muito de ver.

Quando meti meu barco entre a chalupa do comandante da Centena de Shirley e a canoa dos guerreiros de Nansemond, os dois sinos então recentemente suspensos na torre da igreja, começaram a tocar, acompanhados do rufo de tambor. Saltando em terra, avistei apenas as costas do povo que se aglomerara ao longo da praia e na rua, tendo todos o rosto e os pés na direção da praça do mercado.

Fui com a multidão, acotovelado irrmãmente por veludo e por sarapilheira, por mancebos levando às costas quanto possuíam e selvagens nus, fantásticamente pintados, pisando aos pés as plantas de tabaco com que os gananciosos cidadãos tinham enchido a própria rua. No largo fui dar à frente da casa do Governador, e achei-me quase queixo a queixo com Messér Pory, nosso secretário e presidente da Assembléia.

— Ah, Ralph Percy! — bradou, meneando a cabeça branca. — Nós dois somos os únicos rapazes com juízo nestas partes! Todos os outros estão doidos varridos!

— Eu apanhei também a moléstia — disse. — e sou um dos alienados.

Olhou para mim espantado, e depois rompeu numa gargalhada.

— Falais sério? — perguntou, segurando as gordas ilhargas. — Está Saul no meio dos profetas?

— Está — respondi. — Deitei os dados a noite passada; sim ou não; e o sim - exconjurado — ganhou!

Rompeu noutra gargalhada.

— E chamais a isto trajes de noivado, homem! Ora, nosso vaqueiro está hoje de sêda flamejante!

Olhei para o meu traje castanho-claro, que na verdade tinha visto alguns serviços, e para minhas longas botas, que não cuidara em limpar, depois que as enlameara num brejo, ao voltar de Henricus na semana anterior; depois encolhi os ombros.

— Haveis de sair logrado — prosseguiu, limpando os olhos. — Nenhuma delas olhará sequer para vós.

— Nesse caso perderão a oportunidade de ver um homem, e não um boneco enfeitado — retruquei. — Não hei de morrer de pesar.

A multidão soltou um viva, seguido de um estridente repique de sinos e de um rufar de tambor mais estrepitoso.

As portas das casas em derredor e à direita e à esquerda do largo volveram nos gonzos, e a companhia que durante a noite fôra hospedada pelos cidadãos começou a sair para a rua. As duas e às três, algumas com passos rápidos e olhos baixos, outras com mais vagar e francas olhadelas para os homens que as fitavam, reuniram-se no meio do largo, onde, de sobrepeliz e estola, as esperavam religiosamente Messér Bucke e Messér Wickham de Henricus. Olhei com os outros, pôsto que não juntasse minha voz às dêles.

Antes da chegada do navio entrado ontem, havia neste Eden natural — deixando os selvagens fora da conta — vários milheiros de Adãos mas apenas umas sessenta Evas. E pela maior parte as Evas eram ou gordas e trêfegas, ou ressequidas e impertinentes donas-de-casa, de idade e experiência bastante para desdenharem da serpente.

Estas de agora eram diferentes. Noventa formas esbeltas, trajadas com todo o espavento que podiam assumir; noventa caras bonitas, côr de rosa e brancas, ou moreno-claras com uma cútis sob a qual transparecia bom sangue; noventa pares de olhos risinhos e sedutores, ou baixos, com longos cílios tocando as faces redondas: noventa pares de lábios maduros e vermelhos.

A multidão aclamou-as até ficar rouca, e nada a podia conter, afastando para o lado como palhas as varas do juiz de Paz e

de seus beleguins, indo surgir junto à linha das moças aventureiras. Vi manacebos resfolegando tomarem pela mão ou pelo braço, e procurando puxar para si uma ou outra beleza relutante; outros furtar em beijos, ou caírem de joelhos e começarem declarações no estilo de sir Percie Shafton; outros porem-se a inventariar quanto possuíam — jeiras, tabaco, empregados, conteúdo de casas. Era tudo confusão, protestos, gritos de susto, e risadas histéricas.

As autoridades corriam de um para outro lado, ameaçando e dando ordens: Messér Pory alternadamente chamava tudo aquilo vergonhoso e soltava as suas melhores gargalhadas; e puxei um basbaque de dezesseis anos que já estava com a mão no mantêu de uma moça e sacudi-o até fazê-lo quase perder a respiração. O clamor, porém, não fez outra coisa mais do que crescer.

— Deixai passar o governador! — exclamou o juiz de Paz. — Tende vergonha, senhores! Deixai passar sua senhoria e o honrado Conselho!

Os três degraus de madeira, que formavam a escada em frente à porta da casa do governador, de improvviso refulgiram de verelho e ouro, quando sua senhoria, seguido de seus conselheiros, surgiu à en-



— Lazinha? Ele acaba de fazer o pedido... E "de joelhos", conforme apostei contigo!

trada e parou contemplando a multidão em baixo.

O sincero rosto de lua-cheia do governador estava pálido de raiva.

— Que diabo é isto? — bradou, zangado. — Pois ainda não viram uma mulher? Onde está o juiz de Paz? Meterei na cadeia até o último de vocês, como desordeiros!

Sôbre a plataforma do pelourinho, que se levantava no centro do largo do mercado, apareceu, de súbito, um homem de corpo gigantesco, com feições revelando firmeza, profundamente acentuadas, e uma abundante e revessa cabeleira grisalha — coisa estranha, pois ainda não era velho. Sabia que era um certo Messér Jeremias Sparrow, um pastor que chegara havia um mês pelo **Southampton**, e até então, ainda sem emprêgo, mas até aquela ocasião eu não lhe havia ainda falado. Sem mais aviso, trovejou, num salmo de ação de graças, cantando-o com tôda a fôrça de uma voz retumbante, e ainda assim, suave e terna, e com um fervor e exaltação que se apoderou do coração da turba desordenada. Os dois pastôres, que se achavam embaixo, no meio da multidão, juntaram-se-lhe no salmo; Messér Pory juntou-lhe uma voz áspera de tenor, sinal eloqüente de muita bebida; em pouco cantávamos todos. Os pretendentes audazes, chamados por encanto ao estado de razão, recuaram, e a linha que se rompera tornou a formar-se. O governador e o Conselho desceram, e com pompa e solenidade, tomaram os seus lugares entre as raparigas e os dois pastôres que se deviam pôr à frente da coluna.

O salmo terminou, o tambor despediu um rufo atoador e a procissão adiantou-se na direção da igreja.

Messér Pory, tendo-me deixado para incorporar-se aos seus confrades do Conselho, e a turba dos que tinham vindo para comprar, e dos desocupados, que tinham vindo por curiosidade, tendo-se dispersado em várias correntes por trás do juiz de Paz e de seus beleguins, achei-me sòzinho no largo, com exceção do cantor, que então desceu do pelourinho e veio ter comigo.

— Capitão Ralph Percy — se não estou enganado — disse em voz tão profunda e cheia como as notas graves de um órgão.

— O próprio — respondi. — E sereis vós Messér Jeremias Sparrow?

— Sim; um triste ministro do Senhor — o mais pobre, o mais humilde e ínfimo dos servos de Deus.

Sua voz profunda, magnífica estatura, e modo de falar direto e desembaraçado desmentiam por tal forma a humildade de suas palavras, que custou-me bastante conter o riso. Ele percebeu e, na face, que tinha um aspecto muito militar, luziu-lhe um sorriso semelhante a um raio de sol numa encosta pedregosa.

— Tratais de esconder o riso — disse com bonomia — e não obstante, não sou mais do que o que professo ser. Em espírito sou verdadeiro Job, embora a natureza entendesse dever dar-se a forma de Sansão. Asseguro-vos, assenta-me menos a aparência que tenho que as meias de Falstaff em Messér Vareta que ali está. Mas, meu bom senhor, não ides à igreja?

— Se a igreja fôsse de Paulo seria possível — respondi. — Mas como é, não poderíamos chegar à distância de cinquenta pés da porta.

— Da porta principal, concordo; mas os pastôres podem entrar pela porta do lado. Se quereis, levar-vos-ei comigo. Aquelas bonitas moças andam devagar; se cortarmos por esta travessa, adiantar-nos-emos ao préstito.

— Aceito — disse, e metemo-nos por uma travessa bem plantada de tabaco; passamos em tôrno da casa do governador, e flanqueamos a procissão, chegando à porta do lado antes de que ela entrasse no adro. Aí encontramos de guarda o sacristão.

— Sou Messér Sparrow, o pastor chegado no **Southampton** — explicou o meu recente conhecido. — Devo sentar-me no côro. Deixai-nos passar, bom amigo.

O sacristão atravessou-se na entrada estreita e inchou de importância.

— A vós, reverendo senhor, admitirei, pois é êsse meu dever. Mas êste cavalheiro não é sacerdote; está em minha mão não o deixar passar.

— Enganais-vos, amigo — disse meu companheiro gravemente. — Êste cavalheiro, meu digno colega, vem mesmo agora de chegar da ilha de São Brandão, onde prega no Domingo das feiticeiras: daí o desalinho de seu traie. Responsabilizo-me

pela sua admissão: por conseguinte deixai-nos passar.

— Ninguém pode entrar pela porta de oeste, salvo membros do Conselho, comandante e pastores. Quem quer que procure entrar à força, deve ser prêso e amarrado, se pertencer ao vulgo, ou, se fôr pessoa qualificada, deve pagar multa e ser-lhe proibido comprar qualquer moça — entou o sacristão.

— Então, em nome de Deus, deixai-nos entrar! — exclamei. — Olhai; vêde se isto serve?

E tirei da bolsa, que não estava lá muito cheia, um **shilling**.

— Vêde se isto serve — ecoou Messer Jeremias Sparrow; e deitou o sacristão por terra.

Deixamos o sujeito estendido na soleira da porta, lançando ameaças para o ar da rua, mas com mão gananciosa apertando o **shilling** que lhe atirei ao entrar, e penetramos na igreja, que estava ainda vazia, apesar de, pela porta principal, escancarada, ouvirmos o rufar vigoroso do tambor e o crescente rumor de passos.

— Posso escolher meu lugar à vontade — disse-lhe eu. — Aquela janela parece boa posição. Ficais no côro?

— Fico — respondeu com um suspiro — a dignidade de minha profissão tem de ser mantida: por isso sento-me em lugares elevados, acotovelando bordados de ouro, quando na verdade a humildade de meu espírito é tal que me sentiria mais a gosto nos bancos dos criados ou no meio dos negros, que compramos o ano passado.

Se não estivéssemos na Igreja, ter-me-ia rido, pôsto que na verdade reconheci que êle, sinceramente, acreditava nas próprias palavras.

Sentou-se na maior e na melhor das cadeiras por trás da que, coberta de veludo, estava reservada para o governador; enquanto eu fui encostar-me à minha janela; e olhamos um para o outro, dentro do edifício recamado de flores, em profundo silêncio, até que, depois de uma vigorosa badalada final, os sinos emudeceram, o tambor cessou o rufo e a procissão entrou.

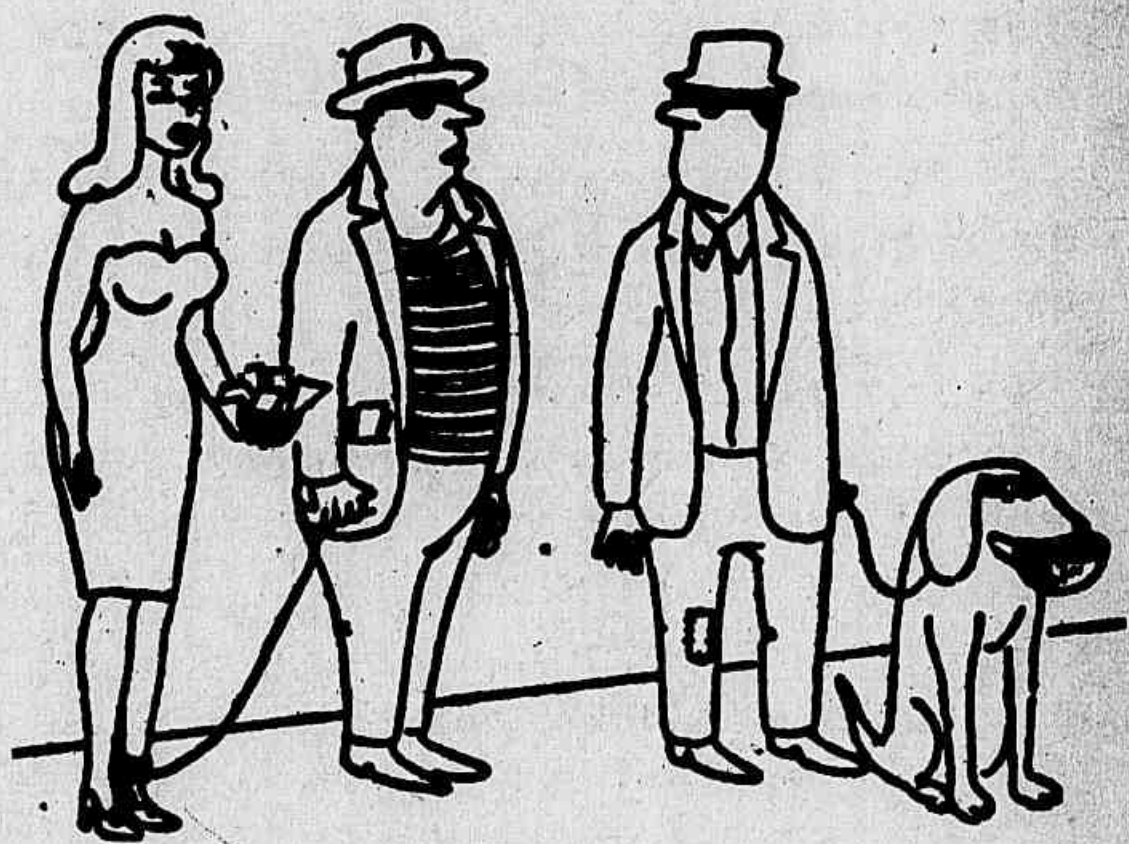
Capítulo III

EM QUE ME CASO AS PRESSAS

O comprido serviço de louvores e ação de graças estava quase acabado, quando a vi pela primeira vez.

Estava sentada a uns dez pés de mim, no canto, e por conseguinte na sombra de um assento de grande espaldar. Ao lado estava uma fila de belezas leiteiras, de faces vermelhas, olhos francos, colos cheios, e enlaçadas de fitas como mastros de festa. Tornei a olhar, e vi, — e ainda vejo, — uma rosa no meio de papoulas coradas e peônias; uma pérola no meio de contas de vidro; uma Perdita em um círculo de gente rústica; um ente sem par, todo graça e beleza! Quando eu a olhava com tôda minha vista, deparei mais que graça e beleza naquele rosto maravilhoso, — deparei orgulho, espírito, fogo, determinação e, afinal, vergonha e raiva. Pois, sentindo em si os meus olhos, ergueu os seus e encontrou o que lhe devera ter parecido o olhar impudente de algum avaliador. Seu rosto, que estivera descorado, pálido e límpido como o céu perto da estrêla da tarde, tornou-se de súbito vermelho. Mordeu o lábio e disparou-me um olhar mortífero; depois baixou os cílios e escondeu o relâmpago.

Quando tornei a olhar para ela, cautelosamente, e sob a mão levantada como para afastar o cabelo, estava outra vez



— Resolvi mudar! Esse sistema de cão não dá mais resultado!

pálida e tinha os olhos escuros fixos na água e nas árvores verdes fora da janela.

A assistência levantou-se, e ela pôs-se de pé com as outras moças. O vestido de uma fábrica escura de lã, severo e desornado, o mantéu conchegado e a touca dura e branca tê-la-iam assinalado como Puritana, se jamais Puritana se parecesse com esta mulher, em que o traje pobre tinha a aparência de púrpura e arminho.

Seguiu-se a bênção. Governador, membros do Conselho, comandante e pastôres saíram do côro e desceram solenemente para a nave da igreja; as raparigas acompanharam-nos; e nós outros, que permanecemos encostados às paredes, mudando de apoio de uma para outra perna por duas longas horas, formávamos a retaguarda; e nessa ordem partimos da igreja para uma bela várzea verdejante, que ficava perto. Aí a companhia debandou; os donos de bordados de ouro foram ocupar assentos levantados à sombra de um grande carvalho, e os pastôres em número de quatro meteram-se em uns como púlpitos de relva. Pois um só altar e um só sacerdote não bastariam para despachar a tarefa daquele dia.

Quanto às moças, por um minuto ou mais formaram um ramalhete; depois, com aca-nhamento ou às risadas, separaram-se como as pétalas de uma rosa açoitada pelo vento, e os gibões de seda e os calções foram-lhe no encalço. Por cinco minutos a bela companhia de donzelas errantes e noivos em perspectiva espalharam-se ao longe e ao perto, na várzea risonha. Pela mor parte foram em casais, mas as mais formosas da coorte feminina iam seguidas de círculos de pretendentes ruidosos, dentre os quais podiam escolher.

Pela minha parte, caminhei sozinho; porque, se por acaso aproximava-me de uma moça, olhava-me, como mulher que era, primeiro para meu traje, e nunca chegava a olhar-me para o rosto, mas decisivamente voltava-me as costas. Assim, isolado, senti-me qual um convidado a uma festa de máscaras, e até certo ponto gozei do espetáculo, embora receioso e consciente de que me viria obrigado cedo ou tarde a tornar-me parte dêle.

Vi uma pastora recentemente saída da Arcádia, afastar com um aceno uma dúzia

de conquistadores importunos, e depois atirar um laço de fita azul no meio dêles, rir gostosa da luta que sobreveio, e como remate retirar-se com o possuidor do laço. Vi um vizinho, o comprido Jacob Pride, que vivia doze milhas de minha casa, rio acima, corar e gaguejar, e fazer repetidas medidas a uma moça, aprendiz de modista, que não tinha cinco pés de altura e era tôda olhos, a qual correspondia a cada medida. Depois de passar adiante dêles cinquenta ou mais jardas, olhando para trás, ainda lá estavam boiando e cumprimentando.

Ouvi, também, um diálogo entre Phillis e Corydon.

Dizia Phillis:

— Algumas galinhas?

Corydon:

— Umas doze galinhas e dois galos.

Phillis:

— Uma vasa?

Corydon:

— Duas.

— Quanto tabaco?

Corydon:

— Três jeiras, mais a mula; apesar de não consumi-lo sou um Stewart, mulher, e primo pobre do Rei.

Phillis:

— E que mobília?

Corydon:

— Uma cama para casal, um colchão de lã, uma cama para criança, uma arca, um baú, um tapete de couro, seis cadeiras cobertas de bezerro e duas ou três cadeiras de cana, cinco pares de lençóis e dúzia e meia de guardanapos, seis colheres de metal...

Phillis:

— Aceito.

No fim da várzea, perto do forte, encontrei o moço Hamor, sozinho, muito vermelho, e voltando à pressa para o ponto mais freqüentado do campo.

— Ainda não achaste companheira? — perguntei. — Onde estão os olhos destas raparigas?

— Raios as partam! — respondeu zangado. — Se são tôdas como a amostra que agora mesmo deixei, irei comprar uma mulher da tribo Paspahagh!

— Então teus galanteios não surtiram efeito? — perguntei, sorrindo.

A sua vaidade pegou fogo.

— Meus galanteios não foram muito fervorosos — disse descuidoso, e suspendeu com os ombros pretensioso, a capa de belbute azul celeste. — Orcei à pressa, asseguro-te, quando descobri a natureza do artigo com que tinha de tratar.

— Ah! — disse eu. — Quando deixei a multidão, as moças iam como canela. Apressa-te se queres comprar alguma.

— Já vou — respondeu; depois, apontando com o polegar por cima do ombro, continuou — Se continuares até ao rio e até aquêlê grupo de cedros, irás encontrar um dragão de mantêu e averdugada.

Quando êle se afastou, quedei-me por momentos a contemplar o vôo vagaroso de um corvo bem alto no espaço, depois do que tirei da bainha a adaga e com ela procurei raspar a lama sêca das botas. Conseguindo-o a custo embainhei a faca, fitei outra vez o céu, tomei uma longa respiração e caminhei para os cedros copados que Hamor apontara.

Ao aproximar-me, ouvi primeiro apenas o rumor da água do rio; mas logo chegou-me aos ouvidos o som de uma voz de homem, e então as palavras encolerizadas de uma mulher:

— Vá-se embora, senhor!

— Um beijo e façamos as pazes — disse o homem.

Sendo o som que se seguiu, mais estrepitoso que a mais fervorosa saudação, não fiquei surpreendido, ao arredar os galhos, de achar o homem amimando a face, e a rapariga a mão.

— Haveis de pagar-me caro, encantadora fúria! — exclamou o homem; e segurou-lhe ambos os pulsos.

Ela se debateu vivamente, fugindo com a cabeça para um e outro lado, mas os lábios ardentes haviam-lhe tocado a face, antes de que eu pudesse meter-me de permeio.

Quando o deitei por terra, ficou onde caíra, tonto com a pancada, a piscar para mim com seus olhinhos de furão. Sabia que êle era um tal Eduardo Sharpless, e sabia também que não era grande coisa. Tinha sido advogado na Inglaterra. Estava prostrado bem à beira da corrente, com um braço tocando na água. Carne e sangue não podiam deter-se, e, por isso, auxiliado

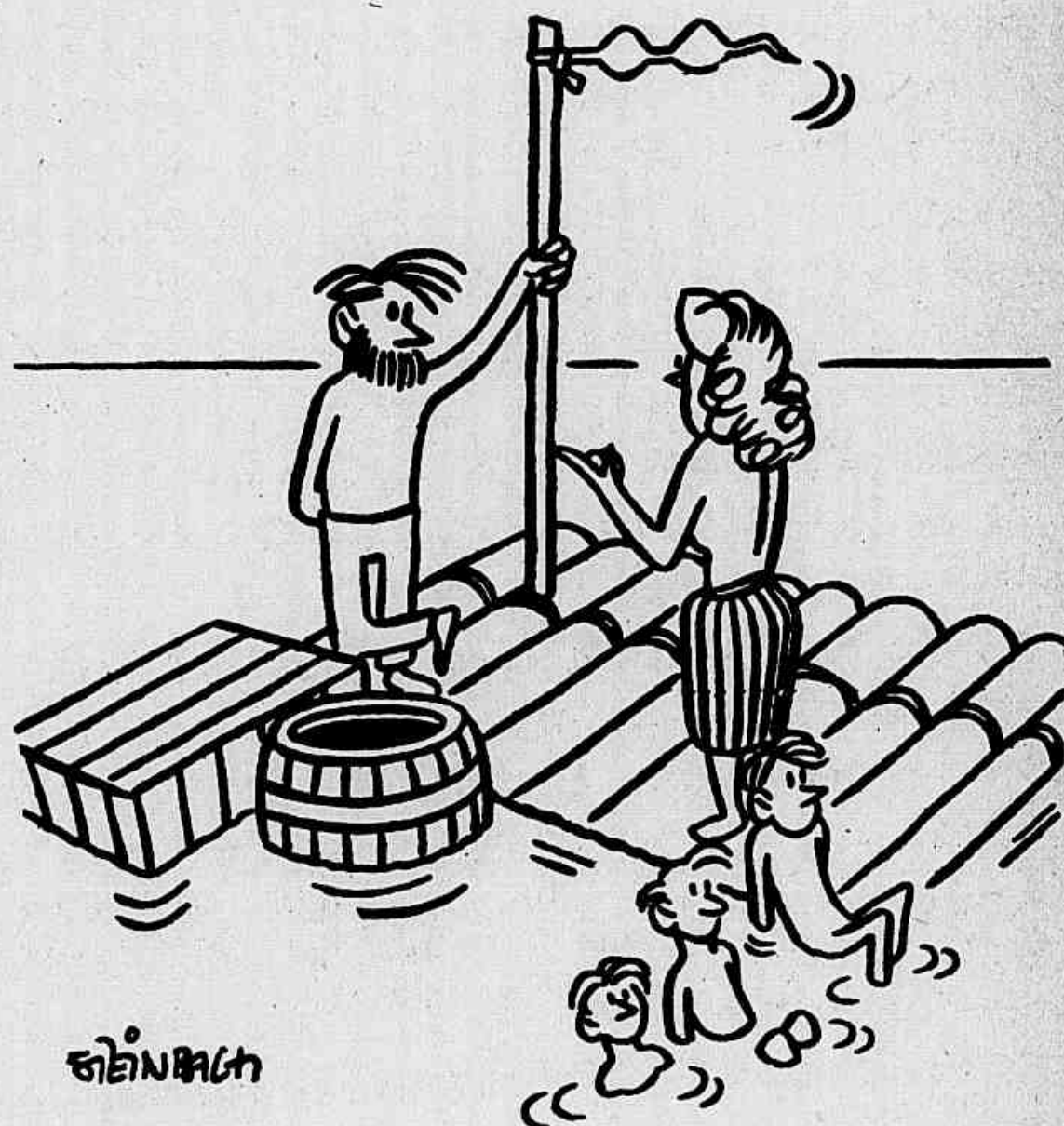
pela ponta de meu pé, tomou um banho frio para refrigerar-lhe o sangue quente.

Quando subiu a ribanceira e se foi embora, praguejando, voltei-me para encará-la.

Ela estava de pé, apoiada no tronco de um vigoroso cedro, com a cabeça inclinada para trás, uma mancha vermelha de cólera em cada face, e com uma das pequenas mãos segurava a garganta.

Ouvi-a rir, quando Sharpless caiu na água, mas, agora, em seu rosto só se lia altivo desafio. Quando olhamos um para o outro, uma risada chegou-nos aos ouvidos vindo da várzea que nos ficava por trás. Olhei por sôbre o ombro, e dei com o moço Hamor — provavelmente desconsertado por não alcançar mulher — voltando com Giles Allen e Wynne, para sua caçada abandonada. Ela também viu, porque a côr do rosto espalhou-se e tornou-se mais intensa, e seu colo ofegou. Seus olhos escuros, relanceando de uma para outra parte como os de uma criatura perseguida, encontraram os meus.

— Senhora — disse-lhe — quer casar comigo?



— Mais um filho, João, e iremos para o fundo!

Olhou para mim de modo estranho.

— Mora aqui? — perguntou ela, afinal, com aceno desdenhoso em direção à cidade.

— Não, senhora — respondi. — Moro rio acima, na Centena de Weyanoke, algumas milhas além.

— Então, em nome de Deus, partamos! — exclamou, com súbita paixão.

Inclinei-me profundamente e adiantei-me para beijar-lhe a mão.

As pontas dos dedos que ela, com vagar e relutância, entregou-me estavam geladas e o olhar com que me favoreceu não foi dêsses que os poetas inventam para tais ocasiões.

Encolhi espiritualmente os ombros, mas nada disse. E assim, de mãos dadas, embora a dois braços de distância, saímos da sombra dos cedros para a várzea descampada, onde logo encontramos Hamor e os seus. Ter-nos-iam fechado o caminho, rindo e atirando-nos gracejos grosseiros, mas puxei-a para mim e pus a mão nos copos da espada. Arredaram-se para um lado, pois eu era o melhor jogador de espada da Virgínia.

A várzea estava agora menos cheia. O rio, para cima e para baixo, estava branco de velas, e cortava o pescoço da península uma linha de cavalheiros, cada qual com a sua compra na garupa. O governador, os membros do Conselho e os comandantes tinham seguido para a casa do governador, onde devia servir-se lauto banquete.

Messér Piersey, porém, o Mercador do Cabo, permaneceu no lugar para ver a Companhia reembolsada até a última fôlha de tabaco, e os quatro pastôres ainda achavam o que fazer, apesar de já não pisarem os casais os calcanhares uns dos outros, como uma hora antes.

— Devo, primeiro, quitar-me com o tesoureiro — disse eu, parando a uns cinquenta pés dos lugares que ocupavam as autoridades, já agora desertos.

Retirou a mão da minha e mediu-me com os olhos de alto a baixo.

— Quanto é? — perguntou por fim. — Quero pagar.

Olhei-a atônito.

— Então, não fala? — exclamou, batendo com o pé. — Em quanto me avaliam? Dez libras... cinquenta libras...

— Em cento e vinte libras de tabaco, senhora — disse, sêcamente. — Eu é que quero pagar. Qual é o vosso nome na lista dos passageiros do navio?

— Paciência Worth — respondeu.

Deixei-a ali de pé e fui tratar de meu negócio com o cérebro em turbilhão. A sua matrícula na companhia dava-a como de baixa extração, e ela se portava como descendente de sangue real; de sua livre vontade, atravessara o oceano, para encarar este dia, e votava ódio apaixonado a esse dia e a tudo quanto ele continha; viera à Virgínia para melhorar sua condição, e a bolsa que tirava do seio estava cheia de peças de ouro. A outrem teria aconselhado que se acautelasse, que esperasse, que recorresse ao governador e procedesse a indagações; pela minha parte as dispensava.

O tesoureiro deu-me o recibo, e arranjei dentre a turba que o cercava Humfrey Kent, um homem bom e verdadeiro, e o velho Belfield, o perfumista, para testemunhas. Com eles atrás de mim, tornei para ela e, dando-lhe minha mão, dirigia-me para o pastor mais próximo, quando uma voz a pouca distância chamou-me, bradando-me:

— Por aqui, capitão Percy!

Voltei-me para o lado da voz, e dei com a forma agigantada de Messér Jeremias Sparrow, sentado com as pernas encruzadas como o Grão Turco, sobre um banco de relva, e acenando-me de cima dessa elevação.

— Nossas relações não datam de muito tempo — disse jovialmente, quando a moça, as testemunhas e eu chegamos ao pé do banco. — Mas gostei do senhor e apraz-me conferir-lhe um favor. E além disso estou desempregado. As raparigas consideram-me pastor de pouco mais ou menos, e desviam-se para os meus confrades, que, na realidade, têm aparência mais clerical. Ah! se elas pudessem ver o homem por dentro! O senhor levou tempo a escolher, mas sem dúvida escolheu. — Tirou de mim as vistas para voltá-las para a moça ao meu lado, e interrompeu-se, abrindo a boca e arregalando os olhos. Merecia desculpa, pois a sua beleza era deslumbrante. — Uma maravilha! — concluiu, caindo em si.

(Continua no próximo número)

OLHANDO O MUNDO HA SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM MARÇO DE 1956

1 — QUINTA-FEIRA: — O presidente Eisenhower toma as primeiras providências, tendo em vista a sua participação nas eleições norte-americanas do outono próximo. — Enquanto na Finlândia, o presidente Urho Kekkonen assume a primeira magistratura de um país completamente paralisado por uma greve geral, a primeira dos últimos quarenta anos. — O ex-presidente das Filipinas, sr. Elpidio Quirino, falece em Manilla, em consequência de um ataque cardíaco. — O deputado Vieira de Melo apresenta, no Congresso, um projeto de anistia para os civis e militares que se opuseram aos movimentos de novembro do ano passado.

2 — SEXTA-FEIRA: — A França e o Marrocos assinam uma declaração de "interdependência dentro da interdependência" que põe fim praticamente o meio século de domínio francês nesse protetorado da África do Norte. — E a Jordânia demite o tenente-general John Glubb, do Comando da Legião Árabe, desfirindo, assim, um grande golpe contra a influência britânica no Oriente-Médio muçulmano. — Os comandos navais aliados afirmam ao presidente da Itália, sr. Giovanni Gronchi, que a vasta frota submarina da União Soviética constitui uma ameaça "dez vezes superior à dos submersíveis alemães na Segunda Guerra Mundial.

3 — SÁBADO: — Fontes autorizadas da Conferência entre a França e a Alemanha Ocidental informam que os dois países fizeram "um importante progresso"

nas negociações para resolver o difícil problema do Sarre. — Todo o Marrocos aclama hoje a declaração de independência anunciada oficialmente em Paris pelo Partido Nacoinalista Istqmal ao governador de Rabat. — Em Londres, estão sendo tomadas as devidas providências, a fim de permitir brevemente uma troca de pontos de vista sobre a situação internacional entre sir Anthony Eden e o sr. Guy Mollet. — O presidente Eisenhower envia uma nova carta ao sr. Nicolai Bulganin, na qual pede à Rússia que coopere nos novos esforços para o desarmamento.

4 — DOMINGO: — O primeiro ministro da Grã-Bretanha assume pessoalmente a direção da política externa do seu país, como medida de urgência para enfrentar a ameaça de uma guerra no Oriente-Próximo. O papa Pio XII adverte aos diplomatas que a paz comunista é somente uma trégua precária, durante a qual os vermelhos aguardarão o colapso econômico e social dos outros povos. Estas declarações foram feitas ante representações diplomáticas de 42 nações. — O presidente do Peru, general Odria, falando pelo rádio, acusa o diretor do jornal "La Prensa" como responsável pelo movimento subversivo de Iquitos.



COMO APRENDER A DANÇAR

7.ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Choro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 60,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

EM PORTUGAL: A venda na Livraria Clássica Editora Praça dos Restauradores nº 17 — Lisboa

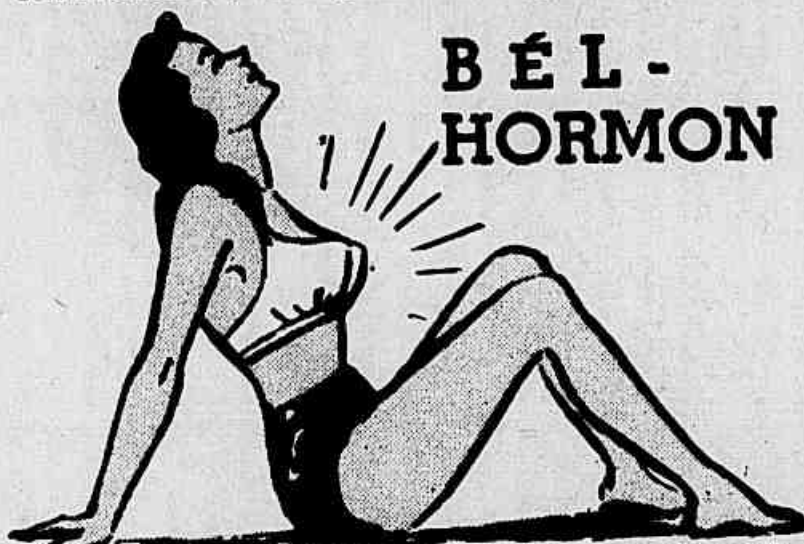
5 — SEGUNDA-FEIRA: — Transcorre hoje o terceiro aniversário da morte de Joseph Stalin, mas a imprensa soviética não faz a menor alusão à figura histórica que governou a União Soviética com mão férrea. — O dr. Otto Warburg, grande fisiólogo alemão, acredita ter descoberto a verdadeira causa do câncer. Depois de 20 anos de investigações, verificou que o câncer necessita de oxigênio, como qualquer ser vivo. Assim, uma célula torna-se cancerosa quando é privada de oxigênio.

6 — TERÇA-FEIRA: — O presidente Dwight Eisenhower faz um apêlo pessoal e direto ao marechal Bulganin a favor de um contrôle e de uma limitação, "com as adequadas salvaguardas", dos principais tipos de armamentos. — Por ocasião da inauguração da Conferência anual da Organização do Tratado do Sueste Asiático (OTASE), os oito ministros salientam a necessidade de acentuar os aspectos defensivos do tratado e aumentar as medidas econômicas mediante a elevação do nível de vida das populações. — Por 390 votos

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirá-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidora para todo o Brasil:
Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706
Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me por Rembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº

NOME

RUA Nº

CIDADE

ESTADO

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 88,00

contra 20, o "Bundestag" (Parlamento alemão) aprova, em terceira discussão, as novas disposições constitucionais exigidas pelo rearmamento da Alemanha. — O presidente Eisenhower declara que está confiante na vitória do Partido Republicano, nas próximas eleições, porque este saberá mostrar ao povo americano que "sua causa é justa".

7 — QUARTA-FEIRA: — O presidente Dwight Eisenhower declara que as Nações Unidas deveriam intervir urgentemente na crise do Oriente Médio, acrescentando que os antagonistas teriam a obrigação de se conformar com as ordens que lhes fôssem dadas pela suprema organização internacional. — Enquanto isso, os Estados Unidos decidem enviar um batalhão de infantaria de Marinha para o Mediterrâneo, tendo em vista o agravamento do perigo de uma guerra entre os países árabes e Israel. — O jornal "La Prensa", de Lima, volta a circular, depois de longa suspensão, com uma edição extraordinária de vinte e quatro páginas. — É sancionada a lei criando o Departamento Nacional de Endemias.

Cupom «Escola de Corte e Costura São Paulo»

Nº 600 Curso por Correspondência para Senhoras e Alfiates

A Escola de Corte e Costura «São Paulo» dos Métodos «VOGUE»
Rua José Vilagelim Júnior, 52 — Caixa Postal 838 — CAMPINAS
Estado de São Paulo

Peço enviar-me gratuitamente prospectos sobre o ensino de «Artes e Modas», curso de Professôras e Contra-mestres.

NOME

RUA Nº

CIDADE ESTADO

8 — QUINTA-FEIRA: — Segundo declarações do secretário-geral da O.N.U., os problemas Oriente-Médio não dependem de determinadas nações e sim de todos os membros das Nações Unidas. — A Côrte Suprema de Teerã

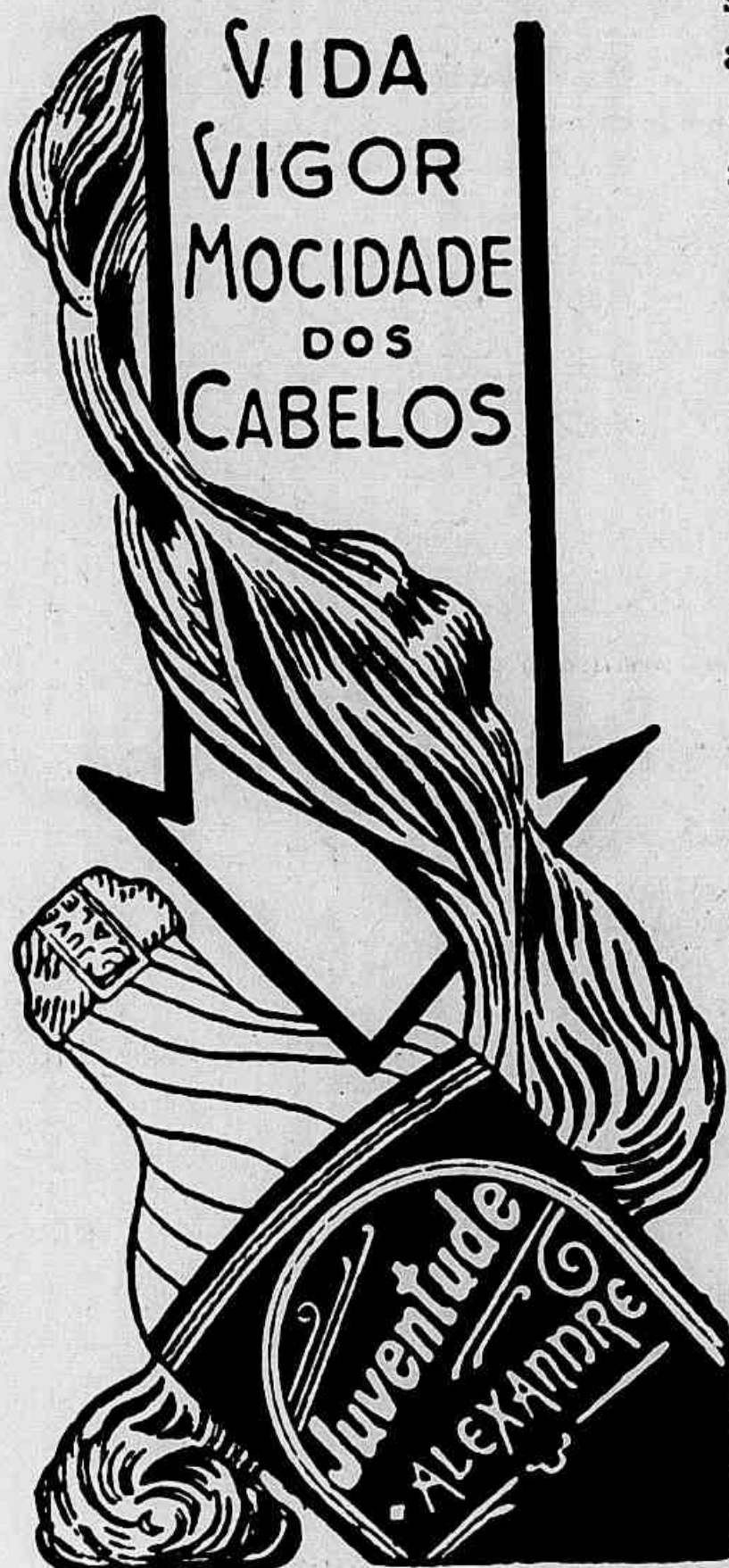
aprova o veredito do tribunal militar que infligiu três anos de prisão ao dr. Mosadegh, pena que expirará no dia 20 de agosto vindouro. — O governo francês decide suspender a medida de expulsão do sr. Benjamin Bradlee, correspondente da revista americana "Newsweek", em Paris. Essa medida tomada contra Bradlee estaria relacionada com uma viagem do jornalista à Argélia.

9 — SEXTA-FEIRA: — Prosseguem as negociações franco-tunisianas com o objetivo de estabelecer um protocolo comum que proclamará a independência da Tunísia e fixará os laços de interdependência, mas somente no domínio da soberania externa tunisiana: em matéria diplomática e de defesa nacional. — O general John Glubb, ex-comandante da Legião Árabe da Jordânia, adverte à Grã-Bretanha que abandone sua política enérgica no Oriente Próximo, porque poderia arrastar a Jordânia, ainda amiga deste país, ao campo árabe antibritânico. — O governo argentino confirma haver descoberto uma organização terrorista, que tinha como objetivo praticar atos de sabotagem na Estrada de Ferro General Belgrano.

10 — SABADO: — A França apresenta aos Estados Unidos suas desculpas pelos incidentes anti-norte-americanos de Tunis, marcados pelo assalto ao consulado dos Estados Unidos e aos escritórios do Serviço Norte-Americano de Informações. — O governo grego



JUVENTUDE ALEXANDRE



decide não só protestar ante as Nações Unidas contra a deportação do Arcebispo Makarios, da Ilha de Chipre, por ordem das autoridades britânicas, mas também chamar a Atenas o seu embaixador em Londres. — De Bonn informa-se que o chanceler Konrad Adenauer está sendo fortemente pressionado para que reorganize o seu gabinete.

11 — DOMINGO: — É divulgado um comunicado das resoluções tomadas nas conversações entre os primeiros ministros Eden e Mollet, entre as quais figura a reafirmação da lealdade da França à Aliança Atlântica. — O primeiro ministro soviético Nicolai Bulganin manifesta a esperança de voltar a fazer brindes com o presidente Eisenhower "pela paz e a amizade internacionais" com os Martinis que o presidente dos Estados Unidos lhe ensinou a beber em Genebra. — Os "Três Grandes" do mundo árabe anunciam a conclusão de "planos coordenados de defesa árabe", a fim de enfrentar qualquer agressão israelense.

12 — SEGUNDA-FEIRA: — Reúne-se o governo espanhol com o objetivo de tomar deliberações referentes à situação na zona espanhola de Marrocos. Acrescenta-se que o sultão de Marrocos acaba de ser convidado a ir a Madrid para conferenciar com o governo de Franco. — O pastor protestante Martin Niemoeller declara que um novo exército alemão imporá pela força, e dentro de

pouco tempo, a unificação da dividida Alemanha, se as quatro grandes potências não chegarem a um acôrdo a êsse respeito. — A Assembléia Nacional Francesa concede poderes excepcionais ao primeiro ministro Guy Mollet, referentes ao plano de pacificação da Argélia.

13 — TERÇA-FEIRA:

— O governo norte-americano declara-se interessado em servir de mediador na disputa anglo-grega sobre a ilha de Chipre. — Faleceu em Moscou, o sr. Boleslaw Beirut, ex-presidente da Polônia, e que vinha exercendo atualmente a função de chefe do Partido Comunista dêsse país. — O novo embaixador do Brasil na França, sr. Alves de Sousa, logo após a entrega de credenciais, concede uma entrevista a imprensa parisiense, focalizando as relações franco-brasileiras. — Falece a senhora Maria do Carmo Fragozo Carmona, viúva do ex-presidente de Portugal, Antônio Oscar Carmona.

14 — QUARTA-FEIRA: — O presidente

Academia de Acordeon MASCARENHAS

A mais ampla e moderna academia do Brasil. O mais completo sortimento de músicas para acordeão. Escreva pedindo a lista e encomende pelo Reembolso Postal. Vendas de acordeões Scandalli



RUA ALVARO ALVIM
Nº 24 - 3º ANDAR
TELS.: 42-4615 e 42-5453
São Paulo -- Praça Júlio
Mesquita, 83, sobreloja
Tel.: 37-5679

Eisenhower declara que os interesses aliados correrão grave perigo se explodir uma guerra no levante ou se continuar a disputa em torno de Chipre. — O premier da Itália, sr. Antônio Segni ganha um sólido voto de confiança num importante artigo do novo projeto de lei eleitoral. — A Jordânia acusa israel de haver lançado dois países. — O governo espanhol confia em que o sultão Ben Yusef aceite o seu convite para vir a Madrid, a fim de realizar conferências diretas sobre o problema da independência de Marrocos.

15 — QUINTA-FEIRA:

— Chegá a Londres uma delegação soviética, chefiada pelo ex-primeiro ministro George Malenkov. — Enquanto na Câmara dos Comuns, o ex-primeiro ministro Clement Atlee critica a política norte-americana no Oriente Médio, e, ao mesmo tempo, as medidas adotadas pelo governo inglês em relação à ilha de Chipre. — O Irã repele veementemente o protesto de Moscou contra a expulsão do Adido Militar soviético em Teerã. — É solenemente instalada, sob

a presidência do sr João Goulart, vice-presidente da República e presidente do Senado, a 1.ª sessão legislativa da terceira legislatura.

16 — SEXTA-FEIRA: — A França envia novos reforços para a Argélia, em uma mais séria tentativa por esmagar a crescente rebelião. — Pelayo Cuervo Navarro, proe-

"GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA"

PELO DR. NILO CAIRO

Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias

Acaba de aparecer a 16ª edição dêste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Todas as famílias e devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, ele o substituirá. Quem possuir um exemplar dêste livro tem sempre ao seu dispor médico e farmácia

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e solidamente encadernado Cr\$ 150,00

PEDIDOS A
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Marconi, 40 — Caixa Postal 258
SAO PAULO

Remetemos para todo o Brasil pelo reembolso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.

minente líder oposicionista cubano, é prêso em Havana pelo Serviço de Investigação Militar. — O secretário-geral do Partido Comunista Soviético, Nikita Krushchev, critica Stalin, em particular com mais severidade do que no seu discurso durante o recente Congresso do Partido Comunista, em Moscou. — Após a aprovação do projeto de rearmamento da Alemanha Ocidental, o chanceler Konrad Adenauer conta com o instrumento que lhe permitirá ordenar a convocação de 500.000 homens para a nova Wehrmacht, que será incluída na força de defesa anticomunista ocidental.

17 — SABADO: — O primeiro ministro canadense informa oficialmente que o seu governo aprovou três pedidos de embarques de armas para Israel. — O Conselho de Ministros da França, com os poderes extraordinários que o Parlamento lhe concedeu, reunir-se-á a fim de traçar as medidas destinadas a sufocar definitivamente a sangrenta rebelião na Argélia. — Enquanto isso, o "premier" Guy Mollet ordena que se retire mais tropas das guarnições do Tratado do Atlântico Norte para combater os rebeldes argelianos. — O secretário-geral do Partido Comunista Soviético, Nikita Krushchev, lança contra Stalin a acusação de que este assassinou 5.000 chefes e oficiais do exército vermelho, em sua incrível orgia de crimes, ambição de poder e temor irracional à traição.

18 — DOMINGO: — É inaugurada a 5.ª sessão das reuniões do Subcomitê do Desarmamento das Nações Unidas. — A Argélia acha-se em pé de guerra com as disposições tomadas pelas autoridades para sufocar a crescente rebelião. As autoridades franco-argelianas estão dispostas a lançar à luta grandes forças militares. Enquanto a renúncia do presidente da Assembleia argeliana, sr. Abdel Kader torna ainda mais profunda a divisão entre 1.000.000 de europeus e 8.000.000 de argelianos que formam a população do país. — Em Londres, a França e a Inglaterra apresentam seu novo plano de desarmamento, porém, a Rússia e os Estados Unidos guardam suas proposições para o momento que julgarem oportuno.

19 — SEGUNDA-FEIRA: — O presidente Eisenhower apresenta ao Congresso um



programa de ajuda ao exterior no valor de 5 bilhões de dólares. Esse programa, segundo a mensagem presidencial foi modificado, a fim de fazer frente "à nova orientação da política exterior soviética". — No transcurso do seu depoimento no processo de revelação de segredos da defesa nacional, o procurador-geral da Segurança Nacional da França põe em causa o comissário Dides, declarando que esse funcionário mantinha contacto com os serviços secretos dos Estados Unidos. — Fallece nos Estados Unidos o famoso romancista americano Louis Bromfield.

20 — TERÇA-FEIRA: — A França concede, finalmente, completa independência à Tunísia "dentro de uma interdependência livremente consentida". No entanto, o acôrdo formal só será assinado em data futura. — Confirma-se, oficialmente, a próxima visita do primeiro ministro da Índia, sr. Pandit Nehru, aos Estados Unidos. — O presidente da República envia ao Congresso uma mensagem, indicando o nome do Embaixador Negrão de Lima para prefeito do Distrito Federal. — As Nações Unidas pedem uma "ação pronta e urgente" ao Conselho de Segurança, com respeito à

crise do Oriente Médio. — A campanha do Kremlin para despojar Stalin de sua auréola de Santo Vermelho, prossegue com maior intensidade, já agora apoiada abertamente por George Malenkov.

21 — QUARTA-FEIRA: — O presidente Eisenhower propõe uma mediação no Oriente Próximo a fim de impedir ali uma guerra que, segundo diz, seria uma tragédia para todo o mundo. — Os virologistas brasileiros Alberto Ribeiro Vale e Roberto Almeida Moura, do Instituto Adolfo Lutz, de São Paulo, anunciam ter identificado o vírus tipo 3 da poliomielite na epidemia argentina. — O ministro da Defesa da Grã-Bretanha declara que a União Soviética iniciou uma nova série de explosões nucleares experimentais. — O sr. Adolfo Cardoso Alencastro Guimarães, novo embaixador do Brasil na Itália, apresenta suas credenciais ao governo deste país.

22 — QUINTA-FEIRA: — O presidente do Conselho de Ministros, sr. Guy Mollet, agradece publicamente aos Estados Unidos e à Grã-Bretanha o apoio à política francesa na África do Norte. — Novos e violentos choques armados ocorrem em Argel entre um contingente de forças francesas e cerca de 280 rebeldes. — O Cominform revela a nova política do Partido Comunista mediante a qual o atual governo russo tratará de expulsar das mentes soviéticas o mito de Joseph Stalin. — Adlai Stevenson sofre fragorosa derrota nas eleições internas do Partido Democrata de Minesota. Computados os votos de 3.556 das 3.786 as honras de herói nacional o tenente-234.091, e Stevenson 179.215 votos.

23 — SEXTA-FEIRA — A Grã-Bretanha anuncia oficialmente que tomará as medidas que julgar adequadas se se chegar a verificar um conflito armado entre árabes e israelitas. — Com a proclamação da República do Paquistão, assume a presidência do país o sr. Iskander Mirwa, que até então era governador-geral da Nação. Assim, o Paquistão é a primeira república islâmica do mundo. — Milhares de pessoas começam a desfilar perante o corpo do general Lonardi, chefe da revolução antiperonista de setembro e primeiro presidente do governo provisório, exposto numa câmara ardente

no Colégio de Campanha em Buenos Aires. — É aprovada pela Câmara dos Deputados da Itália, a convenção de conciliação e solução judiciária ítalo-brasileira.

24 — SÁBADO: — O premier Guy Mollet recomenda que as Nações Unidas proibam as exportações de armas para o Oriente Médio, e acrescenta que “chegará o momento em que tal proibição será um imperativo e que caberá às Nações Unidas tomar a iniciativa”. — A Argentina sepulta com as honras de herói nacional o tenente-general Lonardi, chefe do movimento militar que depôs Perón. — O secretário de Estado americano, sr. John Foster Dulles, adverte que os Estados Unidos devem manter “um manto protetor” econômico e militar sobre as nações livres da Ásia. — Registra-se uma pausa nas atividades dos rebeldes argelianos, com uma evolução favorável da situação político-militar.

25 — DOMINGO: — Os dirigentes norte-americanos colocam, no momento, tôdas as suas esperanças nas Nações Unidas para a manutenção da paz no Oriente Médio. Desejam que o Conselho de Segurança se ponha rapidamente de acordo para dar “carta branca” ao secretário-geral da ONU a fim de cumprir sua missão de informação no Oriente próximo. — Enquanto isso, o jornal filo-comunista “Alitalia” informa que a Rússia apoiará os países árabes que se opõem à proposta dos Estados Unidos no sentido de que as Nações Unidas interfiram na crise entre Israel e seus vizinhos árabes. — Calcula-se que desde o início da epidemia de paralisia infantil na Argentina, já se registraram 2.150 casos.

26 — SEGUNDA-FEIRA: — Anuncia-se, oficialmente, que o exército dos Estados Unidos organizará dentro de breve um novo tipo de divisão de tropas aeroterrestre provida de armas atômicas, que estaria pronta para seguir para o estrangeiro em princípios de 1957. — A Espanha concorda em reconhecer a unidade e a independência de Marrocos, salientando que os únicos problemas pendentes entre as duas nações refere-se ao grau em que a Espanha cooperará com o novo Estado no seu desenvolvimento e defesa. — A Jordânia conclui com

a Síria um plano de "fronteira única", que significará um maior laço de cooperação do Reino da Jordânia com o Egito e Arábia Saudita na crise do Oriente Próximo.

27 — **TÉRÇA-FEIRA:** — Inicia-se na Virgínia Ocidental as conversações entre os presidentes Eisenhower, dos Estados Unidos; Cortines, do México, e o primeiro ministro Saint-Laurent, do Canadá, acerca de assuntos relativos à política externa dos três países americanos. — Continua em discussão, no Conselho de Segurança, a proposta norte-americana no sentido de ser designado o secretário-geral da O.N.U. para mediador na disputa entre árabes e israelenses. — Os chefes do Exército, Marinha e Aeronáutica do Equador reafirmam a sua decisão de manter as forças armadas afastadas das competições políticas.

28 — **QUARTA-FEIRA:** — Um jornal de New York informa com destaque que há esmagadoras provas da séria preocupação da Grã-Bretanha ante o estado atual das relações anglo-norte-americanas. — O primeiro ministro da Índia, Nehru, volta a atacar os Pactos de Bagdad e do Sueste da Ásia, e declara que o Paquistão ingressou na Aliança Ocidental apenas para se fortalecer em suas disputas de fronteiras com a Índia. — O navio mexicano "Matul" incendeia-se e naufraga na Baía de Campeche durante a noite passada, com cinquenta pessoas a bordo.

29 — **QUINTA-FEIRA:** — São divulgados os pontos principais da nova proposta soviética relativa ao desarmamento mundial,

trabalho considerado essencialmente técnico, isento de qualquer consideração de ordem política. — O Parlamento da Islândia decide pedir a revisão do Tratado referente à utilização de suas instalações militares pelas forças da NATO. — Enquanto os Estados Unidos pretendem assinar um acordo no sentido de continuar utilizando a base de Keflavik, considerada de grande importância estratégica.

30 — **SEXTA-FEIRA:** — O Conselho da Liga Árabe, reunida no Cairo, aprova, por unanimidade, a seguinte resolução: "A Liga Árabe resolve apoiar totalmente e sem reservas o povo argeliano em sua luta pela independência". — Anuncia-se oficialmente que o sultão de Marrocos visitará Madrid quando terá oportunidade de conferenciar com o generalíssimo Franco. — A Hungria perdoa um ex-ministro do Exterior executado em 1949, e afirma-se que, provavelmente, Rudolf Slanski, antigo líder do Partido Comunista da Tchecoslováquia, também "liquidado", será a próxima vítima de Stalin a ser reabilitada.

31 — **SABADO:** — Um novo surto de protestos contra o Kremlin ocorre hoje no seio do maior partido comunista do mundo fora da Rússia: o da Itália. Com efeito, o senador Umberto Terracini, destacado membro do movimento comunista e educado em Moscou, acusa o Partido Comunista Soviético de ser antidemocrático. — Começa-se a pensar na possibilidade de que a era stalinista talvez tenha sido responsável, em parte, pela Segunda Guerra Mundial.



**APARELHAMENTOS DE PROTEÇÃO CONTRA TODOS
— OS PERIGOS: NA TERRA, NO MAR E NO AR —
INDÚSTRIA BRASILEIRA**

Óculos para esmeril e soldas — Capacetes para jato de areia — Extintores e cargas de todos os tipos e tamanhos — Capacetes e escudos de fibra para solda elétrica e oxigênio — Capuzes, luvas, aventais e roupas de abestos e couro para fornalhas — Escafandros e artigos para mergulhadores — Máscaras contra poeira "Delta" — Máscaras contra gases industriais.

DIAS GARCIA IMPORTADORA S. A.

Rua Visc. de Inhauma, 23-25 — Tel.: 23-2017 — End.
Tel.: GARCIA — RIO DE JANEIRO



*As Tulipas
São Belas...*

E **BELOS
SÃO TAMBÉM
OS SAPATOS
da
INSINUANTE**

Para o encanto de seus pés, lembre-se de que INSINUANTE tem sempre o sapato adequado para cada traje, para cada toilette, ou para o colorido do seu tipo, sugerindo e dando ao seu trajar o encanto e o realce que fazem das suas clientes, AS MULHERES MAIS BONITAS DA CIDADE.



INSINUANTE troca ou devolve a importância com o mesmo sorriso com que lhe vende.

RUA DA CARIOCA, 46-48

SETE DE SETEMBRO, 199-201

AT. SEMOQ.

QUEBRA CABEÇAS

DR. LAVRUD
DIRETOR
LUTÉRCIO
SECRETÁRIO

ANO XXXIX — Nº 12 — MAIO — 1956
DICIONARIOS ADOTADOS — GUSTAVO BARROSO — PEQUENO BRA-
SILEIRO — 9.ª EDIÇÃO — DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS — DE
LIDACI — MONOSSÍLABOS DE JAPYASSU E DE ZYTHO — PRO-
VÉRBIOS ORIGINAIS DO DR. LAVRUD E PROVÉRBIOS DE LAMENZA

SENDO ESTA SEÇÃO DE DIFUSÃO DO CHARADISMO, NÃO PUBLICA TRABALHOS DIFÍCEIS

SEGUNDO TORNEIO

Abril — Maio — Junho

LOGOGRIFOS

— 52 —

(Trasladado para o verso por Lutércio)
Pobre daquele moço! Uma afeição profunda
Tinha à noiva, **pessoa**, aliás, **muito bonita**. —

7-6-4-9

Era um veemente amor, vulcão que o peito
[inunda
Em lavas de ternura e alegria inaudita.

Mas murmurou-lhe alguém que moça assim
[bonita

Não pode vir a ser **mulher muito fecunda**... —

3-9-8-5

Então ele um pretexto armou em barafunda
E o noivado desfez, para sua desdita.

Outra, feia, arranjou, **coisa insignificante**, —

1-5-4-3-7

Reles... Na alma, talvez, dêsse pávido amante
Jamais a água lustral da esperança se filtre...

Pois se a troca foi má, para maior **distúrbio** —

10-2-4-7-3-2

Apupam-no os coiós,
[gaiatos de su-
[búrbio,

Chamando-lhe bo-
[boca e songa-
[monga e biltre.
Eurico II (Bauru)

— 53 —

Ao dr. Lavrudinho:
Sei de certa mulher
[moça e bonita —

10-1-2-4-5

Cujo marido é um
[ébrio de nomeada.
Entre eles bate-bôca
[não é fita
É briga mesmo, é
[guerra declarada.

Se ele entra tarde à noite, ela, **assanhada**, —
1-2-8-7-11

Gesticula, esbraveja, chora, grita,
Parecendo disposta a dar pancada,
Numa explosão de cólera infinita.

Depois deita-se, e ele olha-a com **espanto**. —
10-8-6-3-9

"Por que bebo, meu Deus, se a adoro tanto?"
Resmunga o chuva lá com os seus botões.

E é possível que o vício ele **abandone**, —
7-1-6-10-11

Vendo-a, tão bela, soluçar insone...
Ou não têm coração os **beberrões**?

Dom-Fafe (Rio)

★

CHARADAS CASAIS

54 — Quatro — Junto a um **bastidor de teatro** o artista verifica que o seu papel não é muito fácil.

Alô Tropina, CEC (Rio)

55 — Quatro — Que **pitêu** tens hoje no guarda comidas?

Plá, CEC (Rio)

ÓLEO DE CEDRO O MELHOR PARA OS MÓVEIS O F E R E C E .

Nos sorteios que se realizarão na Rádio Vera Cruz às 9½ da noite dos dias 22/3 — 28/6 — 27/9 — 27/12/56: Cr\$ 10.000.00 para os consumidores e o correspondente em óleo de Cedro para os comerciantes que venderam o produto.

Para tomar parte no concurso dirija a carta ao: «Concurso do óleo de Cedro, Av. Rio Branco, 137, sala 616 — Rio». Dentro do envelope deverá ter: Nome e endereço de quem remete. Endereço do local em que foi comprado o «óleo de Cedro» e um rótulo do óleo de Cedro.

As cartas do interior tomam parte em absoluta igualdade de condições com as daqui de Rio. Todas as cartas recebidas até a data do concurso são colocadas no auditório, a vista de todos os presentes que podem, inclusive, colocar suas cartas na hora do sorteio, então o cego Protásio Assunção, da Aliança dos Cegos, vai tirando as premiadas cujos remetentes são imediatamente proclamados.

O resultado do sorteio, além de irradiado, será publicado em vários jornais e revistas, ficando também à disposição dos interessados na Av. Rio Branco, 137, sala 616 — Rio.



AGORA
elegantes
modêlos
em sola
fino

Calçado
SOUTO

Conforto
máximo
Garantia
absoluta

56 — Três — O pregoeiro de leilões judiciais
é aquele cidadão que está próximo à cancela.
P. Del Debbio, CEP (S. Paulo)

57 — Quatro — Aquêlê homem forte pôs
têrmo à contenda com uma atitude ousada.
Dr. Legnar (Urupês, SP)

58 — Quatro — Possui um timbre de voz
agradável aquela mulher encantadora.
Beatriz Cardoso (S. Paulo)

59 — Três — O redeiro passa do projeto à
realidade sua sonhada rêde miúda de arrastar.
Debrito, GCN (Recife, PE)

60 — Três — Limpo o chapéu com grande
trabalho.

Néo Rosas (Caruaru, PE)

61 — Três — Sôbre o penhasco nasceu um
lírio bravo.

Oacim (Rio)

62 — Cinco — Na galopada por pouco não
caí do cavalo desenfreado.

Asclépios, CEC (Rio)

63 — Quatro — Conheci um homem intri-
gante cheio de aspereza.

El Príncipe (Uberaba, MG)

64 — Três — O expediente adotado foi o de
prorrogar as horas de trabalho para confe-
rência de nova remessa de mercadorias.

Conselheiro (RN)

65 — Duas — Passa a
outro essas balelas que já
me encham de cansaço.

Sefton (Rio)

66 — Três — Foi muito
censurável tua ação, quan-
do todos esperavam de ti
um gesto nobre.

Seamva (Santos, SP)

67 — Duas — Caído no
infortúnio, o homem não
encontra quem lhe dê a
mão.

Ruvina, QLB (Pôrto)

68 — Duas — É certo
o abalo moral quando se
leva um calote.

Rafinha (P. Alegre, RS)

★

ENIGMAS

— 69 —

(Ao insigne mestre amigo
Dr. Lavrud)

Entrou no velho mercado
Num momento, o embriagado,
À procura dum bazar;
Que cosmético lhe vendesse
E êle o oferecesse
À mulher pra o não malhar. — (9L)

Bisilva (Manaus, AM)

— 70 —

Foi aqui na barbearia
Que o sujeito valentão
Recebeu, naquele dia,
Inopinado puxão. — (7 L)

Gil Vírlo (Andradina, SP)

— 71 —

Junto ao mar ouço um lamento
Doloroso, prolongado...
Qual será o sofrimento
Dêsse mar encapelado? — (7 L)

Ed Vep (Maceió, AL)

— 72 —

Já ando tonto com a Maria,
Pessoa estúpida como quê.
Pôs anúncio de professôra
Só conhecendo o A-B-C. — (6 L)

Sertanejo II (Lavras, MG)

— 73 —

Se pernoito com dinheiro
Em hotel de Cascadura,
Embora seja um caixeiro
Eu não faço má figura. — (6 L)

El Príncipe (Uberaba, MG)

CHARADAS SIN- COPADAS

74 — Três (duas) —
Só se mete em briga
quem tem desejo de
fazer mal.

Oswágrio Rodrigues

75 — Três (duas) —
É arriscado um negó-
cio feito com homem
falso.

Iris (T. Otoni, MG)

76 — Três (duas) —
Erva inútil pela raiz
se corta.

Ed Vep (Maceió, AL)

77 — Três (duas) —
Pequena nódoa notei
no saco de couro.

Espartano (Rio)

78 — Três (duas) —
Digo com toda a franqueza que não notei a
desvalorização da unidade monetária italiana.

Heron Silpes (Canavieiras, BA)

79 — Três (duas) — Poupe dinheiro, meu
amigo. Para isso calcule bem todos os gastos.

José Coelho Vieira (Maceió, AL)

80 — Três (duas) — Pele de carneiro com
a lã é em lugar seco que se guarda.

Ismênia (Recife, PE)

81 — Três (duas) — Nada se vem a lucrar
em pedir dinheiro a avarentos.

Mag, ACCB (Salvador, BA)



Em vidros de 40
e 100 pilulas
O grande é mais
econômico



DORES nas JUNTAS

A tortura das juntas rijas e inchadas pelo reumatismo, são sintomas de rins debilitados. As dores que estes males provocam, são insuportáveis, deixando o doente desanimado, sem forças para o trabalho ou disposição para gozar a vida.

Milhares de pessoas sofrem essas dores, quando poderiam evitar, de vez, tais padecimentos, tomando as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga. Especialmente preparadas para combater os distúrbios renais, as Pilulas De Witt aliviam as dores prontamente, restaurando o vigor e a vitalidade ao organismo, graças à sua magnífica ação tonificante.

Pilulas DEWITT
Para os Rins e a Bexiga

BANCO DO COMÉRCIO S. A.

O MAIS ANTIGO DA PRAÇA DO RIO DE JANEIRO

FUNDADO EM 1875 — CAPITAL e RESERVAS Cr\$ 176.495.975,70

SEDE: RUA DO OUVIDOR, 93/95 — Telefone 43-8966

End. Telegr. «BANCOCIO» — Caixa Postal 633

AGÊNCIAS METROPOLITANAS

AGENCIA MEIER: Rua 24 de Maio, 1355 — AGENCIA TIJUCA: Praça Saenz Peña, 9 — AGENCIA S. CRISTÓVÃO: Rua S. Luiz Gonzaga, 173 — AGENCIA RIACHUELO: Rua Riachuelo, 367 — AGENCIA URUGUAIANA: Rua Uruguaiana, 7 — AGENCIA COPACABANA: Avenida N. S. Copacabana, 1155 — AGENCIA MADUREIRA: Estrada da Portela, 44.

AGENCIA NA CAPITAL DO ESTADO DE SÃO PAULO:

Rua Álvares Penteado, 196/200 — Caixa Postal, 8213.

82 — Três (duas) — Em jogo de azar não
se deve arriscar a mão.

Champollion (P. Alegre, RS)

83 — Três (duas) — Ninguém deve divulgar
os segredos que lhe são confiados, se se quiser
impor à admiração alheia.

Beatriz Cardoso (S. Paulo)

84 — Três (duas) — A operariuzinha parl-
siense, faceira, não admite que o patrão lhe
fale muito alto.

Gomes Júnior (Maceió, AL)

85 — Três (duas) —
O cozinheiro que prepa-
rou o repólho picado e
fermentado levou um pon-
tapé de seu patrão.

Gil Vírio (Andradina, SP)

86 — Três (duas) —
Que tom suave tem a voz
daquele sujeito! Será te-
nor?

Edur Gomes (Cuiabá, MT)

87 — Três (duas) — A
pequena criança não se
iluda.

Dr. Zinho (S. Paulo)

★

CHARADAS NOVIS- SIMAS

88 — Uma-uma — Sabe
você que entre os corpos
simples se encontra o
cobre? Ed Vep (Maceió)

89 — Duas-duas — Que ousadia! Vir aqui cheirando a cachaça! Logo se vê que é pessoa cínica.

Eurico II (Bauru, SP)

90 — Duas-duas — Cachaça, para uma centena de indivíduos é apenas um líquido alvacento.

Florentino (J. Pessoa, PB)

91 — Uma-duas — Para muitos o amor é uma religião humana e, severamente, querem exercer e abusar da sua opinião.

Conde de La Fére (Salvador, BA)

92 — Três-duas — Quando o chefe o obriga a manifestar-se, revela ser decidido e não temer indivíduo neurastênico.

Racsom (Campina Grande, PB)

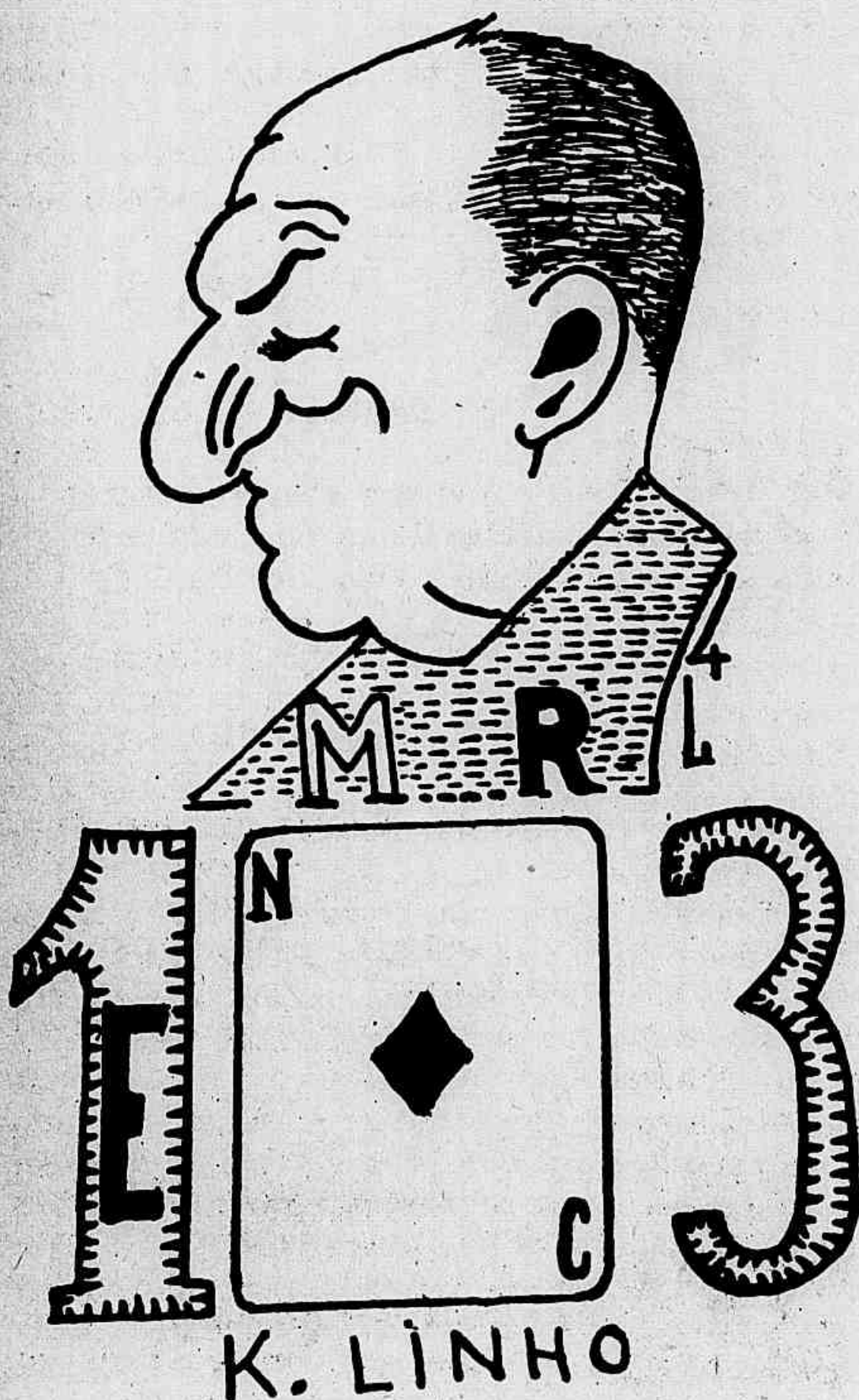
93 — Duas-uma — Namôro em lugar êrmo, só mesmo com um tipo imundo.

Oarcim (Rio)

★

ENIGMA FIGURADO

— 100 —



K. Linho (Rio)

94 — Uma-duas — De um modo ou de outro decifre a charada. Só vence quem telma.

Asclépios, CEC (Rio)

95 — Duas-duas — Onde há retoque existe aperfeiçoamento.

Nilva, CEC (Rio)

96 — Uma-uma — O padeiro, quando não tem farinha, encoleriza-se.

Dr. Zinho (S. Paulo)

97 — Duas-uma — O castigo por não estudar é a reprovação em exame, pois, como os cegos, não podemos caminhar sem bordão.

Dropê (Lisboa, Port.)

98 — Uma-uma — Agrada a muita gente, não a mim, recorrer a despacho de feitizaria.

Atenas, HC (Rio)

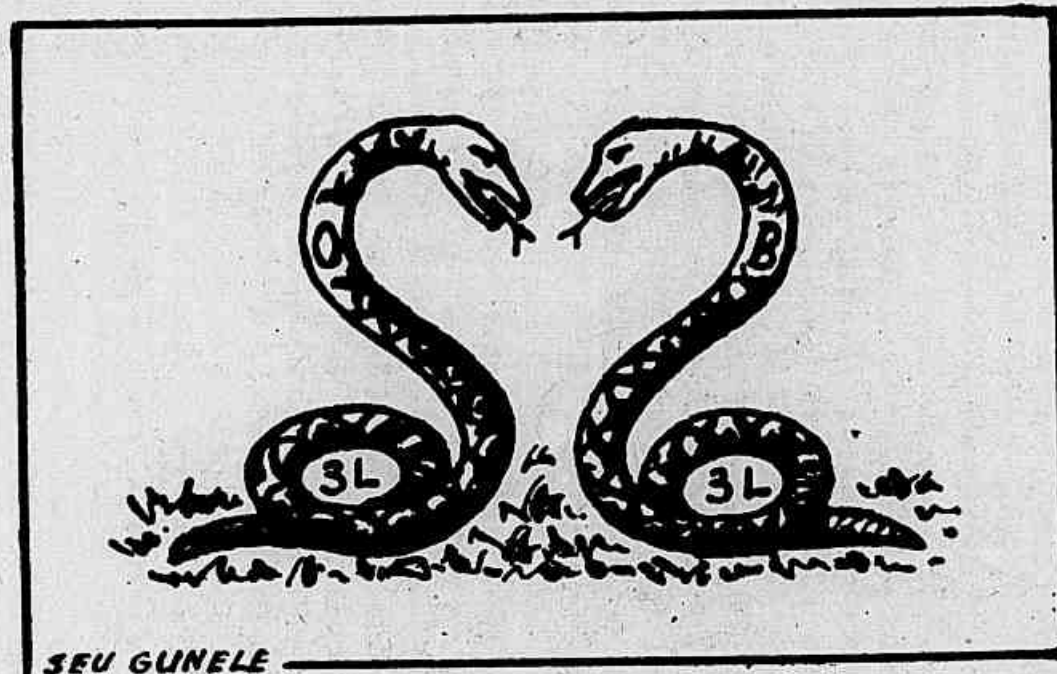
99 — Quatro-duas — Doença que chama a morte é a tuberculose.

El Príncipe (Uberaba, MG)

★

ENIGMA PITORESCO

— 101 —



Seu Gunele (P. Alegre)

PROBLEMA N. 3

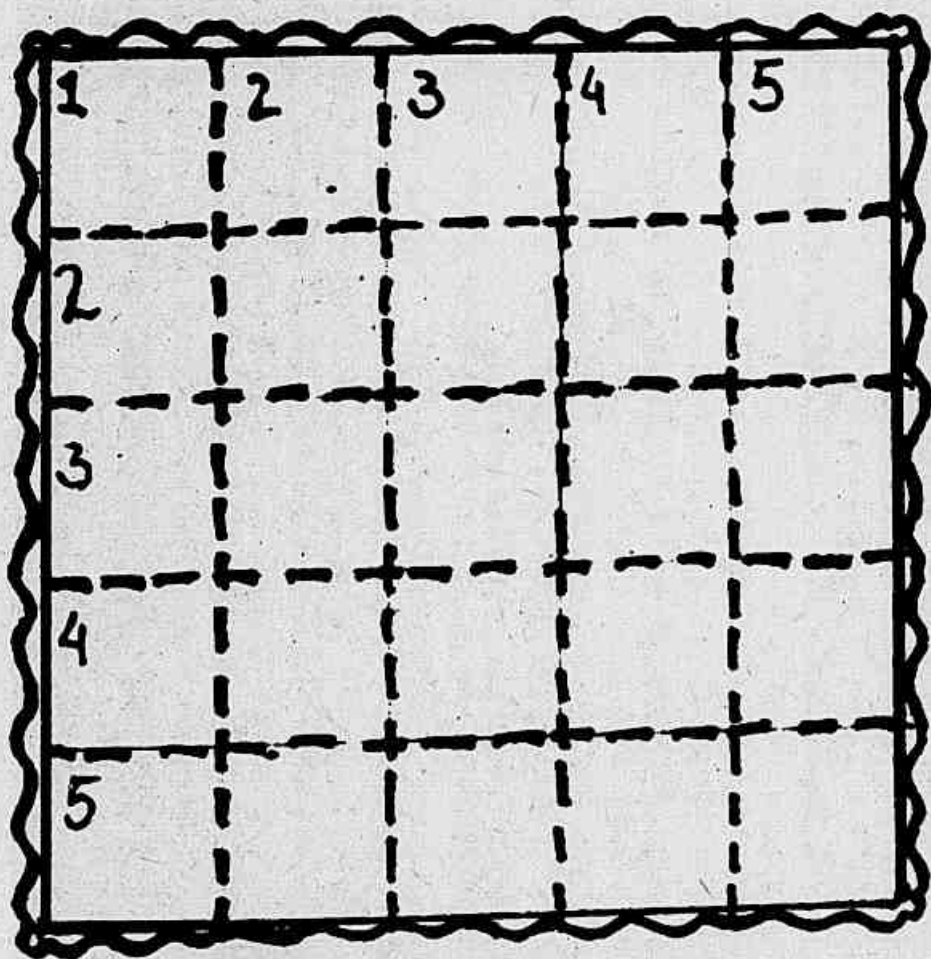
1	2			3	4
5		6	7		
8					
	9				
10					11
12					
13				14	

Asclépios, CEC (Rio)

Horizontais: 1 — Planta têxtil da China; 3 — Símbolo do cálcio; 5 — Amar extremosamente; 8 — Girava; 9 — Antigo instrumento de cordas; 10 — Correição; 12 — Admoestar; 13 — Símbolo químico do lantânio; 14 — Abreviatura de Sudeste.

Verticais: 1 — Palavra inglesa que significa carro ou carrinho; 2 — Exalava odor; 3 — Lascas de madeira; 4 — Altar dos sacrifícios; 6 — Nome próprio masculino; 7 — Larápios; 10 — Simples; 11 — Unidade das medidas agrárias, equivalente a 100 metros quadrados.

PROBLEMA N. 4



EDUR

Edur Gomes Monteiro (Cuiabá, MT)

Horizontais e verticais:

- 1 — Civilizar; acostumar ao trato social; 2 — Animal carnívoro da fam. dos Mustelídeos; 3 — Golpe dado em falso no jogo de pelota (pl.); 4 — Mentira, balela; 5 — Nivelar, igualar.

CORRESPONDÊNCIA

Cartas recebidas até 25 de março:
Agrimonte (João Pessoa) — Recebemos a lista e a colaboração. Gratos.

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE

A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



Radge (João Pessoa) — Recebemos as listas, gratos pelo seu retorno a esta seção. Mande trabalhos.

NASCIMENTO

Nosso prezado colaborador Manoel Vitaliano de Carvalho Rocha (Mavícaro) e sua digna esposa tiveram a gentileza de comunicar-nos, de Recife, o nascimento de mais um filho — João Vitaliano — o décimo segundo do casal, que vê, assim, seu lar enriquecido com mais um futuro herdeiro. Ao confrade Mavícaro nossos efusivos parabéns.

NOTA

Por ter saído a charada com incorreção, o ponto n. 128, da etapa de março será contado a todos os decifradores.

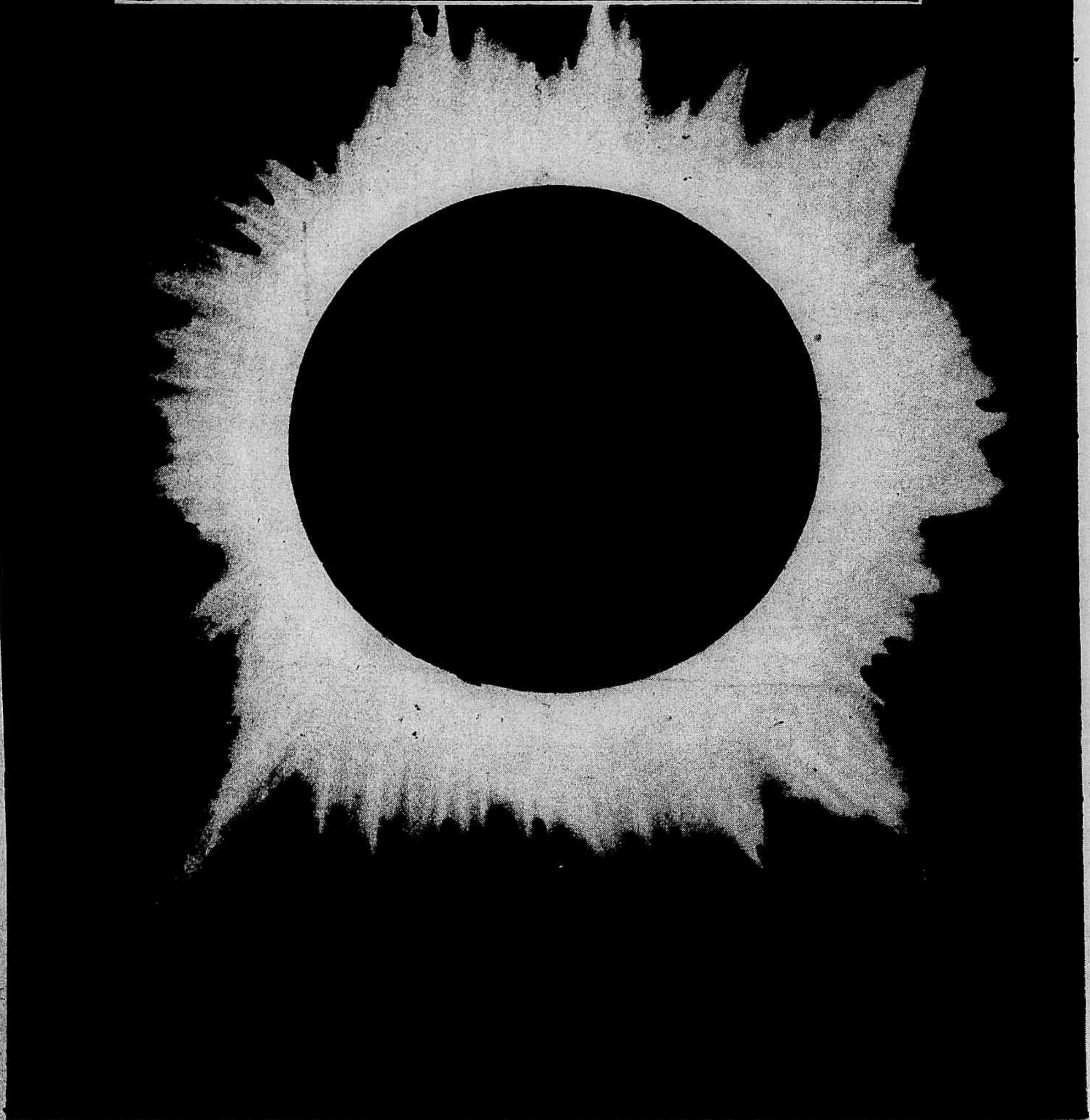
DR. LAVRUD EM S. PAULO

Por motivos independentes de nossa vontade a notícia que saiu no número de Abril sobre a visita do dr. Lavrud foi mutilada e bem assim outras matérias. Vamos, pois, completá-la:

Na capital paulista foi o diretor desta seção recebido na sede do Círculo Enigmístico Paulistano em reunião amistosa, estando presentes os seguintes confrades: Idyla, Chilon, R. Kurban, Paco, Anchieta, Mr. Trinquesse, Anhangá, Zèquinha Barbosa, Capitolina e outros. Todos foram pródigos em atenções e gentilezas ao Dr. Lavrud, que estava acompanhado de sua sra.

No hotel onde esteve hospedado teve o Dr. Lavrud a satisfação de receber a cativante visita dos seguintes confrades: Ed, Lyrial Jr., R. Petrocelli, R. Kurban, K.T.Q.Z., Pele Vermelha, P. Del Debbio, Luiz Carline, Capitolina, Anhangá, Zèquinha Barbosa e outros.

OS RAIOS DA COROA SOLAR PREDIZEM O TEMPO



Na foto, tomada durante um eclipse, podem os leitores apreciar as expansões dos gases quentes que rodeiam o sol. O "coronascópio" capta as emissões verdes e vermelhas da atmosfera solar.

OS astrônomos estão ocupados agora, em realizar estudos sobre as deslumbrantes e coloridas nuvens de gases quentes que circundam o sol; baseados nesses estudos já formulam previsões sobre o tempo que vai fazer na Terra!

Em traços simples, o problema é o seguinte: Quando predominam na coroa solar

os raios verdes, significa que na Terra vai chover. Os raios vermelhos indicam que devemos esperar tempo seco.

Os cientistas do "Observatório de Grandes Altitudes", da Universidade do Colorado, Estados Unidos, estão verificando que, inclusive, é possível obter-se dados **assombrosamente exatos** sobre os ventos e as

EU SEI TUDO

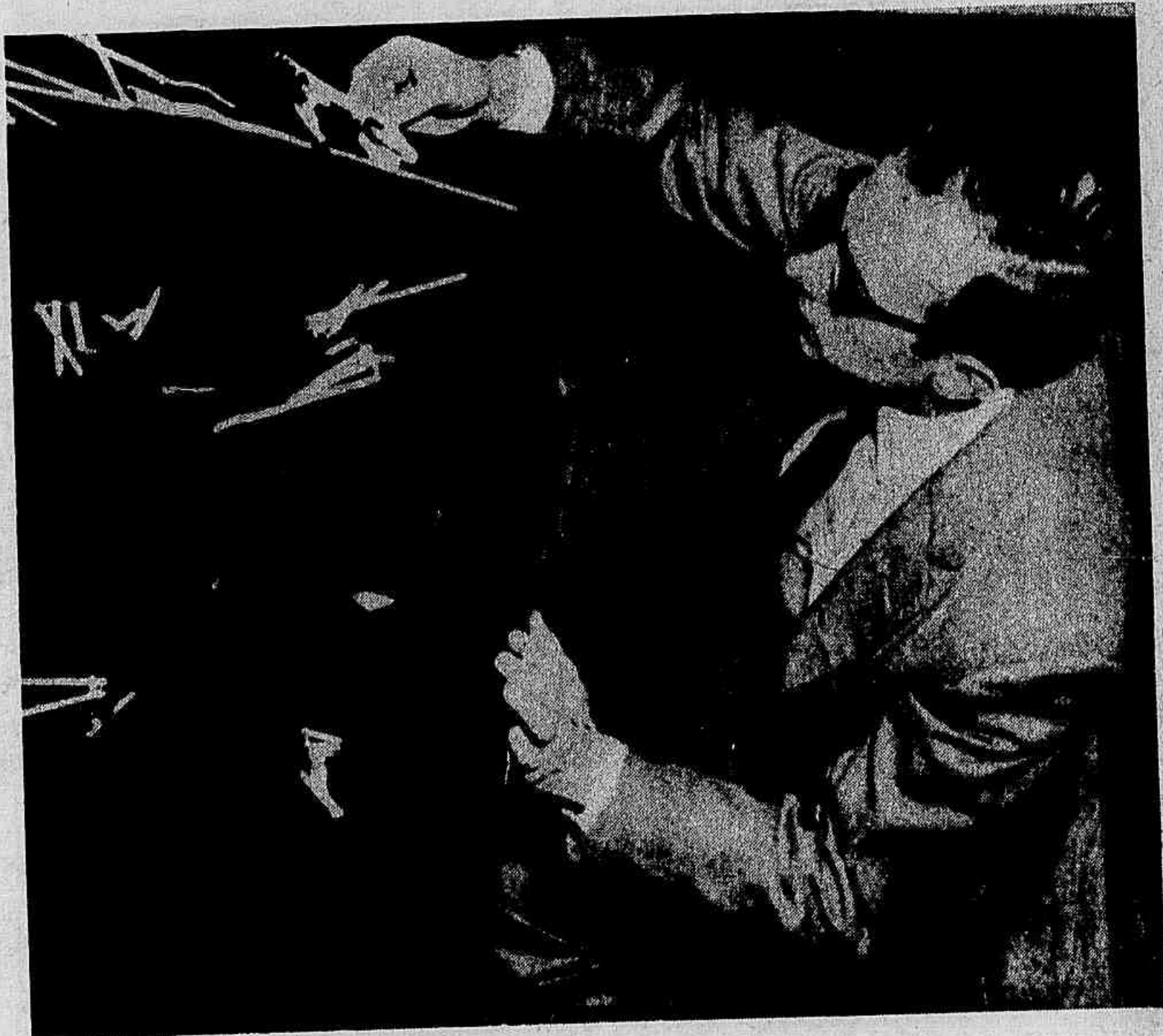
Os raios verdes e vermelhos da coroa solar aprisionados neste telescópio "corongráfico" permitem vaticinar as alternativas de chuva e seca.

nha. Dali observa-se o sol por meio de um telescópio especialmente desenhado e construído. As flutuações dos raios vermelhos e verdes são apreciadas através de um "coronascópio", que separa as emissões de cada cor, que logo são registradas em um mapa.

Segundo certas informações, já se acha plenamente desenvolvido o sistema de previsão do tempo. O dr. Edwin Farthing, do "Departamento Meteorológico" da Transworld Airlines, de há muito vinha colhendo dados. Passou anos de paciente esforço, fazendo mapas e abandonando-os quando não traziam resul-

temperaturas! O resultado disso é que uma linha aérea poderá utilizar cartas meteorológicas obtidas através do estudo diário das variantes das emissões vermelhas e verdes. O conhecimento prévio das condições cambiantes do tempo serve para pontualizar com dez minutos de antecipação as horas de chegada das viagens transcontinentais sem paradas.

O dr. Walter Roberts está à frente de uma equipe composta de vinte astrônomos e investigadores auxiliares, cuja vida transcorre neste observatório, que é uma estação informadora, com uma cúpula de forma cônica, situada no cimo de altíssima monta-



Modelo "acampamento", no qual os palitos indicam a direção das correntes de gases na atmosfera solar. Os estudos dizem respeito às observações relativas aos raios verdes e vermelhos.

Manchas solares que indicam violentas mudanças magnéticas são registradas por este telescópio.

tados úteis. Baseava seus esforços no pressuposto de que, enviando o sol à Terra seus raios luminosos e seu calor, ambos os fatores tinham fatalmente que influir na temperatura terrestre!

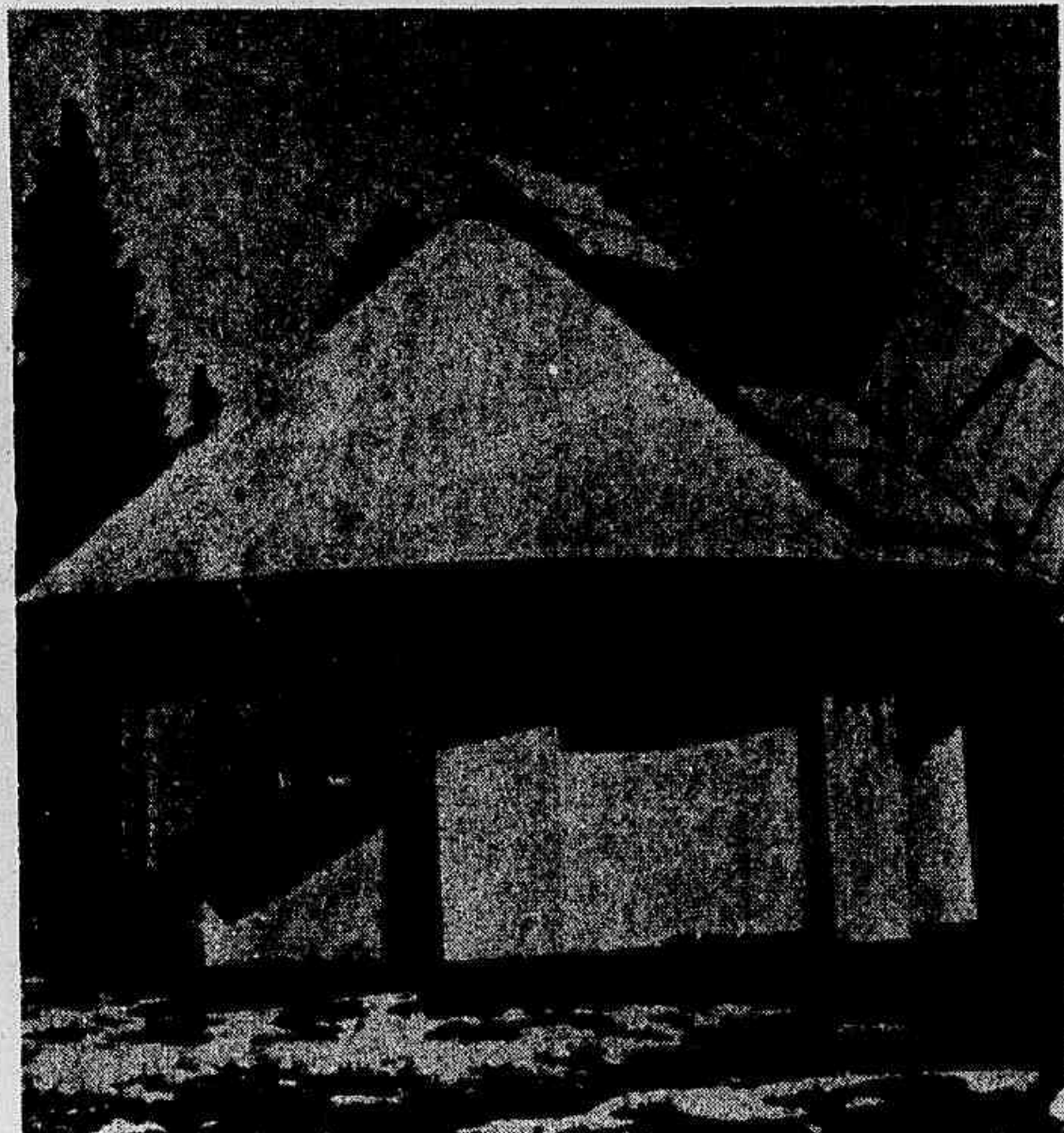
Normalmente, a coroa solar só é visível durante os eclipses. Mas o "coronascópio" possui um "obturador interno" com o qual se pode produzir um eclipse artificial do sol!

Estudando as cartas indicadoras das mudanças nas transmissões das luzes verdes e vermelhas, Farthing descobriu, finalmente, a correlação entre as referidas mudanças e as variações do tempo em nosso planeta, e elaborou um comunicado técnico de suas observações à Associação Meteorológica de Washington.

Em princípio do ano passado predominava a emissão **vermelha**. Em maio e junho, as emissões de raios **verdes** e **vermelhos** eram aproximadamente iguais. As condições climatológicas eram mais ou menos normais. Depois predominaram as emissões **verdes**; então começaram a chegar as primeiras chuvas fortes, que desde muito tempo não se produziam. Nos primeiros dias de outubro os raios verdes se intensi-



Uma funcionária do "Observatório de Grandes Altitudes", Colorado, anota numa esfera negra as observações obtidas da coroa solar.



Os estudos das variações dos raios verdes e vermelhos são feitos da torre do "Observatório de Grandes Altitudes", nos Estados Unidos.

ficaram, e as chuvas se acentuaram. Farthing descobriu, ainda, que quando prevaleciam os raios verdes, a temperatura caía, as nuvens baixavam e a visibilidade se tornava escassa.

Estas revelações combinaram agora com as informações meteorológicas do que se passa com os pilotos quando em vôo.

O mencionado observatório transmite também seus estudos acêrca dos raios verdes e vermelhos ao "National Bureau of Standards" e ao "Warning Service", do

"Central Radio Propagation Laboratory", que se encarrega de comunicar pelo rádio os dados para os serviços comerciais e militares.

Cabe assinalar que as predições do tempo não são senão um ramo das investigações que estão levando a efeito no "Observatório de Grandes Altitudes". Mas pode representar um importante progresso no auxílio aos agricultores, assim como às linhas aéreas, ao comércio e à indústria, orientando o seu trabalho de acôrdo com as variações meteorológicas.

AS FORMIGAS AMEAÇAM A NOSSA VIDA!

(Continuação da página 71)

50.^o da câmara central, onde vive a rainha. A vida e a segurança desta constitui a maior preocupação da "nação". De fato, êsses seres superiores, dos quais depende a perpetuação da espécie, são fragilíssimos. Uma só de 5.000 princesas de sangue consegue viver. As outras morrem antes de exercer suas funções de reprodutoras.

Para a sobrevivente, o casamento dura apenas alguns momentos enquanto o trabalho de postura... vinte anos. O macho encontra sua companheira de um instante, no curso de uma cerimônia do "vôo nupcial". O pai da futura colônia de formigas morre alguns instantes depois. Um ano mais tarde, a rainha, escondida sob uma pedra ou no interior de um tronco de árvore, começa a deitar os ovos. Durante o período de gestação, alimentou-se devorando as... próprias asas. Faz o mesmo com uma parte dos ovos de sua futura e numerosíssima família. As larvas também são alimentadas com os ovos maternos. Os primeiros insetos, que saem do estado larvário são muito fracos para tornar-se operárias ou guerreiras. Ficam ligadas ao serviço da rainha e desempenham principalmente as funções de amas de leite e enfermeiras. A segunda geração é composta de pedreiros que asseguram o alargamento do formigueiro. Quando êsse trabalho termina, surgem finalmente os soldados e os operários.

A missão dos primeiros é a de conquistar e defender um espaço destinado a tornar-se o terreno de caça dos segundos. Mas a casa não fica jamais sem defesa. Uma companhia de soldados monta guarda constantemente em redor dos apartamentos da rainha, pois que esta corre o risco de ser assassinada pela rainha das "formigas piratas".

Essa espécie, bastante espalhada pela Europa, não constrói a própria casa, simplesmente invadindo a do vizinho (tal como faziam os humanos daquele velhíssimo continente — e alguns ainda fazem ou tentam fazer atualmente). Para tanto utiliza a seguinte tática: uma coluna de guerreiros se introduz no formigueiro e trava combate com os defensores. Enquanto que a batalha prossegue, feroçíssima, a rainha pirata tenta enganar a vigilância dos guardas e penetrar na câmara da rainha das "formigas comuns" e assassiná-la. Consumado o crime, cessa a luta, os defensores capitulam e aceitam esrvir sob a nova soberana.

Porém as guerras fratricidas, entre os formigueiros da mesma espécie, são mais freqüentes, no reino dêsses insetos sociais. Tais guerras são provocadas, em geral, pelos "incidentes de fronteira". De fato, uma "nação" considera como seu um território cuja extensão varia, segundo o dinamismo demográfico de sua rainha, entre dois e seis hectares.

Se os membros de uma colônia vizinha ousam penetrar nesse domínio, a guerra é

inevitável. Os intrusos só se distinguem dos autóctones pelo odor próprio. Cada povo de formigas tem seu odor próprio, e é proibido passear odores alheios no interior das fronteiras sagradas da pátria. A batalha contra o invasor, que se apresenta em grupos compactos quando necessita de alargar seu espaço vital (como logo se vê que estamos falando de formigas... européias!) é conduzida segundo as leis da estratégia. Os flancos executam manobras de diversão, a fim de permitir ao grosso do exército cercar o inimigo; a tática de hostilização é também empregada quando os efetivos do adversário são muito importantes e sua dispersão se impõe. De um lado como de outro, os combatentes dão provas de coragem e engenho.

Impressionados pela ordem reinante nos formigueiros, numerosos sábios tentaram comparar seus habitantes ao homem. Como nós, as formigas têm uma vida de sociedade, exercem profissões, parecem possuir uma consciência nacional e são capazes de progresso. Notaram, de fato, que as plantas de que extraem seu alimento são cada vez mais numerosas, na proximidade de suas casas. Foram assinaladas colônias que descobriram a agricultura, enquanto outras, mais primitivas, vivem ainda da caça. De qualquer maneira, as formigas dos países

escandinavos parecem mais civilizadas que as da Europa central, embora pertencentes à mesma espécie.

Mau grado suas qualidades, as formigas não podem ser consideradas como modelos reduzidos de seres pensantes. Entretanto, desde que nascem, são elas enfermeiras, operárias ou soldados, conhecendo seu ofício a perfeição. De onde lhes vem essa presciência?

Em sua célebre obra sobre as formigas, Maeterlinck dá uma explicação plausível para esse fenômeno. Segundo ele, esses insetos sociais não seriam mais que células, em aparência independentes, de um só organismo: a colônia. Se não possuem uma inteligência individual, ao contrário, sua coletividade seria dotada de qualidades intelectuais superiores. Estaríamos, assim, em face de um só ser, dividido em milhões de células, cada uma cumprindo uma função determinada, de uma maneira totalmente inconsciente como as células do corpo humano.

As formigas tropicais, que já dominam vastas regiões da América do Sul e da África equatorial e cujos primeiros destacamentos já chegaram à Europa, seriam monstros conscientes decididos a conquistar o planeta?

AS EXPLOSÕES ATÔMICAS NÃO INFLUEM SOBRE O TEMPO

AS explosões atômicas são acusadas de modificar o clima. Não apenas os leigos, mas, também, físicos de energia atômica atribuem a seca, os tufões e demais catástrofes a essas explosões. Os meteorologistas, porém, não adotam essa opinião.

Em dois artigos, publicados recentemente pela revista "Nature and Science", os cientistas L. Machta e D. L. Harris, do "Serviço Meteorológico" dos Estados Unidos, e sir Braham Sutton, diretor do "Serviço de Meteorologia" da Grã-Bretanha, afirmam que nem a explosão, nem a nuvem radioativa que dela resultam, têm qualquer influência sobre o tempo e, em particular, sobre a formação de núcleos de concentração, que originam as nuvens de chuva.

Exames acurados, efetuados depois de uma explosão atômica, demonstraram que o número desses núcleos, geralmente constituídos de minúsculos cristais de sal, é completamente independente das partículas radioativas em suspen-

são na atmosfera. Até o momento, os partidários da tese de que as explosões atômicas alteram as estações não conseguiram apresentar nenhuma prova em apoio das suas teorias.

ESTATÍSTICA

ESTÁ comprovado, estatisticamente, que as discussões suscitadas em torno das mesas de "bridge", determinam nos Estados Unidos uns cinco homicídios e cerca de quinhentos divórcios por ano.

BENEFÍCIO DA GUERRA

CHEGOU-SE à conclusão de que apenas um país entra em guerra, diminuem de um terço o número dos suicídios. É que a agitação e o interesse provocados pelo problema geral do país afujenta o tédio, o desassossêgo e a malevolência que experimentam alguns espíritos nos períodos de paz e de tranquilidade.

tôdas as partes desdenhoso, zombeteiro, um pouco inclinado a rir do que teimava em temer. Aquela noite, às sete e quinze, hora de Greenwich, o

O ASTRO

(Cont. da pág. 18)

astro estaria a menor distância de Júpiter. Então, o mundo veria que aspecto tomariam as coisas. As advertências do grande matemático eram tomadas por muitos como refinada propaganda pessoal, cabotinismo puro. O senso comum, um tanto acalorado pela discussão, afirmou suas inalteráveis convicções, indo para a cama, dormir. Também o selvagismo e a barbaria, já cansados da novidade, decidiram ocupar-se de seus próprios assuntos, e fora o latido de um ou outro cão, o mundo em geral esqueceu o astro vagabundo.

E até muitos houve, entre os últimos, que ao vê-lo aparecer, uma hora mais tarde que na noite anterior, porém não maior, riram francamente do grande matemático... e do perigo, como se já tivesse passado.

Mas depois o riso cessou. O astro cresceu... cresceu com terrível tranqüilidade, hora após hora... cada vez um pouquinho mais, à medida que se ia aproximando do zenite da meia-noite, e cada vez um pouco mais brilhante, até que a noite se converteu num segundo dia. Se tivesse vindo direto para a Terra, em vez de fazer um "caminho curvo"; se não houvesse perdido velocidade na direção de Júpiter, teria podido vencer o espaço intermédio em um dia. Porém, dadas as novas condições, tardou cinco dias em aproximar-se de nosso planeta. Na noite seguinte, chegara a alcançar um terço do tamanho da lua, antes de ocultar-se aos olhos dos ingleses, e o degelo estava assegurado. Levantou-se sobre a América com o tamanho quase igual ao da lua, com fulgor branco e quente, que cegava. E uma ráfaga de vento quente soprou ao aparecer no horizonte, e foi ganhando força na Virgínia, como no Brasil e no vale do São Lourenço. Depois, brilhou intermitentemente entre uma fumegante carreira de nuvens chiantes e tempestuosas; com relâmpagos violetas e granizo em quantidades sem precedentes.

Em Manitoba ocorreu súbito degelo e devastadoras inundações. Ao mesmo tempo, em tôdas as montanhas da terra, a neve e o gelo começaram a derreter, todos os

rios procedentes das terras altas corriam caudalosos e turbulentos, arrastando árvores e corpos de animais e seres humanos. Elevaram-se constante e

ameaçadoramente, sob o fulgor fantasmagórico e, saindo de seus leitos eternos entraram a perseguir os habitantes dos vales que fugiam diante deles.

Ao longo das costas da Argentina e em todo o Atlântico Sul, as marés foram mais altas do que havia memória e as tormentas, em muitos casos, levaram as águas muitas centenas de metros a dentro, tragando cidades inteiras. Por outro lado, tão terrível chegou a ser o calor, durante a noite, que, ao levantar-se o sol, pela manhã, foi como se chegasse uma sombra. Também começaram a registrar-se terremotos, crescendo em poder até que toda a América, desde ao Círculo Ártico, até o Cabo Horn, pôde ver deslizar as vertentes das colinas, abrir-se em gretas medonhas o solo, casas e muralhas ruindo. Todo um lado do Cotopaxi deslizou numa imensa convulsão e um tumulto de lava surgiu tão alto, largo, rápido e líquido, que num só dia chegou ao mar.

E assim o astro, com a pálida lua em seu amanhecer, passou sobre o Pacífico, arrastando consigo as tormentas como orla de sua túnica, e a crescente maré, espumosa e rugente, que a seguia, esparramou-se sobre uma dezena de ilhas, limpando-as de homens na sua implacável varredura. Até que a onda chegou, por fim, entre luz que cegava e com bafo de forno, terrível, muralha de água de cinquenta pés de altura, rugindo esfomeada, às costas da Ásia e varreu, terra a dentro, as planícies da China. Primeiro, o astro, agora já maior e mais brilhante que o sol, em toda a sua força, iluminou com desapiedado fulgor o imenso e populoso país. Milhões de rostos olharam com desesperado terror o céu incandescente; depois, surdo e crescente, chegou o murmúrio da inundação. O mesmo sucedeu com outros milhões de homens, aquela noite... Fugir!! Fugir sem saber para aonde, as pernas entorpecidas pelo calor, a transpiração angustiosa e escassa, a água como muralha branca e rápida que corria atrás deles. E depois a morte.

Horas depois as neves eternas do Tibet e do Himalaia começaram a derreter-se e

milhares de torrentes desceram, escavando canais convergentes sobre as planícies da Birmânia e do Indostão. As enredadas frondes da selva indiana se incendiaram em mil pontos diferentes e debaixo delas, as águas que corriam precipitadamente em torno dos troncos pareciam algo negro que ainda lutava fracamente e espelhava as sangrentas línguas de fogo. E na confusão desatinada, multidões de homens e mulheres fugiam seguindo os bordos dos largos rios, para essa última esperança dos seres humanos: o mar aberto.

O astro se fazia cada vez maior, mais quente, mais brilhante, agora com terrível rapidez. O oceano tropical havia perdido sua fosforescência e os torvelinhos de vapor subiam em fantasmagóricas grinaldas das ondas negras, que subiam e desciam sem cessar, salpicadas de barcos sacudidos pela tormenta.

Foi então que ocorreu prodígio maior. Aquêles que, na Europa, estavam esperando a saída do astro, sentiram como se o mundo tivesse interrompido sua rotação. Em mil espaços abertos de terras altas e baixas, para aonde fugira gente na ânsia de fugir das inundações e desmoronamento de casas, todos esperaram, em vão, que o astro aparecesse. Passou uma hora, em terrível expectativa. Depois foram duas horas passadas e nada. Uma vez mais os homens viram as antigas constelações que haviam julgado perdidas para sempre. Na Inglaterra, o ar estava quente e claro nas alturas, embora o solo continuasse tremendo nos trópicos. Por sua vez, Sírio e Capela e Aldebaran se deixavam ver através de um véu de vapor. E quando, por fim, o grande astro apareceu, com dez horas de atraso, o sol se levantou ao mesmo tempo, como que junto dele, e no centro de sua branca incandescência havia um disco negro.

Foi sobre a Ásia que o astro começou a ficar para trás relativamente ao movimento do céu e pouco depois, repentinamente, sua luz se velou. Toda a planície da Índia, desde a embocadura do Indus até as do Ganges, foi aquela noite uma extensão de água não muito profunda, cintilante, da qual surgiam templos e palácios, penhascos

e colinas, negros de gente. Cada telhado era uma apertada massa de seres humanos, que iam caindo, um atrás do outro, nas águas turvas, à medida que eram vencidos pelo calor e medo. Toda a terra parecia um só gemido e, assim, de repente, a sombra se estendeu sobre o forno de desespero, e uma ráfaga de vento frio e uma reunião de nuvens passaram pelo espaço que se esfriava. Foi um disco negro, que se arrastava, serpenteado, através da luz. Era a lua que se havia interposto entre o astro e o sol. E quando os homens começaram a gritar, para agradecer a Deus essa pausa para respirar, do Oriente, com inexplicável rapidez surgiu o sol. E então, astro, sol e luz se precipitaram, juntos, através do céu. E assim houve a impressão, naquele instante, para os observadores europeus, de que o astro e o sol correram lado a lado e a toda pressa pelo espaço e finalmente desceram no horizonte, formando um mesmo resplendor. A lua já não eclipsava o astro, desaparecendo num céu deslumbrante. E embora os que ainda viviam olhassem, em sua maioria, com essa pesada estupidez que engendram a fome, a fadiga, o calor e o desespero, alguns conseguiram compreender o significado de tais signos. O astro e a Terra tinham alcançado o ponto mais próximo um do outro, e o astro havia passado. E já retrocedia cada vez mais rapidamente, na última etapa de sua precipitada viagem para o sol.

Então as nuvens se amontoaram, escondendo o céu, e o raio e o trovão teceram uma túnica em redor de nosso planeta; e sobre toda a Terra caiu chuva como os homens jamais haviam visto, e onde os vulcões haviam lançado rubras chamas sob o docel de nuvens, agora corriam torrentes de lama. Por todas as partes as águas provocavam inundações, deixando atrás de si ruínas enterradas no barro. A Terra parecia uma praia batida pela tormenta, pontilhada de tudo o que pudera flutuar, mais os corpos mortos dos seres humanos e os animais.

Durante dias inteiros, a água se foi retirando das terras, arrastando os detritos, as árvores e as casas, amontoando imensos diques e cavando titânicas barreiras. Tais foram os dias de trevas que sucederam ao

astro e ao calor. Durante semanas e meses, ainda, os terremotos continuaram.

Porém o astro tinha passado, e os homens impelidos pela fome, recobrando a coragem, arrastaram-se para suas arruinadas cidades, seus enterrados armazéns, seus encharcados campos. Os poucos navios que tinham logrado escapar voltaram, estonteados, maltratados, sondando o rumo, cautelosamente, através das novas marcas e arrecifes dos portos, antes familiares. E, à medida que foram amainando as tormentas, os homens puderam notar que os dias eram em tôdas as partes mais calurosos, e o sol, maior, e a lua — reduzida a um terço do seu anterior tamanho — tardava agora oitenta dias em sua revolução completa.

Porém este conto não diz nada da nova fraternidade que surgiu entre os homens, nem como puderam salvar-se leis, livros e máquinas, nem da estranha mudança sobrevida na Islândia e na Groenlândia, como nas costas de Baffin, que os marinheiros que a ela chegaram encontraram verdes e gratas, mal podendo acreditar no que viam... Nem tampouco do movimento da humanidade, agora que a Terra era mais quente, para o norte e para o sul, procurando os pólos da Terra. Não diz porque trata apenas da chegada e passagem do astro.

Os astrônomos de Marte — porque em Marte há astrônomos, embora sejam seres muito diferentes dos homens — estiveram, como é natural, profundamente interessados por estas coisas que viram, é claro, do seu próprio ponto-de-vista.

— Considerando a massa e a temperatura do projétil que se lançou contra o sol, através do nosso sistema solar — escreveu um deles — é assombroso o pouco dano sofrido pela Terra, com a qual pouco faltou para esbarrar. Tôdas as linhas continentais que nos são familiares e as massas dos mares permanecem intactas e, a bem dizer, a única diferença parece ser uma diminuição das calotas brancas (que supomos água gelada) que rodeiam cada um dos pólos.”

O que nos demonstra quão pequena pode parecer a mais imensa das catástrofes humanas a uma distância de uns poucos milhões de milhas.



RIO DE JANEIRO

38

VIAGENS POR DIA

cada
meia hora

HORÁRIOS (ida e volta)

0,40 - 1,10 - 5,40
6,40 - 7,40 - 8,40
9,40 - 10,40 - 11,40
12,40 - 13,40 - 14,40
15,10 - 16,10 - 18,40
21,40 - 22,40 - 23,10
23,40

2 paradas para lanches
e refeições.

AGÊNCIAS DE EMBARQUE:

SÃO PAULO

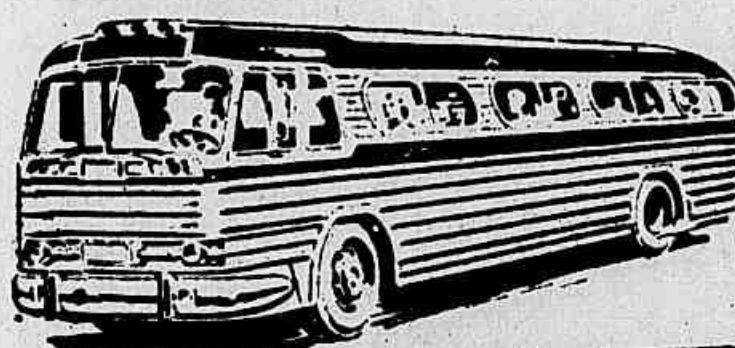
Av. Ipiranga, 885 - Fone 36-9456 (guichê do Rio)

RIO DE JANEIRO

Estação Rodoviária (Praça Mauá) - Fone 23-3912



VÁ PELO MELHOR!



EXPRESSO BRASILEIRO

VIAÇÃO Lido.

O DRAMA DO TIBET

(Continuação da pág. 47)

forçam os lhapassas a entrincheirar-se em casa), franqueou as gargantas onde dominam os deuses susceptíveis. Os "chorten"

(espécie de monumento em forma de quilha) e os túmulos votivos lá estavam, porém, para acalmá-los, como a fórmula sagrada, tantas vezes pronunciada no Tibet, "Om mani padme hum!" (salve, ó jóia na flor do lótus). Depois desceu para os vales da vertente sul, onde logo surgiram as primeiras florestas e com elas as casas de madeira substituindo as choças de terra. De tôdas as partes apareceram os camponeses, que se prosternaram à passagem do Divino Protetor. Nas estradas, a fim de afastar os espíritos maléficos, tinham colocado pequenos bastões de incenso e fileiras de cascalho.

Afinal, o dalai encontra refúgio no vale de Tchumbi, a poucos quilômetros da fronteira do Nepal. A esse tempo os invasores, detendo-se diante de Lhassa, dirigem convite para que enviem plenipotenciários a Pequim. Resistir? Impossível. O generalíssimo — o mesmo que vestindo uniforme britânico da época da rainha Vitória, coberto de atributos de ouro maciço, abria os desfiles — é delegado. Encontra em Pequim tratado já pronto para ser assinado o que não hesita em fazer (23 de maio de 1951) em que é consagrado o "retorno do povo tibetano libertado à grande família popular chinesa". Pouco depois, o dalai retorna a sua capital. O estandarte tibetano — leão e montanhas — que o precedia ao deixar a capital, foi substituído pela bandeira vermelha. Atrás do dalai desce a cortina-de-ferro e finda a história — conhecida — do Tibet.

Desde então, raras informações nos chegaram da ocupação chinesa. Tôdas, porém, confirmam que o dalai está enclausurado no Potala, os antigos dirigentes afastados. Os chineses, naturalmente, enveredam por uma reforma agrária que, segundo esperam, atrairá para sua causa a simpatia dos camponeses. Sobre a fachada caiada do Potala desdobra-se — segundo dizem — a efígie de Mao Tse Tung.

Segundo esse tratado a China se encarregará, apenas, da Defesa Nacional e das Relações Exteriores do Tibet. O regime

político não será modificado, conservando o dalai-lama suas funções e seus poderes, os funcionários mantidos, as crenças religiosas e os costumes respeitados, nada sendo modificado nos mosteiros. Por trás disso, porém, a vontade chinesa é clara: armada de uma ideologia nova, utilizando métodos mais sutis que, anteriormente, espera afastar o povo de seus antigos governantes, com uma total "digestão" do Tibet. Com isso o governo comunista chinês venceria onde antes fracassaram o Kuomintang e a China Imperial.

Porém os tibetanos têm elementos de resistência, empregam uma língua particular, têm unidade nacional, costumes característicos, tipo fisiológico distinto, professam uma religião tendo por cidade santa o Lhassa, sendo regidos por um sistema político único no mundo.

Resta, pois, saber em que medida estão presos ao seu sistema político. O povo já vem reagindo, apesar das rudes sanções dos comunistas, que poupam somente o dalai. Mas resta saber se inegavelmente ligado ao seu deus-rei, o povo tibetano o está também a suas crenças, por consequência à igreja que ele representa.

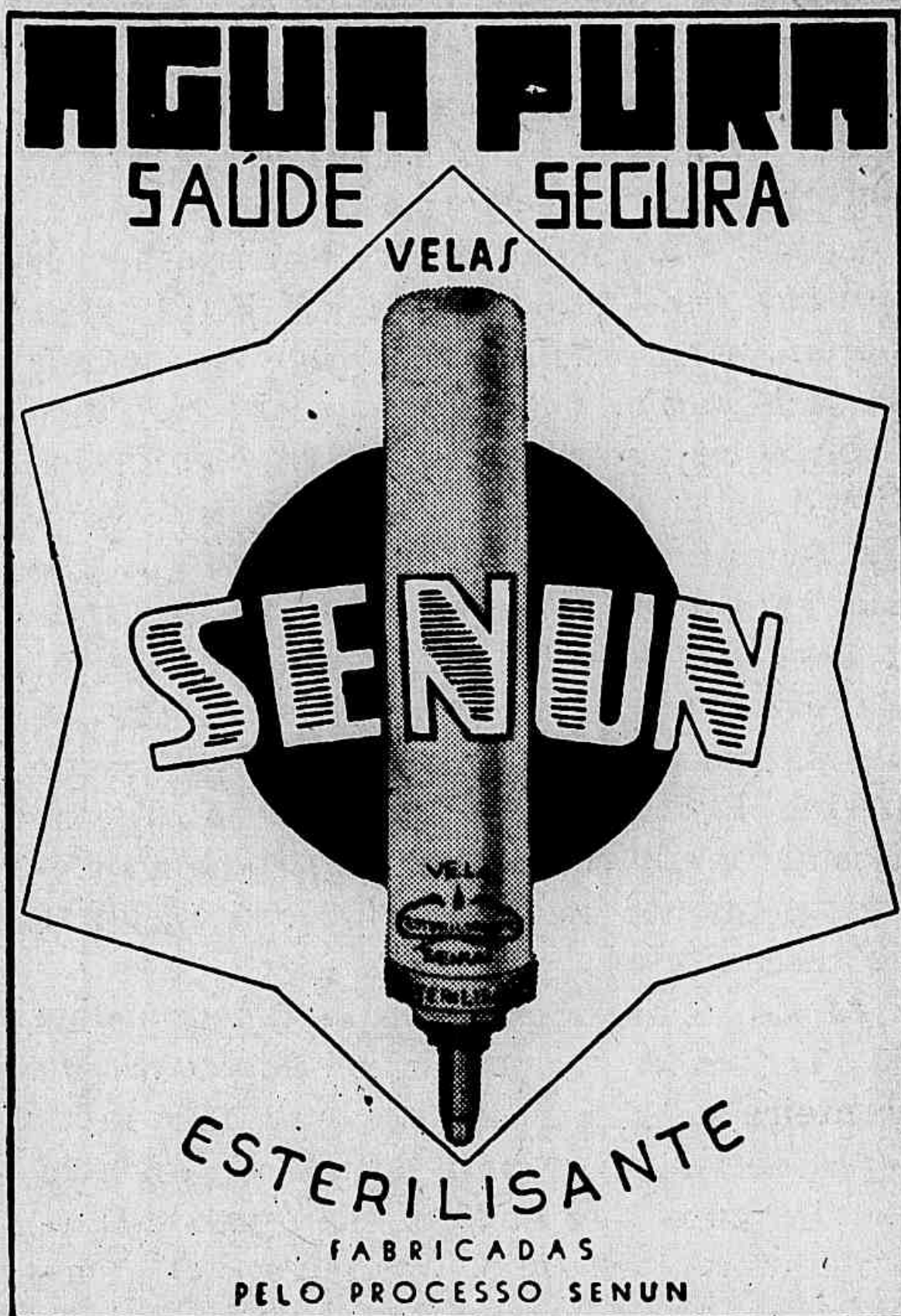
Na verdade, o lamaísmo búdico está hoje muito afastado do budismo ortodoxo. No Tibet, religião é em geral sinônimo de superstição. Embora fiéis a uma quantidade de ritos e crenças grosseiras, os tibetanos não hesitaram em esquecer as que os aborreciam em excesso, como a interdição de matar e, portanto, de comprar carne. Os tibetanos consomem carne em quantidades incríveis. Apenas não matam os animais, disso sendo encarregados os açougueiros (invariavelmente muçulmanos). Fora isso, e se julgarmos os fatos segundo as manifestações exteriores, o Tibet é o país mais religioso do mundo. A religião ali está onipresente e os testemunhos da fé se sucedem ao longo das estradas e das ruas: bandeiras com piedosas inscrições, moinhos de "orações", "chorten", oferendas múltiplas nos templos, etc. Nem mesmo os mais valentes dos caravaneiros partem sem levar o "kau", escrínio-relicá-

rio contendo uma imagem ou estátua santa.

Na ausência de estatística não sabemos apontar o número dos sacerdotes. Mas, no mínimo um de cada dez homens usa as vestes do clero. A Igreja é a maior proprietária de terras, que são cultivadas pelos monjes ou alugadas. Por outro lado, as riquezas amontoadas nos templos representam uma fortuna gigantesca. A medicina, muito primitiva, está entre suas mãos, com as duas escolas de Lhassa. No exercício do poder o peso da Igreja não é menor, pois um dos quatro "sha-pe" é obrigatoriamente um religioso; os priores dos três mosteiros "pilares do Estado" também têm voz no governo; o oráculo "oficial" é — evidentemente — um monje. Na escala administrativa, a escola dos Tsedrungs, situada no Potala, verdadeira escola administrativa, fornece ao Estado a metade de seus quinhentos agentes, pois que em princípio cada posto tem dois titulares: um leigo e um acabde. É entre os Tsedrungs que recrutam os servidores da "casa" do dalai-lama. Certos "gompas" (mosteiros) são verdadeiros Estados dentro do Estado, vivendo em autarquia. Drebung contém 10 mil monges. Em 1947, o de Sera não hesitou em opor-se pela força ao regente, sendo necessário bombardear o mosteiro para dominar os monges. Mas o que em geral se omite é o caráter popular da Igreja. Um filho de camponês, se for inteligente e sensato, pode tornar-se lama e iniciar uma carreira que o levará aos mais altos postos. Na parte inferior da escala, ao contrário, está a massa dos "trapas", monges pobres e ignorantes, entregues à Igreja por seus parentes desde a mais tenra idade. Trata-se, naturalmente, de massa amorfa para a qual a religião representa um meio de subsistência (triste existência) e não uma vocação.

Finalmente, o povo. O tibetano médio é agricultor. Vive em casa rústica e come bem ou mal, segundo as circunstâncias. Quando há fartura come num dia só por três. Vive feliz, entretanto, certamente com a esperança de que na encarnação seguinte venha a ter vida melhor.

Os comunistas começam a "estreitar" suas relações com os tibetanos no setor econômico, preparando-se para dar-lhes força



hidráulica, estradas de ferro, etc. Trabalham, porém, mais intensamente no sentido de uma reforma social. Mulheres comunistas chinesas percorrem o país, ensinando as ciências domésticas às mulheres tibetanas e afirmando-lhes que a condição da mulher é igual a do homem. Procuram os chineses também desenclausurar uma parte dos milhares de lamas que vivem nos mosteiros, a fim de que adiram a uma vida mais social. Quinhentas moças chinesas foram levadas para o Tibet e encorajadas a casar com monges de diversos mosteiros. Estes, se casados, receberão do governo chinês dinheiro para montar um negócio comercial.

Porém, segundo viajantes recém-chegados desse país, o povo resiste e resistem os monges, havendo farta distribuição de panfletos contra os comunistas. Na verdade, os técnicos chineses, necessitados de uma melhoria geral da produção, começam a transformar a fisionomia do Tibet, sem dúvida com intenção diversa da do enriquecimento de seu povo. Mas, aos olhos dos fiéis de Buda, que é toda essa transformação senão uma das formas efêmeras de um mundo ilusório?

CORRESPONDÊNCIA

Orivaldo Pinto — Vitória, E. Santo — Não podemos publicar. As fotografias são muito boas. Acontece, porém, que o texto se refere a assunto já tratado minuciosamente por EU SEI TUDO. Não traz qualquer novidade, estando assim prejudicado. Gratos por sua atenção.

Vitor M. de Pinho — Não conhecemos, com esse nome. Não seria Rosny em vez de Eosny (possivelmente um erro de datilografia, pois que E e R são vizinhos...?). De qualquer maneira também o título do romance é desconhecido. Não teria, acaso, lido uma tradução, à qual tivessem dado esse título que desconhecemos? Aguardamos.

Vitor Moura Maraviglia — Santos, S. Paulo — Aqui estamos para isso mesmo. Pode mandar e responderemos com inteira franqueza. Caso possa suas ilustrações deverá juntar. Gratos.

EU SEI TUDO

N.º 468 — Ano XXXIX

N.º 12 — Maio — 1956

SUMÁRIO:

Encontro em Londres (conto)	5 a	9
Picasso em cêra		9
Você, à noite, é diferente! (Há, realmente, uma personalidade diurna e outra noturna)	10 a	12
O astro (conto)	13 a	18
A última para os radiouvintes		19
Os tipos de enfermos, indesejáveis, vistos por um médico. (O alarmista, o contista, a mulher pudica, o que não paga, o que diagnostica, o que se julga só no mundo, o que não coopera, o pessimista sistemático, o caçador de médicos, o desconfiado)	20 a	23
Números fabulosos de hoje		23
Este mundo louco		24
O engano revelador		25
Sombrios prognósticos para... 1970!		
Maravilhas da Ciência — O cérebro eletrônico dominará as versatilidades do tempo	27 a	34
A morte com meias de seda (romance)	35 a	42
O drama do Tibet. (Face a face, sobre as neves do Himalaia, a Ásia mística e a Ásia Vermelha)	43 a	47
O pólen congelado		48
Surpresas de amor (conto)	45 a	54
A ciência ao alcance de todos		
Fim do pesadelo atômico?	55 a	59
Páginas imortais — Batendo a porteira..., de Raquel de Queiroz		62
Uma doença com suas vantagens	63 a	65
Nos domínios da gramática		66
As formigas ameaçam a nossa vida	67 a	73
Pequena enciclopédia popular — Dicionário de nomes próprios		74
Segredos de Scotland Yard — A pista das notas de 10 shillings	75 a	79
Ike é o presidente mais bem pago do mundo	80 a	81
A pergunta fatal (conto)	82 a	86
Mangusto versus cobra		87
A saliva é um eléctrodo	88 a	90
A pupila do rei	91 a	98
Memento EU SEI TUDO	99 a	105
Charadas — Quebra-cabeças	107 a	111
Os raios da coroa solar predizem o tempo	112 a	115

A CAPA

Sempre ouvimos dizer que "ou o Brasil acaba com a formiga ou esta acaba com o Brasil". A verdade, porém, é que ambos vão vivendo razoavelmente, obrigado. E progredindo, sim! Enquanto vamos crescendo em população e como força nacional no cenário mundial, as formigas também, segundo dizem certos naturalistas que andaram recentemente observando essas infatigáveis trabalhadoras e temíveis guerreiras. Leiam artigo à página número 67